

Textos

Helena Rotta de Camargo

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 31/12/2003

Título : Talento jovem orgulha as letras passo-fundenses

Categoria: Artigos

Descrição: Pablo Morenno é o pseudônimo artístico de José Antônio Machado, que o adotou em homenagem a Pablo Neruda.

Talento jovem orgulha as letras passo-fundenses

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Pablo Morenno é o pseudônimo artístico de José Antônio Machado, que o adotou em homenagem a Pablo Neruda. Os dois enes justificam-se pela existência de um homônimo no cenário artístico nacional.

O homem

Pablo é um jovem idealista, de 34 anos, casado com Daniela, professora de crianças e sua grande musa.

Também ele é professor. Ensina Língua Espanhola em curso pré-vestibular, além de atuar como servidor público federal do TRT, há dez anos. Licenciado em Filosofia, cursou três anos de Teologia e atualmente é aluno do curso de Direito.

No campo das letras, Pablo Morenno escreve uma crônica semanal, em coluna própria, no jornal O Nacional, de Passo Fundo, intitulada Transparências. E já teve publicados contos, crônicas e poemas nos jornais Zero Hora, Diário da Manhã, Nossa Vida, Direito e Averso (do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal), e em páginas da internet.

Mas Pablo não se revela apenas um bom escritor. Seu multifacetado talento ainda realiza incursões no campo das artes plásticas e da música, como cantor, compositor e instrumentista.

As raízes

Filho de pais analfabetos, Zé Antônio (como também é chamado carinhosamente) teve nove irmãos. Aprendeu a ler com uma de suas irmãs, com quem brincava de professora/aluno. Os dois são os únicos da família que avançaram nos estudos. Os demais não freqüentaram além da 4ª série do ensino básico. Aos 11 anos, movido por um impulso religioso ainda em embrião, Pablo ingressou num seminário, onde permaneceu até os 20.

Sua primeira premiação literária veio aos 10 anos de idade, ao participar de um concurso de redação promovido pelo Ministério da Fazenda. O prêmio: livros e cadernos. Começou aí sua produtiva vida como escritor, cujos textos iniciais tiveram divulgação num jornalzinho da escola.

O escritor

O garoto, de inteligência aguçada e precoce disposição para as artes, que desde a infância se revelou talentoso, decidiu fazer da palavra o seu canal de comunicação com o mundo. Nascidos do ardor da juventude, os escritos desse período tiveram continuidade, e nunca mais se estancou a vertente da inspiração, que o passar dos anos só vem fazendo mais copiosa e eclética.

Depois de receber vários prêmios em concursos literários, de ver publicados em antologias seus trabalhos em prosa e verso, e de gravar um CD com composições de sua autoria, Pablo Morenno parte agora, com a chancela de WS Editor, para a publicação de seu livro de estréia, um compêndio de crônicas, intitulado Por que os homens não voam?

Dotado de grande sensibilidade, capaz de captar e reproduzir com maestria as facetas do cotidiano, Pablo confessa que, para ele, "escrever é uma forma de tornar o mundo mais habitável, de explicar a sociedade para si mesma". Ele acredita na arte como entretenimento e compromisso. E, ao definir a crônica, esse gênero que o está lançando no mercado editorial, afirma que ela é "um modo de eternizar o efêmero e de conduzir o leitor à experiência vivida pelo autor".

Paulo Becker, o prefaciador de sua obra de estréia, reconhece em Pablo Morenno "um cronista consumado", cujos textos, em linguagem à altura dos atuais cronistas brasileiros de renome, induzem a "uma reflexão sobre a experiência pessoal e coletiva do mundo".

Por fim, cabe dizer que percorre as crônicas de Morenno um lirismo tão intenso e exuberante que confere a elas o padrão singular de prosa poética, tão carregada de emoção quanto difícil de ser produzida.

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 31/12/2003

Título : Gestação

Categoria: Poesia

Descrição: Ruídos do meu ventre, que acendeis instintos maternais,

Gestação

Ruídos do meu ventre,
que acendeis instintos maternais,
sensação de útero farto,
de semente germinando ...

O acalanto do meu sangue
vos aquieta,
na intimidade
das nossas confidências.

Vinde e vede,
murmúrios do meu ventre,
o afã do mundo
que por vós anseia:

A luz que energiza os berços,
a flor que se abre em concha,
os cânticos trinados na janela,
o leite que me inunda os peitos,
o amor que amadurece em minha boca.

Vinde, meus cálidos rumores!
A estiagem dos meus braços
vos espera
e vos deseja,
como um veio d'água
que rompe a terra-mãe
e jorra para a vida ...

Da revista
Água da Fonte nº 0

Data : 31/12/2003

Título : O pássaro

Categoria: Poesia

Descrição: Abro a gaiola e o pássaro sai apressado.

O pássaro

Abro a gaiola e o pássaro
sai apressado.
Planador eficiente, voa
com seu mistério alado,
e todo o unguento
que escoa de suas penas.

Oh! as penas!
São elas, encharcadas de ar,
que esparramam ao sol
as boas novas, tantas
que não consigo enumerar.

Voa que voa, o bico afeito
à semente farta e boa
que se deita sobre as veigas
férteis de se olhar e se colher.

Eta, gaiola amiga
do peito, que larga
o poema insatisfeito,
pra que voe, salte, cante, chore ...

E sua semente espalha.
E seu bálsamo escorre.
Sempre à espera
da nova floração.

Da revista
Água da Fonte nº 0

Data : 31/12/2003
Título : Princesa das águas
Categoria: Poesia
Descrição: Este cheiro de vida, este brilho de festa.

Princesa das águas

Este cheiro de vida,
este brilho de festa.

É ela que chega,
regendo a orquestra
de trinos e apitos
na voz dos sabiás.

Na volta do tempo,
exibe suas curvas
e abana pra brisa,
abrindo a camisa da
rosa, do cravo, com
mãos de cetim.

Donzela-prodígio, já
acorda.já reina, com
cetro e coroa. Seu
colo desnudo, sua
tez de manteiga,
princesa das águas
cantando no rio.

Seu riso, seu guizo;
o olhar de lampejo; a
boca vermelha
sequiosa do beijo ...
Que doce momento
se esfrega nas faces
do iriado pomar

O mundo se prostra aos
pés desta dama, seu
charme, sua chama, que
varre a agonia
do frio e da neve,
tingindo o deserto
de verde e azul.

Da revista
Água da Fonte nº 0

Data : 27/03/2004

Título : Estive no olho do furacão

Categoria: Artigos

Descrição: Em visita a um familiar, que é microempresário na cidade de Sombrio/SC,
vivenciei um...

Estive no olho do furacão

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Em visita a um familiar, que é microempresário na cidade de Sombrio/SC, vivenciei um acontecimento insólito em nosso país, que jamais imaginara pudesse um dia presenciar. Na verdade, não presenciei, porque era noite, uma noite de breu, sufocante e aterradora. Mas vivi, ouvi, senti, estremeci e me arriei apavorada, com a fúria que a natureza é capaz de assumir, quando se dispõe a provar ao homem seu poder invencível e devastador. Somos menos que formigas, diante de um fenômeno desse porte. Tão indefesos e impotentes que só temos duas alternativas: o desespero ou a apatia, aquela apatia mórbida que nos petrifica e emudece por completo.

Assim foi a noite que deixou, na memória de muita gente, marcas da fantástica prevalência das forças da natureza sobre a capacidade intelectual e gerencial do homem.

Pela manhã, começaram a espalhar-se rumores de que um "tornado" passaria pelo sul de Santa Catarina, entre o dia de sábado e a segunda-feira. Cheguei a menosprezar o comentário, julgando tratar-se de alarme falso, de uma piada de mau gosto. - Ora, um "tornado" no Brasil! Todavia, estou agora irremediavelmente convencida de que nada existe de definitivo sobre a terra. - No Brasil, sim, e por que não?

Um vento persistente, um ar opressivo, dominaram o clima durante todo o dia de sábado. E a expectativa mesclava incerteza e ceticismo com apreensão e insegurança.

Já pela tarde não se falava outro assunto. Tornado, ciclone, furacão... Qual é mesmo a diferença entre um e outro?

Os palpites saltavam de todas as bocas e a ansiedade aumentava seus contornos. Vai que ele resolve mudar de rota, passar pelo leito do oceano, chegar mais brando ao continente... Assim se tentava amenizar a tétrica previsão.

E a noite baixava sua lona. E o céu se tingia de negro. E o vento tonificava suas garras. E a gente em casa, aguardando.

Pelas 23 horas, a ventania já avançava com gana de fera bravia. As rajadas sobrevoavam e açoítavam a casa, onde me encontrava com meu filho, minha nora e futuro neto. Elas cruzavam sibilando, urrando, desafiando o homem e as estruturas por ele construídas. Uma... outra... muitas... dezenas de rajadas... Meu Deus, que barulho infernal! Parecia um exército desfilando seus canhões no ar, fazendo algazarra, esmagando os últimos fios de coragem que nos mantinham em suspense. Tudo doidamente, furiosamente. O terror foi-me sugando como um vampiro ávido de sangue. Só se escutava o galope do vento, esfregando no telhado suas patas gigantes. Depois estouros de vidros quebrando, de telhas se partindo, de paredes desabando... No encaço do turbilhão, muita chuva, desvairada e impiedosa, que entremeava os estrondos, naquele globo da morte.

A mente aturdida, o coração descompassado e, bem lá no íntimo, a prece, desesperada e confiante: Santa Bárbara, rogai por nós! Nossa Senhora, Mãe das Graças, protegei todos os que estão em perigo!

Depois de três horas de aflição e pânico, o indômito dragão aquietou. Calmaria total, ar abafado, calor intenso.

A curiosidade levou muita gente às ruas, a fim de conferir os estragos. Sequer imaginavam que o pior estava por vir. Em menos de uma hora, começou tudo de novo. Antes o furacão esbravejava do Sul, agora rugia do Norte, ainda mais fragoroso e enfurecido. Uma investida atrás da outra, como se quisesse plantar, sobre a terra arrasada, sua bandeira de protesto, rebeldia e destruição.

Estava prestes a raiar o dia, quando o soberbo forasteiro resolveu partir... Graças à proteção do céu, nossas vidas e nossos bens foram preservados.

Só então conciliei o sono. Mas por pouco tempo. Temia que o fenômeno se repetisse, e a noite de horrores se prolongasse até a eternidade... Literalmente, e por acaso, estive no olho do furacão.

(Relato verídico de situação vivenciada pela autora, quando da passagem do Furacão Catarina, na costa sul-catarinense, no dia 27 de março de 2004.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 30/04/2004

Título : Curiosidade

Categoria: Poesia

Descrição: Do outro lado da lagoa, tão imensa e molhada,

Curiosidade

Do outro lado da lagoa,
tão imensa e molhada,
haverá o quê?

Um campo de saudades?
Uma floresta de luxúria?

O elo dos laços partidos
que o arco-íris camuflou?

Um amor doido e infinito
carregado como um troféu
nos braços do sol?

Ou o lado avesso do horizonte,
com seus enigmas eternos,
brincando de esconder?

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2004

Título : Expectativa

Categoria: Poesia

Descrição: O inverno abotoa o capote, apanha o chapéu

Expectativa

O inverno abotoa o capote,
apanha o chapéu
e se despede.

Brotos
e uvas;
crianças
e aves;
ninhos
e ovos;

todos de prontidão,
espreitam,
pela fechadura do quintal,
o momento ideal
de entrar em ação.
da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2004

Título : Sonho de luz

Categoria: Poesia

Descrição: A cerração de tule sobe A escadaria do morro

Sonho de luz

A cerração de tule sobe
A escadaria do morro,
Como a noiva
Que vai pro casamento,
Num sonho de luz.

No altar do firmamento,
O véu se esgarça, se dissipa,

Quando a noiva depõe
Sua branca castidade,
Aos pés da cruz.

da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2004
Título : Vítima fatal
Categoria: Poesia
Descrição: A serpentina das estradas se enrosca nas curvas,

Vítima fatal

A serpentina das estradas
se enrosca nas curvas,
desaba das pontes
e mergulha
no vazio da morte,
sem câmbio de retorno.

da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2004
Título : Vida
Categoria: Poesia
Descrição: Durante seis décadas, se aprende

Vida

Durante
seis décadas,
se aprende
as lições da vida.

Nas décadas
seguintes
se passa a vida
a limpo.

da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2004
Título : Nostalgia
Categoria: Poesia
Descrição: Quem me dera voltar à terra

Nostalgia

Quem me dera
voltar à terra
das casas simples,
das ruas de lama.
Às geadas brancas,
às noites longas,
colchão de palha,
(xixi na cama!).

Quem me dera
voltar à terra
de tantas sombras,
de tantas luzes.
Natais sem pompa,
bonecas toscas,
quintal de gatos,
sapos e moscas.
Quem me dera,
voltar à terra
dos meus amados
que já partiram.
Reaver sua história
em baús mofados;
nas forjas de aço
contar suas glórias.

da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2004

Título : A poesia e os poetas passo-fundenses

Categoria: Artigos

Descrição: E a poesia é amor, é beleza, é encantamento. Talvez um dos mais gratificantes remansos para o cansaço do espírito e do corpo.

A poesia e os poetas passo-fundenses

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Longe do amplexo deletério do sol, e perto, muito perto, do aliciante cafuné da lua, ele se debruça sobre uma folha em branco, onde desembrulha sua inspiração, pondo à mostra a fragrância e o mistério das madrugadas, na profusão da alma tangida pelo silêncio. Esse é o poeta, o solitário, o noctívago, a caldeira ardendo de paixões.

Avesso às equações matemáticas, à tabela periódica dos elementos, às cartografias geográficas, e até mesmo ao ardiloso entrevero da sintaxe, ele só quer, na verdade, mergulhar no vácuo da insônia e deflorar a calmaria, para dela extrair a emoção, o sentimento, a harmonia, o ritmo, e por esse meio decifrar o enigma do poema.

É literatura o que ele faz? Têm algum proveito as suas metáforas? Os seus trocadilhos? As rimas, pobres ou ricas? Os versos, monossilábicos ou decassílabos?

O leitor que o diga, refém do enlevo que o invade e da comoção que se dilui entre os cascalhos, quando do seu caminhar sobre o imaginário das estrofes.

Pouco importa ao poeta se nem todos apreciam a nostalgia das suas divagações, o plangente fluxo das suas mágoas ou a imprecação fragorosa do seu protesto.

Ele sabe e, mais que isso, sente, que o homem, por mais racional que se mostre, derreia seus conceitos e suas armaduras diante da esfinge do amor.

E a poesia é amor, é beleza, é encantamento. Talvez um dos mais gratificantes remansos para o cansaço do espírito e do corpo. Como elo de identificação, ela aproxima os seres humanos, desvanecendo suas diferenças.

Resistir ao seu elã é como fechar-se em copas para as emanações da vida e esconder-se da própria imagem refletida no espelho.

A poesia não está nas páginas dos livros e revistas especializadas, nem reside nos versos escritos em murais ou em janelas de ônibus. Ela está entranhada no mundo, subjacente aos objetos, cenas e fatos do cotidiano, bem como nos cacoetes do coração. E se corporifica através dos entes, vivos e inanimados - os homens, os bichos, as plantas, o cosmo, as montanhas, os rios. Grávidas de significados, as palavras poéticas projetam inúmeras leituras e possibilidades, e esticam seu condão mágico para além das fronteiras do espaço e do tempo.

Quando Drummond escreveu, em A Rosa do Povo, "Chega mais perto e contempla as palavras/ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra", conceituou, com precisão, a natureza do poema.

Por sua vez, Rainer Maria Rilke, em Cartas de um Jovem Poeta, revela sua compreensão do fazer poético, dizendo: "Para escrever um simples verso, é preciso ter a alma aberta para o vôo dos pássaros, e ser capaz de perceber o gesto das flores que se abrem ao amanhecer. É preciso passar muitas manhãs diante do mar, muitas tardes diante do pôr-do-sol, muitas noites diante de quem amamos".

É Byron referiu-se à poesia com uma comparação fantástica: "O verso é como o bote de uma fera":

Obviamente, a primeira condição para que essa magia do poema aconteça é uma apurada sensibilidade e reciprocidade de sentimentos. Diria mesmo que é necessária uma cumplicidade amorosa entre autor e leitor. Interação essa que é também favorecida pela capacidade de síntese de quem escreve e pela boa qualidade do texto. A utilização de imagens e figuras semânticas, pela exploração dos múltiplos significados que se escondem no escaninho das palavras, pode ser considerado o bê-á-bá da arte de compor versos.

Em suma, o verdadeiro poeta é um artífice das emoções, um olheiro perspicaz, um inventor de símbolos, um interlocutor do silêncio que, ao criar um vínculo afetivo com o seu leitor, o faz partícipe de sua obra.

E, por ser o poema uma manifestação literária condensada, impulsiva e dinâmica, cadenciada e sonora; e por abusar de linguagens e formas não convencionais, o gênero poético pode ser considerado um dos mais difíceis de ser exercido.

Ouso afirmar, finalmente, que o poder de sublimação e catarse que tem a poesia, bem como seu trânsito entre os canteiros da emoção e dos afetos, conferem a ela um papel relevante na humanização da vida. No mundo de incertezas, medos e contradições em que vivemos, ela pode contribuir, sem dúvida, para o aperfeiçoamento das relações, afrouxando os nós da intolerância e borrifando cordialidade e paz entre os homens.

Eis, em síntese, a essência da poesia e do poeta.

Uma vez decantada nossa musa, que serve de tema para este trabalho, passemos a um breve comentário sobre alguns poetas passo-fundenses (assim considerados os que aqui residem), os mais conhecidos no momento. Trata-se, evidentemente, de homens e mulheres, alguns vinculados à nossa agremiação literária, outros não, cuja sensibilidade e talento superam minha capacidade de interpretá-los.

Mais que um privilégio, é um desafio apresentar nossos poetas e sua produção literária, tendo em vista o ecletismo de seus temas e a diversidade de tendências.

Começo a apresentação pela obreira de lides literárias, Craci Teresinha Ortiz Dinarte, mãe, mestra e poeta de maiúsculos predicados. É membro da Academia Passo-Fundense de Letras, e editou dois livros de poemas, que se intitulam: Permitam-me Sonhar e Um Passe de Mágica. Despojados e profundos, com a exclusiva preocupação de expandir sua alma, os poemas de Craci revelam toda a sua beleza interior, sua trajetória de vida exemplar e sua visão do mundo, como num acalanto das sensações, em preciosos momentos de sublimação.

Outro poeta da Academia Passo-Fundense de Letras, advogado atuante nos meios jurídicos, dotado de uma sensibilidade invulgar, é Ricardo José Stolfo. Seu livro, Ciranda da Pandorga, cativa pela leveza e encantamento, ao tratar da existência humana, sofrida e bela ao mesmo tempo. Em seus poemas, devaneios melancólicos alternam-se com a vibração do sonho, do amor, da observação das coisas triviais, enquanto a palavra jorra com fecunda vibração.

Milton Guimarães da Silva, um jovem introvertido e dócil, é autor de Poesia de 1987, Pouca Poesia Pouca, e Poesia Seguinte. Seus expressivos versos, algumas vezes suaves e cristalinos, outras, obscuros e audaciosos, remetem ao pós-modernismo poético.

Outra destacada acadêmica da agremiação literária de Passo Fundo é Jurema Carpes do Valle, professora, diplomada também em Ciências Jurídicas e Sociais. Canção da Liberdade é um livro de sua juventude, onde sua alma alça vôo para, entre as nuvens e as estrelas, brincar com os vocábulos e criar belas imagens. Com seu estilo próprio, ora lírico e singelo, ora enigmático

e até abstracionista, Jurema consagrou seus versos como vencedora de vários concursos do gênero.

O doutor em Literatura e professor dessa disciplina na Universidade de Passo Fundo, Paulo Becker, é um passo-fundense por adoção e um poeta por vocação. Seus três livros, *Alta Tensão*, *Meus Demônios Cantam* e *Luas de Néon*, vêm recheados de poemas maduros como pêssegos na hora da colheita. Temas por vezes banais, mas densos de significado. Ao saboreá-los, tem-se a sensação da boca adocicada pelo sumo que destilam.

Lírico é também um livro de versos, onde o autor, o promotor de justiça Edgar de Oliveira Garcia, ocupante também de uma cadeira na já citada Academia, alterna suas vivências líricas com cenas do cotidiano universal e com algumas pinceladas da genuína temática gaúcha. Alma cheia de sensibilidade, que verte pelos poros e se derrama abundante no papel, é a poeta e professora, também acadêmica, Ana Carolina Martins da Silva, uma amante das artes, profissionalíssima teatreira de bonecos e poeta transbordando de idéias e convicções. Além de obras de cunho acadêmico, escreveu dois livros de poemas: *Um Ipê no Coração* e *Piedade: Ponte ou Muralha?*

Poeta de dois idiomas, a professora aposentada Luíza de Paiva Schmitz brinda seus leitores com delicados poemas em português e espanhol. Sua primeira obra, publicada em 2003, revela simplicidade e vigor nos temas e rimas reunidos sob o título: *Sin Pretensión*. Suas composições denotam a nostalgia com que Luiza interpreta as alegrias e frustrações do cotidiano.

Dando prosseguimento a este comentário, cito Luís Marcelo Algarve, um jovem advogado e o escritor mais moço da Academia de Letras, na qual ingressou em 2001. Escreve em prosa e em verso. Seus trabalhos falam das mazelas do nosso tempo e da força da juventude. Participou de duas antologias literárias, *Ordem da Confraria dos Poetas* e *Painel Brasileiro de Novos Talentos*, onde foram publicados alguns de seus poemas.

Refiro agora o trabalho poético de mais um jovem autor passo-fundense. Trata-se de Pablo Morenno, que optou por esse pseudônimo, desde as suas primeiras publicações em revistas e jornais. É, além de poeta, músico e compositor, tendo gravado, em 1996, um CD com canções de sua autoria. Mas destaca-se sobretudo como cronista, consagrado por seu livro de estréia de edição recente, intitulado *Por que os homens não voam?* Tanto em prosa como em verso, Morenno dá vazão a sua autenticidade e perspicácia, como profundo observador que é do mundo ao seu redor.

Cânticos de amor à vida é o livro de versos de outro acadêmico, o psicólogo, também diplomado em História Natural, Getúlio Vargas Zauza. Como ele próprio define, o tema predominante em seus poemas é o valor da vida, em todas as suas formas. E acrescenta que optou por manifestá-lo em verso, por permitir a poesia maior liberdade de expressão, ao mesmo tempo em que conserva a amplidão da mensagem e permite a individualização.

Por fim, na companhia de tão diversificados currículos e de tantas manifestações poéticas produzidas aqui em nossa terra, postam-se também os livros de minha autoria. De versos: *Sol Encoberto*; *Paredes Nuas*; *Cântaros de Junco*; *Violetas da Paixão*; *Sonho, Seiva, Semente*; *Lua Cheia* e *Flores Brancas*. De pensamentos: *Essência de Mulher - reflexões poéticas*. (Os dois últimos ainda no prelo.)

É difícil falar do próprio trabalho. Mas posso garantir que toda a minha obra, embora caracterizada por uma poesia até certo ponto erudita, recende forte apelo sentimental e uma ardente paixão pela vida, com que certamente meus leitores se identificam. Meu patrono, na Academia Passo-Fundense de Letras, é o imortal poeta Mário Quintana.

Para encerrar este ensaio sobre a poesia, e a referência aos poetas de Passo Fundo e seus trabalhos, transcrevo uma composição de minha lavra, originalmente publicada em *Sonho, Seiva, Semente*. Berthier, Passo Fundo, 2002, que se propõe a descrever, especificamente, o momento criador do poema. Tem como título: *Mensagem Liquefeita*.

Jogo as palavras
no caldeirão da imagem.

Ao calor da emoção
liquefaz-se a mensagem.

E ao cabo da fervura,
produto da alquimia:
um creme apetitoso.

da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2004

Título : RAPIDINHAS

Categoria: Pensamentos

Descrição: Sofre de enxaqueca minha lua e de insônia o meu lençol.

RAPIDINHAS

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Sofre de enxaqueca minha lua e de insônia o meu lençol.

Virou um estigma indelével aquela desilusão que a pôs de cócoras, diante de uma prometida ventura que se recusou a dar-lhe de beber.

A primavera constrói sua tenda entre guirlandas de sol.

Bistecas e farofas tão deliciosas como o amor de mãe ...

Virei pelo avesso meus conceitos e o equilíbrio brotou entre as certezas.

Quero andorinhas amarrando os fios dos meus cabelos.

A vida fútil das dondocas aumenta a cotação das laboriosas.

As doenças entram no corpo através da alma. É ela que chama, insiste, abre a porta e ordena que se instalem.

A escola espalha as sementes. A safra é de homens conscientes.

Não será o volume dos seios inversamente proporcional ao do cérebro?

Com certeza haveremos de encontrar-nos, coloridos e saudosos, na curva do arco-íris.

Será o céu um celeiro de santos ou uma tulha de almas cansadas?

A conquista do sucesso tem o poder broxante de arriar o sonho.

Anoiteço um cacto e amanheço uma bromélia.

A felicidade é um estado de alma compartilhado, nunca solitário.

(Extraídas do livro Essência de Mulher - Reflexões Poéticas, no prelo.)

da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 30/04/2004

Título : DEPOIS DA ESPERANÇA

Categoria: Poesia

Descrição: Depois da esperança o que resta?

DEPOIS DA ESPERANÇA

Depois da esperança
o que resta?
O que haverá de
ficar na lembrança
senão a saudade
do viço e da festa?

Depois da esperança
onde mora
o charme da dama
a ilusão da pujança
senão na masmorra
da farsa e da trama?

Depois da esperança
como enfrenta
uma alma doída
sem brio nem herança
o que sobra da vida
ardilosa e avarenta?

Do livro

Sonho, Seiva, Semente

Data : 27/08/2004

Título : Casemiro, onde andará?

Categoria: Artigos

Descrição: Nome comprido, pra meu curto entendimento.

Casemiro, onde andará?

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Nome comprido, pra meu curto entendimento. Eu, que só tinha um prenome e um sobrenome, achava pomposo alguém chamar-se Casemiro aos Santos Marques.

Meu amigo Casemiro. com idade pra ser meu pai!

Homem rude. De gestos comedidos. Trabalhava num depósito de cereais, com sede em Espumoso, da empresa Z.D. Costi, estabelecida em Passo Fundo.

Um enorme prédio em estilo colonial. Dois andares. O primeiro de alvenaria e o superior, de madeira. Ainda existe hoje, sessenta anos depois, na Rua Ângelo Macalós, naquela localidade. Sua estrutura sólida, própria daquelas eras de abundância e moeda forte, resistiu ao (tempo e aos vendavais. Vizinho da propriedade de meus pais, era tão chegado pelo afeto quanto pela proximidade geográfica.

A tarefa do Casemiro consistia em carregar e descarregar fardos de mercadorias. Transportadas, se bem me lembro, da longínqua matriz, para serem comercializadas na cidadezinha do interior e seus arredores. O meio de transporte, de fora para dentro do depósito, e vice-versa, alimentava minha fantasia de menina irrequieta e carente de brinquedos: um carroto de ferro, pesado e esquisito.

Sem conhecer o frenesi dos carrosséis, das montanhas-russas, dos trens-fantasma, das rodas-gigantes e de outras tantas figurações dos reinos encantados, afeiçoei-me às brincadeiras do amigo, naquele espaço curioso do armazém.

Nas suas horas de folga, que não eram poucas, levava-me a passear na carruagem majestosa, por trilhos escondidos entre as sacas empilhadas. Em ocasiões mais festivas (era essa a minha concepção), acomodava suas grossas e nodosas mãos em minhas axilas, e jogava-me para o alto, aparando-me na queda. Como se eu fosse uma boneca de pano. O gesto me provocava um friozinho na espinha dorsal.

Aquela doce e gostosa vertigem que só no frescor da inocência se consegue sentir.

Brindar-me com pêras inchadas de sumo e bergamotas de casca reluzente era outro mimo do meu bom e carinhoso mascote.

Não sei se o Casemiro ainda vive. Neste momento, imagino-o velhinho e encurvado, sem carroto e guloseimas para oferecer-me. Por isso peço, encarecidamente, se alguém tiver notícias dele e do seu paradeiro, me informe, que as voltas da vida têm um jeito desleal de enterrar os sonhos e apagar as lembranças!

P.S.: Vários anos após ter escrito este texto, no dia 27 de agosto de 2004, em visita a um irmão dentista, em minha cidade natal, encontrei, na ante-sala do consultório, Casemiro em pessoa.

Indescritível minha surpresa e minha alegria. Ele está com 79 anos e com boa saúde para a idade. Um momento marcante. De recordações e saudades. Mas, acima de tudo, de mútuo carinho e reconhecimento a Deus, que nos manteve vivos para a emoção desse encontro.

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004
Título : Rapidinhas
Categoria: Poesia
Descrição: O vinho da traição, embora pareça o mais excitante,

Rapidinhas

HELENA ROTTA DE CAMARGO

O vinho da traição,
embora pareça o mais excitante,
acaba por revelar-se o mais azedo.

O mundo está se transformando num
campo de concentração, em que a
soberania de poucos submete a
debilidade de muitos à desumana
condição de ser humano.

O casamento tanto pode nutrir-se
de afagos quanto de arranhões.
A sensibilidade das mãos
é que faz a diferença.

Enquanto adormeço, meus versos
fermentam na bacia do coração.

Ao acordar, ligo o forno, e um cheiro
bom de saciedade inunda o ambiente.

A comunicação entre as flores
se faz por odores e policromias.

Como objeto de cama e mesa, a mulher
vem sofrendo um descarte redentor.

Podo minhas roseiras e meus defeitos.

Elas, para o vigor; eles, para a inércia.

Os anéis dos anos emperram
nos nós dos dedos.

A objetiva de certos olhares
fotografa até o âmago da alma.

Quando o sol se excede e as goiabas
murcham, o quintal morre de eclipse.

Hoje acordei em estado de pássaro:
pronta para alçar vôo.

Cisnes e gaivotas: sensação de orgasmos
navegando aos pares.

A jaqueta psicodélica dos beija-flores
causa profunda inveja ao moleton barato
dos pardais.

Os teóricos desservem à humanidade,
pois ela só avança com ações concretas.

O pecado de amar é um pecado santo.

(Extraídas do livro Essência de Mulher - reflexões poéticas, no prelo.)

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004

Título : Amor em dose dupla

Categoria: Artigos

Descrição: A lembrança que tenho delas - nítida lembrança com gosto de bolacha caseira...

Amor em dose dupla

HELENA ROTTA DE CAMARGO

A lembrança que tenho delas - nítida lembrança com gosto de bolacha caseira, de apoio espumando na caneca, de melancias b-a-r-r-i-g-u-d-a-s sorrindo (boca sempre escancarada, sumarentas gengivas vermelhas!) - é sui-gêneris e copiosamente maternal.

Uma infância recheada de vibrações. Gemidos de carroça desengonçada. Cabeludas bonecas de milho. Terneiros sugando a teta. Ninhada de aveludados pintos. Cantoria de lata descendo o poço... Im- possível enumerar tanta emoção e tanta saudade.

A casa das avós foi o paraíso da minha infância. Aquela que os anos não trazem mais. (Estava certíssimo Casimiro de Abreu!)

Lá se foram seis décadas. Aqui vieram os sulcos no rosto, a geada nos cabelos, a pururuca nos ossos, enfim, um estrago sem tamanho, na fachada e nos alicerces do velho castelo da inocência. Elas, minhas avós, há muitíssimos verões me abandonaram, indo afagar pra sempre o rosinho (será de porcelana chinesa?) dos anjos. Mas aquele odor antigo de amêndoas, de água pura e de dobrado afeto permanece impregnado em minha essência.

E que dizer do colo farto? Da história contada ao pé do fogo? Do colchão de palha, estalando entre um sonho e outro? Ô vida, você não é nada gentil! Com seu brilho falso, sua mania de capturar as afeições pra depois renegá-las! Você gosta mesmo é de jogar verde pra colher maduro. Discordo inteiramente das suas táticas e refuto sua intransigência. As avós deveriam ser imortais, perenes. Perene o aconchego. Perene a devoção. Perene a centelha do olhar, brilhando além do horizonte.

Sobretudo agora, que tomei o seu lugar, guindada ao posto de matriarca (ente ontológico esse que nos remete a uma segunda maternidade!), passei a compreender, na carne, no sangue, no coração, o que significa o amor em dose dupla. Por certo, muito diverso daquele que vivenciei, quando a avó era o ponto de encontro, a referência, o lugar de passar as férias, de escolher o agrado, de ser recebida com pé-de-moleque e Cinderela de pano. A vovó moderna não mora na roça. Não faz goiabada. Não ordenha as vacas. Não costura para as bonecas. Seu amor (tão presente e valioso como o de outrora) se manifesta de outras formas. (Vamos brincar na internete, vovó? - Hoje é dia de ver filme, não é? - Me leva no parquinho! - Liga o som pra mim dançar!)

E ela, sempre ela, a ternura em pessoa, a paciência infinita (essas o tempo não envelhece jamais), ei-la a postos, risonha e feliz, amando e desdobrando-se duplamente. Um amor que só muda de endereço e de dimensão.

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004

Título : Fragmentos do vazio

Categoria: Poesia

Descrição: Na solidão mística da madrugada, as emoções calam,

Fragmentos do vazio

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Na solidão mística da madrugada,
as emoções calam,
diante da magnitude do silêncio.

Há um frescor de olfatos,
um sussurrar de jatos,
disputando os espaços da contemplação.

Sutilmente, crescem os anseios,
quinquilharias dispersas no colo do tempo,
acre, doce, sujo, casto,
como os desejos represados no curral da noite.

Vem a manhã,
com sua corte de gandaias,
locupletar as praias
do coração vazio.

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004

Título : Revanche

Categoria: Poesia

Descrição: Quero encher de perdões a cesta das hipocrisias.

Revanche

Quero encher de perdões
a cesta das hipocrisias.

Sensação de beijo bastardo,
de bolo abatimado,
de pegajosa malquerença...

Nada haverá de vergar o cajado
que me conduz à paz.

À clava da incompreensão,
oferto meu sorriso;
e ao corisco da inveja,
o prêmio de uma prece.

Está repleta minha cesta:
de sabores da terra e adejos de colibris;
de favos sorridentes e caudas de cometa;
de gotículas de brisa e pingentes estelares...

O que não faz uma semente de perdão!

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004
Título : Desengano
Categoria: Poesia
Descrição: Quando criança, me ensinaram a louvar o céu e temer o inferno,

Desengano

Quando criança, me ensinaram
a louvar o céu e temer o inferno,
que a vida era uma gangorra,
entre a virtude e o pecado.

Sobre a terra, me contaram
da sua gestação reiterada
de flores, bichos, arroios, plantas,
inesgotável mina de tesouros.

Dos homens, mostraram-me
a dourada tez do intelecto,
os esgares do riso e do pranto,
o gume do ódio, o pitéu do amor.

Foi preciso escalar penhascos,
mutilar a palavra e o gesto,
amarrotar o corpo e as crenças,
manter cativo o ímpeto de ser,
pra compreender a dialética do mundo.

Quando as máscaras caíram
e a verdade veio à tona,
me vi nua, torpe, esquelada,
sem norte, sem alma.

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004
Título : Heureca!
Categoria: Poesia
Descrição: Na busca de soluções para os conflitos

Heureca!

Na busca de soluções
para os conflitos
da humanidade,
há planos estratégicos
e armas inofensivas:
luas,
córregos,
melodias,
abraços,
sorrisos,
poemas.

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004
Título : Meu Grupo Escolar
Categoria: Artigos
Descrição: Atravessei seus umbrais pela primeira vez, em março de 1946.

Meu Grupo Escolar

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Atravessei seus umbrais pela primeira vez, em março de 1946. E a mais forte sensação que me dominou foi de grandeza e notoriedade. Não sei se pelo tamanho do prédio. Se pela extensão do nome. Grupo Escolar José Clemente Pereira, estampado no pórtico, em letras garrafais. Ou pela expectativa da nova condição que aquele ingresso representava. Mais provável, uma mescla de tudo isso, misturada ao emaranhado de impressões que uma criança de sete anos mal sabe definir.

Minha vida escolar começou sem sustos. Sem tensões. O coração batia forte. Mas era de prazer, ansiedade. Hora gloriosa de aprender a ler.

- Quem será minha professora? – essa a indagação que me fazia intimamente, no meu primeiro dia de aula. Para surpresa minha e dos colegas de classe, foi-nos apresentado um homem louro, jovem, de estatura mediana e semblante risonho. Nosso professor chamava-se Eduardo Becker Cordeiro. Foi um alfabetizador extraordinário. Muito habilidoso no trato com os pequenos estudantes. Simpático por natureza, usou seu charme para cativá-los e facilitar o domínio das primeiras letras.

Nos anos que se seguiram, travei contato com outros educadores: no segundo, o professor Fidêncio, o Pô, (apelido que lhe deu o carinho das crianças); no terceiro, a Dona Vitória; no quarto, a Dona Lígia. Ambas mulheres e profissionais carismáticas, reverenciadas até hoje num cantinho do coração.

O curso primário completava-se com o quinto ano. Mas a lei permitia o ingresso no curso ginásial, sem a conclusão do ensino básico. Meu pai optou por essa segunda via e levou-me, em 1950, a prestar o exame de admissão, no Ginásio Nossa Senhora Aparecida, em Carazinho. De todas as saborosas lembranças que guardo do meu grupo escolar, sem dúvida, a mais definida, consistente e primorosa é a da sua biblioteca. As estantes não escondiam apenas belas histórias. Cheias de aventuras e peripécias. Também nos emprestavam a chave para o mundo mágico que existia além. Além das fronteiras da escola e do convívio familiar. Um cofre encantado, onde uma fada-madrinha escondia as mais surpreendentes descobertas. Títulos como Juca e Chico, Sinhazinha e Maricota, O Porquinho Dorminhoco e outros, provocavam disputas entre a garotada, na hora de saírem da estante.

A memória revive também - com orgulho incontido - as comemorações e os desfiles da Semana da Pátria. Guarda-pó impecavelmente branco. Pelotões rigorosamente alinhados. Bandeira tremulando ao vento. O mastro, imponente e marcial, conduzido pelos próprios alunos. O Hino, cantava-se com a mão direita sobre o peito. Um cerimonial que fundia religiosidade e patriotismo diante do pendão sagrado.

O pátio da escola, por sua vez, representava um local respeitado e temido, que nos punha em sobressalto. Construída sobre o terreno de um antigo cemitério, era freqüente a meninada se deparar com fragmentos de ossos humanos desenterrados pela ação do tempo, enquanto corriam atrás de uma bola ou brincavam de esconde-esconde.

Naqueles anos de poucos brinquedos e escassas diversões, o grupo escolar servia de ponto de encontro dos meninos e meninas do vilarejo. Ali, no vigor da puberdade, começava a descoberta da diferença entre os gêneros, e o desabrochar dos ardores e inquietudes próprios da idade. Esta escola marcou minha infância, como a bigorna marca o ferro. Estigma indelével e significativo, para os anos futuros e para a vocação que se manifestaria mais tarde.

Além de abrir-me as portas do conhecimento, inseriu-me também na amplitude do convívio social, oportunizando o intercâmbio com outras crianças e originando vínculos afetivos fortes e duradouros.

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004

Título : Nem tanto à terra, nem tanto ao mar

Categoria: Artigos

Descrição: Ó Deus, como me flecham os nervos, assim de manhãzinha! O dia recém-nascido, ainda deglutindo o muco da noite.

Nem tanto à terra, nem tanto ao mar

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Ó Deus, como me flecham os nervos, assim de manhãzinha! O dia recém-nascido, ainda deglutindo o muco da noite. Me furam os ouvidos os veículos que passam. Pigarreando sua rouca constipação. Vomitando sua bile. Baforando o pestilento charuto. Tão menininho o dia, e já se mostra eriçado, mais pra rebeldia que pra brincadeira.

Voz humana, nenhuma. Gargalhadas, nem se cogita. Ninguém fala, ninguém ouve. Todos andam prostrados, em meio ao paroxismo das máquinas. Elas é que comandam o tempo. Defloram o amanhecer. E regem a orquestra da vida urbana que, mal se despiu do pijama e - engolida a geléia e o pão num vapt-vupt – já parte pra briga, nas ruas encardidas, enfumaçadas, mal servidas do café cheiroso que escapa pelas cortinas de ferro.

Onde estamos? Para onde vamos? - Ninguém ouviu dizer que a pressa é inimiga da perfeição? – Que sádica vertigem a dos monstros sobre rodas que, cuspidos veneno, avançam pelo asfalto, contorcem o corpo nas esquinas, se jogam das pontes!... Uma onda de petróleo líquido lambendo o chão. Trepidando. Esbravejando. - Ah, meus belos tempos de sossego!

Os tímpanos - são eles as vítimas preferidas desse sarcasmo acústico. Saturados do fragor persistente, resfolegam no travesseiro, enfiando-se no cobertor como um avestruz acuado, enquanto os decibéis invadem os espaços. Cúpidos. Prenhes. Um cenário esquizofrênico... Por quanto tempo o mundo agüentará? Suportaremos nós o cérebro fervente? O coração ofegante? Até onde irá a paciência dos Jós modernos, diante da baderna institucionalizada, verdadeira invasão de domicílio?

Queiramos ou não, nosso destino está traçado. Servidão, apatia, conformidade. Isso é o que o progresso exige. Ordena. Impõe. Ô Cristo, tu morreste no silêncio, cavernoso até, só os trovões anunciando tua passagem. Nós aqui engolimos o fel do destino trágico, do passamento assim conturbado, pela porta estreita da vida. Ai de nós, cada vez mais estilhaçados por esse trânsito voraz, matador sanguinário, comandado por nós, desejado por nós, nossa vaidade e nossa ruína! Foram-se os tempos da calmaria bucólica, abençoada pelo apoio matinal. As alvoradas cheirando a orvalho. As ruas lagarteando à suavidade do sol. Sem vapores e estampidos. Sumiram os trajetos entremeados de saudações amigas. E irreparável a perda! E inafiançável o estupro daquele romantismo, que chegava a ser piegas na sua despreensão.

Nada do que somos e temos hoje vale os desfalques que nos impusemos. O salto alto do consumismo afoito, sem critérios, sem precauções. A felicidade que buscamos, corpórea e material, é mais aparato que satisfação. E está mais pra covil de lobos que pra cacimba de paz. Por favor, que não se jogue nos aterros sanitários os castelos que a ambição dinamitou. Nem se esqueça jamais o aforismo, tão atual e verdadeiro quanto o anseio de liberdade e superação que nos move: Nem tanto à terra, nem tanto ao mar...

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 30/11/2004

Título : Alma bandoleira
Categoria: Poesia
Descrição: Poeta – um mensageiro, que conduz o filão do pensamento,

Alma bandoleira

Poeta – um mensageiro,
que conduz o filão do pensamento,
pra muito além do carrossel do vento.

Poeta – um jardineiro,
que recolhe, nos serões da madrugada,
aromas de sua alma enamorada.

Poeta – um marinheiro,
que carrega, na bagagem da lembrança,
ondas de saudade e de esperança.

Poeta – um confeitoiro,
que prepara, com palavras e emoção,
o bolo para a festa da paixão.

Poeta – inveterado bandoleiro,
de dia um rouxinol, de noite um seresteiro.
da revista "Água da Fonte nº 2"

Data : 31/07/2005
Título : Saudade
Categoria: Poesia
Descrição: Pernas-de-pau de minha infância ...

Saudade

Pernas-de-pau
de minha infância ...
Oh! quem me dera,
do alto desses tacos,
recapturar os afetos
e as lembranças
que sobrevoam
os parques da saudade!

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005
Título : Plenilúnio
Categoria: Poesia
Descrição: Escuro e seco só meu desalento.

Plenilúnio

Escuro e seco
só meu desalento.
Porque as estrelas
encharcam a penumbra.
As brisas
massageiam os ciprestes.
As margaridas
se alvejam no orvalho.
As fontes
recitam a oração noturna.
Os colibris
tonificam de paz as penas.
E a lua- oh! a lua!
Essa despeja carícias
no avental das nuvens.

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005
Título : Rapidinhas
Categoria: Pensamentos
Descrição: Pra falar a verdade, a solidão tem medo do dia claro e da vigilância noturna das estrelas.

Rapidinhas

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Pra falar a verdade, a solidão tem medo do dia claro
e da vigilância noturna das estrelas.

Não se dedique em excesso, que a dedicação tem uma cauda capaz de deixá-lo completamente enredado.

Onda, ó onda, me peça desculpas!
Não gosto de você raivosa, arquejante, cuspidando o veneno da ressaca.

Os ciscos todos que se amontoam no vácuo da tristeza falam uma linguagem torpe, enfarinhada. Onde penduraram o espanador?

Melhor que digerir o fel da incerteza é diluí-lo em mil possibilidades.

A traição é um lençol enrugado que incomoda,
belisca e deixa vergões nas crostas da pele.

Sob minha aparente liberdade e independência,
oculta-se uma vontade gorda de ser submissa e dependente.

Todas as manhãs, apresente-se à alegria.
Diga-lhe dos seus projetos, acerte sua agenda e pactue com ela
uma sessão de gargalhadas.

Para um viver saudável, basta desprender-se do charco
e absorver a amplitude da montanha.

A geometria do amor tem formas arredondadas e linhas paralelas.

Quando estendo a colcha branca bordada de flores,
sinto-me estendendo a primavera no chão de um jardim encantado.

Por que a árvore seca e revive de novo,
e o homem morre para sempre? De hoje em diante,
ver-me-ão coberta de folhas e arraigada na terra.

Simplesmente rir: o grande mote da superação das crises.

Renovo a cor dos cabelos, passo um lustro nas unhas,
besunto a pele de óleo. Falta só dar um trato na alma.

No baile da vida, a orquestra é das fontes e a dança, dos ventos.

Nada preenche melhor os espaços do silêncio que uma boa leitura.

Pedras de ametista, lapidadas, ornamentais:
os beijos que fluem de sua boca lilás.

(Do livro Essência de Mulher - reflexões poéticas, no prelo.)

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005

Título : A cisma do preconceito

Categoria: Crônicas

Descrição: Disseram-me: Anda, velha! Foi um choque. Mil volts.

A cisma do preconceito

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Disseram-me: Anda, velha!

Foi um choque. Mil volts.

Não havia ainda parado pra pensar e testar minha agilidade. Não verificara as rodas e os freios. Nem injetara combustível no desconfiômetro.

Naquele instante, aprendi duas coisas. Primeira: vigor e imortalidade são privilégios do espírito. E como crescem com o avanço dos dias! Engordar, inchar, aumentar de volume, eles podem e devem. Com um atenuante: sem medo da balança (xô, quilinhos a mais! Vocês também têm culpa no cartório ...).

O segundo ensinamento foi objetivo e cabal, com sabor de vingança: Espera aí, seu malcriado! Você se acha o dono da eterna juventude? Pensa que sua força, leveza, desenvoltura, irão sobreviver ao trânsito trepidante dos anos? Sem encurtar a visão e o passo? Sem murchar os gomos da virilidade? Me espere na outra esquina! E conversaremos novamente ...

Desde o dia da minha indignação ante o preconceito escancarado, aquele cruzamento tomou-se um marco. Sempre que o atravesso, sinto as faces enrubescerem de novo. De receio. De mortificação. De pena. Não quero parecer decadente. Nem ser alijada da rua, um espaço que também me pertence. Terá chegado o tempo de apelar para a cadeira de balanço? Será mesmo? .. Não, não creio. Prefiro apregoar aos quatro ventos a consciência da sabedoria. Da lição aprendida. Do limite inevitável. Da mente liberta e pródiga, mais aquinhoadada do que nunca. Tão banal, nas travessuras do trânsito, um incidente desse tipo. Todos têm pressa, disparam, voam. Não sabem esperar. Não admitem perder um minuto que seja, em nome do respeito e da solidariedade. Seu alvo: o individualismo. Seu limite: a velocidade.

Tolos! Nem sabem se chegarão!. ..

Eu, por velha e lerda, cheguei!

Do livro (no prelo): Enquanto as Cigarras Dormem - crônicas amanhecidas.

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005

Título : Viramundos – a arte em trânsito

Categoria: Crônicas
Descrição: De repente, a buzina toca, o bumbo soa, a cortina se abre.

Viramundos – a arte em trânsito

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Provocar nas massas um transe coletivo. Resgatar o veio das emoções aprisionado nos caminhos da indiferença. Reaquecer o sorriso, a gargalhada, a lágrima, o choro, pela compulsão da empatia entre atores e espectadores, numa saga de máscaras e verdades.

Quando o ônibus-palco aciona os freios e se posiciona na praça, ninguém fica imune às suas vibrações. Todos se achegam devagarinho, espiam, comentam, criam expectativas. Que surpresas estará escondendo aquele pássaro colorido e singular, alçado sobre rodas, que transporta, nas asas de metal, um sonho encantado e misterioso?

Crianças, jovens, velhos - uma fanfarra de olhares curiosos, de comentários e ansiedades. Ninguém arreda pé. Todos procuram o melhor ângulo, O contato mais próximo.

De repente, a buzina toca, o bumbo soa, a cortina se abre. E eles, os mágicos da sedução, irrompem do túnel do mistério, para a companhia do sol, do vento, das árvores, dos prédios, do povo amontoado ante a miragem do palco volante.

O silêncio baixa sobre a multidão. Aquele silêncio sintomático que precede o êxtase. E ninguém mais vive o cotidiano. Todos se irmanam numa euforia ilusória que transcende o tempo e se confina no ali e agora.

A respiração suspensa. O olhar fixo no tablado. O ouvido atento às vozes andarengas. Cada palavra, cada ruído e canção, cada gesto e trejeito, são recolhidos na alma como se fosse um troféu.

Enquanto os personagens se agigantam sobre o palco, pouco a pouco catalisam os sentimentos daquela gente, assim debruçada sobre o imaginário, como se estivesse a presenciar um milagre nos degraus de um santuário.

O Viramundos é lar, veículo, camarim, ribalta. Uma mescla de despojamento e opulência, de prazer e angústia. Tal como a mãe que carrega no ventre os filhos-gêmeos de um amor sem fronteiras: o teatro e a arte - as crias desse bizarro aventureiro, nos seus bordejos pelos rincões do Brasil.

(Helena Rotta de Camargo pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005

Título : Os Monges Barbudos

Categoria: Artigos

Descrição: É uma história de ódio. Uma história triste, coberta de sangue, crivada de mortes, perseguições, torturas e medo.

Os Monges Barbudos

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Os repórteres André Pereira e Carlos Alberto Wagner, em seu livro, *MONGES BARBUDOS E O MASSACRE DO FUNDÃO*, relatam uma pesquisa que fizeram da história de um povo muito próximo a nós, no tempo e no espaço, que habitava os rincões do lugarejo chamado Lagoão, no interior dos municípios de Soledade e Sobradinho.

É uma história de ódio. Uma história triste, coberta de sangue, crivada de mortes, perseguições, torturas e medo. Mas é sobretudo uma história que a História não havia registrado devidamente. Já se passaram sessenta e sete anos desde que aqueles episódios foram enterrados na memória das pessoas, nas lembranças daqueles que participaram dos acontecimentos e dos que ouviram contar. Mas o ódio está vivo nos lugares onde tudo aconteceu. Há os filhos, os netos, os parentes dos que já morreram, alimentando esse sentimento. E há também, ainda, quem sofreu na própria carne, remoendo, mastigando essa dor.

Uma população, calculada em duas mil pessoas, foi acusada de comunista e fanática, nos idos de 1937 e 1938, no nascer do Estado Novo.

Em perseguição a esses fanáticos, chamados de *MONGES* ou *BARBUDOS*, foram mobilizados mais de 200 soldados de Porto Alegre, Santa Maria, Sobradinho e Soledade, com armas pesadas, para a repressão aos seguidores da suposta seita.

Os documentos da época são raros, mas a narrativa feita pelos dois repórteres norteia-se por registros reais: o testemunho, o depoimento de muitas pessoas que participaram dos episódios, disparando armas ou levando tiros.

O cenário é uma região de terras dobradas, com serras, pequenos rios, onde o progresso não aportou até hoje. Trata-se de uma zona agrícola que não permite as lavouras extensivas de soja, e que se contenta com o plantio do fumo, do milho e do feijão, no sistema de pequenas propriedades, ao lado de alguns latifúndios de criação de gado.

As estradas continuam tão precárias como em 1938. Só que, naquela época, o distanciamento desses agricultores descendentes de pêlos-duros e bugres do Toldo da Serrinha era bem maior. Pelo Lagoão passava uma picada que ligava Soledade ao porto de Rio Pardo, para escoamento da erva-mate produzida na região. Com o tempo, a picada foi esquecida, e tomada pelo mato novamente. São raros hoje em dia os automóveis que passam por lá, rumando de Soledade para Sobradinho, ou, em linha reta, para Espumoso. Parece que o tempo parou na monotonia do fundão - que é como chamam essas paragens.

As notícias chegam com atraso naquele interior, onde a televisão não exerce domínio e só se conhece jornal velho embrulhando pacotes. Imagine-se como era há seis décadas!

No comércio ainda sobrevive o sistema de troca: os bodegueiros fornecem os mantimentos e em troca recebem a produção de fumo, feijão e milho que se planta nos lavrados do fundão.

Cura para as doenças: só as ervas do mato e os benzimentos dos curandeiros.

Homens e mulheres casam muito cedo e têm em média dez filhos. As mortes são contadas pelo número de cruzeiros no cemitério, sem nenhuma estatística oficial.

O amparo religioso à população é precário ainda hoje, e muito mais o foi nos idos de 30, quando havia apenas uma pequena igreja católica, localizada em Bela Vista e visitada pelo padre de Soledade. Percebia-se ainda uma surda disputa pelo rebanho de fiéis, principalmente aquele formado por colonos alemães, com a fundação, em 38, de uma igreja evangélica em Bela Vista.

Não é, pois, difícil de entender como era propício o ambiente para o surgimento do fenômeno *MONGES*.

Ao considerar-se todo o contexto, a ordem econômica, religiosa e ideológica, é perfeitamente compreensível o que aconteceu com aquele povo inulto e oprimido do Lagoão. Acabou elegendo entre eles um servo de Deus, buscando esperança para suas tristes e miseráveis existências.

E foi em torno do colono chamado André Ferreira França, que se formou uma seita, cujo "fanatismo" apavorou a região inteira e desencadeou episódios sangrentos, provocando enganos, suspeitas ou pretextos de comunismo, e envolveu missões especiais de repressão, ordenadas pelo interventor Cordeiro de Farias, homem que o Estado Novo nomeara para mandar no Rio Grande do Sul.

MONGES BARBUDOS E O MASSACRE DO FUNDÃO é um livro de apenas 85 páginas, da editora Mercado Aberto. Um depoimento emocionante que vale a pena conhecer.

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005
Título : Modernidade
Categoria: Poesia
Descrição: A síndrome do progresso nos infestou de radiação,

Modernidade
A síndrome do progresso
nos infestou de radiação,
tendinite, câncer.

Tudo tem seu preço,
nessa quermesse
de códigos ilegíveis.

Nas prateleiras,
embaladas para o olhar,
ofertas de prazer e necessidade.

A avidez é tanta
que engole a própria cicuta,
na botija da besta-fera.
Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005

Título : Rio de amor

Categoria: Poesia

Descrição: Quero um rio no meu caminho ... Um rio de corpo anguloso

Rio de amor

Quero um rio no meu caminho ...

Um rio de corpo anguloso
e coração úmido de garoas,
que afague o dorso dos peixes
e renove o vigor dos flancos.

Quero um rio bandoleiro,
que dedilhe a guitarra das águas,
prabençoar, nos cômodos de sol,
o casamento das gaivotas.

Quero um rio excitado,
que borbulhe sobre as pedras,
desnudando sua pureza,
sob o dossel de líquido gemido.

Quero um rio paquerador,
que me provoque ciúmes,
ao mergulhar os olhos indiscretos
nos seios da mãe-d'água.

No meu caminho,
eu quero um rio:
de sorrisos, de canções,
de afetos, de paixões.

Quero um rio de amor ...

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005

Título : Paradoxo

Categoria: Poesia

Descrição: Quando o sol abre bolhas na pele dos gramados,

Paradoxo

Quando o sol abre bolhas
na pele dos gramados,
sangra a face dos trigais,
fere o hálito da rosa,

eu me sinto
um pouco órfã,
um pouco viúva,
um pouco morta.

Como pode o Senhor dos céus,
que gera a relva, o pão e a flor,
ferir de morte a própria cria?

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005

Título : A nau dos desvalidos

Categoria: Crônicas

Descrição: Alguém já viu outro alguém feliz, além da porta grossa, enfartada de infelizes?

A nau dos desvalidos

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Alguém já viu outro alguém feliz, além da porta grossa, enfartada de infelizes? A porta contaminada e asséptica? A porta robusta por onde a fraqueza imerge?

Se você me disser que já viu a felicidade andando pelos corredores; ou estatelada no leito frio e indolor, eu lhe respondo que é mentira. Deu pra mentir agora, depois de cruzar as areias da terra santa? O deserto requentado do Nordeste tupiniquim?

Logo você que sempre deu exemplo de sinceridade. De retidão. Nunca descumpriu o dever de casa. Tomou todos os remédios que lhe prescreveram. Eu sei que você esconde no peito um coração tão limpo, tão brando, tão sonso, que é capaz de achar que viu só pra concordar. Mas, desta vez, não confio. É falso seu testemunho. Aquele lugar é horrível. E a porta, como dizia, é o átrio do inferno.

Pare no degrau e observe. Quem entra? Quem sai? A pureza do jaleco alvejado corta os olhos e chega a provocar tontura. O estetoscópio, dependurado como um colar, ou uma medalha olímpica, conspira contra a felicidade. Engraçado, quando o choro é demais se confunde com o riso. Esgar enviesado e cheio de indefinições.

Meu Jesus Cristinho, afasta-me dessa hospedaria! Hóspede aqui não faz a fêria. Não escolhe o almoço, não tem preferências. Nem mesmo razão. Ele é um peso morto. Um vivente jogado à

precisão dos aparelhos. À tirania das bulas. Não quero deitar nessa cama, vertedouro de dor e morte! Sumidouro de gente! Pelo amor de Deus, doutor, tire-me daqui!
Agora você acredita que essa é a nau dos desvalidos? Dos cardíacos. Dos tísicos. Dos aidéticos. Dos ostomizados e safenados. Dos cancerosos e cirróticos.
Viu? Eu avisei que era um cardume de infelizes. Não adianta tapar o sol com a peneira. Ou melhor, a doença com a hipocrisia. O lugar é mesmo duro. Esquálido. Indecente. Repleto de físgadas e punções. Olho em todas as direções, e nada que me lembre a cor do sorriso, a sinfonia do canto. Água, só em conta-gotas. Festa, só a das macas trepidando os lençóis. Todos, os que sofrem e os que visitam o sofrimento, ostentam na face o mesmo estigma. Um rótulo tragicômico, onde se lê a sorte da fragilidade humana.

Do livro (no prelo):
Enquanto as Cigarras Dormem - crônicas amanhecidas

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005
Título : Tragédia urbana
Categoria: Crônicas
Descrição: Olho ao redor e alguma coisa me diz que a bomba vai explodir no shopping. Viro o rosto para o lado e percebo que as flores vão explodir na praça.

Tragédia urbana

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Olho ao redor e alguma coisa me diz que a bomba vai explodir no shopping. Viro o rosto para o lado e percebo que as flores vão explodir na praça. Quando desço do ônibus, sinto um cheiro de nostalgia no ar. Caminho até o Banco e me dou conta de que todos apertam o passo, engolem em seco, andam como sonâmbulos. Sem ver ninguém Sem conhecer ninguém.
Nem mesmo os néons que faíscam nas vitrines despertam a faixa romântica dos homens. Enchem-se os bares de gente, mas essa gente é tensa. Fechada na casca. Ri aquele riso desmaiado somente pra marcar presença. Conversa pra fraudar o estresse.
Deus meu! Que será que está acontecendo?
O sol se desmancha em carvão. A humanidade descarrila seu comboio de afetos e sonhos. Onde o sorriso sem preço? O abraço coloquial da amizade? O colo fumegando incenso? O bate-papo com o vizinho?
Todos mudos. Cegos. Apáticos. E perseguidos por diabos com patente de new collection. Nem o catador de lixo, com sua geringonça, se sente à vontade na boca do caos.
Eu disse caos? - Isso mesmo. É como defino essa ciranda de autômatos. Entes que passam sem tempo. Sem chama. Sem alma. Enquanto as ruas palpitam, os carros buzina, os expositores acenam, o mundo gira e range a perda de sua identidade. Fora do eixo. Desarticulado. Até cínico.

Rude tornou-se a vida no torvelinho dos rostos sem face. Sem nome.
Chama-se a isso progresso?
Paro. Penso. Apalpo-me ...
Prefiro chamar de tragédia.

Do livro (no prelo):
Enquanto as Cigarras Dormem
- crônicas amanhecidas

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005
Título : Quem foi rei...
Categoria: Artigos
Descrição: Não era à-toa que o livro didático se intitulava ludus. Tudo não passava, realmente, de um jogo divertido e inesquecível.

Quem foi rei...

HELENA ROTTA DE CAMARGO

No colégio das freiras o aprendizado era eclético. A uma cidadã do futuro não poderiam faltar lições fundamentais de disciplina, civilidade, aplicação aos estudos, trabalhos manuais. Além, é claro, da ênfase no esporte e na reza. Essa se fazia o dia todo: no dormitório, no refeitório, na sala de aula e antes da recreação. Mas seu ponto alto era a missa diária, cedinho, em fila indiana e véu branco cobrindo a cabeça.

A formação do caráter perpassava todas as atividades. Rígida e exigente como um compêndio de moral.

Na escola, só freqüentada pelo gênero feminino, as salas viviam atulhadas. Beirava a casa dos cinqüenta a lotação de cada classe.

Aprendia-se, no ginásio, um elenco razoável de disciplinas. Desde as ciências, a história sagrada e a ginástica, até os idiomas, pátrio e estrangeiros. Entre eles, dois vivos e um morto. Era estranho para uma garota de onze anos ter de estudar uma língua falecida. (Se morreu, por que não a deixam em paz?) Ah! - acudia prontamente a mestra -. Acontece que o latim é o pai do português.

Pois sim. Conheci pais de amigas que, depois de mortos, foram parar no cemitério e nunca mais voltaram de lá.

Mesmo assim a defunta me despertava simpatia. Seria uma atração mórbida? De forma alguma.

A gramática latina tinha o elã de provocar os brios da menina. Instigar à competição.

Desafiar a inteligência e a memória. A compreensão de seus enigmas era mesmo um ato de coragem.

Uma verdadeira provocação as suas declinações, de melódicas desinências, escandidas como se fossem versos (libri, librorum, libris, libros, libri, libris). Seus conetivos, que a gente recitava

como um cantochão em ofício de réquiem (ante, apud, ad, adversus, circum, circa, citra, eis ...). Suas conjugações verbais, que obrigavam a língua a manobras mirabolantes sobre tempos e modo ritmicamente decorado. Enfim. eram voogaia explodindo na garganta. Consoantes mudas se enfiando entre o dentes. Tudo imponente, solene, como as missas rezadas em latim.

(Sursum, corda!)

Ora, ora, depois de quatro anos ressuscitando a mais antiga flor do Lácio (também inculta e bela), e já íntima do tal idioma inanimado, passei a gostar dos seus trejeitos. E decorar tornou-se uma diversão. Um treino que me conferia, entre as colegas, o status de lingüista- mor.

A escola moderna extinguiu essa prática. Nada mais se memoriza ipsis litteris, sob o argumento de que a excelência do entendimento supera a memorização.

Mas que ela tinha suas vantagens, isso tinha. O que se aprendeu com a técnica da decoreba mantém-se até hoje, nas prateleiras do subconsciente. Basta um aceno, e tudo vem à tona com presteza, sem marcas de senilidade nem de corrosão.

Digam vocês, os familiarizados com certos padrões lingüísticos do português: o nosso velho latim é ou não é um facilitador da sinonímia e da ortografia?

E os códigos de Direito, com sua opulenta linguagem processual, não são um contínuo revitalizante de expressões e fórmulas latinas (data vênia, jus eundi, ad hoc, sine die)? - Ô língua dura de morrer!

E não me venham com a apologia do idioma universal. De sua supremacia nas relações internacionais. Nas áreas de tecnologia e turismo. E por aí afora. Nem ele, nem outros que a modernidade queira prestigiar, têm aquela consistência de semi velado mistério. De lembranças preservadas na adega da saudade, sempre dispostas a oferecer seus préstimos.

Não era à-toa que o livro didático se intitulava ludus. Tudo não passava, realmente, de um jogo divertido e inesquecível.

Do livro (no prelo): Enquanto as Cigarras Dormem - crônicas amanhecidas

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005

Título : Identidade poética

Categoria: Poesia

Descrição: Escrevo pra mim mesma, não para a fama.

Identidade poética

Escrevo pra mim mesma,
não para a fama.

Minhas palavras
são meu sangue gotejando
da punção das emoções.

Meus versos são minha prece,
diáfana, metafísica,
clamando por aragens
na aridez do abandono.

Minha temática:
o aborto e a vida;
os anseios nômades
e as certezas cimentadas
nos pilares da ousadia.

Quero papel e tinta
entre meu coração
e seus vínculos;
entre meu deus
e sua corte.

Escrevo, sim,
pra dourar minha sombra
e fermentar meus sonhos.

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005
Título : Fênix
Categoria: Poesia
Descrição: Estava certo Picasso ao prantear os destroços de Guernica

Fênix

Estava certo Picasso
ao prantear os destroços de Guernica
ferida por bombas criminosas.

Disse a verdade Kafka,
ao resgatar, em córregos de sangue.
suas narrativas de opressão.

Se o ferrão da iniquidade
inocula seu veneno no universo,
a alma humana se desintegra,
em matizes e palavras,
qual fênix abatida
que ressurgue das ruínas

para a efusão da arte.

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 31/07/2005
Título : Desejo
Categoria: Poesia
Descrição: Quero a alegria colada ao corpo, como um adesivo de aromas múltiplos.

Desejo

Quero a alegria colada ao corpo,
como um adesivo de aromas múltiplos.

Quero a alegria impregnada nas mãos,
para o ofício festivo de bater palmas.

Quero a alegria presa aos cabelos
como uma tocha a luzir na treva.

Quero a alegria calçada nos pés,
Para as caminhadas sobre o horizonte.

Quero a alegria esfregando a alma,
Como a higienizá-la das amarguras.

Quero a alegria afinando os lábios,
Para os cânticos do envelhecer.

Da revista
Água da Fonte nº 3

Data : 30/04/2006
Título : O Mario dos Pampas
Categoria: Artigos
Descrição: Devo reconhecer que, até no nome, ele era discreto e comum. Não seria Mário o masculino de Maria, o mais singelo de todos os onomásticos?

O Mario dos Pampas

HELENA RQTTA DE CAMARGO

Devo reconhecer que, até no nome, ele era discreto e comum. Não seria Mário o masculino de Maria, o mais singelo de todos os onomásticos?

Já se passaram onze anos desde que a literatura gaúcha sofreu a perda de seu poeta máximo. Entretanto, ele foi e continua sendo o maior dos nossos versejadores.

Mário Quintana foi maior no tamanho de seu sonho, na grandeza de sua alma, tangida sempre por um carrilhão de emoções, e na leveza de seu estro, capaz, ao mesmo tempo, de empolgar e divertir, criar conceitos e rasgar utopias.

São dele as célebres afirmações:

"Para o bem das águas e das almas,
assassinemos o poeta."

"O sol derrama na calçada, /
a sua bela, matinal urinada."

"O tempo é o ponto
de vista do relógio."

"Bar - o doloroso sulco
lábio-nasal junto à garrafa morta..."

"O amor é um vírus."

"A maior dor do mundo
é pente com dor de dente."

Dezenas, centenas de expressões inusitadas, de metáforas imprevisíveis, de jocosos trocadilhos, fizeram de seu texto um surpreendente estojo de diamantes.

Mário foi único. Na singeleza da vida. Na versatilidade dos temas. Na longevidade que, com o passar do tempo, tornou-o mais envolvente e mais amado.

Autêntico na maneira de encarar o fato poético, costumava afirmar que escrevia atendendo a uma íntima necessidade. Os versos que criava expunham uma sólida mensagem de apuro formal e denunciavam afinadíssima sensibilidade. A infância, como um paraíso perdido, ocupava lugar de relevo na sua temática.

Filho da fronteira

Natural de Alegrete/RS, nasceu em 30 de julho de 1906, numa gélida noite de inverno. Costumava afirmar que "seu nascimento foi a principal coisa que lhe aconteceu na vida". Era o quarto filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e de Virgínia de Miranda Quintana.

Aprendeu a ler aos sete anos de idade, através das páginas do jornal Correio do Povo. Foi nessa época também que recebeu as primeiras noções de francês. Em 1914, passou a freqüentar a Escola Elementar em sua terra. E em 1919, o Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato.

Por essa época, compôs suas primeiras produções literárias, divulgadas numa revista do colégio. Em 24, como empregado, fez uma rápida passagem de três meses pela Livraria do Globo.

Mas como seu pai precisou de seus serviços na farmácia, Mário deixou a Capital e voltou a Alegrete.

Contava com 20 anos quando o infortúnio lhe bateu à porta, levando-lhe a mãe. Em seguida, viu premiado seu trabalho "A Sétima Personagem", vencedor de um concurso de contos do jornal Diário de Notícias.

Poucos meses depois morreu também seu pai, ficando na orfandade, ainda jovem, nosso aspirante a escritor.

No caminho das letras

No ano de 1927 teve um poema publicado no Rio de Janeiro, numa revista dirigida por Álvaro Moreyra. O acontecimento abriu-lhe as portas da redação do jornal O Estado do Rio Grande, em Porto Alegre, no final da década de 20. É dessa época também sua colaboração na Revista do Globo, com escritos em vários gêneros literários.

"Palavras e Sangue", de Giovanni Papini, foi sua primeira tradução, divulgada pela Editora Globo. Começava aí sua efetiva atividade como tradutor, que cobriu uma extensa lista de autores de várias nacionalidades, sobretudo em língua francesa e inglesa.

Seu livro de sonetos, "A Rua dos Cataventos", que veio a público em 1940, alcançou tal repercussão que vários desses poemas foram transcritos em antologias e livros escolares.

A coluna Do Caderno H, escrita por Quintana e tão conhecida dos gaúchos de duas gerações, começou a circular por volta de 43, na revista Província de São Pedro. E, dez anos mais tarde, no Correio do Povo, com o mesmo título, perdurando, com alguns intervalos, até o ano de 1980.

Foi nas décadas de 40 e 50 que os trabalhos de Mário passaram a ser publicados com regularidade. Eram sobretudo canções e poemas. São desse período: Sapato Florido, O Batalhão das Letras, O Aprendiz de Feiticeiro, Espelho Mágico. Mais tarde, esses poemas foram reunidos pela Globo no livro "Poesias", já com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura do RS.

Eis, do livro citado: Soneto XVII

Da vez primeira que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...
E hoje, dos meus cadáveres, eu sou
O mais desnudo,
o que não tem mais nada...
Arde um toco de vela, amarelada...
Como o único bem que me ficou!
Vinde, corvos, chacais,
ladrões da estrada!
Ah! desta mão, avaramente adunca.
Ninguém há de arrancar-me
a luz sagrada!
Aves da noite! Asas do horror! Voejai!
Que a luz, trêmula e triste como um ai,
A luz do morto não se apaga nunca.

Prêmios e condecorações

Por interferência dos acadêmicos Augusto Meyer e Manuel Bandeira, o poeta recebeu uma homenagem da Academia Brasileira de Letras. E de Bandeira o poema "Quintanares", com o qual saudou Quintana naquela oportunidade.

Todavia, o primeiro grande prêmio a um de seus trabalhos veio com "Antologia Poética" considerada o melhor do ano de 1966. Denominou-se "Prêmio Fernando Chinaglia".

Começava assim o reconhecimento da comunidade literária ao talentoso poeta do Alegrete. A Câmara de Vereadores de Porto Alegre concedeu-lhe o título de "Cidadão Honorário". E a Prefeitura de sua terra natal brindou-o com uma placa de bronze na principal praça da cidade. Em co-edição do Instituto Estadual do Livro e da Editora Garatuja, e com introdução de Érico Veríssimo, veio a lume o livro de poesia infanto-juvenil intitulado "11 Pé de Pilão". E do grande romancista de Cruz Alta a referência: "Descobri outro dia que Quintana na verdade é um anjo disfarçado de homem. As vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora".

Ao ingressar na casa dos setenta anos, recebeu inúmeras homenagens, entre as quais a medalha "Negrinho do Pastoreio", do Governo do Rio Grande do Sul.

A partir de 1976, foram publicados, por diversas instituições, novos trabalhos do autor. Entre eles: Apontamentos de História Sobrenatural, Quintanares, A Vaca e o Hipogrifo, Prosa & Verso, Na Volta da Esquina, Esconderijos do Tempo, Para gostar de ler (6ª edição) - cotos), "O Batalhão das Letras" e "O Sapo Amarelo".

A comemoração dos seus oitenta anos de idade ensejou o lançamento de "80 Anos de Poesia", coletânea de sua produção ao longo da vida. Também em homenagem a Mário, o Museu de Arte do RS promoveu a exposição "Quintana dos 8 aos 80", onde se desvendou a sua trajetória lírica.

"Baú de Espantos" é uma obra dessa fase, com versos da adolescência do poeta e alguns inéditos, compilados pela Editora Globo. A mesma editora reuniu suas crônicas do "Caderno H" (Correio do Povo), sob o título de "Da Preguiça como Método de Trabalho".

As últimas produções de Quintana, que encerram sua vasta carreira como escritor, denominam-se: "Preparativos de Viagem", que é um bate-papo com o leitor, com reflexões sobre o mundo; "Porta Giratória"; "A Cor do Invisível"; "Velório sem Defunto"; "Diário Poético".

E, aos cinco dias do mês de maio de 1994, às vésperas de completar 88 anos, na CTI do Hospital Moinhos de Vento, nosso amado poeta, cronista, tradutor e escritor de histórias infantis, deixou o convívio de seus milhares de fãs, não sem antes registrar, com mão trêmula sobre o papel, seus derradeiros versos.

Peculiaridades

Toda a extensa obra de Mário Quintana revela um talento irrequieto e jocoso, uma invulgar perspicácia e facilidade no manejo das palavras. Ela surpreendeu os críticos de sua época e continua despertando sonhos e paixões, como se o coração de Mário e sua verve insaciável permanecessem imunizados pelo tempo.

Quintana foi um homem temperamental, que oscilava entre o bom e o mau humor. Inveterado comparsa do cigarro e do café. Morreu solteiro, levando consigo seus amores platônicos. Amou Cecília Meirelles e fez charme com a atriz Bruna Lombardi. Além delas, a eterna amada Ecilda, uma advogada porto-alegrense que foi sua paixão da juventude e perdurou até seu desenlace. Com ela se encontrava ocasionalmente na Rua da Praia, no próprio escritório da amada. Ecilda, que o conhecia mais que todos, definia-o como um "solitário na multidão".

Nos seus últimos anos, contou com os cuidados da sobrinha-neta Elena Quintana, a filha que não teve e que se tornou responsável pela preservação e organização da preciosa herança deixada pelo tio poeta.

Quanto à Academia Brasileira de Letras, sabe-se que recusou por duas vezes a companhia do gaúcho. Teria medo da sua ironia mesclada de timidez? Da singeleza beirando a displicência? Do talento impetuoso e da biografia franciscana? Ou do lirismo arguto e, por vezes, sádico? A rejeição da ABL foi um baque jamais superado por nosso imortal escritor. A despeito desse desprezo, pode-se afirmar, que foram raras as personalidades de nossas letras que receberam de seu povo tantas homenagens como Mário recebeu. Seu nome registrado em escolas, praças, estátuas, placas, instituições, ruas e bibliotecas, floresce pelo Rio Grande afora. E, a maior de todas as condecorações, foi certamente a designação do maior reduto cultural do Rio Grande do Sul, isto é, a Casa de Cultura Mário Quintana, que se orgulha de seu nome e já se prepara para as comemorações, em 2006, do centenário de nascimento desse astro da literatura gaúcha. Para nossa leitura final, uma pérola escolhida em seu livro "Apontamentos de História Sobrenatural":

Bem-aventurados

Bem-aventurados os pintores
escorrendo luz...
Que se expressam em verde
Azul
Ocre
Cinza
Zarcão!

Bem-aventurados os músicos...
E os bailarinos
E os mímicos
E os matemáticos...
Cada qual na sua expressão!

Só o poeta é que tem de lidar
Com a ingrata linguagem alheia...
A impura linguagem dos homens!

"Um bom poema é aquele que nos dá a
impressão de que está lendo a gente... e
não a gente a ele!"- Mário Quintana

Referências:

LIMA, Ébion de. Curso de Literatura Brasileira, 3º vol., Editora Coleção F.T.D.
QUINTANA, Mário. Textos esparsos e livros diversos, Projeto "Palavra Viva", Casa de
Cultura Mário Quintana, Porto Alegre.
AUTORES GAÚCHOS, nº 6, 7º ed., Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre.

Da Revista
Água da Fonte nº 4

Data : 30/04/2006

Título : Aviso de chegada

Categoria: Artigos

Descrição: Precisamente quando o crepúsculo, com seu disfarce nada convencional de atrativas nuances se apresenta diante de nós...

Aviso de chegada

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Precisamente quando o crepúsculo, com seu disfarce nada convencional de atrativas nuances se apresenta diante de nós, com a notícia de que o tempo está acabando, começam a vingar paisagens novas em nosso entorno.

A primeira reação vem das estrelas. Em vez do pisca-pisca costumeiro, tão débil que mal lhes vejo o roçar das pálpebras, elas adquirem um brilho de cometa, com direito a cauda e passeio pelo céu.

E assim começa uma procissão de carruagens luminosas, que vêm e vão, chegam e partem. Não só me acendem o caminho, mas deixam cair fagulhas, cisquinhos de ouro, que eu recolho no bernal da minha em-polgação.

Ainda sinto o crepitar das faíscas, e já um conclave, de todas as flores esparramadas pelos jardins do universo, decide soltar ao vento sua fragrância. Uma pulsão rumorosa, um infinito ruflar de asas, de cores também infinitas. Embriaguez olfativa, total.

Eu vou sorvendo, enfiando pelas narinas, até a síncope dos desejos, a quebra do mau-olhado. E pressinto a despedida da ferrugem, ao assomo felpudo dos aromas.

Mas a metamorfose está apenas engatinhando. E só pôr a emoção pra funcionar, abrir as comportas da sensibilidade, que logo-logo o céu passa a ser de brigadeiro. As nuvens se transformam naquele véu de comunhão, rendado, finíssimo, que cobria a cabeça das donzelas ao ingressarem no templo, no início do século XX. Os córregos inventam novos jogos de cintura. As avezinhas, sob a regência do sol, mais maestro do que nunca, fazem fila no alto dos fios, ensaiando revoadas, para delírio das minhas vidraças.

Restam os sinos da igreja, tão solenes como no término da guerra; os sorrisos das pessoas emoldurando a flacidez dos lábios; e as teias do coração se esgarçando à passagem da dama imperial.

E assim os elos da beleza universal se recompõem. A sensualidade dos afetos rebrota na calíça das almas. A androginia das mazelas e viscosidades se dissipa entre os vapores da manhã.

Na porta, o aviso do síndico: A primavera está chegando... Vem dar à luz seu mais novo rebento!

Da Revista

Água da Fonte n° 4

Data : 30/04/2006

Título : A formiga

Categoria: Poesia
Descrição: Amiga, olhe a formiga,

A formiga A formiga A formiga

Amiga,
olhe a formiga,
como passeia
e se ladeia,
dengosa
e charmosa,
em seu laço de tule.
em sua jaqueta de vento.

Ela faz trejeitos,
ao recolher no canteiro
um raminho suspeito,
um naco de cheiro,
que a flor vaporosa
esqueceu ao relento.

Da Revista
Água da Fonte n° 4

Data : 30/04/2006
Título : Noturnos
Categoria: Poesia
Descrição: O luar se insinua sobre a rua.

Noturnos

O luar se insinua
sobre a rua.

Nos poros insípidos
dos paralelepípedos.
Entre as moléculas da pedra
a noite medra.

Serpente viperina
dobrando a esquina.

Da Revista
Água da Fonte n° 4

Data : 30/04/2006
Título : Quero a paz
Categoria: Poesia
Descrição: Não vale ser inimigo

Quero a paz

Não vale
ser inimigo
ter ódio
fazer maldade.
Não vale
pôr de castigo
nem semear
falsidade.

Nos marcos
da trajetória
semeada
de desconfianças
quero a leveza
dos barcos
e quero a paz
da esperança.

O perdão
banindo o ódio
fé e amor
como fanal.
O amor subindo
no pódio
para o abraço
universal.

Da Revista
Água da Fonte n° 4

Data : 30/04/2006
Título : Sedução
Categoria: Poesia

Descrição: Fio magnético unindo os pólos

Sedução

Fio magnético
unindo os pólos
explodindo a luz.

Âncora jogada
ao mar de dentro
em louca procura.

Seduzida
voa a alma
nuvem branca
doce ave.

Salmos sobem.
Anjos descem.
Tangem sinos.

Faz-se a paz.

(Premiado no Concurso Poemas nos Ônibus/ Coleurb-2005)

Da Revista
Água da Fonte nº 4

Data : 30/04/2006

Título : Adeus, sonhos

Categoria: Poesia

Descrição: Na quermesse dos sonhos o artesão

Adeus, sonhos

Na quermesse dos sonhos
o artesão
de esmerado talento
expõe bugigangas
em tabuleiros de vento.

Passam nuvens
passam borboletas
fadas e ninfetas.

E os sonhos
talhados em nevoa
brisa e perfume
se evolum com elas

Vão enfeitar lapelas
de sutis vaga-lumes

Da Revista
Água da Fonte n° 4

Data : 30/04/2006

Título : Saudade materna

Categoria: Poesia

Descrição: Era feliz, ao percorrer o bosque; filosofando com os periquitos

Saudade materna

Era feliz, ao percorrer o bosque;
filosofando com os periquitos;
e, mais ainda, ao vê-los coloridos,
rasgando o silêncio com seus gritos.

Pitangas maduras como sangue
escorriam por teus dedos encardidos.
No chute ao gol eras um craque
E, no braço, um guerreiro destemido.

A corda do circo improvisado
percorrias, com ares de campeão.
E, no salto mortal, de bicicleta,
Assumias a audácia de um leão.

Um gato xucro, sem medo do perigo,
o corpo rasgavas nos espinhos.
Mas voltavas, sempre criancinha,
para a bênção da mãe e seus carinhos

Da Revista
Água da Fonte n° 4

Data : 30/04/2006

Título : O casarão

Categoria: Contos

Descrição: A casa se erguia, larga e fleumática, nas suas linhas neoclássicas. Janelas altas, portas solenes. Tudo em madeira de lei.

O casarão

HELENA ROTTA DE CAMARGO

A casa se erguia, larga e fleumática, nas suas linhas neoclássicas. Janelas altas, portas solenes. Tudo em madeira de lei.

As varandas, onde se revelava o busto emproado das donzelas, eram a vitrine das jovens casadouras.

Nada que renunciasse as grades modernas, as cercas eletrificadas, com seu cenho carrancudo de cárcere. Liberdade solta. Alegria e cor despencando das guirlandas de três-marias.

O ar e a luz, abundantes e castos, atravessavam os umbrais, se enrolavam na renda das cortinas, percorriam todos os cômodos.

Da cozinha, como de uma botica de múltiplas fragrâncias, exalava o cheiro bom das panelas, borbulhando, ao crepitar da lenha, ruidosa e seca.

A mesa de cedro, as cadeiras torneadas. Os consoles e espelhos, impecáveis na sua elegância de mármore e cristal.

E que dizer dos leitos de dosséis indecifráveis? Das cômodas abarrotadas de mistérios e requintados enxovais? daquelas garbosas bacias de louça e seus jarros não menos imponentes, de conluio com os urinóis, vigias das madrugadas, sempre a postos?

Divinamente ladrilhados, os lustres refletiam a opulência dos palácios medievais.

Tudo solene, retaco, distintíssimo.

Um prazer morar ali, naquela miniatura de castelo, encimada sempre por um sobrado, esbanjando – ou escondendo? - bugigangas: retratos de família, acessórios fora de moda, fantasmas de assustar crianças, e uma poeira respeitosa protegendo tudo...

Infelizmente, para alegria de alguns e tristeza de muitos, o transcorrer frenético dos anos, e mesmo dos séculos, se encarregou de esmaecer toda essa pompa, essa magia das casas ancestrais, com seus adornos e arabescos.

O tempo e sua voracidade predatória não pedem licença nem mandam aviso. Simplesmente se instalam e põem-se a garimpar. O trabalho é lento, mas persistente e impiedoso.

Ora é um pedaço de reboco que se desprende, ora uma viga que esmorece, ora o cupim que se aloja no assoalho.

A decadência está prestes a brandir sua marreta criminosa. Não por acaso, como poderia parecer. Mas por descaso e desinteresse. A preservação da memória não figura na sua lista de valores.

E nós passamos, olhamos, lastimamos, e seguimos, remoendo um sentimento dúbio de dó e impotência.

De repente, a surpresa: terra arrasada!...

Restos de lembranças, cacos de vida, nada mais. Nem um naco de saudade gemendo entre os escombros.

Ao comando da urbanização, da modernidade, da incorporação dos espaços nobres, num piscar de olhos, sepultou-se para sempre a fidalguia do velho casarão. Um enterro gélido, sem lágrimas nem condolências...

Da Revista
Água da Fonte n° 4

Data : 30/04/2006
Título : Ano Novo
Categoria: Poesia
Descrição: Nas velhas taças escorre a vida

Ano Novo

Nas velhas taças
escorre a vida
filtrando os passos
dos novos sonhos.

O tempo freme
no caos do infarto.
O tempo grita
sua dor de parto.

Morrem os anos.
Nascem os dias.

Da Revista
Água da Fonte n° 4

Data : 30/04/2006
Título : Renovação
Categoria: Poesia
Descrição: Um dia me cansarei de ser prudente,

Renovação

Um dia me cansarei
de ser prudente,
cordata, benevolente.

Hei de triturar minhas crenças,
debulhar a espiga das tensões,
e desabotoar,
sem trégua,
a camisa dos segredos.

Esfregarei então
nas cicatrizes do medo,
o unguento da alegria,
trocando minhas penas,
renovando-me.

Da Revista
Água da Fonte nº 4

Data : 30/04/2006

Título : Rapidinhas

Categoria: Poesia

Descrição: Para que o pássaro da liberdade venha pousar em ti, é necessário

Rapidinhas

Para que o pássaro da liberdade
venha pousar em ti, é necessário
que lhe prepares o ninho
e lhe assobies seu canto.

A vida se resume nisto:
um jogo de xadrez com o destino.
E o xeque-mate,
sempre uma incógnita.

Antes de matar o amor,
contrate um coveiro.

Oh ! como folgaria ser comparsa
dos peixes, que não sofrem sede
nem morrem atropelados.

Ser amado soa na alma como
a cantilena do vento nos cabelos

do trigo. Como o gemido da
cachoeira no torso nu da pedra.

Onde será que pernoitam
as estrelas nas noites
de vendaval?

Tirei meu time de campo,
quando a bola do ostracismo
furou minha verdade.

Falta-me aprender a ler mundo
de cabeça pra baixo.

Quando a gente parte para a guerra,
nada pesa mais no alforje
do que a esperança.

Se o diabo existe mesmo,
deve estar caquético e subnutrido.
Ninguém vive tanto tempo
digerindo caveiras e bebendo
sangue envenenado.

Quando a madrugada
começa a escrever seus
primeiros versos, os meus já
estão prontos para o almoço.

Amar é espelhar-se.
É refletir-se. Projetar-se.
O amor irradia,
duplica e reconstrói.

Da Revista
Água da Fonte n° 4

Data : 30/04/2006

Título : Troféu mèrito Talian

Categoria: Artigos

Descrição: Em razão das comemorações dos 130 anos da imigração italiana no Brasil,
realizou-se, em Serafina Corrêa...

Troféu mèrito Talian

Em razão das comemorações dos 130 anos da imigração italiana no Brasil, realizou-se, em Serafina Corrêa, nos dias 18 e 19 de novembro, um Encontro de Radialistas de Talian (dialeto falado pelos imigrantes oriundos da região do Vêneto, na Itália).

O evento foi organizado pela Assodita (Associação dos Difusores do Talian no Brasil), e teve a participação dos passo-fundenses Santo Claudino Verzeleti e Cláudio Chiaradia, que mantêm um programa semanal na Rádio Diário da Manhã, utilizando o referido dialeto como meio de comunicação. Na oportunidade, são divulgados relatos, notícias, canções, músicas, depoimentos e outros assuntos de interesse da comunidade de origem italiana.

A efetivação, em Serafina Corrêa, do IX Encontro Nacional dos Radialistas e Meios de Comunicação do Talian no Brasil, bem como do VIII Encontro do Movimento Cultural Italiano, revestiu-se de total sucesso, com a participação de representantes de várias localidades do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Através de palestras, exposições e painéis de discussão, possibilitou a divulgação do trabalho que vem sendo realizado, e defendeu a especificidade lingüística do dialeto que se mantém vivo até hoje em comunidades ítalo-brasileiras, sobretudo em regiões tipicamente coloniais.

Fizeram-se presentes no evento, como painelistas, Francisco Turra (Deputado Federal), Rovílio Costa (escritor), Roque Jacoby (Secretário da Cultura/RS), Egídio Pistore (Diretor do Vêneto - Itália), Darcy Luzzatto (escritor e editor), Oscar De Bona (Secretário do Estado do Vêneto - Itália, Representante da Secretaria da Educação/RS,) Paulo Massoleni (Presidente da Federação das Associações Ítalo-Brasileiras do RS - Fibra).

Os painéis desenvolveram os temas: Talian - patrimônio histórico-cultural do Brasil; Talian no intercâmbio Institucional; Missão Técnico-cultural da Radiodifusão; Rádio em Talian - maneira de falarlo.

O conclave também propiciou aos participantes momentos de arte e lazer, com apresentações do coro Oltrepieve de Vigo, de Cadore/Itália; e dos grupos Amicci Delia Cantoria e Speranza, da cidade anfitriã. Compareceram ainda a Federação das Associações Ítalo-Brasileiras do RS e a Federação dos Vênetos do RS (FeVêneto).

Compareceram ainda a Federação das Associações Ítalo-Brasileiras do RS e a Federação dos Vênetos do RS (FeVêneto).

A implementação de parcerias culturais e comerciais entre Itália e Brasil, com o fim de difundir cada vez mais o ensino do talian, característico da Lombardia e do Vêneto, foi também discutida e enfatizada.

Outro momento de grande significação para os participantes, foi a homenagem prestada aos comunicadores de rádio em língua taliana. Entre eles se incluem os dois de Passo Fundo citados acima, que levam ao ar, semanalmente, o programa mais antigo do Rio Grande do Sul.

Verzeleti e Chiaradia receberam, além de um Diploma, também o Troféu do Mérito Talian, que será destinado ao Centro Cultural Anita Garibaldi.

Tais premiações representam trinta anos de difusão radiofônica dos usos e costumes dos imigrantes. O programa, que é realizado ao vivo, foi iniciado por Eugênio Zibetti, na antiga Rádio Passo Fundo, com o título Passo Fundo italiano canta. Além dele, participavam também o Scotton, o Mavilio Benvegna, e, esporadicamente, alguns outros.

O início do programa se deu em 1975, por ocasião do centenário da imigração italiana. E o mais antigo do estado e conta com a abnegada participação de alguns colaboradores, cujo patrocínio possibilita a sua continuidade. E trinta anos após a sua inauguração, continua propiciando, aos ouvintes da Rádio Diário da Manhã, momentos agradáveis de entretenimento, cultura e conhecimento do talian.

(HELENA ROTTA DE CAMARGO)

Data : 30/04/2006

Título : Ícone desfeito

Categoria: Artigos

Descrição: Só depois de bem crescida... Não no sentido literal do termo, que isso nunca aconteceu.

Ícone desfeito

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Só depois de bem crescida... Não no sentido literal do termo, que isso nunca aconteceu. Mas no sentido metafórico, que evoca uma outra dimensão. Aquela do intelecto; do veio água copioso; das vertentes múltiplas, profundas.

Falo do dia em que fui flagrada pela lâmina de um punhal traiçoeiro e extremamente cruel. Um dia de luto. Pois a morte da ilusão é a mais dolorosa e irremediável das perdas.

A vida já dera voltas e meias-voltas. Volvera de uma ribanceira à outra. Trocara de rumo. Arrancara pedaços de esperança agarrada a ilhas verdes, no derradeiro desespero da preservação.

Então eu vi. Não só isso. Ouvi. Senti. E amadureci minhas reflexões na vigília melancólica da descoberta.

De concreto, foi uma jogada imoral, horrendamente feia. Sem uma gota de caráter. Crivada de intenções delituosas.

Toda a grande família brasileira postou-se à mesa das imagens, bebeu os impropérios, digeriu, estupefata e a contragosto, o indigesto e malcozido cardápio.

É nisso que dá confiar em amadores, acreditar em milagres.

Em política, não vale deixar-se seduzir. De uma vez por todas, aprendi a lição amargosa da frustração.

Era pra ser o salvador da pátria, o paladino da decência. E o que vi foi a revalidação da sem-vergonhice, com firma reconhecida em cartório. A transação mais torpe. Mais obtusa. Mais nojenta que tive o infortúnio de avaliar.

Como pode alguém chafurdar, sem nenhum pudor, na pocilga da vilania? Emborcar no esgoto da corrupção e beber de sua água fétida, com sofreguidão e prazer? E ainda posar de bom moço, jurar inocência, jogar a pecha de idiota na cara do mundo?

Nesse momento, bateu-me no peito a sensação de que era melhor não ter crescido, se o preço da evolução é tão ácido e vil.

Como poderei, de hoje em diante, encarar meus filhos com dignidade? Olhar no poço de seus olhos? Confessar-lhes que me enganei e enganei a eles?

Ó desilusão! Afasta este cálice de mim! Já estou crescida demais pra ser envenenada dessa forma, injusta e calhordamente. Agora eu sei que meus ídolos eram iodados de barro. Entupidos de moedas falsas. De projetos indecentes. De mentiras adulteradas.

Me alcancem, por favor, um balão de oxigênio! A asfixia é terrível. Não me deixem morrer catatônica, desiludida, traída! Ah, se eu pudesse adivinhar o futuro, teria permanecido

criança, sem título eleitoral, sem esperança de dias melhores, sem sonhos de contemplar o Brasil radiante, na mão de homens sérios, dignos e verdadeiros!

Ver espatifar-se o ícone: como isso fragiliza e dói!

Da Revista

Água da Fonte n° 4

Data : 30/06/2007

Título : Majestade perdida

Categoria: Crônicas

Descrição: Eles não parecem gente feita de corpo e alma, mas de fome e sede...

Majestade perdida

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Eles não parecem gente feita de corpo e alma, mas de fome e sede...

(A gente então é feita por alguém? Algum obreiro superdotado que amassa o barro e lhe dá forma de ente organizado?)

Quero ver melhor. Ajeito a mão no sobrecenho — aí! como a luz cega com o sol a pino! - estico o pescoço - será que são seres humanos como eu, de carne, osso, sangue e flatulências?

Sentados sobre a pedra já polida, de tanto o sol e a chuva a fustigarem, crianças e mulher de meia idade. A pele de um marrom azeitado, esboçando sem trégua seus genes, suas debilidades e penúrias. Negros os olhos reluzentes, como jabuticabas em ponto de colher. As vestes não negam que já cobriram outros ombros, outros seios, outros deflorados roseirais. Sorrisos, aqueles rostos desconhecem, na melancolia de sua vida desgarrada...

São da nossa raça, não, vizinho! Não se parecem com os do escritório, da loja, da clínica, do bar, da farmácia, que têm outro jeito de olhar, outro molejo nas coxas, unhas limpas e tratadas, cabelos de variados tons. alisados artificialmente.

Torno a olhar para o trio: mãe e dois pirralhos, de olhar mortiço e barriga saliente.

Será que a Filosofia explica? Ou Freud? Ou qualquer outro pensador socrático?

Meia dúzia de cestos de fibras vegetais, trançados sem muita arte, são a sua marca registrada, em meio à parafernália urbana de veículos e gente com pressa. Ali, ao relento, eles mostram, oferecem, pedem, por favor. Raramente algum transeunte pára, a fim de apreciar o artesanato e negociar a mercadoria. Fitam a bugra e os bugrinhos, soltam um suspiro de indulgência. Sem pronunciar uma sílaba, sem esboçar um gesto, deixam a cena da degradação.

Como assim? Não foram eles os donos da terra? Dos rios, das florestas, das onças e crocodilos? Não enfrentaram feras ameaçadoras, só de lança e tacape? Não nasceram livres em tabas organizadas? Não tiveram seus códigos de sobrevivência e proteção?

Como se explica então essa decadência atroz? Essa torpe e vil condição de mendigos? A ignomínia que os condena à subnutrição, à subserviência, ao confinamento de uma sub-raça?

Ontem, a harmonia, o equilíbrio, a segurança, os fortaleciam, sangue e espírito. Hoje, o abandono e a pobreza os relegam à fome, às enfermidades, à extinção.

Para eles, o progresso da humanidade nada mais significa do que um alarmante retrocesso.

Ao relegar sua cultura, seus hábitos e valores, a civilização só fez desintegrar a essência nativa desse povo, que garantiu a eles a preservação, no decurso dos séculos.

Está deveras equivocado o provérbio que nos ensinaram. Quem foi rei perde, sim, a majestade...

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007

Título : Noite caudalosa

Categoria: Crônicas

Descrição: As lágrimas começaram num pequeno córrego, com medo de aparecer à luz dos holofotes.

Noite caudalosa

HELENA ROTTA DE CAMARGO

As lágrimas começaram num pequeno córrego, com medo de aparecer à luz dos holofotes. Ninguém sobe ao pedestal para chorar, da mesma forma que não se oculta no porão o riso franco e jubiloso.

Mas a proposta de hoje é escrever sobre o choro, aquele que rasga a alma de tristeza, deixa em tiras os sentimentos mais íntimos e ainda esgarça a dor para torná-la mais andrajosa que a camisa de um andarilho.

Pois o córrego foi virando torrente... Tomou volume... Embarrigou-se de muita água, que já não era mais translúcida como na nascente. A passagem pelos degraus do apocalipse, com seus dejetos acumulados, tornou turvas as gotas e enlameadas as margens.

Elas corriam, as lágrimas, cada vez mais amargas, carnudas. E, desconsoladas, jogavam-se contra pedras e galhos, dilacerando-se, como faziam as carpideiras profissionais.

Sua densidade acentuava-se a cada passo. Golfadas mais salobras. Respingos mais gélidos. Parecia que uma mão invisível sobrepairava a cena, despejando o sal da amargura, dando tempero à crueldade da dor.

Neste momento, o arroio já amadurecera. Tornou-se uma espécie de filão, espesso e viscoso, quase imbecil. Impossível detê-lo. Amansá-lo. Convencê-lo a manter a serenidade.

Que noite mais impetuosa! De gente empurrando mesas, atropelando-se nas escadarias, gritando de desespero...

Sem luz e serri rumo, me vi no foco da multidão. Sobressaltada. O pavor engasgando... A correnteza me carregando...

Os pensamentos, como corujas agourentas, sobrevoavam minha perplexidade.

Um estampido? Foi um estampido o que ouvi? Não, não foi um. Foram três. Inesperados. Roucos. Ameaçadores. Botando sangue, gemidos, pânico.

Já se tornara uma onda líquida, agora, o meu riacho. Águas revoltas. Disparando sem freio. Sem diques nem comportas capazes de fechá-lo. Tudo descia de roldão: emoções, sonhos, projetos, esperanças... Uma turbina espantosa os triturava, remoía, naquela sinistra ciranda da morte...

Encharcado pela avalanche, o contido soluço inicial virou um turbilhão que nenhuma represa conseguia deter. E eu ali, na engrenagem mórbida do entrevero, compelida por incertezas e presságios, desdobrando meu lençinho azul, na desesperada tentativa de consolar o infortúnio, de recolher o pranto...

Nessa hora, vi meu coração, marisco solitário, submergir no caudal traiçoeiro da noite. Ele, que sempre fora lépido e vigoroso, afogou-se na enxurrada das lágrimas, desaparecendo na escuridão da tormenta...

De tão implacáveis, os látigos da tragédia o condenaram, como um filho leproso e enjeitado, a beber o fel do ostracismo. Órfão de amigos e carente de lar...

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007

Título : Ontem e hoje

Categoria: Crônicas

Descrição: Havia um mundo de possibilidades trepando a escada da nossa meninice. Uma cesta transbordante de expectativas, quando não fornida de ilusões.

Ontem e hoje

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Havia um mundo de possibilidades trepando a escada da nossa meninice. Uma cesta transbordante de expectativas, quando não fornida de ilusões. Desejo de subir. Impulso de descer. Brincadeiras sem consistência. Obediência cega.

Mocozeados sob o patamar (havia ali uma portinhola secreta), uns poucos pedaços de bons propósitos. Como o estímulo a ser uma boa menina. A observar as ordens. A falar a verdade, mesmo que doesse a língua.

A educação - que mais tarde descobri, nos cursos de magistério, como um penhor e uma salvaguarda - se apresentava entremeada de proibições. De motes incompreensíveis. Verdades absolutas. Uma ferrenha inimiga.

De boa família, a criança devia respeitar as regras. Não escutar conversa de adulto. Não espiar atrás da porta. Não falar de boca cheia. Não dormir com os pés sujos.

E ainda, manter as orelhas bem limpas. Certamente, para que as repreensões encontrassem passagem livre...

Tantas negativas e reprimendas, sem nenhum convencimento, trucidavam a personalidade em formação. Afinal, seria o mundo tão áspero, a ponto de inibir o entusiasmo, condenar o que parecia atraente e exigir sempre o mais custoso?

Na escola, reafirmavam-se os conceitos familiares. Um mar de obrigações, sem nenhuma trégua. Nem um naquinho sequer de liberdade. Intransigente a educação, nas primeiras décadas do século XX. Para as crianças mais afoitas, de temperamento extrovertido, quase uma mordaca a rigidez das normas.

Enérgicos os pais. Severos os mestres. Isso que não vivi o tempo da palmatória, que eles nos descreviam como um eficaz recurso educativo.

As crianças de hoje, com suas mochilas transadinhas, seus mini celulares enlouquecidos, seus estranhos piercings e tatuagens, cada vez mais prematuros, sequer conseguem imaginar a carranca dos costumes que cunhou a infância de seus avós.

Pai, mãe, mestre: figuras quase sobrenaturais que ninguém contestava. Tinha que querer bem, demonstrar respeito e obediência. A razão estava sempre com eles. E a gente se submetia, porque assim se processava o enredo da vida, a história do povo.

Afinal, não era isso que estava escrito no catecismo? Nos livros de histórias infantis que amedrontavam os pequenos leitores?

Desobedeça, para ver no que vai dar!

Tem bruxa traiçoeira. Tem lobo mau. Madrasta sem coração e raposa disfarçada de boazinha.

Uma blindagem quase total, que fazia a criança temer a revelação de seus dotes e pendores.

Oh! meus meninos! Se vocês apenas vislumbrassem a nossa mortificação, naquelas eras de preceitos arraigados, como entenderiam as minhas preocupações de agora!

Por que será que os homens têm uma atração fatal pelos extremos?

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007

Título : A caneta e o microfone

Categoria: Artigos

Descrição: Não sei definir em que degrau da vida decidi escrever. Se na altura dos quinze, dos trinta ou dos sessenta.

A caneta e o microfone

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Não sei definir em que degrau da vida decidi escrever. Se na altura dos quinze, dos trinta ou dos sessenta. Só o que me confere alguma certeza é o gosto de mel que sempre senti destilar da palavra escrita, desde a leitura dos remotos Juca e Chico e Sinhazinha e Maricota.

A partir do memorável ano de 1946, em que aprendi, com o professor Eduardo Becker Cordeiro, a juntar as letras do alfabeto, dando vida aos mistérios e lendas tão bem escondidos no cofre do livro, meu coração se abriu como um leque às suas emanções.

Foi esse, sem dúvida, o primeiro e forte boom da minha transa com o processo da leitura.

Outrora, uma conquista gradual, de avanços e recuos, prazer e compromisso.

Hoje, uma mania frenética que me persegue, com a impertinência de uma mosca, sempre querendo sentar. No trajeto das caminhadas... No assento do ônibus... No desconforto do quebra-luz, em plena madrugada.

Parceiros da solidão e da insônia (quem inventou para o velho apenas cinco horas de sono?), lá estão eles, sempre a postos, os três mosqueteiros: livro, caneta, caderno de anotações. Não há hora mais digna e mais fecunda.

A primeira lição aprendida: o silêncio é um grande aliado.

A segunda: nada como um texto escrito a mão, para nos conectar com a infinitude do tempo e a perspicácia das nossas lucubrações mentais.

Quando o dia salta do seu ninho escuro, para beber o leite da aurora morna, se depara com a crônica já rascunhada e o coração varrido de euforia.

Tão produtivas as horas mortas! Tão sagrado o livro de cabeceira! Tão diligente a minha caneta azul!

Paradoxal e arredio, no entanto, é o meu convívio com o microfone. Ao contrário da escrita, que é silenciosa e serena, ele é o catalisador das massas. O pregoeiro sibilante das alvíssaras ou desgraças alheias. A catapulta do aplauso e da vaia.

Não me sinto à vontade em sua presença. Ele me parece um ditador cruel, sempre prestes a rasgar as carnes e expor as entranhas do sujeito. Ou um abutre, a fim de sugar meu sangue até me tornar anêmica.

Preconceito ou inibição - seja qual for a causa psicologicamente estabelecida devo confessar: minha estabilidade interior é muito mais propensa ao discreto mutismo da caneta que à algaravia do ardiloso mensageiro da voz humana.

Apenas por uma questão de justiça, presto a ambos a minha admiração...

(Helena Rotta de Camargo/ Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007
Título : Cisne
Categoria: Poesia
Descrição: Desliza no lago

Cisne

Desliza
no lago

o azul
da canção...
Afágo
de cisne
roçando
a paixão!

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007
Título : Rescaldo
Categoria: Poesia
Descrição: O ciúme queima

Rescaldo

O ciúme
queima
o afeto.
E mudo
o afeto
seca.
Em cinza
acaba
tudo.

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007
Título : Saciedade
Categoria: Poesia
Descrição: Pingam meus sonhos

Saciedade

Pingam
meus sonhos
sobre a alma.
Lava-se
a alma
de suspiros.
Alvejam
os suspiros
sua sede.

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007
Título : Superação
Categoria: Poesia
Descrição: Es-pi-ca-ça-da A pomba

Superação

Es-pi-ca-ça-da
A pomba
rompe o véu
e c-a-i...
Em dor
prostrada
ainda sonha
com o céu
e v-a-i...

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007
Título : Mãe
Categoria: Poesia
Descrição: Mãe Nuvem

Mãe

Mãe
Nuvem
raio
chuva.

Gêmen
galho
fruta.

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007
Título : Vida
Categoria: Poesia
Descrição: Pulo de gato.

Mãe

Mãe
Nuvem
raio
chuva.

Gêmen
galho
fruta.

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007
Título : Poema
Categoria: Poesia
Descrição: Relâmpagos que riscam

Poema

JUREMA CARPES DO VALLE

As palavras fluem rápidas
Para a folha alva
Escrevo versos brancos e livres
Com a singeleza
De quem colhe folhas campestres
E a liberdade
Dos pássaros em vôo
Nada me preocupa
A não ser minha imagem.

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007

Título : Trocadilhos

Categoria: Poesia

Descrição: Doidos os rumores

Trocadilhos

Doidos
os rumores
que defloram
as flores.

Falsos
os radares
que espionam
os mares.

Livres
os laços
que germinam
abraços.

Puros
os beijos
que amamentam
desejos.

Da Revista
Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007
Título : Noite
Categoria: Poesia
Descrição: Desço a es

Noite

Desço a
es
ca
da
ri
a
do
so
no
nos braços
lassos
de Morféu.

Da Revista
Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007
Título : Melodias
Categoria: Poesia
Descrição: O rouxinol assobia na janela.

Melodias

O rouxinol assobia
na janela.

Uma escala
de sons musicais.

Tempo novo
e tempo velho
se saudando
se abraçando.

Ópera
balada
madrigal.

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007
Título : Dicotomia
Categoria: Poesia
Descrição: Basta um canto para o pranto

Dicotomia

Basta um canto
para o pranto
se esgotar...

Basta um santo
para o canto
despontar...

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007
Título : Falseta
Categoria: Poesia
Descrição: Pés de chumbo.

Falseta

Pés de
chumbo.
Boca
torta
Riso
sujo.
Alma
morta.

Da Revista
Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007
Título : Carestia
Categoria: Poesia
Descrição: A fome tilinta

Carestia

A fome
tilinta
no bolso
vazio.

Mastiga
o ruído
do rouco
sonido.

Tá magra
E com frio.

Da Revista
Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007
Título : Desabafo no reino da vassoura
Categoria: Crônicas
Descrição: Talvez alguém se proponha a excomungar-me do rol das pessoas disciplinadas.

Desabafo no reino da vassoura

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Talvez alguém se proponha a excomungar-me do rol das pessoas disciplinadas.

Pouco se me dá ser alvo de elogio ou de crítica. Basta-me a louvação da consciência que, no meu caso, é amicíssima do bem-estar.

Pois é imbuída dessa prerrogativa que me arrego o direito de falar mal dele, esbravejar contra suas más-criações, rogar-lhe pragas, muitas pragas.

Desconheço quem seja mais imundo, dissoluto, deletério.

Onde menos se espera, aí está ele, na rua, na calçada, na escadaria do prédio. Mancha a esmeralda dos gramados, a fidalguia dos parques, o lustro dos corredores escolares.

E os há de todas as modalidades. Viscosos e rijos, fétidos e grudentos. As vezes pontiagudos, outras retorcidos. Quando não plenamente deformados de impurezas congênitas. Seu mau hálito me sobe pelas narinas e alcança patamares de vertigem. Ou se esgueira pelos olhos, em forma de lombriga, que vem de ninhada para me atazanar.

A simetria da beleza, os matizes da alegria, são mortalmente feridos e sangram, como se chorassem o elo rompido.

Como pode ser tão pegajosa a mão feita para saudar o amigo, encher o vaso de flores, afagar o rostinho da criança, escrever versos de amor?

Um prato cheio para o resfolegar dos vermes. Um pacto vil de parceria com as epidemias.

E, na raiz de tudo, o homem. O homem desarrumado, morrinhento, inescrupuloso. Que não vê além da sua hora, do seu metro quadrado, dos seus quinhentos mililitros. Vive na noite do atraso, quando a realeza do sol já desfila sobre a fosforescência de um progresso prodigioso e multifacetado.

Por quais trilhas tortuosas vem-se embrenhando a educação, que já não cumpre seu papel de guia, de salvaguarda da vida, de coletora de cidadãos ordeiros e assediados?

Não quero e não posso compactuar com ele, esse despudorado forasteiro, que não respeita nem a súplica das fontes, nem as lágrimas do campo-santo. Já vi muito cataclismo, neste meu longo caminhar, mas feiúra assim tão feia não carecia de ver.

Sinto o coração enfartar, quando topo com ele atravessado em meu caminho, zombando de meus conceitos, displicente e provocador. E o amaldiçoar, no auge da minha beligerância. Quero vê-lo derrotado e maldito, sem forças sequer para o último suspiro. Faço questão de sentenciá-lo, mas amargando os dejetos com que empestou os caminhos da terra, e comendo o pão que o diabo amassou, pois lugar de lixo é no aterro do Belzebù...

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007

Título : De mulher para mulher

Categoria: Crônicas

Descrição: Quem, de vez em quando, não sofre de solidão? Não se olha no vidro da vidraça com ar de abandono?

De mulher para mulher

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Quem, de vez em quando, não sofre de solidão? Não se olha no vidro da vidraça com ar de abandono? Não se deixa levar por um sem número de indefinições, desconfiças, receios? Tudo isso está arraigado em mim. E mais: há dias de completa inapetência, outros de uma fome devastadora. Entre ambas, a determinação de respeitar a dieta. Comer e beber só o que é de direito, jogando a culpa do exagero no balde coletor das transgressões.

Quem topa com a gente no dia-a-dia, deseja o nosso abraço, sorriso, aperto de mão, uma palavra de mel. Todavia, nem sempre estamos a fim de falar doce, mostrar a dentadura perfeita e, muito menos, de emitir calor a toda hora. Se o músculo do coração congelou de tanto patinar no gelo, e a túnica da alma desbotou de tão castigada pelas intempéries, que nos sobra para expor e oferecer?

Sempre que sinto minha concha fechar-se, pactuo uma trégua com minha habitual afobação. Empurro-a para aquele vão sonolento espremido atrás da porta. E conclamo meu desejo de apatia, quietude, isolamento. Desligo tudo o que me remete a compromisso, relógio, telefone, campainha, computador... Sozinha com meus pensamentos, dou-me tempo para jogar baralho com as emoções. Rever escritos embolorados na gaveta. Descartar tudo o que me algema edar um ultimato àquela coisa feia que é o instinto de vítima.

O que acontece então é um rito de catar-se, uma completa ablução. Chego a ver meus demônios se desgarrando do peito, com seu cardume de filhotinhos engarupados, e saltar pelas janelas, e sumir no vazio. Derrotados. Fragilizados. Imolados.

Por sorte, ninguém se dá conta da minha reclusão. Nem mesmo a sirene da ambulância, o apito do guarda, o chavão do entregador de gás. Todos reverentes ao meu apelo de segregação. A meu banho de silêncio. À minha faxina exotérica, confidencial.

Que descoberta fantástica a abstinência de povo! Suas vozes, gestos, apelos, cismas. Tudo uma colméia zumbindo eatordoando a paz!

Se você ainda não trinchou as horas, não varreu de sua rotina aquela letalidade gosmenta como a crosta das lesmas, faça logo a experiência. Largue tudo o que a antiga musa canta, feche o casulo com cola e parafuso, deixe a mente fluir, levitar...

Ela irá sacudir o pó das agruras, preencher os buracos descobertos, estocar energia no seu cofre de amores. Tudo será amainado. Desde a tosse intermitente da culpa, até o excesso de zelo típico da maternidade.

A reflexão tem esse peculiar atrativo. Esvaziar, abastecer. Tirar, repor. Você se sentirá de novo uma piúma, uma aragem. Fará novos contatos com seu subconsciente. Disciplinará sua desordem interna e ex-terna. Aquilo que lhe parecia perda de tempo se apresentará como uma âncora, soerguendo entusiasmo, vibração. Nós, mulheres, somos milagrosas. Até das pedras tiramos leite. Ordenha de mãe, de amiga, de amante. Alma livre para servir, voar, sorver a felicidade.

O dia brilha. O sol me saúda na janela. E a vida recomeça seu ciclo.

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007

Título : Luz e treva

Categoria: Crônicas

Descrição: O sol ergue o oceano banhado e lírico. Parece uni deus entronado sobre os altares do Olimpo.

Luz e treva

Helena Rotta de Camargo

O sol ergue o oceano banhado e lírico. Parece uni deus entronado sobre os altares do Olimpo.

Ao rasgar o penacho das ondas, quebra a monotonia da imensa arena. E seu canto de guerra afogueia envergonhada espiando entre os dentes da pedra.

Recém desfeito, o véu da escuridão se dilui nas águas, tão impreciso quanto nostálgico.

O dia gêmeo da noite. Irmãos de sangue e de mistério.

Como afirmar qual o mais belo, mais surpreendente?

Escalei-me como amante de ambos. Desejo-os com igual fervor. Um ao relento, outro a sombra. Na sua, presença, sinto-me engasgada de prazer. Como uma cisterna coletora de raios. De emoções. De expectativas. Lubrica e envolvente. Nua e transviada.

Oh! Meus cofidentes da letargia e do orgasmo! Prôceres da minha audácia!... Chaves da miha ebulição!...

Busco-os no colorido da aurora e nas nervuras negras do sono. Nas mãos que colhem aromas. Nos seios que arfam entre os lençóis.

Esplêndida cumplicidade! Sol e lua. Ímpeto e suavidade. Posse e entrega.

Cá estou a dedilhar pétalas e empilhar estrelas. Ora desperta, ora sonâmbula.

Beligerante ou enlevada. As mãos despecado lides e o coração rumorejando afetos.

Ífimas, desintegram-se as partículas do ódio, que os critais do amor fulgem com redobrada intensidade. Ofuscantes. Soberanos.

Sou guardiã do dia e da noite. Paladino da claridade e da penumbra.

E, reabilitada por seus sensores, deslizo sobre a esteira do tempo, como os fluidos da primavera, que acionam minha combustão e lubrificam as hélices do meu vôo.

Luz feérica e treva fosca: o coquetel de iguarias que me aguça o olfato e o paladar, desde o nascer da miha evolução...

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007

Título : Roda d agua

Categoria: Crônicas

Descrição: Quem de nós, guardiões do bucolismo e suas lendas, não bebeu da seiva que perpassa o farfalhar dos campos?

Roda d'agua

HELENA ROLLA DE CAMARGO

Quem de nós, guardiões do bucolismo e suas lendas, não bebeu da seiva que perpassa o farfalhar dos campos? Não se arriou num bosque de cerejas, pitangas e guabiobas? Não se imantou com o hálito da brisa e o rumorejo intermitente do riacho?

Pois é disso que se irriga o coração do poeta.

Ao perambular pelas trilhas da emoção, vestidas de sol ou de sombra, ele se encharca de cicios e se excita com o requinte das paisagens calidoscópicas.

Uma delas - que marcou minha meninice como esta cicatriz na mão esquerda (ô faca de sapateiro, metida a descascar cana, afiada você, hein?) - perdura ao longo das décadas e renasce, nitidamente, no saudosismo que volta e meia me atropela.

Vejo-me, com minha tia Livide (onde será que a vovó cavoucou esse nome esquisito?), descendo o lombo do morro. Um chapéu de palha, artesanato da nona Tranqüila (e ela era mesmo o que diz o nome!), enfiado até as sobrelhas. Os pés bebendo a sede, na água filtrada do arroio. Que fresca! Que transparente! Tal qual as nossas aventuras infantis.

É claro que a incursão pelo mundo líquido tinha uma mela: descer até encontrar a roda, onde a água saltava, espumava, executando uma dança que chegava a ser doce de tão melodiosa. Tinha degraus aquela roda e girava continuamente, sem nenhuma alavanca ou sistema de rotação.

Só as golfadas d'agua eram suficientes para dar-lhe impulso e ordená-la a cantarolar. E ela descia saltitando, seus jatos amansando as pedras, as marrecas embriagadas de sua cantoria. Agora, que aprendi a decifrar os códigos do sentimento, não me surpreende a empolgação do cenário mágico que, nos velhos tempos, não sabia interpretar. Apenas sentia, nos espaços vazios da alma, que aquele recinto, denso de apelos sobrenaturais, me provocava as mesmas sensações dos momentos de oração e prece, ao freqüentar a igreja.

Hoje sei que é uma poeta a roda d'agua. E a vida, sua inspiração. A vida que desliza, corre, salta e vence. A vida que dança, estremece, gargalha e chora.

E, ao cabo da ruidosa travessia, o remanso das águas, a bonança da paz...

Eis a imaginação jorrando copiosa. Eis a sede saciada. Eis o poema pronto.

(Helena Rolla de Camargo, Academia Passo-fundense de Letra.)

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007

Título : A ilha da paz

Categoria: Crônicas

Descrição: O que eu quero mesmo, agora que ultrapassei a barreira das emoções perigosas, é uma vida pacata e sem sobressaltos.

A ilha da paz

HELENA ROTTA DE CAMARGO

O que eu quero mesmo, agora que ultrapassei a barreira das emoções perigosas, é uma vida pacata e sem sobressaltos.

Gostaria de morar numa ilha longínqua, igual àquelas dos contos-de-fada. Não por seu isolamento ou bucolismo, mas por seus mananciais de serenidade, se oferecendo continuamente, sem medo de serem violentados.

Aqui onde estou, vivo em suspense, espremida por ameaças, dentro e fora de casa.

Quando estou dentro, me visto de trancas, dúzias de fechaduras, ferros, alarmes, encouraçada como um gladiador medieval.

Refém de sistemas falidos, tornei-me uma prisioneira do medo.

Se estou fora, me agarro à bolsa como um polvo, desconfio de tudo e todos, aperto o passo e a tensão.

Estou cercada de inimigos.

Oh! a minha ilha isolada, com seus gramados e arbustos, seu colar de águas a espelhar meu remanso, seu sol de poucas brasas e sua lua cheia de simpatia, apostando comigo a vitória da plenitude!

A cidade, que se transformou num covil de malfeitores, é agora a face escura da terra. Perdeu o encanto da convivência- Rompeu os vínculos da cortesia. Espalhou o ranço do anonimato entre mim e os vizinhos.

Digam-me vocês, que encarnam a modernidade, que são seus reis e seus vassalos, comendo o pão diário da insegurança, se não tenho razão em me sentir acuada.

Para que servem as instituições? Os códigos? As declarações de direitos humanos?

Omissos e coniventes, pendem mais à defesa dos ímpios que à proteção da gente de bem.

Nossas crianças, nossos jovens, nossos velhos: onde o viver saudável, o lazer seguro, a liberdade das gangorras ecaminhadas na praça?

E a nós, construtores da sociedade, geração marcada pela desconfiança, que andamos como robôs, entre matilhas de lobos, o que nos reserva o dia de amanhã?

Pelo sim pelo não, continuo na ilusão de encontrar a minha ilha deserta...

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 30/06/2007

Título : A musa da emoção

Categoria: Crônicas

Descrição: Esse é o poeta, o solitário, o notívago, a caldeira ardendo de paixões.

A musa da emoção

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Longe do abraço deletério do sol, e perto, muito perto, do aliciante cafuné da lua, ele se debruça sobre a folha em branco, onde desembrulha sua inspiração, pondo à mostra a fragrância e o mistério das madrugadas, na profusão da alma tangida pelo silêncio.

Esse é o poeta, o solitário, o notívago, a caldeira ardendo de paixões.

Avesso às equações matemáticas, à tabela periódica dos elementos, às cartografias geográficas, e até mesmo ao ardiloso entrevero da sintaxe, ele só quer, de fato, mergulhar no vácuo da insônia e deflorar a calmaria, para dela extrair a emoção, o sentimento, a harmonia, o ritmo, e por esse meio decifrar o enigma do poema.

É literatura o que ele faz? Têm algum proveito as suas metáforas? Os seus trocadilhos? As rimas, pobres ou ricas? Os versos, monossilábicos ou decassílabos?

O leitor que o diga, refém do enlevo que o invade, e da comoção que se dilui entre os cascalhos, quando do seu caminhar sobre o imaginário das estrofes.

Pouco importa ao poeta se nem todos apreciam a nostalgia das suas divagações, o piangente fluxo das suas mágoas ou a fragorosa imprecação do seu protesto.

Ele sabe e, mais que isso, sente, que o homem, por mais racional que se mostre, derreia seus conceitos e suas armaduras diante da esfinge do amor.

E a poesia é amor, é beleza, é encantamento. Talvez um dos mais gratificantes remansos para o cansaço do espírito e do corpo. Como elo de identificação, ela aproxima os seres humanos, desvanecendo suas diferenças.

Resistir ao seu elã é como fechar-se em copas para as emanções da vida e esconder-se da própria imagem refletida no espelho.

A poesia não está nas páginas dos livros e revistas especializadas, nem reside nos versos escritos em murais ou janelas de ônibus. Ela está entranhada no mundo, subjacente aos objetos, cenas e fatos do cotidiano, bem como nos cacoetes do coração. E se corporifica através dos entes, vivos e inanimados - os homens, os bichos, as plantas, o cosmo, as montanhas, os rios. Grávidas de significados, as palavras poéticas projetam inúmeras leituras e possibilidades, e esticam seu condão mágico para além das fronteiras do espaço e do tempo.

Quando Drummond escreveu, em A ROSA DO POVO: "Chega mais perto e contempla as palavras./ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra"- conceituou, com precisão, a natureza do poema.

Por sua vez, Rainer Maria Rilke, em CARTAS A UM JOVEM POETA, revela sua compreensão do fazer poético, dizendo: "Para escrever um simples verso, é preciso ter a alma aberta para o vôo dos pássaros, e ser capaz de perceber o gesto das flores que se abrem ao amanhecer..."

E Byron referiu-se à poesia com uma comparação fantástica: "O verso é como o bote de uma fera".

Obviamente, a primeira condição para que essa magia do poema aconteça é uma apurada sensibilidade e reciprocidade de sentimentos. Diria mesmo que é necessária uma cumplicidade amorosa entre autor e leitor. Interação essa que é também favorecida pela capacidade de síntese de quem escreve e pela boa qualidade do texto. A utilização de imagens e figuras semânticas, pela exploração dos múltiplos significados que se escondem no escaninho das palavras, pode ser considerado o bê-á-bá da arte de compor versos.

Em suma, o verdadeiro poeta é um artífice das emoções, um olheiro perspicaz, um inventor de símbolos, um interlocutor do silêncio que, ao criar um vínculo afetivo com o seu leitor, o faz partícipe de sua obra.

Ouso afirmar, finalmente, que o poder de sublimação e catarse que tem a poesia, bem como o seu trânsito entre os canteiros da emoção e dos afetos, conferem a ela um papel relevante na humanização da vida. No mundo de incertezas, medos e contradições em que vivemos, ela pode contribuir, sem dúvida, para o aperfeiçoamento das relações, afrouxando os nós da intolerância e borrifando cordialidade e paz entre os homens.

Eis, em síntese, a essência da poesia e do poeta.

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte nº5

Data : 31/12/2008

Título : Hino da academia Passo-Fundense de letras

Categoria: Letras de Música

Descrição: Por Deus predestinada a ser semente, florindo em versos, teses e canções.

Hino da academia Passo-Fundense de letras

Por Deus predestinada a ser semente,
florindo em versos, teses e canções.

Cultura e educação como legenda,
traçaste o rumo a muitas gerações.

Refrão: Academia de Letras,
de vultos e de ideais,
que o nome de Passo Fundo
há de exaltar sempre mais.

O manto protetor da liberdade,
a fé de um povo obreiro e lutador,
forjaram teu destino nesta terra
marcada pelo brio e o destemor.

O trigo que farfalha pelos campos,
as matas que refrescam nosso ar,
nos teus fecundos anos de existência,
cumpriste tua missão de semear.

Letra: Acadêmica Helena Rotta de Camargo

Música: Acadêmico José Antônio Machado(Pablo Morenno)

Data : 31/12/2008

Título : Uma bola, uma paixão

Categoria: Crônicas

Descrição: Houve um tempo, um tempo de muitas folgas e poucos divertimentos

Uma bola, uma paixão

Houve um tempo, um tempo de muitas folgas e poucos divertimentos (mas isso já faz bem mais que meio século, espichado e bem vivido!), em que quase nada havia para se gastar as horas, nas sagradas tardes de domingo.

Daí a importância do esporte, do único esporte que se conhecia, naquelas paragens bucólicas. Gente grande e gente miúda eram arrastadas por ele até a beira do tapete verde, que ondulava e faiscava como se o tivessem lustrado com parafina.

Ali se presenciava uma disputa pacífica, sem olas, pancadaria, ofensas à mãe. A torcida estava mais para devoção que para arruaça.

Só quem não comparecia eram as senhoras, consagradas que foram pela aliança matrimonial do recato. Seus deveres eram outros. Suas diversões também. Se é que se pode chamar de diversão limpar bumbum de neném, pôr a casa no lugar, consertar a roupa esfolada de tanto uso, tanta água e barra de sabão.

A turma se reunia um grupelho de meninas irrequietas (não pensem que, só por ser antigamente, éramos todas umas tontas! Um pouco, sim, mas nem tanto...). E, de mãos dadas numa corrente – isso nos garantia segurança, unidade, presença -, buscávamos o melhor lugar junto à cerca de arame.

O céu olhava de longe com uns olhos de azul soberbo. As nuvens, por sua vez, raramente apareciam para conferir o placar do jogo. E o vento, quietinho. Só de vez em quando zigzagueava pelo cercado um zéfito primaveril que adocicava a tarde.

Como não escancarar todos os sentidos do corpo e da alma àquelas emanações tão fluidas quanto sentimentais?

A torcida feminina, um pouco menos barulhenta que a dos moleques, queria mesmo era mostrar a cara e dar vazão a suas emoções, sempre tão reprimidas, tão condizentes com as convenções familiares e sociais. A bola tornava-se, assim, uma defloradora dos bons modos, da discipulação, da contenção cotidiana.

Presumo ter sido essa descarga de adrenalina represada, essa fuga de limites rigidamente impostos, o fator determinante da paixão que a esfera de couro fazia explodir nas vozes, nos gestos, nas palavras de ordem. Um trejeito mágico se desenhava nos pés dos jogadores, quando corriam, muito arrojo e pouca técnica, envergando um calção que mal cobria as virilhas. Uma visão feérica, que provocava comichão na garganta e febre no corpo. Um delírio que punha em fuga o pudor provinciano daquelas meninas habitualmente bem comportadas.

Não sei definir se era a própria bola, por seus requebros contagiantes, ou o esquisito malabarismo dos atletas, ou a momentânea sensação de liberdade que o jogo despertava a causa desse namoro prematuro com aquele ente simbólico e promíscuo.

Falando sério: o futebol é um esporte rude, truculento, de safanões e pontapés. Sua capacidade de seduzir as multidões, que o torna o ópio do povo, resulta, sem dúvida, da empolgação coletiva que salta do bico das chuteiras, quando os pés rabiscam estrelas no chão de esmeraldas...

E eu, aqui e agora, a narrar uma novidade velha, tão gasta que até perdeu a cor... O antigo encantamento é só bruma, silêncio, saudade. Uma faísca teimando em se manter acesa, para não perder, nos flancos da disputa, o derradeiro rebote da paixão.

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 31/12/2008

Título : Vida reciclada bulhante de dádivas

Categoria: Artigos

Descrição: Quando contemplo a árvore em sua esvoaçante túnica de esmeraldas,

Vida reciclada bulhante de dádivas

Quando contemplo a árvore em sua esvoaçante túnica de esmeraldas, digo-lhe da minha satisfação em tê-la perto, em contar com sua cumplicidade, em saudá-la todas as manhãs. É um prazer vizinhar com ela, que não me vira a cara se estou azeda, não me pede livro emprestado, nem me agita o sono no fastio da madrugada.

Eu sei que ela é bem educada por natureza. Que é discreta e comedida. E jamais fará fuxico em meu ouvido. Às vezes até me corteja com uma nova brotação, um cheiro mais penetrante, uma dose maior de afeto e bem-aventurança.

Nos dias de vendaval, quanto a sinto se retorcer em cólicas, corro à janela a fim de consolar sua angústia. Ela percebe meu desvelo e se tranqüiliza. Afinal, tudo neste mundo de Deus tem uma razão superior, e não fica bem a uma árvore entregar-se à histeria e perder a compostura. Então sorrimos uma à outra e nos jogamos beijos, naquele muxoxo só nosso, que ninguém mais percebe, pois não compreenderia.

Santa protetora nos dias escaldantes! Amiga confidente nas curvas da indecisão! Fiel escudeira contra o mau-tempo e o mau-olhado!

Confio integralmente nela, pois sei do seu nobre caráter, incapaz de rebeldia ou de vingança, e sempre predisposta a um gesto magnânimo.

Quantos passam por ela, respiram sua acolhida branda, salpicam-se de ar puro, e partem... Não a percebem, não a tocam, nem lhe agradecem. O ser humano é mesmo um bronco. Que lhe aproveita a lardeza do pensamento? A secura do sentimento? Ou a casamata da trincheira? Ele é deveras um órfão de carinho, por não ser capaz de decifrar, absorver, apalpar as pulsações da natureza borbulhante de dádivas.

É preciso entender os cacoetes da árvore, para que a seiva penetre o pomar da alma e o faça amadurecer. Só as fragrâncias, as tonalidades, os sabores, cooptam para o bem-estar as nossas vicissitudes.

A árvore também sonha, também ama. Igualzinha a mim. Daí o nosso convívio harmonioso, sempre coloquial, como as manhãs ácidas de sereno que têm gosto de morango colhido antes da aurora. Por isso dei a minha amiga um nome, que remete à profilaxia de seus dotes terapêuticos. Mas ele é um segredo só nosso que, por ciúme, não revelarei. Quanto àquele banco no canteiro da rua, criou-se entre nós uma parceria, nessa aventura de aspirar a clorofila e sorver o mel. Eu me recosto e olho em derredor. Sobre as nossas mazelas se debruça a planta, sólida e desejada. Sua sombra nos purifica, e abençoa o tempo da nossa comunhão. Meu banco, minha árvore!
Amigos de fé, recicladores da vida!

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 31/12/2008

Título : Proibição

Categoria: Poesia

Descrição: É proibido andar no mundo da lua; Chorar sobre o leite derramado;

Proibição

É proibido andar no mundo da lua;

Chorar sobre o leite derramado;

Procurar agulha em palheiro;

Entregar os pontos.

É proibido tapar o sol com a peneira;

Remar contra a correnteza;

Amarrar cachorro com lingüiça;

Pôr lenha na fogueira.

É proibido ser um chato de galochas;

Dar murro em ponta de faca;

Levar desaforo pra casa;

Trepar pelas paredes.

É proibido servir a dois senhores;

Confundir alhos com bugalhos;

Ser Maria-vai-com-as-outras;

Meter a mão em cumbuca.

É proibido ser amigo do alheio;

Dormir com as galinhas;

Queimar o último cartucho;

Pisar na bola.

É proibido proibir.

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 31/12/2008

Título : Ode aos 150 anos

Categoria: Poesia

Descrição: Foste outrora um menino travesso, saltitando nas asas do vento...

Ode aos 150 anos

Foste outrora

um menino travesso,

saltitando

nas asas do vento.

E, se as águas do rio

te acenavam,

eras riso e cantiga

e lamento.

Já crescido,

aprendeste a ser livre,

ao pugnar na defesa

da terra.

A altivez dos pinheiros

por mote,

descobriste a bravura

na guerra.

Homem feito,

abraçaste a doutrina

do progresso,

na enxada e no malho.

E nos muros da história

gravaste

um legado de fé

e trabalho.

Vitorioso,

desfraldas agora

as conquistas do rifle

e da mente.

Passo Fundo,

o porvir te sorri,

na esperança e no amor

de tua gente.

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 31/12/2008

Título : A velha do rádio

Categoria: Contos

Descrição: Todos os dias e o dia todo, ela senta no mesmo lugar.

A velha do rádio

Todos os dias e o dia todo, ela senta no mesmo lugar. Na companhia apenas de um radinho de pilha, fora de sintonia, tocando músicas chiadas. Por vezes, acho que a vida parou ali. Na esquina do prédio. Na porta do Banco.

Como uma criança quando embala a boneca, a velhinha embala o corpo assentada na pedra fria. Mais gélido que ela, só o olhar dos transeuntes.

A mística da solitária mulher tem uma causa: o abandono. E uma conseqüência: a indiferença. Ninguém que passa por ela tira do peito um cumprimento gentil. No máximo tira da bolsa uma moeda. E oferece de longe, para não sentir o bodum, que traçou um círculo ao redor da pobre. Um círculo que ninguém deseja romper. Que todos tratam de respeitar.

Ela e seu radinho. Ela e seu corpo rijo ao som gasto duma canção qualquer. Ela e seus olhos fixos que nem sabem em quê. A visão morta de quem desaprendeu a percepção. Uma vela no toco. Semiderretida.

Não creio que tenha família, lar, afeto. Sua casa é a rua. Seus entes, as pessoas que passam sem percebê-la, menos ainda, senti-la.

Contudo, a velhinha parece feliz. Ali, no seu espaço tradicional.

Afinal, um lugar reservado para ver o mundo, cheio de gente, de cores, de coisas indecifráveis que riem nas vitrines, é um privilégio!

Esse é, de fato, um quadro legítimo. Aqueles pintados a mão, óleo sobre tela, são perenes, imutáveis. Não enrugam. Não cai a cor. Ao passo que, corpo de gente sobre a mureta da calçada, pode não estar ali amanhã. E alma de gente, então, dessa gente sem eira nem beira, quem sabe desvendar o fatalismo do seu futuro?

Eu dizia que é legítimo o quadro. E explico: Nele mora a verdade, incisiva e arguta. Muda e loquaz. Nele a alma sem máscara, o corpo sem truques.

Pois não é que a velha do rádio me faz lembrar dos filósofos? Das suas intrincadas teorias? Dos seus sofismas mais que retorcidos?

Enquanto outros circulam diante daquela figura tosca, alheios à sua beleza cáustica, cá estou eu, alcoolizada na contemplação, fora do ar, digerindo a cena da crua e infensa degradação.

Isso que fomos criados, segundo as escrituras, à imagem e semelhança de Deus...

Fico imaginando, se assim não fosse, como seria a velhinha? Uma bela dama sobre um salto agulha? Coberta de balangandãs? Sorrindo da própria elegância?

Vocês estão percebendo: tenho mesmo uns repentes sado-masoquistas. Gosto mais da velha do rádio. Do seu olhar intacto, da tez curtida, da saia sem corte, do som cabreiro.

Estou satisfeita. Hoje foi um dia especial. Daqueles que casam com nosso destino e o marcam para sempre.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 31/12/2008

Título : Para leitura e reflexão

Categoria: Poesia
Descrição: Quando a Lua espia, pela fresta

Para leitura e reflexão

Quando a Lua
espia, pela fresta
da persiana,
certamente a da
com gana de uma
nova companhia.
Como pode o sexo ser pecado, se é
fonte de
nascimento, vida,
multiplicação?
Há pensamentos que fulgem
como fogos de artifício, e
palavras que doem como
queimaduras expostas.
Os loquazes e fofoqueiros nos
importunam tanto, porque
vivem com o zíper aberto.
O amor, na sua decantação,
epifania, sacralidade, acontece
mesmo é na rima dos corpos,
na poesia das almas.
As oportunidades,
como os trampolins,
só ejetam quando
acionadas.
No mundo recluso da
consciência, as idéias podem
saltar traiçoeiras como o bote
da cascavel.
Numa cidade grávida de
prédios, o que mais se vê são
pessoas abortando o convívio.
Quando nos damos conta de
que a juventude é fugaz, ela já
calçou as botas, vestiu a capa
e ganhou a estrada.
De tão decrépita, a
arrogância já adquiriu
corcunda e perdeu os
dentes.
Lúcida e leve, a
felicidade
mergulha no
turbilhão das
fontes, para

hidratar-se de
frescor e
cheiros.
Há o amor que dinamita,
há o que neutraliza e
ainda o que transfigura.
da revista Água da Fonte nº 06

Data : 31/12/2008
Título : Garimpagem
Categoria: Poesia
Descrição: Pára o tempo no declive dos anos.

Garimpagem
Pára o tempo
no declive dos anos.
Põe-se a catar os diamantes
que a enxurrada levou.

E ele cava, escava,
peneira, joeira,
até encher a batéia
de cintilações.

Oh, tempo garimpeiro!
Não esqueças de juntar
também as ametistas
doloridas, retraídas,
lilases, pertinazes,
que tão bem refulgiram,
nos desvãos e encruzilhadas
do teu longo caminhar...

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 31/12/2008
Título : Poesia mulher
Categoria: Poesia

Poesia Mulher

Essa brisa que se instala
nas frinchas do cortinado,
vertendo pingos de orvalho
nas vidraças sonolentas,
só pode ser a poesia
- arfante e bisbilhoteira -
que chega assim de roldão...
Uma gueixa sussurrante,
com riso de lantejoulas
e envolta em panos de cor...
Só ela, mãe e mulher,
gera a vida e benze a morte,
planta o grão e rega a flor...
Versos prontos, exultante,
se livra dos pesadelos,
manda embora a escuridão.
Uma prece ao pé do leito,
ela se abraça à alegria
e veste o chambre da paz...

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 22/04/2010

Título : Alegria, alegria

Categoria: Poesia

Descrição: Quero a alegria colada ao corpo, como um adesivo de fragrâncias múltiplas.

Alegria, alegria

Quero a alegria colada ao corpo,
como um adesivo de fragrâncias múltiplas.

Quero a alegria impregnada nas mãos,
para o ofício festivo de bater palmas.

Quero a alegria presa aos cabelos,
como uma tocha a luzir na treva.

Quero a alegria calçada nos pés,
para as caminhadas sobre o horizonte.

Quero a alegria esfregando a alma,
a fim de higienizá-la dos dissabores.

Quero a alegria afinando os lábios,
para os cânticos do envelhecer.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 22/04/2010
Título : Aguaceiro
Categoria: Poesia
Descrição: Torrencial, o coração despeja

Aguaceiro

Torrencial,
o coração despeja
seus sentimentos
sobre a rua do ser.

E ela se eriça
como brotoeja,
arrelhando a vida,
fazendo a dor doer.
Não basta o calo
que importuna tanto,
e faz do sapato
um algoz feroz?
N'água do pranto,
corre manso o verso,
pra amainar a sede
dessa dor atroz...

Água da Fonte
31/05/2011

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 22/04/2010

Título : Sinergia do afeto
Categoria: Poesia
Descrição: No isolamento desta trincheira, onde as flechas zunem,

Sinergia do afeto

No isolamento desta trincheira,
onde as flechas zunem,
só aspiro e só me rendo
aos cuidados do silêncio.

Quero seu aroma
penetrando as carnes,
e seu resfolegar
sussurrando nos ouvidos.

Quero confiar-lhe meus segredos;
beber do manancial de suas águas;
tanger-lhe a intimidade!

Assim sinérgicos e cúmplices,
dois amores enrustidos,
morreremos abraçados,
na mesma combustão...

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Missão redentora
Categoria: Poesia
Descrição: Ela baixou à terra, para promover

Missão redentora

Ela baixou à terra,
para promover
o viço dos afetos.
Para drenar
a futilidade dos elos.

E fortalecer
a inconstância das paixões.

Em sua aparente fragilidade,
a mulher revela sua força.
Pertinaz como o águia,
incólume como o mármore,
sobranceira como um obelisco.

Ei-la marcando presença,
com seu poder redentor,
nos espasmos da guerra
e na apoteose da vitória.
A alma feminina é o pêndulo,
onde o destino das gerações
encontra seu ponto de equilíbrio.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Rescaldo
Categoria: Poesia
Descrição: O ciúme queima o afeto.

Rescaldo
O ciúme
queima
o afeto.
E mudo
o afeto
seca.
Em cinza
acaba
tudo.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Vida circense
Categoria: Poesia
Descrição: Sentou-se a fadiga na espreguiçadeira...

Vida circense

Sentou-se a fadiga
na espreguiçadeira...
Pensou estar em férias,
e cerrou os olhos...
Sobre ela se amoitaram
as tropelias dos anos...
Fantoches saltitando
na ribalta do circo...
Uma vez desperta,
a fadiga pôs-se a rir:
A vida é mesmo uma piada.
Basta vesti-la de palhaço.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo

Data : 26/04/2010
Título : Pássaro gigante
Categoria: Poesia
Descrição: Você embarca no ônibus como num sonho metálico.

Pássaro gigante

Você embarca no ônibus
como num sonho metálico.
Um pássaro de rodas
com asas de vidro.

Esperanças, medos e segredos
percorrem calados
a incerteza das esquinas,
inconsequentes como o aceno
das vitrines coloridas.

E o pássaro gigante
engole gente,
cospe gente,
desafiando a amplitude
da vida e das distâncias.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Despedida
Categoria: Poesia
Descrição: Na chuva que desce o morro,

Despedida

Na chuva
que desce o morro,
as minhas mágoas
se banham.
E asseadas
e frescas,
dão-me adeus
e a estrada ganham...

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Aquarelas
Categoria: Poesia
Descrição: As lágrimas vertem sobre o tempo,

Aquarelas

As lágrimas vertem
sobre o tempo,
pérfido e sádico.

Os sorrisos sintonizam
com o tempo,
rútilo e límpido.

Basta que o sol calcine,
em sua forja,
as carrancas
da melancolia,
e reverbere
as centelhas
da alegria,
em tons
de irisado degradê.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Recomeço
Categoria: Poesia
Descrição: Faço de conta que minha luz

Rcomeço

Faço de conta
que minha luz
secou,
minha água
murchou,
meus anseios
viraram cinza,
no extertor
do incêndio.

Começo
tudo de novo.
Para que a safra

dos afetos
seja farta,
como o trigo
que ondula
a messe.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Exigência
Categoria: Poesia
Descrição: Quero o verde...

Exigência

Quero o verde
cobrindo as sepulturas,
se espreguiçando
nos parques,
embandeirando
as escolas,
e espelhando sua silhueta
na alma das lagoas.

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Novos tempos
Categoria: Poesia
Descrição: A síndrome do progresso nos infestou de radiação,

Novos tempos

A síndrome do progresso
nos infestou de radiação,
tendinite, câncer.

Embalados para presente,
as prateleiras ofertam
a posse e o prazer.

Tudo tem seu preço,
nessa quermesse doida
de códigos indigestos.

A avidez é tamanha
que até mesmo a cicuta
faz parte do cardápio.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010

Título : Cupido

Categoria: Poesia

Descrição: Se alguém lhe indagar sobre o dono da ventura,...

Cupido

Se alguém lhe indagar
sobre o dono da ventura,
onde mora, onde deita,
onde esconde a doçura,

você vá com cuidado!
Não iluda a menina!
Não faça mistério
nem fuja na esquina!

Ela está é flechada,
com medo, com sede.
Um peixe no seco,
não anda, não nada.

Tadinha! Mal sabe
que o amor é uma rede...

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Alegorias
Categoria: Poesia
Descrição: O chão é o colchão do pobre. A lua é a rua do poeta.

Alegorias

O chão é o colchão do pobre.
A lua é a rua do poeta.
O amor é a cor do sangue.
A fé é um pé-de-cabra.

O mar é o lar da onda.
O sol é um gol de craque.
O céu é o véu da noiva.
O rio é o cio do peixe.

A paz é um faz-de-conta.

Da revista
Água da Fonte nº 0
Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Bugigangas
Categoria: Poesia
Descrição: Na quermesse dos sonhos, o artesão, de esmerado talento,

Bugigangas

Na quermesse dos sonhos,
o artesão,
de esmerado talento,
expõe bugigangas

em tabuleiros de vento
Passam nuvens,
passam borboletas,
fadas e ninfetas.
E os sonhos,
talhados em seda,
ouro e perfume,
se evoluam com elas.
Vão enfeitar a lapela
de sutis vaga-lumes.

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Sonho de Ano Novo
Categoria: Poesia
Descrição: Dia desses sonhei que eu era deus...

Sonho de Ano Novo

Dia desses sonhei que eu era deus
e fui no paraíso residir.
As estrelas me cobriram de brilhantes
e entre os santos me ensinaram a luzir.

A mesa era sortida de iguarias.
Havia papos-de-anjo e pães-de-ló.
E as nuvens, em seu traje vaporoso,
valsavam sutis como elas só.

Descobri que o lugar era uma festa
de guirlandas e canções de roda.
Nas vestes, que os ombros me cobriam,
as rendas e o cetim ditavam moda.

As crianças corriam pelos gramados,
juntando bolinhas de cristal.
E os velhos, de olhos sorridentes,
afagavam esperanças no bernal.

Jamais pensei, quando vivia na terra,
que o céu fosse tão belo assim.
Pois peço ao Senhor daquelas bandas

que este meu sonho nunca tenha fim.

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Grilo em verso
Categoria: Poesia
Descrição: Toda noite o grilo vem cricrilar no meu chinelo,...

Grilo em verso

Toda noite o grilo vem
cricrilar no meu chinelo,
como a chamar por alguém.

Eu tento tapar o ouvido,
pois me chateia o somido.
Que bom se ele fosse zen!

O grilo segue grilando...
Parece que está chorando...
Que será que o grilo tem?

O bichinho não desiste.
Na sua cantiga assim triste,
quer mesmo é minha atenção.

E, ao fim de tanta insistência,
a inspiração, com veemência,
se enfia sob o edredom.

E o verso salta, brejeiro,
e o grilo cala, faceiro...
Seu canto não foi em vão...

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010

Título : Destinos
Categoria: Poesia
Descrição: Vira fuligem o tempo, Quando o rubor vai embora....

Destinos

Vira fuligem o tempo,
Quando o rubor vai embora.

Calça as botas o vento,
Se a chuva geme lá fora.

Sai do ventre a criança,
Ao badalar sua hora.
A mãe refresca a esperança
Na nova fonte que jorra.

Com o fluir do sorriso,
A própria dor se evapora.
E soa no peito o guizo,
Quando a ventura aflora.

É assim que sucede a vida,
essa caixa de Pandora.
Às vezes, ri embevecida,
E outras, se prostra e chora.

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Ciranda poética
Categoria: Poesia
Descrição: Há pessoas que saboreiam O sabor das palavras...

Ciranda poética

Há pessoas que saboreiam
O sabor das palavras.
Há mágoas que gemem
O gemido dos ventos.

Há ideais que revoam
A revoada das gaivotas.
Há derrotas que gritam
O grito dos náufragos.

Há exemplos que pregam
A pregação dos íntegros.
Há lábios que beijam
O beijo da ternura.

Há talentos que fulgem
A fulguração dos astros.
Há ofensas que cospem
A cuspidada da serpente.

Há sorrisos que semeiam
A semente dos abraços.
Há olhares que riem
O riso dos fantasmas.

Há venturas que cantam
A cantiga das fontes.
Há perdas que dormem
A dormição da estátua.

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 26/04/2010
Título : Derrocada
Categoria: Poesia
Descrição: Desidratadas as emoções secam...

Derrocada

Desidratadas
as emoções secam.
Depauperados
os sonhos fogem.
Estarrecidos
os olhos choram.
Acovardadas
as dores sangram.
Empoeiradas
as luzes murcham.

Desiludidos
os amores morrem.
Desafinadas
as vozes mirram.

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 31/05/2011

Título : Identidade cultural

Categoria: Artigos

Descrição: Os povos que vivem no planeta diferem entre si por uma série de fatores e circunstâncias, que os caracterizam e os tomam originais.

Identidade cultural

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Os povos que vivem no planeta diferem entre si por uma série de fatores e circunstâncias, que os caracterizam e os tomam originais.

Tais diferenças se acentuam, mais intensamente, nas formas de viver e trabalhar, nas crenças, na organização social, na ideologia, e sobretudo no idioma, com que expressam seu pensamento e se comunicam. Exatamente nesses pilares é que se assenta a identidade cultural de cada povo. No meu entender, sem a afirmação concreta desses elementos, a individualidade das raças tende a desaparecer.

Minha posição acerca do assunto é bem incisiva e contundente. Não é de hoje que me sinto incomodada com o uso excessivo de estrangeirismos por nós, brasileiros, em nossa linguagem cotidiana, quer falada, quer escrita.

Está ocorrendo, de uns tempos para cá, uma avalanche de palavras e expressões em língua inglesa, que se infiltram em nossa comunicação, ora de mansinho, ora de supetão, até com um rompante de diletantismo. Elas se cristalizam e acabam por incorporar-se ao nosso vernáculo que - diga-se de passagem - é muito mais rico, harmonioso e simbólico que o tal idioma norte-americano.

Já deu paia perceber que sou visceralmente contra tal prática. (Isso a despeito da Graduação e do Registro profissional, que me conferem o direito de ensinar a referida língua).

Por que razão haveremos de inserir, no organismo do léxico português, que se constitui num dos pilares da nacionalidade e expressão máxima de nossa identidade cultural, construções sintáticas e palavras alienígenas, que não traduzem, com a mesma energia e emoção, o nosso pensar e sentir?

Considero um agravo aos nossos sentimentos, desprezar frases como: "Eu te amo!"

- "Que ótimo!" - "Maravilhoso!" e tantas outras - com a abundância de seus conceitos, seus femininos e plurais, seus derivados e sinônimos por expressões como "I love you!" "Its very good!" - "Its wonderfíl!".

Deveras, sob minha ótica pessoal, trata-se de dizeres inexpressivos e pobres em calor humano. Por que então usar esse idioma que, além de tudo isso, ainda é sobrecarregado de consoantes surdas que dificultam a prosódia, a nós que somos habituados a apoiá-las na sonoridade das vogais?

É bem provável que eu esteja pregando no deserto e sendo alvo de críticas por excessivo bairrismo. Pouco se me dá enfrentar vozes dissonantes, talvez até me julgando brega. O que pretendo mesmo é o retorno de nosso vocabulário às suas origens. Somos brasileiros e residimos no Brasil, a nossa Pátria, que adotou o português como língua oficial, desde que foi encontrada pelas caravelas lusitanas. Portanto, uma história de séculos que merece preservação. Tem-se a impressão de que, ultimamente, se tomou chique, entre nós, a prática de dar nome inglês a lojas e restaurantes, a modalidades esportivas, a instituições e eventos, a especialidades culinárias, a canções e objetos de todo tipo, e a um sem número de coisas tão bem nomeadas em português.

Diante dessa progressiva invasão de domicílio, conclamo a todos que amam o Brasil e que aprenderam, desde o berço, a comunicar-se em nossa língua pátria, que não cometam o sacrilégio de profaná-la com inserções estrangeiras desnecessárias. O nosso idioma é lindo, suave, nítido, de rica sinonímia, e diversificado em sua sintaxe e suas formas verbais. Melodioso de ouvir e saboroso de degustar...

Com toda a sinceridade, nem mesmo Portugal tem uma fala tão expressiva e inteligível quanto a nossa fala brasileira.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : Embalagem plástica

Categoria: Artigos

Descrição: Uma onda de apreensão e nervosismo percorre hoje as ruas e lares de nossas cidades, provocando discussões acerca das embalagens de plástico com que transportamos as compras, do mercado ou da loja até nossas residências.

Embalagem plástica: um mal necessário

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Uma onda de apreensão e nervosismo percorre hoje as ruas e lares de nossas cidades, provocando discussões acerca das embalagens de plástico com que transportamos as compras, do mercado ou da loja até nossas residências.

Os mais afoitos defensores do meio ambiente são os primeiros a levantar a voz, contra o problema causado por essa prática, uma vez que o plástico é um produto de decomposição extremamente difícil e demorada e, por tal razão, um poluente agressivo e perigoso à saúde do planeta.

Quanto a isso, todos concordamos pacificamente, pois entendemos o mal causado pelo excesso de resíduos não degradáveis que, diariamente, descartamos, sem uma destinação correta e adequada.

Entretanto, há um aspecto da questão, que não está sendo abordado.

Se analisarmos o problema, racional e responsabilmente, concluiremos que a medida saneadora que vem sendo proposta - qual seja, a simples substituição da sacola plástica por embalagem de pano ou papel, - é incômoda e ineficaz. E declino a razão que me leva a pensar assim.

As sacolas plásticas não servem apenas para transportar produtos do mercado ou da loja. Elas também são utilizadas para acondicionar o lixo, tanto o doméstico como o comercial e o industrial.

Na eventualidade de serem elas eliminadas, e substituídas pelas de papel ou tecido, como nos desvencilharemos do lixo que produzimos constantemente?

É óbvio que os materiais sugeridos não se prestam a tal finalidade. Assim sendo, voltaremos ao ponto de partida, isto é, o que levamos para casa dentro de sacolas, terá que um dia voltar à rua, e dela ao aterro sanitário, também dentro de algum recipiente que, se não for impermeável, ocasionará outros inconvenientes.

Eis, portanto, a questão. Trata-se de um problema de mão dupla, que precisa ser equacionado, de forma profissional, e não com atitudes amadoras.

Os resíduos, de qualquer espécie, deverão, no meu entendimento, percorrer um ciclo completo, conforme segue: produção = utilização = descarte = reprocessamento = reutilização, e assim sucessivamente.

Medidas outras, alheias a programas específicos e soluções técnicas, serão paliativas e inconsistentes. Daí a necessidade e a urgência de encararmos a situação com inteligência e seriedade.

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras)

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : Dimensão humana

Categoria: Artigos

Descrição: Até os limites de tua capacidade, persegue a lucidez. Vale a pena, e verás que nenhuma trama conseguirá enredar-te, ou aprisionar-te em seus grilhões.

Dimensão humana

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Até os limites de tua capacidade, persegue a lucidez. Vale a pena, e verás que nenhuma trama conseguirá enredar-te, ou aprisionar-te em seus grilhões. A força e as algemas nós mesmos nos impusemos.

Somos nós que cavamos o fosso, retesamos o arco, construímos a guilhotina.
Pensa em como seria fantástico o universo, se fizéssemos coro às suas vozes. Se o olhássemos com olhos de benevolência. E o protegêssemos das mãos criminosas que o envenenam.
Tudo foi criado em função do homem, para que viva e desfrute da vida, como um príncipe ou uma princesa, em seu castelo de luzes, óperas, caramanchões.
Há que ser magnânimo e satisfazer-se com as oferendas do momento, ainda que fugazes, pois cada dia e cada hora representam uma conquista, um elo a mais na corrente da existência.
Todavia, não basta recostar-se na poltrona e aguardar que uma chuva de estrelas caia do céu. É imperioso que ela brote antes dentro de ti. Que irradie o teu calor e acenda o teu farol aos náufragos que imploram por clemência.
Isso de julgar-se um infeliz, em constante violação dos sentimentos, sem perspicácia para apalpar os contornos, ora macios, ora pontiagudos, da realidade; de ser incapaz de descobrir o amor; ou de preservá-lo como um tesouro; de dar-lhe nitidez e tomá-lo produtivo, só acontece aos omissos, acomodados ou covardes.
A abundância se cristaliza em teu entorno e se oferece, gratuitamente, aos teus olhos, mãos e coração, para que vejam, sintam, admirem e se apropriem dos bens universais, que existem para teu uso e satisfação.
Mas nada te chegará pronto, dócil, polido e envernizado.
És o senhor ou a senhora do teu destino, e teus projetos farão a diferença entre a dor e o prazer, a alma vazia e a alma transbordante, a vida fosca e a vida luminosa.
Tanto podes viver numa cabana como num palacete. Ser amigo do rei ou do mendigo. Pois o que conta é a disposição íntima de frequentar a luz, colhendo figos e aromas na madrugada, para espalhá-los nas cidades e nos descampados. O que importa à vida no planeta é ser solidário e marcar presença, como o mago que socorre o desvalido, apontando-lhe as águas da felicidade.

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras)

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Quando você ri
Categoria: Pensamentos

Quando você ri, sem que seu coração participe, não passa de um palhaço desengonçado.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : E tão catártica a piscina do perdão

Categoria: Pensamentos

E tão catártica a piscina do perdão, que saímos de suas águas purificadas e unguidas.

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : Se a vida não fosse

Categoria: Pensamentos

Se a vida não fosse uma viagem sem volta; se permitisse reaver a travessia gasta, a órbita desfeita, a seara em ponto de corte, mais estreita resultaria nossa cumplicidade com a sua preservação.

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : Sempre que alguém decide

Categoria: Pensamentos

Sempre que alguém decide escrever um livro, propõe-se a depor perante a história.

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : Depois de esburacados

Categoria: Pensamentos

Depois de esburacados os sonhos e desfiadas as esperanças, que resta ao homem senão recomençar a tecê-los?

Da Revista

Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : O mau-caráter age
Categoria: Pensamentos

O mau-caráter age qual uma serpente. Guizo e veneno a serviço da traição.
Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Assim que o sol começa
Categoria: Pensamentos

Assim que o sol começa a espiar pela vidraça, está na hora de pôr a noite pra dormir.
Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Na mão dos benfeitores
Categoria: Pensamentos

Na mão dos benfeitores, a doação se fluidifica, e o ouro dela respinga os agraciados.
Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Um olhar sobre a cidade
Categoria: Artigos
Descrição: Deus, como me flecham os nervos, assim de manhãzinha!

Um olhar sobre a cidade

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Deus, como me flecham os nervos, assim de manhãzinha!

Os dias recém-nascidos, ainda deglutindo o muco da noite, e os veículos já me finam os ouvidos, pigarreando sua rouca constipação. Vomitando sua bile. Baforando o pestilento charuto...

Tão menininho o dia, e já se mostra eriçado, mais para rebeldia do que para brincadeira. Voz humana, nenhuma. Gargalhadas, nem se cogita. Ninguém fala. Ninguém ouve. Todos andam silenciosos, em meio ao paroxismo das máquinas. Elas é que comandam o tempo. Defloram o amanhecer. E regem a orquestra da vida urbana, que apenas se despe do pijama e - engolida a geléia e o pão num vapt-vupt - já parte para a briga, nas ruas encardidas, enfumaçadas, mal servidas do café cheiroso que escapa pelas cortinas de feito.

Onde estamos? Para onde vamos?

- Ninguém ouviu dizer que a pressa é inimiga da perfeição? - Que sádica vertigem essa dos monstros sobre rodas que, cuspidos veneno, avançam pelo asfalto, contorcem o corpo nas esquinas, se jogam das pontes!... Uma onda de petróleo líquido lambendo o chão. Trepidando. Esbravejando. - Ah, meus belos tempos de sossego!

Os tímpanos - são eles as vítimas preferidas desse sarcasmo acústico. Saturados do fragor persistente, resfo- legam no travesseiro, enfiando-se entre as cobertas como um avestruz acuado, enquanto os decibéis invadem os espaços, cúpidos, prenhes - um cenário esquizofrênico...

Por quanto tempo o mundo agüentará? Suportaremos nós o cérebro fervente? O coração ofegante? Até onde irá a paciência dos Jós modernos, diante da baderna institucionalizada, verdadeira invasão de domicílio?

Queiramos ou não, nosso destino está traçado. Servidão, apatia, conformidade. Isto é o que o progresso exige. Ordena. Impõe.

Ó Cristo, tu morreste no silêncio, cavernoso até, só os trovões anunciando tua passagem. Nós aqui engolimos o fel do destino trágico, do passamento assim conturbado, pela porta estreita da vida. Ai de nós, cada vez mais estilhaçados por esse trânsito voraz, matador sanguíneo, comandado por nós, desejado por nós, nossa vaidade e nossa ruína!

Foram-se os tempos da calma bucólica, abençoada pelo apoio da aurora. As manhãs cheirando a orvalho. As mas lagarteando a suavidade do sol. Sem vapores e estampidos.

Sumiram os trajetos entremeados de saudações amigas. Empolgadas. Coniventes com a alegria. É irreparável a perda! E inafiançável o estupro daquele romantismo, que chegava a ser piegas na sua despreensão.

Nada do que somos e temos hoje vale os desfalques que nos impusemos. O salto alto do consumismo, sem critérios, sem precauções.

A felicidade que buscamos, corpórea e material, é mais aparato que satisfação. E está mais para covil de lobos que para cacimba de paz...

Meus amigos, meus vizinhos, meus irmãos! Por favor, não joguem nos aterros sanitários os castelos que a ambição dinamitou! Nem esqueçam o aforismo, tão atual e verdadeiro quanto o anseio de liberdade e superação que nos move:

"A perfeição não mora nos extremos."

E a cidade merece um olhar, senão apaixonado, ao menos de respeito e proteção...

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : A igualdade de direitos
Categoria: Pensamentos

A igualdade de direitos entre homem e mulher continua sendo obra de ficção.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Para melhor vislumbrar a ventura
Categoria: Pensamentos

Para melhor vislumbrar a ventura, basta instalar nossa lâmpada no pórtico do coração.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Por mais selvagem
Categoria: Pensamentos

Por mais selvagem que pareça o sofrimento, há nele uma nesga de brandura que tolhe seu instinto predador.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : O mundo está repleto de Judas e Cains

Categoria: Pensamentos

O mundo está repleto de Judas e Cains, com o encargo de arrebanhar gente para os esquadrões de Lúcifer.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : A alvorada do perdão

Categoria: Pensamentos

A alvorada do perdão, com seu brilho e cheiro peculiares, faz a culpa encolher-se até os porões do esquecimento.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : Salvo melhor juízo

Categoria: Pensamentos

Salvo melhor juízo, a imortalidade freqüenta três pedestais: da arte, da ciência e da santidade.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : Bonança

Categoria: Poesia

Descrição: Sopra larga a brisa dos ciprestes.

Bonança

Sopra larga

a brisa dos ciprestes.
Some a sede
no bernal das águas.
Ri sem medo a noite,
sobre a duna.
Visitou-me
a embaixatriz da paz.

Da Revista

Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : No anonimato dos mosteiros
Categoria: Pensamentos

No anonimato dos mosteiros, as violetas pregam a humildade, enquanto os narcisos exaltam o pudor.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Inspiração
Categoria: Poesia
Descrição: Ela é uma jovem na claridade.

Inspiração

Ela é uma jovem
na claridade.
Mas a penumbra
a faz mulher.
Atiça o lume.
incha-lhe o ventre.
E ei-la prestes
a dar à luz...

Acometida
de intenso transe,

rompe as barreiras
da noite fria.
Fremem as carnes,
em riso e pranto.
Geme de parto.
Gera sua cria.

Os versos prontos,
o amor saciado.
Leite descendo...
Eis a poesia!

Da Revista

Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Apocalipse
Categoria: Poesia
Descrição: O mundo está repleto de gente. O mundo está repleto de pedras.

Apocalipse

O mundo está repleto de gente.
O mundo está repleto de pedras.
A gente joga as pedras na boca.
A boca se enche de pedras.

A gente saliva as pedras.
As pedras ficam escorregadias.
A gente cospe as pedras no mundo.
O mundo se encharca de pedras.

As pedras devoram a gente.
As pedras devoram o mundo.

As pedras são como ofensas
que agriem a gente,
que agride o mundo,
que devolve as pedras,
que ferem a gente
e matam o mundo.

É o fim da gente.
É o fim do mundo.

Só restam as pedras
golpeando o caos.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Julgamento sumário
Categoria: Poesia
Descrição: Condene a iniquidade ao fogaréu do inferno!

Julgamento sumário

Condene a iniquidade
ao fogaréu do inferno!
É lá o confinamento
dos malfeitores.
Assada e consumida
na grelha de Satã,
não lhe restará tempo
para o revide.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/05/2011
Título : Vida circense
Categoria: Poesia
Descrição: Sentou-se a fadiga na espreguiçadeira.

Vida circense

Sentou-se a fadiga
na espreguiçadeira...
Pensou estar em férias,
e cerrou os olhos...
Sobre ela se amoitaram
as tropelias dos anos...

Fantoches saltitando
na ribalta do circo...
Uma vez desperta,
a fadiga pôs-se a rir:
A vida é mesmo uma piada.
Basta vesti-la de palhaço.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo

Data : 30/04/2012
Título : Identidade
Categoria: Poesia
Descrição: Sorrio, porque o orvalho

Sorrio,
porque o orvalho
removeu a craca
da minha ferrugem.

Canto,
porque a sombra
me cobriu
de cintilações.

Grito,
porque a madrugada
trocou meus grilos
por pirilampos.

Gemo,
porque o luar
me capturou
em seu casulo.

(Do livro Gorjeios e Revoada)
(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012
Título : Um domingo antártico
Categoria: Poesia
Descrição: Nasceu taciturno o dia, com cara de baderneiro,

Nasceu taciturno o dia,
com cara de baderneiro,
entre o vento e a bruma fria.

Nem mesmo a bela gaivota
ousava sair da grotta,
com medo do que viria.

Os blocos de gelo eterno,
comemoravam o inverno,
no bufar da maresia.

E a neve cobria de branco,
as águas como as espumas,
os cerros como os barrancos.

O gingado das baleias,
as soberanas do mar,
só vendo para apreciar!

Atrás da montanha esguia,
que lhe dava proteção,
agastado, o sol sumia.

Até os lobos marinhos
se aprumavam para olhar
os encantos do lugar.

Da rocha negro-nanquim,
fulgia um alvo algodão,
enfeitando o paredão.

Ninguém fica indiferente
a tão agreste beleza,
logo ali, à sua frente
Mas o dia se destempera,
raivoso qual uma fera,
enferruscado e rufião.

E tudo então se transforma:
o riso, a festa, o passeio,
dando lugar ao receio...

Uma história até medonha,
a puxar promessa e reza,
na rude manhã tristonha.

Quando o zéfiro encrespou,

erguendo o bravo topete,
o brio se escondeu no brete.

A marola e a marolinha
viraram ondas gigantes,
provocando frio na espinha.

E o navio saltava inquieto,
na água que virou gelo,
traíçoeiro e desafeto.

Logo adiante espiava a foca,
preguiçosa como sempre,
no aconchego de sua toca.

Os pinguins e os albatrozes
cortavam o ar pesado,
entre andorinhas velozes.

Soberbas no trono esguio,
as pedras do paredão
nem ligavam pro tufão.
O próprio leque do vento
se agitava nas janelas,
ansioso de entrar por elas.

Contra o furor dogmático
do tempo devastador,
só a invocação do Senhor.

Os humanos percorrem mares,
levados pelo exotismo
dessas visões singulares.

E o Santo espreitava a dança
do vagalhão iracundo,
contra o homem e seu mundo.

Com ele estava sua Helena,
disposta a espalhar seus versos,
lá nos confins do Universo.

Pois a magia do planeta
só é possível sentir,
ao vê-lo chorar e rir.

Foi por isso que voaram
lá pros confins da Terra,
onde o exotismo impera.

Há tanto fulgor no orbe,
tanto céu e tanto mar,
que é impossível narrar!

Ao voltar para o torrão,
lembranças e afetos muitos
trouxeram no coração...

Glória a Deus e à natureza!
Tão ricos nos seus encantos!
Tão fortes na sua grandeza

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Cápsula do tempo

Categoria: Crônicas

Descrição: Os caquizeiros da minha infância se desprenderam da terra e vieram morar dentro de mim.

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Os caquizeiros da minha infância se desprenderam da terra e vieram morar dentro de mim. Aqui eles continuam vivos, ao lado de outros tantos irmãos, tão solidários quanto eles, na missão de colorir-se, florescer, cobrir-se de sabores e beijos em calda.

Aquilo sim que era festa! Presença amiga e saborosa! Todas as horas do dia...

Ao invés dos arranha-céus, eu convivía com as videiras; das ruas moribundas de veneno, com os canteiros de terra pulsante.

Todavia, neste momento de incandescências, os fios que costuravam as folhas e brotos foram encurralados, torcidos, esmagados, pelo sol raivoso e despótico, que se compraz em murchar tanto as sedas como as rendas, já esgarçadas de dor.

Nada havia, nas auroras antigas, que se comparasse à insanidade dos motores de agora. Nem à asfixia do ar espesso se esgueirando pelas narinas, olhos, boca e sentimentos. Nem à fuligem vomitada pelas chaminés, à lua enfumaçada e triste, abortando os chuviscos de prata e engravidando de melancolia.

Os próprios ruídos eram discretos, respeitosos, relaxantes. Conheciam os limites do bom-senso, pois que a provocação e a baderna ainda não haviam fincado suas garras, no solo pedregoso e árido.

E as gangues comandadas por Satanás? – Jamais se ouvira qualquer referência, entre os meandros da paz e da discrição. O prazer mórbido das arruaças não vingava naquele cenário bucólico, que adormecia à meia-luz das estrelas, e acordava com o badalo do sino ou a cantoria das cigarras.

Ontem, minhas lágrimas nasciam do lirismo, da emoção, do vagaroso fluir do sentimento. Hoje, elas se nutrem do medo, da desconfiança, da insana garganta de aço e pedra, gás e estrondo, que me espreitam por todos os lados.

Perdi minhas referências, minhas paixões, minha identidade. É isso que faz a vida, ao romper-se a cápsula do tempo, pondo à mostra o estandarte, tão descosido quanto desbotado, das primaveras longínquas, que já me deram adeus...

(Do livro de crônicas: Matizes do Entardecer)
(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo- Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Aforismos

Categoria: Poesia

Descrição: Há dois eventos pontuais que despertam o sono para uma profunda insônia: a extrema

Há dois eventos pontuais que despertam o sono para uma profunda insônia: a extrema ventura e a extrema desventura.

Divina mágica da chuva, que desata a algazarra das fontes e o sorriso das espigas!

O processo de catarse se resume em remover o lacre da crosta, extirpar os tumores, recondicionar os sentimentos, espremer o sumo da purificação.

As quedas estão para a existência humana como as reticências para o texto.

Quando nos debruçamos sobre o trapiche do passado, a fim de resgatar nossas lembranças, as saudades vêm à tona, irrequietas como os lambaris que golpeiam a espuma.

A ingratidão devasta igual às pragas. E, para abortar o seu ataque, basta enfiá-la numa estaca e fazer dela um espantalho.

Alvorece... E a alma da terra se
levanta, para o amanho das esmeraldas
e dos mananciais.

Perdi a conta de quantos pregos arranquei da estrada
e de quantas sementes enfiei na terra...

Parentesco com o coisa-ruim têm todos aqueles aloprados
que pisoteiam os brotos, mancham as ruas da cidade,
infligem bordoadas aos cães, dilaceram as vísceras do rio...

Diante do infortúnio,
nossa percepção se aguça e amolda aos detalhes,
pois é no desconforto que a perspicácia abre fendas
e vislumbra caminhos.

Data : 15/05/2012

Título : Quero a paz

Categoria: Poesia

Descrição: Não vale ser inimigo, ter ódio, fazer maldade!

2 - Quero a paz

Não vale ser inimigo,
ter ódio, fazer maldade!
Não vale pôr de castigo,
nem semear falsidade!

Nas liças da trajetória
povoada de insegurança,
quero a leveza dos barcos
e quero a paz da esperança.

O perdão, banindo o ódio,
fé e amor como fanal...
E o bem subindo no pódio,
para o abraço universal...

(Helena Rotta de Camargo)

Poemas para o Túnel do Largo da Literatura
Acadêmicas da Academia de Letras 15/05/12

Data : 23/09/2012

Título : Radiografia das Emoções - 001-100

Categoria: Pensamentos

Radiografia das Emoções - 001 - 100

1. Naquela infância distante, eu me encantava com a garoa dessedentando as uvas, e com a Lua prateando as rosas. Hoje, a cidade abafou esses encantos, pois ela está mais para feitora do que para parceira bem intencionada.
2. Minha fome já não é de pão, mas de beleza e empolgação!
3. Por que será que o ser humano, herdeiro de sucessivas gerações, tem a obrigação de enterrá-las e ser por elas enterrado?
4. Nada há que se compare à excelência do olho humano!
5. Ao contemplar o aço polido das águas, refletindo o sorriso da manhã eu me redimo dos meus atropelos. Deveras, a praia me energiza e recompensa, suturando as chagas com que a vida me feriu...
6. Acreditar em nossos sonhos, com vigor e confiança, é a primeira condição para que eles se tornem realidade.
7. Quem me dera apalpar as protuberâncias do céu! Dar a ele formas e cores! Fabricar minhas próprias lendas! E relatar-lhe a mesmice dos dias, na expectativa de ser por ele acolhida e abençoada!
8. Gostaria de perguntar ao Senhor: “Por que Ele não construiu também um céu verde, com estrelas dependuradas nos galhos, piscando e sorrindo, como o pinheiro de Natal?”
9. O frenesi das estrelas, disputando espaço nas arquibancadas do céu; o olhar perscrutador da lua, desmentindo o fuxico das nuvens irrequietas; e o candelabro do Sol, escondendo-se na moita, a fim de tirar uma soneca: eu sei que tudo isso é um prêmio para meus olhos e minha excitação!
10. Vai embora, lágrima enxerida! Que fazes tu aí, dependurada na pálpebra, tentando reter a saudade daquela infância rosada, que a carruagem do tempo já levou para o mar?
11. Lembro, com extrema nitidez, do dia em que desabrochei para o mundo; em que a brisa esvoaçou, calidamente, as minhas tranças; em que saí a passear com as amigas, e vivi o prazer daquela festa no salão paroquial... Deveras, as lembranças da infância não morrem jamais, nem há tufão que as carregue!
12. Sinto uma atração inexplicável, tanto pela treva como pela claridade; pelo burburinho das ruas e pela tepidez do silêncio. O que faz a diferença, entre um momento e outro, é a densidade da comoção com que me envolve o esplendor dos afetos.
13. Tão verdes foram sempre as minhas esperanças, tão puras e tão graciosas que, nem a birra da tormenta, nem o galanteio dos lírios, foram capazes de mudar sua cor.
14. Há um descompasso inflexível entre o sonho e a realidade, como entre a sorte e a desgraça, entre o rio manso e o mar furioso.
15. Sempre que o infortúnio nos ronda a porta, é de praxe invocarmos nossos santos preferenciais, saudando seus méritos e comprometendo-nos com eles.
16. Nunca ninguém me disse onde mora, de fato, minha alma. Se no cérebro, no peito, nos olhos ou no sorriso. A julgar por seu desvelo e seus conselhos, presumo ser ela uma fada com poderes mágicos, pois que me surpreende a cada nova empolgação.
17. É tão denso e nutritivo o sumo das lembranças, que convém degustá-lo com vagar, a fim de apreciar melhor sua gostosura.

18. A chuva descia miúda, afagando com delicadeza o coração da terra. Oh! garoa amiga e dadivosa, bem que você poderia saciar minha sede de vitalidade, e colorir as flores do meu riso, tão desbotadas pela árdua insolação!
19. Naquele passado distante, em que aprendi a conhecer as palavras, também compreendi sua mensagem. Ao revestirem-se de simbolismos, elas transitam desde a covardia e o ciúme, até a inocência e a afeição.
20. Os museus e as bibliotecas são as mais fidedignas testemunhas do tempo. É neles que a humanidade registra sua história, e resguarda os feitos que merecem ser preservados.
21. Aquele estado de transe, que nos higieniza de toda espécie de desânimo, aborrecimento, frustração, só ocorre se aprendermos a perfilar o corpo e arejar o espírito.
22. A linha divisória, que cruza entre o júbilo e o desgosto, pode revelar-se mais tênue que uma teia de aranha.
23. Somente as pedras são, inflexivelmente, incólumes. Tudo o mais é suscetível de mudança, desgaste, violação.
24. Preservados em meu subconsciente, jamais se apagarão seus olhos verdes, sua alma casta, seu sorriso espontâneo, sua discrição franciscana. Deveras, minha mãe foi uma dessas santas que Deus precisa no céu, a fim de apaziguar os anjos inquietos...
25. Há noites tão foscas e desastrosas, que nos induzem a sonhar com aranhas, sapos e escorpiões, crescendo e enfiando-se sob os lençóis, qual um exército de diabinhos irreverentes, por certo expulsos do inverno...
26. A vida humana deve ter sido mais prazerosa, no tempo em que tudo era empírico, singular e vivido com parcimônia. Nos dias presentes, a ciência e a técnica transformaram-se numa camisa-de-força, que obriga tudo e todos à servidão dos seus caprichos.
27. Quanto aos modismos oferecidos nas vitrines da vaidade, as preferências são extremamente diversas. E vão, desde o exotismo do salto-agulha, até a simplicidade da sandália havaiana.
28. Eis aqui uma coletânea de reflexões, evocadas para celebrar os meus esticados anos de graça, que devo a Deus e também a elas, irmanadas comigo neste longo e exaustivo caminhar...
29. Descobri que o silêncio tem duas caras: uma, estressante, pela resistência ao diálogo; outra, serena, pela aspensão da paz...
30. Assim que decidirmos banir as lágrimas do nosso convívio, elas certamente debandarão, quais baratas acuadas.
31. Por mais desiguais que sejamos, a morte haverá de nivelar-nos. Não sei dizer se isso é bom ou ruim, uma vez que só terei certeza depois de chegar lá.
32. Meus dedos enrijeceram, sobre o teclado daquela máquina. Ela parece muda e indiferente, a tudo e a todos. Mas sua voz reverbera, empilhando conceitos e repartindo emoções... É assim que as letras e as palavras se encontram... E é dessa união que os sentimentos nascem...
33. Os beijos do bem-amado têm o sabor das pitangas. Seu sumo adocicado escorre, inundado a boca e a alma que, uma vez encharcadas, não conseguem mais livrar-se dessa compulsão.
34. Em meus tempos de menina, as juvenzinhas adoravam pintar os lábios com o sumo das amoras... Aquele sim que era um riso doce, de sabor e de ventura.
35. Disseram-me que assim é o mundo: “Há nele os que riem por masoquismo, e os que choram por conveniência...”
36. Na cova rasa do amor, enterrei minhas lembranças. Hoje espero que ressurjam, devolvendo-me a esperança...

37. Ao atravessar o tempo de uma ponta a outra, ora lastimando, ora aplaudindo, nossa maior aquisição consiste na têmpera que nos molda o caráter, e transmite-se como herança àqueles que nos sobrevivem.
38.   imprescindível preservar o cora o de cobranças e reprimendas. Só assim ele abrir  seu leque de bondades, com que haverá de afugentar as tensões reprimidas.
39. Ingratidão! – Eis um prato misto de desencontro e mágoa, com gosto e odor de maresia.
40. Toda espécie de arte desperta uma atra o magnética, que aproxima o artista de seu admirador.
41. O casal que cultiva os mesmos valores, que se nutre das mesmas escolhas e reza pela mesa cartilha, mant m em comum um senso de unidade, que os aproxima e fortalece.
42. A intera o entre alma e corpo tem de ser perfeita, para que o elo seja robusto e a trincheira, indefensável.
43. Habitualmente, vinga um bem-querer natural entre os indivíduos da mesma rua, do mesmo bairro, da mesma cidade. E isso representa um privilégio que merece ser preservado.
44. Sou de opinião que o envelhecimento, que degenera o corpo físico, jamais deveria atingir a mente, predestinada que foi para o lume e a perfei o.
45. Nada mais tosco, na travessia humana, do que julgar-se insuperável, infalível, indispensável. Daí ser a humildade a coroa que consagra os santos e os heróis.
46. Na multidão de rostos inominados que percorrem as ruas, há um elo de aproxima o: todos sonham com a prosperidade, a admira o, a beleza, o bem-querer.
47. Meus escritos se parecem com fagulhas, que o pensamento acende todo dia, toda hora. E o cérebro insiste em reavivar as brasas e cultivar o facho, pois que não consegue viver na escuridão...
48. Quem se adapta  s artimanhas da existência, com suas fragilidades e limita es, tentando adequar-se a elas, vive mais e melhor.
49. O sorriso se assemelha a uma jóia de valor inestimável, que todos nós temos   mão, em qualquer lugar e a qualquer momento.
50. Sem dores e sem dissabores, o ente humano não desabrocha, nem para o prazer nem para a prosperidade, pois lhe falta o húmus que fertiliza o crescimento.
51. Filhos das minhas entranhas, que fostes minha salvaguarda nos embates, meu farol na escuridão, meu prêmio e minha inspira o, eu vos amo e agradeço!
52. Há circunstâncias especiais, em que nossa lucidez transborda, e passa a enxergar golfinhos onde só via escorpiões.
53. Nada melhor do que dois olhos vivazes, para revelar-nos esse poder de capta o, que lhes confere a primazia entre os sentidos humanos.
54. Será o amor igual àquela estrela persistente, que passa a noite diante da janela, esperando a hora de ser convidada a entrar?
55. Um jardim morto, sem flores nem sorrisos, será, obviamente, um jardim mal-amado.
56. A velhice foi dotada de cacoetes singulares: manter vivas as lembranças, contar estórias para os netos, colher frutas no quintal, orar pela família e abençoá-la com sua luz...
57. A complexidade dos instintos humanos, e a diversidade das suas fisionomias, convencem-nos do talento divino ao criar a humanidade, já que forjou cada ser essencialmente original.
58. Não há separa o mais desastrosa, entre duas pessoas, do que o distanciamento de suas almas.
59. Uma estranha cumplicidade se estabelece, no instante em que a atra o se instala e começa a urdir a tessitura da paixão...
60. Levei décadas para descobrir onde mora a bonança, com seu cortejo de sorrisos ensolarados... Foi um achado e tanto, que me induziu a abandonar as lágrimas, a fim de deixar a luz penetrar...

61. Você já percebeu que a noite tem aquela suavidade translúcida da alma sem pecado?
62. Uma epidemia de bons propósitos age como uma febre intermitente: dia vem, dia vai, e eles sempre ali, de prontidão.
63. Quando a chuva vem cantar em meu telhado, fecho as janelas da casa e abro as do coração, para que ele possa ouvi-la sussurrar.
64. Os ruídos persistentes da madrugada foram dotados de um dom especial: além de enxaguar os dissabores, eles também higienizam e perfumam as emoções, harmonizando as nossas turbulências.
65. Para todos os efeitos e circunstâncias, só considero fatal a incapacidade de amar...
66. Com seus mistérios insondáveis, a vida escoia ao rés do tempo, ora mansa, ora afogueada. Nesse vaivém, a claridade encontra espaço, para penetrar em todos os recantos, do corpo e do espírito harmonizados.
67. Os tropeços da jornada me serviram de lição: É preciso eliminar as manchas da tristeza, o mau cheiro da inveja, os abraços de mor- cego, e vários outros cacoetes desinformados sobre o amor. Foi um aprendizado fantástico, que me rendeu prêmios e dividendos!
68. Há um vasto e fecundo parentesco, no ato de compartilhar...
69. Se aquele jardim encantado me pertencesse, vicejando em meu colo e florindo em meus braços, eu seria, com certeza, a mais venturosa das borboletas!
70. Somos todos vulneráveis ante o desconhecido. Daí a necessidade de a educação preparar o sujeito também para os eventos imprevisíveis.
71. Um raciocínio habilidoso, capaz de compreender e de envolver-se, é o que todos os nossos interlocutores deveriam ter...
72. Aprendi, com meu primeiro mestre, uma lição que até hoje per- dura, no escaninho da memória: “As letras do alfabeto refulgem como estrelas, nos céus do conhecimento...” E eu não temo a ousadia de acrescentar: “... para o deleite dos meus olhos, que adoram vê-las brilhar.”
73. Se nos fosse oferecido o dom de visualizar o subconsciente, de ler o pensamento e apalpar as emoções, seria isso causa de satisfação ou desapontamento?
74. Nada nos humilha mais do que os nossos desacertos...
75. O senso crítico requer que sejamos prudentes, metódicos, ordenados. Sem o aval da disciplina, os melhores projetos correm o risco de abortar.
76. Ele nasceu passarinho, eu nasci borboleta. E o tempo que, antes de aproximar-nos, percorreu léguas de chão e de vento, chegou, finalmente, e mostrou-nos o ninho da perfeita serenidade...
77. Em suas vestes, sorriem as cores do arco-íris. Dos olhos, caem-lhe gotas de luar prateado. As mãos vêm encharcadas de sumos. E o coração, rodopiando como um colibri, delicia-se com o néctar oferecido pela aurora...
78. A cantiga persistente da garoa dispersa os pesadelos. A suavidade da brisa penetra até os recantos da alma. Os sonhos, envoltos num xale de bruma, reativam as horas mortas. – É a alvorada, com sua prole de pipilos, assobios e cantilenas, que revigora o dia, inundando de ardores tanto a terra como o céu.
79. Com o passar dos anos, descobri que sorrir é mil vezes mais elo- quente que chorar.
80. Ninguém, como os nossos pequerruchos, tem o dom de criar vínculos, tecer esperanças, amar em profusão.
81. A natureza renova-se a cada instante: na gestação dos frutos, no assobio dos bem-te-vis, no cantochão das cachoeiras, na candura das crianças, na bonomia dos anciãos.
82. Na comédia das ambivalências humanas, gargalham mais os ato- res que os espectadores...
83. Tão importante, quanto o asseio físico e moral, é manter íntegra a tessitura dos relacionamentos.

84. Descobri que o passaporte para um destino sem complicações, arejado e exultante, tem de comprovar, sobretudo, a capacidade de ouvir e de mudar conceitos.
85. Também a vida social, exageradamente ativa, pode provocar intoxicação.
86. Lapidada, modelada, esculpida... – Todos eles querem ver na mulher a reprodução da estátua de Vênus!
87. Coletei os sonhos em doses colossais. Abarrotei as gavetas com projetos. Adubei o cérebro e mandei-o transbordar. Corri em busca do sucesso. Ultrapassei nevascas e inundações... – Mas tudo veio a mim em porçõezinhas, entre espirros, cólicas e torcicolos. – Mesmo assim, foi uma lição e tanto, que me ensinou a otimizar os métodos, a fim de garantir a eficácia.
88. No decurso dos anos, tudo pode ser aprendido. Também o charme, o sorriso, a transparência, a vibração.
89. Tenho a convicção de que, somente no crepúsculo da vida, desvenda-se sua verdadeira dimensão.
90. Uma personalidade discreta, e significativa por seus adereços, fez desse ente singular um peregrino, a serviço do acolhimento e da harmonia.
91. Enquanto o firmamento se cobria de faíscas, meu anseio de voar sentia inveja de tanta fulguração.
92. Mais vantajoso, que comemorar aniversário, é amarrar o cordel do tempo na cauda de um cometa...
93. Há certos dias em que o desamparo cresce tanto, nos umbrais da alma, que até o sonho se evade, a fim de não vê-la ajoelhada sobre os degraus da amargura.
94. O martelo do desgosto, que malha o coração até amansá-lo e subjugá-lo, deve ser irmão-gêmeo de Maquiavel!
95. Preservar o sorriso bem no fundo do peito, e destilar sobre ele algumas gotas de luar prateado, desvanece toda espécie de tribulação.
96. Escrever é como despir-se, libertar-se, ficar nu (nua) diante do espelho, escancarando até os cacoetes de estimação.
97. Os versos que esparramei nas ruas, as mágoas que abafei no peito, as sementes que enfiei no solo, o facho que mantive aceso, e os sorrisos que distribuí a granel, hoje me acenam saudosos e agradecidos, confirmando que tudo valeu a pena.
98. Só quem realizou tal façanha, entende o prazer que é libertar as palavras, a fim de que saltem, voem, rodopiem, se dispam por completo e espalhem suas mensagens, para além do tempo e dos espaços.
99. Conforta-me saber que a morte não será meu fim, pois meus escritos haverão de sobreviver, a mim e a todos aqueles que amo.
100. Nas entrelinhas destes textos (confissão dos meus anseios, sangue das minhas veias, abrigo dos meus sentimentos), revelo-me sem mitos, liberta e abençoada.

Data : 23/09/2012

Título : Radiografia das Emoções – 101-200

Categoria: Pensamentos

Radiografia das Emoções – 101-200

101. Nada se compara ao violino da paz, ao modular suas canções que afagam e purificam.

102. Ele desembarcou em minha ilha solitária. Trouxe bombons e favos. Desemperrou meu riso nos lábios secos. Convocou minhas afeições para o show dos tomateiros e das garoas, enlaçando-me no acalanto de seus braços...— E eis que me alojei em sua alegria contagiante e retornei à vida...
103. A dignidade é daquelas joias tão raras e preciosas, que merecem ser emolduradas e expostas à veneração pública.
104. Quando enfurecida pelo vendaval, a noite sufoca os brilhos, os sorrisos, as melodias... E deixa a Lua desarvorada, engolindo em seco os soluços do desamparo.
105. A travessia, pelas veredas do tempo, tem uma infinidade de degraus, por onde os sábios sobem e os tolos descem.
106. O sorriso límpido e vibrante se parece àquela vaga mansa que se estira na areia, à espera do beijo prometido pela estrela d'alva.
107. Para que a policromia da existência não esmaieça, é indispensável escolher as tintas, adequar os tons e manter-lhes a vitalidade, a despeito das inundações e nevascas, quando de plantão.
108. No baú das emoções, há que mantê-las silenciosas, precavidas e arejadas, que só assim haverão de resistir às estocadas do tempo.
109. Amar equivale a um processo de depuração tão benéfico, saudável, envolvente, que jamais deveria ser esfoliado, nem mesmo despido de sua fascinação.
110. As nuvens deixam brechas no céu, para que o Sol e as estrelas possam passear livremente, espargindo novos fulgores.
111. Se é verdade que cada um de nós tem seu anjo guardador, por que razão nos deparamos com tantos atropelos e tantas frustrações?
112. O silêncio tem um poder fantástico de catarse e redenção. Basta acioná-lo, para que tudo ao redor se revigore.
113. Por longas décadas, meu coração encolheu-se no peito, engoliu em seco o amargor das agruras, clamou por socorro e esgarçou-se como uma teia débil. Até que um dia o Sol decidiu apresentar-se, resgatando, entre as cinzas do borralho, uma centelha que ainda fumegava...
114. O tom coral dos lábios e das unhas, o perfil, milimetricamente delineado, a silhueta esculpida com arte, os olhos verdejando nas órbitas: era uma alegoria de Vênus, pra ninguém botar defeito...
115. Daqui onde estou agora, na outra margem do tempo, ainda reconheço a boneca, com seu choro metálico; a corda de pular, alternando o gingado das pernas; o bilboquê saltitando, com a maestria de um mágico; e o sumo dos figos, uvas e morangos, impregnando de sabor, tanto o paladar quanto a realidade.
116. O pacto que fiz, com meu Anjo da Guarda, não foi apenas de cuidado e proteção. Rendeu-me ainda o privilégio da vigia, noite e dia, contra o assédio do desleixo e a mania de perfeição.
117. Atingir o apogeu da vida significa, obviamente, uma deferência singular. Muito embora seja ela um rosário de privações e desencantos, que nos cerceiam até mesmo a liberdade de sorrir.
118. Atrevida como sou, julgo que nosso Pai celeste poderia ter sido mais equânime, no rateio das nossas tribulações e recompensas.
119. Não sei ao certo! Mas penso que sou filha da sabedoria e mãe do pensamento. — Aprendi também que há um parentesco indissolúvel entre ambos, que só a morte ou a tragédia serão capazes de romper...
120. De vez em quando, vou à igreja. Mas não todos os dias. Só quando o Senhor me chama, pois não gosto de importuná-lo, nem de atrapalhar seus afazeres celestiais.
121. Aquele sorriso desdentado que a velha senhora oferecia, sem nenhum constrangimento, era tudo o que tinha para distribuir aos transeuntes. Eles, no entanto, a olhavam de soslaio, com

algumas pitadas de compaixão. Mas tocar nela ou puxar conversa, isso não, que o bodum era forte e impunha um respeito cauteloso.

122. Fotografias são registros infalíveis, onde o real e o verossímil se apresentam sem máscaras, a fim de dizer a verdade, mostrar as imperfeições, atrair os olhares. Todavia, à hora de enfrentar o divino Julgador, convém escolher as melhores dentre elas, que o funcionário do guichê é intransigente por demais!

123. Toda noite, ao penetrar no casulo do silêncio e fechar a porta com cuidado, receio que seja para sempre. Aquele sempre que dizem existir, no fundo da cova rasa e sem agruras, onde tudo já desmoronou...

124. Na desesperança do coração vilipendiado, os sinos dobram pela luz em pranto, pelo amor enfermo, pelo riso morto...

125. As cortinas fechadas a distanciam do mundo. Mas a saudade está lá, solitária, na poltrona de sempre, com o mesmo olhar opaco, perscrutando o além. O tempo lhe ofuscou o brilho. Mas as lembranças lhe ardem ainda mais...

126. O filme da vida se desenrola na tela. E nós gostamos de rever os flashes, que reacendem o sorriso da infância, o colorido dos sonhos juvenis e a comoção retardada dos anciãos, ao recolherem as pétalas caídas sobre os canteiros do tempo.

127. Ao saltarem da terra, os brotos alargam o sorriso, a fim de cortejar as brisas do verão.

128. Para que seja valorizada de fato e de direito, a inteligência deve acompanhar-se de vários atributos. Entre eles, leveza e serenidade, perspicácia e determinação.

129. Assim que as primeiras réstias de claridade começam a espiar pela janela, dou a noite por encerrada, e me aprumo para a celebração do renascimento.

130. Quão admiráveis são as pessoas tolerantes e tranquilas! Em sua presença, o próprio estresse se encolhe, a fim de que a bonança reine soberana.

131. A estupidez humana pode ser tamanha, a ponto de entortar toda beleza e toda a suavidade dos corações de bem. E nós, que fomos escalados para admirá-los, vemos ruírem seus encantos e emudecerem suas canções.

132. A arte cria. A prece revigora. E à liberdade cabe reverenciar o quilate das prerrogativas humanas.

133. Eu não saberia afirmar o que é mais conveniente: represar a adrenalina, ou deixá-la rolar abundante, até o coração sentir-se leve como uma pluma ao vento...

134. Escrever representa um mecanismo de defesa, quando não um aplauso à nossa inquietação.

135. As ofensas, que ferem o caráter ou a honra, assemelham-se a dar- dos cortantes, cujos ferimentos jamais cicatrizam.

136. Quando amargurado por sucessivas frustrações, o coração cria, em torno de si, uma crosta protetora, que vai ficando mais resistente, à medida que os anos passam.

137. A travessia, pelas verdades do tempo, tem uma infinidade de degraus, por onde os sábios sobem e os néscios descem.

138. Embora nos reconheçamos velhos e achados, estou convencida de que nosso amor permanece jovem. Só mudou de padrão, de frequência, de ousadia, pois que o jogo da ternura continua excitante. Apenas mais terno e menos vulcânico.

139. Ser íntegro e sábio equivale a ser livre de influências e dominações.

140. Nada nos humilha tanto quanto os nossos desacertos.

141. Quando a primavera se apresenta, oferecendo sua abundância de aromas, matizes, pruridos e aragens, renasce em nós a esperança de ver o triunfo da dignidade sobre a vilania.

142. É nos canteiros do coração que se encontra o remédio eficaz às moléstias do sentimento.

143. A saudade pode ser conceituada como a dor que ama... – É essa a definição que adotei!
144. Sinceramente, eu gostaria de um encontro com Deus, em algum lugar do Universo. Tenho guardada, no arquivo das tribulações, um lista de queixas e verdades pra dizer a Ele.
145. O desgosto assemelha-se a uma esponja mergulhada n'água, pois quanto mais ele se encharca, mais pesado fica.
146. O cultivo da afeição e da amizade, nos garante um coração sem- pre ajardinado.
147. A solidão nem sempre nos espicaça. Às vezes, na tentativa de nos apaziguar, ela se mostra amiga, e chega com as mãos repletas de mimos...
148. Amar não significa limitar-se, anular-se, destituir-se. O amor é, acima de tudo, matiz, voo, fragrância.
149. Faça a experiência de colecionar sorrisos! Você verá o quanto é prazerosa a sua fruição, mesmo em conta-gotas!
150. As lágrimas são as águas mais maravilhosas que conheço. Ao invés de afogarem, elas têm o condão de construir diques, desse- dentar as inquietudes, suavizar as esfoladuras e reerguer o astral.
151. Deus só nos convidará a seu reino, quando nosso encaixe estiver perfeito; nossas lágrimas nadando em risos; e nossos espinheiros se abrindo em flores.
152. O amor goza de muitos predicados. Entre eles: derreter o gelo do coração, acender o facho da esperança, reabilitar os esgares do riso, semear e adubar afetos. Deveras, ele tornou-se especialista em perdoar, transigir, saciar e aquecer.
153. Eu não sei afirmar o que mais convém: represar a adrenalina, ou deixá-la jorrar abundante, até o coração sentir-se murcho como uma laranja espremida...
154. Há gente que contamina e gente que cura; gente que odeia e que ama; que corrói e que constrói; que energiza as cores da afeição e que as enferruja. Enfim, o mundo se rege por forças antagônicas, cuja função é selar o destino de cada um de seus moradores.
155. Já que o Senhor do Universo está presente em todo lugar, presumo não ser necessário encontrá-lo em algum jardim específico. Em casa, na rua, no trabalho, na escola, no hospital, tanto quanto no templo, estou na presença d'Ele e sou por Ele abençoada.
156. Descobri que a felicidade se assemelha a uma varinha mágica. Basta seu leve toque, para transformar numa pomba a mais peçonhenta cascavel.
157. Toda crise, seja ela individual ou coletiva, vem sempre com a arma engatilhada e pronta para disparar.
158. Uma afeição assim despojada, gratuita e a granel, tem o condão de esmorecer as agruras, essas enxeridas que nada sabem sobre a textura da paz.
159. Aos látégos do tempo, esfacelam-se os cravos, os antúrios, os crisântemos. Derreiam-se as orquídeas, as rosas, as violetas. E, o jardim vira uma praça de devastada: insígnias feridas, soldados mortos. É assim também que caem as pétalas do riso.
160. Nossos sonhos belos resfolegam sobre o travesseiro... Mas os feios, que provocam náusea e pavor, beliscam nossas carnes como pulgas, provocando desvairada comichão.
161. Se o amor vai-se embora, o quarto fica tão desolado, vazio de vibração e repleto de tensão, que a amargura passa a noite a esmurrar as cobertas.
162. É assim com o coração capturado pelo amor: seus olhos brilham, seus soluços riem e seu ardor se expande, preenchendo todos os espaços. No instante em que a inspiração bate à porta, o pensamento se alvoroça, chamando as palavras pra brincar. E elas se juntam numa bela parceria, a fim de espalhar os seus recados, até a completa saciedade... É assim que a luz se acende. É assim que o livro nasce.
163. Resgatar a paz, que se perdeu entre os penhascos do tempo, só se consegue, afrouxando as rédeas, soltando os braços, colhendo o sumo da aurora, reativando a pulsação.

164. A evocação da infância me devolve o gosto dos morangos, das uvas e laranjas; o cheiro da terra encharcada de orvalho; e o encanto das rosas e margaridas, abrindo-se à luz purificada da manhã...
165. As lágrimas, como os espinhos da roseira, também perfuram os sentimentos, provocando, ora choro e dor, ora emoção e ardor...
166. Naquele dia em que Eros me procurou, batendo de leve em minha porta (aquela que guarda o coração!), senti, de súbito, uma atmosfera nova perpassando o ambiente, e um novo sorriso me adoçando os lábios. Foi um momento de consagração, que se adensou com o passar dos dias.
167. Radiantes de relva e famintos de luz, os poemas que cultivo no coração se oferecem, ardorosamente, como fazem os gerânios e os colibris, no jardim ensolarado.
168. Vivam os elos, as paixões, as gargalhadas! Que tudo isso são dia- mantas, cujo fulgor nos deixa afortunados.
169. Aprendi, com as lições do tempo, a tecer o pensamento em fios dourados, a cantarolar com as emoções, a preservar a ânfora dos afetos, a exalar o perfume da alegria, e a abraçar o sonho com fervor...
170. Burilar, burilar, burilar... – Deixe o cinzel cortar, que as duras lascas do tempo irão, aos poucos, se abrandar...
171. Para que a consciência não murche, é necessário que se lhe regue os brotos, com água limpa e fresca, todo dia e toda noite. Dessedentada, ela vicejará, cobrindo de frescor os canteiros da paz.
172. Enquanto a névoa se espreguiça sobre os telhados, as fagulhas do Sol se enfiam pelo vão da janela, ansiosas de estancar os sonhos para, enfim, abraçar a realidade.
173. Nos meus tempos de menina, eu brincava no quintal, entre morangos e uvas, rosas e margaridas, coelhos e pintos, gatos e cachorros. Nos meus tempos de agora, mal consigo debicar o pólen da saudade, a fim de não deixar que morram aquelas esgarçadas alegrias.
174. Um aplauso à polissemia das emoções, que tanto podem desencadear o riso como o pranto, a obstinação como a letargia, a opulência como a simplicidade!
175. Quando o vigor se desintegra, faz-se inútil o conchavo da riqueza com a formosura!
176. É por não ser um evento perene que a realidade se agarra ao tempo, com receio de extinguir-se, antes que seus frutos amadureçam.
177. A magnitude e a profundidade da alma humana possibilita com- pará-la a um veio d'água, que ora se revela impetuoso, ora escorre serenamente...
178. A deserção nem sempre representa derrota. Pode significar, sim, um vantajoso recomeço.
179. Seu sorriso insinuava-se como um foco de luz, a refletir a claridade interior de uma vida consagrada ao trabalho, à integridade, à benevolência.
180. Toda palavra que proferimos tem sua propulsão interna e seu peso próprio, além de uma névoa tênue, que pode tanto dissipar-se, como penetrar fundo nos desvãos da consciência.
181. Os sensores do silêncio interagem com o resfolegar da mata, naquela sincronia fascinante em que até o nó dos mistérios se desata.
182. Um bom conselho, acompanhado de um bom exemplo, vale mais que uma boa esmola.
183. O horizonte me faz imaginar o outro lado da vida...
184. O véu que encobria o pudor, nos tempos das avós, só não falava, mas mesmo assim dizia tudo...
185. A própria tristeza vive cheia de cacoetes, que faz questão de revelar, para que todos dela se apiedem.
186. Há palavras tão pegajosas que, ao saltarem da boca, vão deixando pelo caminho um rasto de náusea e pus...

187. Pra que cortina nas janelas? Pra que tranca nas portas? E pra que luzes acesas, se o dia sorri, encharcado de luz?
188. Hoje sei que até a esperança vive de pensar que um dia o futuro chega, trazendo uma felicidade nunca dantes conhecida.
189. Esses cacoetes da idade, que nos humilham assim de graça, por que será que não nos deixam em paz?
190. As prateleiras do pensamento desconhecem a valia de viver em ordem. Tolas são elas, que embaralham o sono, só enxergam coveiros, e urram como tigres enjaulados...
191. Foi a vastidão do horizonte que me contou ser o orbe uma bola inatingível, que a ninguém se revela por inteiro.
192. Na estante, meus livros me observam, como se pretendem tirar umas férias e promover uma bagunça geral. Afinal, tudo o que é demais, um dia cansa.
193. Nem sei mensurar quantas brechas se abriram em meu subconsciente, quando o tempo me avisou que o fim da linha é logo ali...
194. O cheiro de morte... – Donde será que ele vem? Quem o mandou pra cá? O que mesmo ele pretende fazer?
195. As sutilezas do céu estrelado, sob o olhar carismático da Lua, nos impulsionam a render-nos e apaixonar-nos, por tanta beleza e fulguração.
196. O coração das mães assemelha-se a um arquipélago, cujas ilhas são seus filhos bem-amados.
197. Todos os que profanam os frequentadores do Universo igualam-se aos tubarões, especialistas em abater golfinhos e sereias.
198. O alicerce das velhas teorias, sobre o paraíso e o inferno, firma-se, inegavelmente, sobre a crença do bem e do mal.
199. Filhos da promessa somos todos nós, que cremos na excelência da generosidade sobre a perversidade do egoísmo.
200. O insulto equivale a uma cusparada, a uma golfada de vômito, a uma dose de cicuta letal.

Data : 23/09/2012

Título : Radiografia das Emoções – 201-300

Categoria: Pensamentos

Radiografia das Emoções – 2001-300

201. Vaporosas e macias como a própria arte, as mãos do artista só podem ser forjadas em veludo e seda, que outra substância não há, com talento para tal tarefa.
202. Basta um bocadinho de mau humor, para instigar nossos grilos, e até para provocar nossas cólicas renais.
203. Lidar com a insolência, a estultice, ou a empáfia, equivale a dar murro em ponta de faca.
204. Os percalços e safanões, que todos enfrentamos no correr dos anos, modelam nossos comportamentos, direcionam nossos passos, aplainam nossas arestas.
205. O golpe da adversidade é um procedimento equânime, pois não privilegia ninguém. Para ela, de fato e de direito, todos são iguais perante a Lei.
206. Plantei a palavra e reguei seus brotos! Colhi sorrisos e me fartei de mel!

207. O leito polido do rio, evanescente e sedutor, se parece com um lençol de seda, à espera da brisa que o venha acariciar.
208. Há sentimentos tão delicados, que flutuam nas águas da afeição, leves como uma rolha, serenos como um barco de papel.
209. Resgatar, entre os eflúvios da terra, o sussurro da cachoeira, o bailado das gaivotas, o resfolegar dos campos, o assobio dos bem-te-vis, a tepidez do luar, – são privilégios do coração que arde, da emoção que voa...
210. Outrora, eu confiava meus pecadinhos ao padre. Hoje, prefiro mantê-los comigo, que a prudência recomenda vigiá-los de perto...
211. Quando o silêncio baixa sobre a sepultura, e os enlutados recolhem as lágrimas, só mesmo as flores sorriem satisfeitas. Afinal, no campo-santo, é o colorido delas que faz a diferença.
212. Nada como um olhar arrogante, para congelar toda e qualquer simpatia.
213. Uma vez cumprida sua tarefa noturna, e em respeito ao reinado do Sol, as estrelas fecham seus olhos fulgentes, que elas também têm direito ao repouso, depois da prolongada vigília.
214. Atingir a plenitude da existência, em todas as suas facetas, só é possível com evolução moral, afetiva, profissional e, sobretudo, espiritual.
215. Não há como respirar tranquilidade, se os instintos forem belicosos; as decisões, incorretas; as relações, tumultuadas. Paz é sinônimo de ordem, harmonia, perfeição.
216. Alguns saem da batalha feridos e mutilados; outros, incólumes e vitoriosos. A vida se revela, de fato, uma justiceira do pau oco.
217. O crescimento pessoal só ocorrerá, ao aprendermos a lidar, de forma adequada e pacífica, com os desafios impostos pelo processo diário da sobrevivência.
218. O grande mote da prosperidade consiste em enfrentar o adverso, usando-o como trampolim da nossa própria evolução.
219. Ouso definir a tolerância como uma arte. E acrescento: Todo aquele, que não aprender a exercê-la, restará condenado a viver em conflito.
220. Conhecer-se e gostar de si! Eis dois aspectos da individualidade, indispensáveis ao êxito de qualquer empreendimento.
221. As experiências negativas, não raro, agem como fermento, anulando as fragilidades e promovendo benéficos resultados.
222. Ninguém passa ileso pelas peripécias da jornada terrena. Todos sofremos influências, saudáveis ou perniciosas. A diferença, para mais ou para menos, reside na tática de cada um exercer, adequadamente, o seu papel.
223. Ferir o sentimento agride mais profundamente o coração, que flechá-lo com um dardo.
224. Para conviver com os grilos e com todos os seus ruidosos comparsas, basta um bocadinho de bom humor.
225. Há certas madrugadas em que a rua, estupidamente silenciosa, nos impregna de auras e saudades, hipnotizando até os medos mais irrequietos.
226. Na travessia pelos despenhadeiros da vida, ocorrem certos flagelos, que convém enterrar para sempre. E rápido, e fundo, antes que eles rebrotem!
227. Estou convencida de que os fracassos decorrem, basicamente, de dois eventos aparentados: a preguiça e a incompetência.
228. Voar – para nós que vivemos presos ao solo – corresponde a uma atitude de superação, que dispensa a necessidade de asas.
229. Insolente e cáustico, demagogo e intolerante, o Sol prefere portar-se mais como algoz, e menos como amigo...
230. Sempre que divagamos sobre a existência, perscrutando os insondáveis mistérios da sua evolução, estamos em busca do elo perdido, desde a indisciplina de Adão e sua consorte.

231. No reduto de cada ser, vinga uma propulsão permanente, de correr no encaço da beleza, do sucesso, da felicidade, do amor...
232. Toda noite, reativo minha paixão pela penumbra e pelo silêncio. E rendo-me às sutilezas do céu estrelado, sob o olhar complacente da Lua.
233. A desgraça age tal qual um cinzel afiado: entra rasgando e sai sangrando.
234. Uma aurora suave, um jardim olente, uma guirlanda agul... De- veras, o Senhor Deus é um arquiteto de mão-cheia!
235. Cultua-se os heróis de argila, e ignora-se os forjados em aço. – É assim que procede a humanidade!
236. Meus versos saem do forno, crocantes, macios, saborosos. E me alimentam como o pão dos anjos, na confeitaria do paraíso!
237. Não irei embora pra Pasárgada, que desconfio do castelo e do rei. Mas irei arrebanhar estrelas, pra tecer as alegrias que sonhei.
238. Tanto as proezas da mansidão, quanto as da ira, agem sobre os nossos sentimentos, ora afagando-os, ora repelindo-os...
239. O coração arredio, que se tranca a sete chaves, desconhecerá, por certo, o fantástico elã da liberdade!
240. Quando escrevo versos, colho flores, afago os netos e beijo meu amado, a vida pára no tempo, a fim de que eu possa desfrutá-la e agradecer a meu Senhor.
241. Dentro de nós, pode haver vazios tão insolentes, a ponto de se igualarem a uma casa assombrada!
242. A harmonia é o que existe de mais valioso sob a abóbada celeste. Se alguém discordar, em favor de outro bel-prazer, por favor, me comunique!
243. O monstro metálico, entupido de gente até os calcanhares, ergue-se sobranceiro pelas rotas celestiais, cortando os ares com insuperável maestria.
244. Quais pássaros migratórios, andamos sempre às voltas com as intempéries, que são elas a nossa bronca mais severa.
245. Quando me ponho a trincar o tempo, na tentativa de extrair dele o que resta de vitalidade, sinto que, cada vez mais, ele se distancia de mim.
246. Num átimo, percebi que os anos se esvaziaram; que os sonhos viraram cinza; que o rosto se encheu de pregas e o sorriso se esgarçou, como aquele vestido démodé, descartado no fundo do baú.
247. Uma vez fragmentados, os relacionamentos murcham e definham, que seu instinto não é de guerra, mas de pacificação.
248. A perplexidade da morte esvazia toda audácia e toda certeza, que induzem o ser humano a julgar-se inexpugnável.
249. Ébrio de luar e de silêncio, meu coração desabrocha em poemas e canções, em preces e sorrisos, que escorrem pelos flancos do peito, revigorando sonhos, recolhendo sumos...
250. Lamentavelmente, há quem considere fúteis as regras de fidelidade e compromisso!
251. O processo de sedução não tem começo, nem meio, nem fim.
Simplesmente, acontece.
252. Fiel aos caprichos do vento, a nuvem gera a chuva, que rega os brotos, amansa a poeira, canta sobre os telhados, amolece os sentimentos, dilui as amarguras.
253. Para alguém tornar-se fútil, pouca coisa é necessária, uma vez que as veleidades andam soltas por aí, sem nenhum compromisso, nenhuma vibração.
254. Há duas espécies de sentimento: os que despertam humores repentinos e fugazes, e os que acionam sensações duradouras e fortemente arraigadas.
255. A distância entre dois corações mede-se por um choque térmico, diretamente proporcional ao fogo que os incandesce.

256. Duas caras tem o silêncio. Se enjaulado pelo preconceito, é soberbo e vil. Se emoldurado pela gentileza, mostra-se cordial e respeitoso.
257. No vazio cavernoso da solidão, só o que se escuta são o pio agourento da coruja e o grito dos trovões irados...
258. A luz que brota, nos olhos da criança, é a mesma que um dia se apagará, sob as pálpebras do moribundo.
259. No lagar da amargura extrema, o desespero tritura o sorriso, o prazer e até a própria ternura...
260. Algumas das nossas lembranças se despedem, abanando seus adeuses de comoção. Outras permanecem agarradas ao peito, pois que a solidão é a saudade ampliada um milhão de vezes...
261. Os aromas da primavera saíram em disparada... Logo, logo, se- carão os cabelos das espigas, murchará o sorriso das romãs, ruirá a torre das palmeiras. Só a craca restará, no fundo da cova, para contar a história.
262. O abraço da Lua me rega de sonhos e seu beijo me desabrocha...
263. Pássaros inertes e paixões engaioladas: sons enterrados na garganta...
264. Ao adentrarmos pelos corredores da morte, calam os olhos e escurece a boca. Só os ouvidos se mantêm atentos ao cacarejo dos vermes...
265. A inveja deve ser prima-irmã da serpente. Pois ela também se esgueira de mansinho, prepara o clima, perfila-se, dá o bote... E o estrago está feito!
266. Não permita que a acidez do desencanto se esgueire entre você e o mundo, infestando os sentimentos ternos, os risos doces, e esse olhar brejeiro, à procura de um lugar ao Sol...
267. Outrora, era o ardor da juventude que me fazia soltar os versos, sobre a cândida folha de papel. Hoje, é o gemido da saudade, de tudo o que se foi e nunca mais retornará...
268. Os corações jubilosos consideram a felicidade como uma nesga do paraíso. Já os depressivos a definem como um pé-de-vento.
269. Há indivíduos virtuosos, que se sublimam na prece. E há outros tão visguentos, que a evocação de sua imagem já causa repulsa.
270. Seu cérebro se assemelha a uma enciclopédia... Tal é a exatidão dos conceitos, a vivacidade da memória, a sutileza dos argumentos. Julgo ser essa a performance do sábio!
271. O egoísmo é tão voraz e alcoviteiro, que consegue ferir todos os elos e desafinar todas as melodias, transformando as relações em eventos desagregadores, quando não, contaminados.
272. Há um vasto e profundo parentesco, no ato de compartilhar.
273. Arauto do prazer e da alegria, o sorriso glorifica o semblante humano, como se o anjo doce da bondade sobre ele esteja impondo as mãos.
274. É a imaginação que dá consistência aos nossos sonhos, ao torná-los parceiros dessa história que, com sua adesão, edificamos.
275. Enquanto a síndrome da morte súbita chega de inopino, a da morte lenta prefere matar no cansaço.
276. Estou convencida de que a satisfação do ser humano assenta-se sobre um quádruplo penhor: família, amigos, dinheiro, casamento. Quando tais relações vão bem, tudo ao redor floresce e desabrocha. Caso contrário, vingarão as ervas daninhas, fadadas a arruinar qualquer projeto.
277. Comprometimento – eis um vocábulo mágico, com poder de alterar o curso das nossas relações e decisões, na busca incessante das conquistas que idealizamos.
278. Uma das grandes surpresas da minha infância foi descobrir os longos braços do Sol, estendendo-se pelo vale, em direção ao castelo das mil e uma noites...
279. Devoradora de livros como aquela mestra, só mesmo a traça e o bolor...
280. Somente o devaneio tem poder de devolver-nos a infância, reconduzindo nossos passos, ao aconchego do ventre materno!

281. Creio que a alma e a aura são irmãs-gêmeas, pois vivem perene- mente conectadas.
282. As conquistas se nutrem de um punhado de decisões inteligentes.
283. Digno e generoso é ele, o sândalo, que perfuma as mãos de seu agressor!
284. À velhice foram atribuídas incumbências singulares. Entre elas: manter vivas as lembranças, contar estórias para os netos, colher frutos no quintal, orar pela família e abençoá- la com fervor.
285. Há um matrimônio perfeito entre a cascavel e o pecado: ambos chocalham o guiso, atraindo suas presas para o brinde de veneno!
286. Nosso vestuário: afirmação ou lembrança? Sutileza ou rebeldia?
287. Sem ela, a grande e macambúzia solidão, nenhum artista consegue dar vazão à sua arte, com serenidade e paixão...
288. Ensinaaram-me que o sofrimento se assemelha à bigorna, que malha o ferro até torná-lo flexível.
289. Seus olhos amendoados: um colírio para meus olhos embaçados!
290. Espero ainda contemplar os lírios da inocência, brotando entre os espinheiros, e exalando suas emulsões de paz!
291. Ao despontar da aurora, a Lua se isola em seus aposentos particulares, a fim de apumar-se para a noite, com novos galanteios e esplendores.
292. Assim como o alimento retempera o viço do corpo, o estudo fortalece a têmpera do espírito.
293. Lembranças, sorrisos, amores, saudades... – Tudo age como um bálsamo, no instante de apaziguar os achaques que os anos têm a mania de provocar...
294. Quando os pirilampos aparecem, com seu pisca-pisca habitual, clareando alamedas e jardins, também os sentimentos natalinos vêm à tona, a fim de celebrar com eles o renascer dos corações...
295. Naquele dia, o pensamento atravessou-me o cérebro qual um corisco, (mais ou menos luzidio como costuma ser a chama do intelecto). E, ao sair, às pressas, levou consigo uma faísca da memória, provocando-me um curto circuito...
296. Se eu tivesse nascido borboleta, seria mais feliz ou menos sonhadora?
297. A todos aqueles que amo, tenho um conselho a dar: Não encare a pedra como um obstáculo, mas como um trampolim!
298. Já se foram várias décadas, desde aqueles tempos empapados de ventura, em que os ladrilhos da vitalidade me revestiam, e as amoreiras debruavam, com miçangas sorridentes, a minha gula infantil. Era assim que eu me adornava, para a festa das flores, dos frutos, dos jogos e das cirandas...
299. A conhecida petulância, indigesta ao extremo, não passa de um grotesco palhaço, que ninguém incentiva nem aplaude.
300. Considero o vício da embriaguez como um distúrbio, mais severo que o desarranjo intestinal!

Data : 23/09/2012

Título : Radiografia das Emoções – 301-400

Categoria: Pensamentos

Radiografia das Emoções – 301-400

301. Estou em dúvida sobre o quilate dessas duas meninas: Será mais valiosa a formosura, com sua corte de admiradores, ou a inteligência, com seu fulgor inextinguível?
302. A submissão em excesso pode descambar para um sentimento feroz, daqueles que, algumas vezes embrutecem, e outras, aniquilam.
303. Julga deveras imbecil quem faz o bem sem olhar a quem...
304. De verso em verso, meus motes vão navegando, até alcançarem o grande estuário do mar... Do mar imenso e ondulante, que me convida ao porto da alegria, onde o sorriso me espera, para o ágape dos poemas e das vibrações...
305. Insondável e obscuro, o interior do ser humano pode comparar-se, tanto a uma rocha abrupta, quanto a um ninho de colibris...
306. Como faz a bigorna, que malha o ferro para torná-lo flexível, também o sofrimento martela as nossas imperfeições, a fim de amoldá-las, segundo os ritos da bondade, da prudência e da harmonia.
307. Basta um bocado de atenção, para perceber que algo repugnante desfigura a fisionomia do déspota. Tal como a carne podre, que até os cães rejeitam...
308. Nos canteiros do jardim celeste, queira Deus que não seja eu a corbelha murcha, nem o candelabro às escuras, nem a borboleta incolor.
309. Nos recantos da nossa intimidade, não raro descobrimos vazios tão insolentes, que se parecem até com uma casa assombrada.
310. Adequar-se aos solavancos da jornada: eis o segredo da satisfação constante, do farol sempre iluminado!
311. Não desista de seguir a correnteza dos anos, sejam quais forem seus perigos e ameaças! No fim da rota, haverá sempre aquela luz brejeira e aquele insólito ocaso, que são peritos em reabilitar as emoções acabrunhadas.
312. Antenas sempre ligadas! – Eis uma fórmula certa de não perder o trem da história!
313. Não basta apenas escutarmos as vozes do planeta, com seus aplausos e imprecações. É preciso interpretá-las, geri-las, aperfeiçoá-las, pois só assim teremos saldado os nossos compromissos, com o hospedeiro que nos abriga.
314. Em época de Natal, quando os pirilampos se apresentam, com sua lanterna mágica, a fim de clarear os pinheiros e jardins, também o sentimento de fraternidade põe-se a luzir, nos corações tocados pelos raios da esperança.
315. Naquelas horas, em que me sinto flácida e nua, cubro-me com o véu esvoaçante da poesia e, para que ninguém me reconheça, saio à rua trajada de odalisca...
316. Num piscar de olhos, tudo pode acontecer. Desde a mais alentadora esperança, até a mais pegajosa frustração.
317. Impávido e cáustico, o Sol se porta bem mais como algoz, do que como amigo e companheiro fiel...
318. Quando morre o vento, vem a aragem, com sua aura cristalina, enrodilhar-se em meu corpo e inundar-me de frescor...
319. Naqueles anos empapados de sorrisos, os ladrilhos da vitalidade revestiam-me por inteiro. E as pitangueiras debruavam, com miçangas coloridas, os meus ardores infantis. Era assim que me enfeitavam para a festa das flores, dos frutos, dos jogos e das cirandas.
320. Tão logo a dor e o pranto nos acometem, com suas aduncas garras de escorpião, perdemos a noção do espaço e do tempo, que adquirem feição de algozes, ao invés de continuarem irmãos...
321. Quem nos dera que os cristais da caridade seguissem reluzindo, pelos séculos afora, em todas as jazidas da humanidade!
322. É bom ter uma paixão na vida. Mas é bem melhor ter inúmeras paixões. Nascemos com talento para assimilar múltiplas realidades, e isso nos potencializa e enriquece.

323. A excessiva reverência, ao individualismo, induz a humanidade ao espólio da benevolência e da solidariedade.
324. Quando os sonhos murcham, o sorriso passa a viver ao relento, sem pão, sem água e sem flor, como um viajante perdido, entre a praia e o mar...
325. O filósofo Somerset Maugham, atraído pela filosofia dos brâmanes, formulou essa pérola: “O homem deve dedicar sua infância ao brinquedo; a mocidade, ao estudo; a maturidade, aos deveres da hospitalidade; e a velhice, à contemplação do absoluto”.
326. Um mundo ideal, onde não exista trapaça, nem inveja, nem cobiça, é o que se espera ver, antes que desmorerem todos os diques, e se perca toda a equipagem.
327. A tolerância compara-se a uma arte. É todo sujeito, que não aprender a exercê-la, restará condenado a viver em conflito.
328. Por sua cor de safira imaculada, o céu nos observa ternamente, como a oferecer seu abraço cálido, ao gelo da nossa solidão...
329. Quando a felicidade exagera na dose de seus regalos, os nossos botões desabrocham e inflam as nossas asas. É a primavera da vida subindo ao trono...
330. Os prolongados anos, pastoreando os sentimentos, ensinaram-me que o mau-humor é um daqueles eventos macabros, que grassa entre nós igual a uma peste.
331. Conheço várias espécies de sorriso. Dentre eles, prefiro as suaves às turbulentas, e as brancas, às escarlates.
332. Cultiva-se os heróis de argila, e ignora-se os forjados em aço. É assim que caminha a humanidade!
333. Estou em dúvida acerca do quilate dessas duas meninas: Será mais valiosa a formosura, com sua corte de admiradores, ou a inteligência, com seu fulgor inextinguível?
334. Já se esgotaram incontáveis décadas, desde aqueles tempos encharcados de risos, em que os ladrilhos da vitalidade me revestiam por inteiro, e as amoreiras debruavam, com miçangas suculentas, a minha gula infantil. Era assim que me enfeitava para a festa das flores, dos frutos, dos jogos e das cirandas.
335. Todos os dias, ao despertar, hidrato e lustro meus ideais, a fim de que não sequem nem percam o matiz.
336. As mãos benfazejas da aurora se estendem, sobre os morros e as grotas, os lagos e as searas, os frutos e as flores, com o propósito de abençoá-los e ungi-los.
337. Se tivéssemos certeza do renascimento, não temeríamos o encontro com a senhora dos cadáveres...
338. Lembranças, saudades, pulsações, tudo age como bálsamo, no instante de apaziguar os achaques que o coração tem a mania de provocar...
339. Os feiticeiros braços do Sol, com sua intromissão peculiar, estendiam-se pelo vale, à procura do castelo das mil e uma noites.
340. Para o bem de todos os mortais, tanto o seu pensamento, como sua inteligência e sabedoria são, incondicionalmente, ilimitados.
341. Graças a Deus e às suas generosas cortesias, estou sempre disposta ao sorriso, à concórdia e ao abraço!
342. Sou acometida de um prazer indizível, ao sentir o broto saltar do galho, abrir os braços e sorrir...
344. É a imaginação que subsidia nossos desejos, ao torná-los parceiros dessa história que, com sua adesão, edificamos.
345. Em minha misteriosa e derradeira viagem, sentir-me-ei mais confortável e menos temerosa, se me for permitido levar comigo uma braçada de livros, pois que a ociosidade me provoca urticária...
346. Uma das belas recordações da minha infância, foi descobrir os longos braços do Sol, estendendo-se pelo vale, em busca do castelo das mil e uma noites...

347. Saibam todos que percorri, teimosamente, longínquos vales e desertos, em busca da felicidade prometida aos que amam com sinceridade e devoção!
348. Sem uma dose incrementada de otimismo, ninguém de nós consegue manter, por longo tempo, a vitalidade e o bom humor.
349. A quem deseja disfarçar os traços de um semblante pouco privilegiado, não há melhor estratégia do que um sorriso simpático.
350. Somente a inteligência, o trabalho, a dignidade e a honra, haverão de ser guindados ao panteão dos vencedores.
351. Oh! as noites da minha infância, povoadas de vaga-lumes, e com aquela serenidade fulgurante da alma sem pecado!
352. Asseguram os entendidos em assuntos sentimentais, que a emoção e o prazer, quando procrastinados, são também multiplicados.
353. Quando se é jovem, ama-se através do corpo. Quando se envelhece, ama-se através da alma.
354. Há dois eventos que me comovem e harmonizam: a revoada das gaivotas e o murmúrio incessante do mar...
355. Se, porventura, as palavras costumam deixar um gosto amargo em tua boca – cuidado! – Podes estar sendo envenenado(a) por tua própria bile...
356. Há olhares que faíscam exageradamente, provocando arrepios na espinha dorsal. São esses que desestabilizam as nossas estruturas sentimentais.
357. Ficar a sós dentro da noite, a fim de dialogar com o silêncio e os próprios sentimentos; refletir sobre o passado, o presente e o futuro; remover a ferrugem e os detritos deixados pelo tempo; e, por fim, realizar o descarte das falsetas cotidianas, tudo isso equivale a pro-mover, tanto na alma quanto no corpo, uma limpeza espiritual...
358. A luz que jorra dos olhos da criança é a mesma que congela, sob as pálpebras do moribundo.
359. Cuidado com a malvadeza de certas palavras, que escondem nos cantos da boca, um ranço letal de arsênico!
360. Seu olhar cristalino, embebido em suavidade e bem-querer, tem o dom do talismã, que protege e fortalece.
361. Considero o mau-humor um evento macabro, daqueles que grassam como uma peste.
362. Nas horas sensuais da noite, quando o luar me afaga e as estrelas me sorriem, sinto brotar, dentro de mim, uma revoada de pirlampos, cujas lanternas piscantes suavizam minha nostalgia.
363. A luz suave da aurora saúda as palmeiras imperiais, num misto de reverência e sensualidade.
364. “Um distúrbio mais severo que o desarranjo intestinal“- Eis como pode ser definido o vício da embriaguez!
365. Nada como o sono, para reconduzir nossos sonhos ao suave aconchego do colo materno!
366. Ao renascer das ruínas, envolto pela túnica da paz, meu espírito aprumou-se, no afã de colher o sorriso das estrelas, e suavizar meu coração naquela cantiga doce, que nunca mais deixou de soar...
367. A mão de um artista só pode ser feita de seda, vaporosa e macia como se revela a arte, em qualquer das suas expressões.
368. O olhar arrogante só se presta para congelar a amizade e a simpatia.
369. São múltiplas as concepções sobre a existência humana. Para alguns dentre nós, ela não passa de uma ridícula comédia; para outros, iguala-se a um drama de afanosa persistência; e, para um terceiro grupo, revela-se um sonho ardorosamente acalentado.

370. Conheço três ingredientes básicos, que impedem os sentimentos de adoecerem: o bom senso, a tolerância e o bom humor.
371. Alguém discorda de que as veredas do conhecimento são múltiplas, como são as vertentes? – E de que elas atravessam todo tipo de cancelas, tanto as largas quanto as estreitas? As de bronze e as de argamassa?
372. Se a melancolia tocar tua campainha, é aconselhável não abrir a porta. Pois ela se apresenta sempre como uma intrusa mal resolvida, cujos cacoetes são amigos íntimos da depressão.
373. Faço votos que perdurem para sempre: os elos familiares, as tropelias escolares, os saborosos manjares, as serestas lunares, as fulgurações estelares! – Esse era o panorama do orbe, na alvorada da criação!
374. O livro pode ser definido, ora como um caldeirão, ora como um cadinho de sensações. Nele jogo meus sentimentos, quer escuros, quer resplendentes; meus anseios, tanto os acres como os doces; meus amores, sejam eles mórbidos ou ardentes... Nele, cérebro e coração fazem as pazes, a fim de sorver melhor os sabores do cotidiano existencial.
375. Assim como não se trata com sal uma ferida aberta, também não se deve olhar o mundo com óculos escuros...
376. Lembre-se de que a sensibilidade alheia pode manifestar-se tão profunda quanto a sua, ou até mais intensa do que ela. Daí a importância de dosar o condimento das palavras que proferimos.
377. Aquela antiga tendência ao perfeccionismo custou-me décadas de treinamento. Todavia, tão logo aprendi a descartá-los, ou, melhor dizendo, a extingui-los, descobri o nó górdio de certas atuações fracassadas...
378. A chuva cessou, mas seus respingos permaneceram grudados na soleira das janelas, nos degraus da escada, nos corações sedentos. Tudo neste mundo necessita de um frescor, sob pena de morrer desidratado...
379. Há quem se pareça com cascas de banana, com torrões de barro, ou até mesmo com poeira tóxica... – Tal é o desleixo com os sentimentos, a ponto de torná-los vilões da indignidade.
380. Sobre a lápide da sepultura, impõe-se o que sobrou da vida: um nome, que ninguém mais chamará; uma vela derretida além do toco; uma saudade esvaída sobre as lembranças; e uma fotografia, cuja identidade inviolável se perpetuará no tempo...
381. Os muros, que cercam nossos domicílios, não só resguardam o patrimônio que prezamos. Também cerceiam nossa liberdade, a ponto de fazer-nos reféns do nosso próprio destino.
382. Por mais livres que sejamos, haveremos de ser também, indefinidamente, prisioneiros das nossas escolhas, já que a vida se iguala a uma teia, a cercar os projetos que traçamos e as obras que executamos.
383. Andrajoso e selvagem, o instinto do mal ronda o ser humano, com muito mais frequência e intensidade, do que os impulsos do bem e da concórdia.
384. A traição provoca em nós tão insolente tremedeira, que pode ser comparada a um violento choque elétrico.
385. No decorrer dos anos, os obstáculos, contrariedades e frustrações vão aos poucos tomando forma aceitável, como se ocorre uma acomodação das moléculas, a fim de provocar o discernimento que leva ao equilíbrio.
386. Nas estruturas internas do álcool, como num feixe de ironias, há um complô organizado, com o fim de entornar o caldo, ou borrar a lucidez.
387. Urge suplicarmos a Deus que nos livre de toda hipocrisia; que aplaque os nossos assomos de vanglória; que nos ensine o caminho do amor; e que, por fim, pulverize o ar que respiramos, com partículas de bem-querer.

388. Suponho que uma atitude eficaz, para uma relação tumultuada, consiste em contornar o inconveniente, substituindo o uso do sal pelo do açúcar...
389. Ao analisar certos divórcios modernos, tenho a sensação de que o casamento virou mercadoria, numa negociata, não de sentimentos, mas de valor monetário.
390. De todos os julgamentos a que estamos expostos, o único que repercute, pela eternidade afora, diz respeito à nossa generosidade, quer para a acolhida, quer para o perdão.
391. A capacidade de higienizar a alma, até extinguir completamente suas nódoas, age como um segundo batismo, abrindo-lhe as portas da redenção.
392. A única sociedade que não se desintegra nem se corrompe, sejam quais forem as leis e as circunstâncias, é a do vínculo tecido entre pais e filhos.
393. Mais perigosas do que os inimigos são as pessoas que odeiam a si mesmas.
394. De uns tempos para cá, meus pensamentos adoram dar cambalhotas, virar-de-ponta-cabeça, enovelar-se como um caracol, saltar de paraquedas...
395. As saudades, enfileiradas nos corredores da memória, sobem e descem as escadarias, riem e choram, chamam o afeto e o rejeitam, procurando sinais daquelas eras, em que os sorrisos se mostravam mais limpos, e as constelações mais reluzentes...
396. Os lares foram inventados, para que as pessoas possam despir-se sem intromissão, calar as vozes que lhes fustigam os tímpanos, trocar ideias com seus sentimentos, e drenar os fluidos que as encharcam, no atoleiro das ruas...
397. Naquela manhã de expectativas e promessas, as centelhas do dia puseram-se a espiar por entre as árvores, como se Deus as tivesse jogado das alturas, a fim de reaquecer tantos corações congelados, e carentes de um banho de chamas.
398. Antes de qualquer outro parceiro, há que se convidar o nosso próprio coração. Ele que é nossa baliza, nosso termômetro, nossa marca-d'água. Feliz daquele que confia nesse conselheiro de plantão!
399. No estertor da noite, infestada de fantasmas, nossa maior preocupação é alcançar o dia seguinte, pôr a mão no ombro da esperança, olhá-la de frente e fazer dela o nosso escudo protetor.

Data : 23/09/2012

Título : Radiografia das Emoções – 401-500

Categoria: Pensamentos

Radiografia das Emoções –401-500

401. Espiões intergalácticos – é assim que defino os anjos, continuamente postados nas guaritas celestiais, a fim de acolher-nos ou impor-nos o castigo merecido.
402. Enquanto a brisa docemente murmurava, as ondas higienizavam a praia, o farol sorria satisfeito, e as gaivotas desenhavam sonhos, que me jogavam nos braços, pela ponta das asas...
403. As doenças agem, pateticamente, como máquinas de moer. E a segadura, por elas empreendida, devasta todos os encantos, desde os corporais até os emocionais.
404. As horas, em que me dedico à escrita, são como uma propriedade particular indevassável. Escrever, e assim compulsivamente, assemelha-se a uma condenação. Mas eu a quero, amo e necessito dela! – Ainda bem que minha escolha me sentenciou ao paraíso!
405. Há sempre uma realidade submersa, em todas as frases proferidas, em todos os sentimentos manifestados.

406. Todo homem, elegante ou não, tem pinta de galã. Julgar-se forte, atraente, poderoso, é próprio da índole masculina, pois o varão preserva em seu íntimo a síndrome da prevalência.
407. Disseram-me que Marte é um planeta lúgubre, e ainda craquento e seco, como uma fatia de pão torrado. Qual será então o motivo de despertar tanta curiosidade?
408. O desfecho da vida humana deveria ocorrer como a metamorfose das lagartas, que se transmudam em borboletas e aprendem a voar.
409. Escrever compara-se a uma libertação. – A gente sai do corpo, flutua, se agita e aquieta, até por fim empreender o voo, que dilata o espaço, retém o tempo e o registra.
410. Ativista apaixonada, exponho meus textos no cordel das ruas, para que todos possam degustar seus sabores, aspirar seu incenso, e compartilhar da alegria que os fez nascer...
411. É tão sagrada a instituição do vínculo entre o homem e a mulher, que sua ruptura gera um sangramento difícil de ser estancado.
412. Desde a hora do nascimento, até a hora do desenlace, teremos de ser indivíduos em evolução, sob pena de nos perdermos no caminho, e não concluirmos a travessia.
413. Essa necessidade tribal que caracteriza, tanto os homens quanto as mulheres, demonstra o quanto somos dependentes, gregários, incompletos!
414. Nas horas altas da noite, nada deslumbra mais que contemplar a abóbada celeste, sentir o empuxo das estrelas, namorar o sorriso da Lua, e recolher, nas alamedas silenciosas, as gotas da infusão prateada. – A noite é, deveras, um palco de fascinações...
415. Insolentes e resmungões, os silvos da ventania postam-se diante da porta, forçando a fechadura...
416. Andei pelas veredas, vasculhando as leis e as convicções. E descobri que a verdade mora a nossa direita, ao passo que a mentira vinga a nossa esquerda...
417. Se soubermos conviver com a sombra, no verão, e com a lareira, no inverno, estaremos preparados para enfrentar as safadezas das estações.
418. Estou convencida de que as estrelas e as flores, os pássaros e os sorrisos, as carícias e os aromas, as cantorias e as preces, são as primícias do jardim celestial.
419. Valha-me, Deus, contra a arrogância, o sadismo, a empulhação! Quero distância de suas garras venenosas!
420. As horas medem o tempo da existência e das obrigações, mas só as alegrias marcam o tempo da felicidade...
421. Ao fechar-se para a vida, a fim de ir ao encontro de seu destino perene, bem que o nosso corpo poderia transmudar-se em flores e frutos, em carícias e beijos, em poemas e canções!
422. Nunca se afaste do perdão e da reconciliação, que são eles os nossos mais eficazes tranquilizantes!
423. Ao invés de terem mãos e pés, cabelos e penugens, por que será que os humanos não foram dotados de ramos e flores?
424. Ao sentir-se profanada pela inércia humana, a terra exala seus vapores esgarçados, até a seiva de suas entranhas conceber novos rebentos e parir novos pendões...
425. Só quando nos libertarmos dos preconceitos e das inseguranças, veremos a sensibilidade expandir-se dentro de nós, desde o reduto da alma até o castelo dos sonhos.
426. Além de um gesto de amizade e bem-querer, um presente é também uma dádiva singular, cujo maior efeito é aproximar os corações...
427. É sempre Natal no íntimo de quem ama, de quem sorri, de quem vê, em seu próximo, mais um filho de Deus!
428. A humanidade revela-se por suas múltiplas faces. Entre elas: a realidade e a fantasia, a luz e a escuridão, o riso e a lágrima, a certeza e a dúvida, a paixão e a indiferença, a sabedoria e a ignorância. Feliz daquele que abomina a face do ódio, para enaltecer a do amor!

429. Essa interlocução que há entre corpo e espírito, os quais mutuamente se influenciam, é a caudatária do destino humano, com sua abundância de sonhos, promessas, aquisições.
430. Engrenar a marcha certa, na hora certa e no caminho certo: eis a arrancada que há de fazer a diferença.
431. Quando me debruço sobre os livros – sejam eles de natureza recreativa ou criativa – sinto-me absolvida das limitações impostas pela idade, uma vez que eles são, deveras, os meus amigos fiéis, serenos e incentivadores. – Eles e eu: uma parceria bem sucedida!
432. Os comandos que enviamos ao cérebro são decisivos à saúde mental. Se positivos, reforçam a capacidade criadora. Se negativos, agem fora de sintonia, produzindo reações desastrosas.
433. Não dê chance à insegurança, que ela é safada por demais, ao promover seus golpes derrotistas.
434. Energia e vibração: eis o tônico do otimismo, que fortalece a vida saudável!
435. Mesmo sabendo que a alegria é contagiante e benéfica, por que insistimos em assediar a tristeza?
436. Para que saibamos discernir entre o bom e o ruim, o adequado e o inconveniente, o saudável e o nocivo, nosso cérebro precisa ser escovado, ventilado, lubrificado e polido...
437. Os elogios acontecem tão raramente, porque o nosso ego quer a louvação para si e não para os outros.
438. É por sua inconsistência secular que a felicidade anda tão escassa, rarefeita e esgarçada!
439. Tenho absoluta convicção de que só as pessoas generosas vivem realmente felizes...
440. Os sorrisos agem como o isqueiro. Um leve toque é suficiente para incandescê-los.
441. Já lhe disseram que a prática é sempre mais eficiente que a teoria? E que ambas são indispensáveis, ao bom desempenho de qual-quer empreendimento?
442. Só ao descobrirmos o valor da vida, passaremos a tratá-la com equilíbrio e respeito.
443. Sobreviventes somos todos nós, ao ultrapassarmos as adversidades, polirmos as imperfeições e desfraldarmos o estandarte da paz.
444. O sujeito que não sabe rir nem chorar, é óbvio que também não sabe amar, uma vez que o amor se nutre de risos e lágrimas, de sonhos e conquistas, de presença e ausência.
445. Quanto mais leves forem os nossos conceitos e as nossas convicções, mais auspiciosos haverão de ser os nossos empreendimentos.
446. Tanto a intolerância e a ira, como a inveja e a vingança, produzem toxinas perigosas, e propensas a gerar as mais nefastas enfermidades.
447. Ligue as antenas, mantenha vigilante o intelecto, faça a vida acontecer! Não esqueça, todavia, que o repouso também faz parte desse processo, uma vez que, sem ele, há perigo de colapso.
448. Acostume-se à impermanência, pois que o fenômeno existencial impõe, a todos os mortais, um constante renascer!
449. O estresse, por ser inimigo da serenidade, do repouso, do vigor físico e emocional, não nos permite sentar e refletir. Exige presença e vigilância permanentes. E é aí que mora o perigo!
450. O que falta ao homem e à mulher dos novos tempos é, sobretudo, a pausa, o silêncio, a reflexão, o sono restaurador... A ausência desses ingredientes desestabiliza o tônus cerebral.
451. Por que será que são tenras as virtudes e densos os defeitos?
452. Nem mesmo as dádivas da alma devem ser oferecidas em prestações. - Ou ela se dá inteira, ou sua doação é pífia...
453. O relacionamento entre os indivíduos, tanto pode descambar para um solo poeirento, como elevar-se ao banquete das estrelas.
454. Indiscutivelmente, o trabalho possui duas faces: a do prazer e a do cansaço...

455. A fé representa um caminho de mão dupla. Pois há os que nela crêem e os que dela duvidam.
456. Define-se como morte o evento insondável, lúgubre e irredutível. Esse mesmo, que não leva ninguém pra compadre...
457. Nosso espírito só se revela verdadeiramente livre, depois de aprender a voar.
458. Somente a sabedoria da vida, com seus volteios e suas experiências, conhece os caminhos que podem ser trilhados, com menos esforço e melhor resultado.
459. Quedo-me apática, ante a fraudulenta contradição humana, que nos acena com galanteios, para acostrar-nos depois com físgadas venenosas.
460. À noite, o Sol se recolhe à guarita das trevas, a fim de liberar-nos para o sono reparador.
461. Em meio a tantas contendas que o destino nos impõe, pra onde se evadiu aquele oásis, tão anunciado pelos profetas?
462. Com o passar dos anos, as tropelias se desvanecem, os sorrisos murcham, e cala o vento sua ruidosa empulhação...
463. Há gente que gasta a vida, tentando encontrar seu ponto de equilíbrio. E acaba morrendo desequilibrada.
464. Entre os cicios próprios de sua índole, as margaridas e as camélias, os antúrios e os jasmíns, impregnam de fragrâncias coloridas, nossa aura e nosso bem-querer.
465. As horas marcam o tempo da existência e suas obrigações, mas só as alegrias marcam o tempo da felicidade.
466. Andei pelas estradas, vasculhando as leis e as convenções. E concluí que a verdade mora à nossa direita, ao passo que a mentira vinga à nossa esquerda...
467. A segurança, o aconchego, a harmonia e a prece: eis os embriões onde desabrocha a ventura legítima.
468. Se fizermos amizade com a sombra, no verão, e com a lareira, no inverno, estaremos preparados para enfrentar as safadezas das estações.
469. Estou plenamente convencida de que os pássaros e os sorrisos, as carícias e os aromas, as cantorias e as preces, as estrelas e as flores, são as primícias do jardim celestial...
470. Valha-me Deus, contra a arrogância, o sadismo, a empulhação! Quero distância de suas garras venenosas!
471. Considero o inferno uma invenção inútil, tanto para os paladinos do bem, que passam longe dele, quanto para os parceiros do mal, que com ele fazem conchavos.
472. Por mais frágeis que pareçam as artimanhas do destino, ainda assim ele se investe de poder e autoridade, pois que ninguém o supera na capacidade de bagunçar...
473. As recompensas e os castigos da vida futura, que o livro sagrado proclama, por todos os quadrantes da Terra, por que não ocorrem às claras, sem mistérios ou enganações?
474. Deixe de lado as iras e as mentiras, as dores e os dissabores, a correria e a desvalia, que só assim os encantos do universo virão visitar você!
475. A seiva que palpita em nosso peito, ora frágil, ora auspiciosa, revela a mesma vitalidade que gera o brilho das constelações e a volúpia dos mares.
476. Só uma nesga de céu me é suficiente, para adormecer minhas inquietações e despertar meus ardores!
477. Certa noite, sonhei que morri. E que um anjo desceu até mim. E estendeu-me sua mão protetora. E enlaçou-me em seus véus. E levou-me à presença de Deus...
478. Com o passar dos anos, mudam as atitudes, os conceitos, os valores. E enquanto as afeições se cristalizam, o coração amolece e a serenidade se espalha, por todos os recantos do corpo e do espírito...
479. Esgotou-se um tempo prolongado, até o coração descobrir a atmosfera serena da alegria, da terra fresca, das águas límpidas, do amor cálido e verdadeiro, da simbiose que inebria e transfigura...

480. Enquanto eu presenciava, sobre as ondas inquietas, os lascivos soluços do mar, meu coração se encharcava de volúpia e palpitações...
481. Depois de incessantes buscas, desde as estrelas fagueiras até os pélagos irados, descobri, finalmente, onde reside a felicidade, essa trambiqueira danada, que a vida guardou, para só agora me presentear...
482. Creio que os mortos serão felizes, se tiverem semeado, pelos jardins da Terra, a concórdia e a generosidade.
483. Além de ter mãos e pés, cabelos e penugens, por que será que os humanos não foram dotados também de ramos e flores?
484. Nunca te afastes do perdão e da reconciliação, que são eles os nossos mais eficazes tranquilizantes.
485. De tão bárbaros que são os furacões, até seu olho cega, até seu ventre queima...
486. Vejo-me agora uma quimera esvoaçante, a procurar, na quermesse do jardim, o cravo belo como um rei no trono, o aroma doce desse teu jasmim...
487. A incandescência da saudade, sobre os vergéis da meninice morta, queima também aquela alacridade, que outrora se exibia em minha porta...
488. Canta de novo, meu velho campanário, aquele hino de fé e de louvor, na voz festiva do sino perdulário, enchendo as almas de sons e de fervor...
489. Não serei mais a rosa aveludada, em seu porte esbelto e sedutor! Quero ser a violeta rejeitada, guardiã da humildade e do pudor!
490. Não é necessário ser filósofo, para filosofar; como não precisa ser chama, para iluminar...
491. Que importância terá a sombra projetada no muro? - A mesma que o reflexo lunar sobre as águas do lago?
492. Muitos sábios da História foram incompreendidos e defenestrados... Será a inveja um subproduto do conhecimento?
493. Considero o pecado como a face mais sombria da humanidade, a despeito de todas as chamas que o incandescem!
494. Amainar o tempo, esfarelar as mágoas, retesar o arco: eis como se quebra a monotonia das horas longas, que a noite insiste em espichar...
495. Quando abro a janela, a fim de absorver os eflúvios da manhã, meu corpo denso, da noite aveludada, cavalga sobre as ondas da bonança, como um barco de papel que se põe a navegar...
496. A fé não apenas remove montanhas. Ela também abate as tempestades, renova a água das cacimbas, detém o curso das lágrimas, abastece as tulhas do sorriso.
497. Contra os males da desventura, há um antídoto deveras eficaz: o sorriso brando e envolvente.
498. Os bons propósitos agem como sentinelas, na defesa das nossas fragilidades.
499. A verdade se mostra a mim, como a dama da beleza sem disfarces.
500. Depois de muito escorregar e muito cavoucar, contratei como parceiros o sorriso e a tolerância.

Data : 30/09/2012

Título : Radiografia das Emoções – 501 – 556

Categoria: Pensamentos

501. Os heróis e os santos, os artistas e os sábios, os indulgentes e os mansos, a despeito de seus detratores, continuarão sendo os paladinos da paz...
502. Ainda há quem se atreve a negociar prazeres falaciosos, que, ao cabo da empreitada, não se prestam nem para o jantar dos porcos...
503. Quando o indivíduo foi talhado para o bem e a compostura, nem o mais ardiloso dos velhacos consegue fazê-lo capitular.
504. Quem de nós não gostaria de descobrir uma quitanda, onde se possa comprar prazeres, sorrisos, amores e fortuna?
505. Ler o íntimo das pessoas, vasculhar seus segredos e interpretar suas idiossincrasias: eis a única tática segura de conhecê-las por inteiro.
506. Túmidas de ardor e riso, minhas emoções vêm e vão, sobem e descem, cantam e gargalham, como fazem os palhaços no picadeiro do circo.
507. Deus deve estar deveras satisfeito, com os corações que se dedicam a amolecer as pedras, a tingir de azul as ervas daninhas, e a semear a paz nos mais belicosos rincões...
508. Não penso na morte, para que também ela não pense em mim...
509. Todos nós somos convivas do banquete divino. Mas há os que preferem sentar-se à mesa de Belzebu!
510. Aprendi, em décadas de observação, que o sorriso sincero vale mais que uma joia rara.
511. O que nos falta, para a conquista plena, é colocar-nos diante do infinito, com os poros abertos, a vontade flexível, a iluminação perfeita. Eis a mágica da redenção e da plenitude!
512. Minhas reflexões convenceram-me de que a alma é um véu delicado, que nos circunda a vida. Negligenciá-la é abrir as portas ao desastre irreparável.
513. Cada ente humano pode ser reconhecido como a obra-prima de sua própria evolução.
514. Precisamos manter-nos nos caminhos da luz, se quisermos atrair, para nós e os demais, a afeição, a simpatia, a saúde, a vitória.
515. Nossa frequência pessoal deve estar em sintonia, com a frequência do Universo. Só assim nossos censores captarão suas vibrações, harmonizando-se com ele...
516. Tanto o bem como o mal-estar sofrem influência do pensamento, pois é ele que direciona as decisões e atitudes que nos movem.
517. Voar além das estrelas é tão perigoso quanto afundar-se nas ondas do mar...
518. Avaliar as metas, rever o percurso, otimizar os resultados: eis o feedback , sempre adequado e necessário.
519. Só conseguiremos florescer e frutificar, se escolhermos as sementes propícias a uma boa safra.
520. O êxito requer, acima de tudo, visualização do empreendimento, como algo possível e concreto. É assim que o sonho se transforma em realidade.
521. Convença-se em definitivo: Você só atrai aquilo que ama, admira seleciona e protege.
522. Há situações em que as palavras nos chegam até a boca, e ali se arrependem da investida, voltando, abruptamente, à rocha dos segredos encravados.
523. Em meio à névoa de uma noite mal dormida, ela juntava suas lembranças, refletia acerca das forças ocultas, orava ao Senhor pela proteção de seus entes queridos. - Era esse o ofício que mais a seduzia.
524. Escarvei a areia, escarvei o barro, e até a poeira dos caminhos. Só não consegui amainar a correnteza, em que o rio da vida me jogou...
525. Se eu for agraciada com a simpatia de Deus, far-lhe-ei um único pedido: Transformar o paraíso num oásis, matizado e refrescante, onde o sorriso reine permanente...
526. Amo a noite, por sua maestria em cobrir-me de estrelas; e pela Lua indiscreta, que me afaga os seios, sutil e doce, sob o olhar dos anjos!

527. As lágrimas do orvalho! – Haverá linfa mais pura e refrescante, a oferecer-se, no estertor da madrugada, numa bandeja de cílios e cantorias?
528. De vez em quando, o Senhor Deus deixa cair das alturas, sobre a terra nossa, um punhado de luzes pulsantes. E o faz, para que não esqueçamos que é Ele o dono, tanto do céu como da luz!
529. No dia do encontro, cara a cara, com a senhora Morte, onde haveremos de engavetar nossos sonhos, desejos, amores, lembranças e paixões? – Urge prepararmos, para eles (e elas), um compartimento privativo, em que possam rememorar, entre os rodamosinhos da eternidade, os lances da vida que zarpou!
530. Tanto na euforia como no ostracismo, somos os gestores das nossas decisões.
531. A despeito de todas as crenças, há no universo uma falácia, acerca do bem vitorioso e do mal perdedor, a ponto de tornar-nos céticos e inseguros, ante o cortejo de tanta canalhice, de tanta hipocrisia.
532. Adorno dos corações benevolentes, as virtudes espalham seus dotes, a fim de oferecer ao Senhor suas ladainhas, seus círios, suas genuflexões.
533. Só alcançaremos a plenitude do afeto, do entusiasmo e do bem-querer, se tivermos algo de bom a repartir, com os carentes, os deserdados, os infelizes.
534. Tenho comigo que a falta de amor próprio bloqueia nossas aptidões, diluindo sonhos e conquistas.
535. Os sensores, que comandam o cérebro, são igualmente os timoneiros, tanto das nossas venturas como das nossas desventuras.
536. Atitudes descontroladas criam reações descontroladas. Atitudes saudáveis geram reações saudáveis.
537. Quando a desesperança começa a empurrar a porta, trate de despachá-la de imediato!
538. O que faço agora, no apogeu dos anos, é cantar meu hino de vitória, manter incandescente o meu legado, recitar os versos que gerei, agradecer a todos que me amaram, e registrar minha aventura pessoal...
539. O remédio eficaz, para os males da alma, não se obtém nas prateleiras das drogarias, e sim dentro de nós próprios – nos pensamentos, nos sentimentos, nas decisões...
540. Somos quebradiços como os vidros. Entretanto, podemos ser também incólumes como os obeliscos...
541. Ponha em ordem os pensamentos, as emoções, os desejos, os projetos, as fantasias. O cérebro se encarregará de fazer a leitura produtiva, de cada um desses componentes vitais.
542. Só haveremos de florescer, quando escolhermos as sementes adequadas a uma boa safra.
543. A literatura foi um sopro celestial, que me abrandou o deserto e revestiu de veludo as escadarias do pensamento.
544. Se os maus soubessem quão gratificante é a bondade, sairiam correndo à procura dessa joia, tão rara, quanto valiosa e fecunda.
545. O mais vigoroso ensinamento, que a jornada terrena nos propicia, todo dia e toda noite, consiste na descoberta das nossas riquezas interiores.
546. Devemos vigiar o planeta e as constelações: - o sol e as nuvens, as fontes e os rios, a brisa e o orvalho, a terra e o mar; - com o mesmo desvelo que dedicamos aos nossos entes queridos.
547. Precisamos redescobrir o valor do silêncio! Pois sua presença age como um bálsamo, entre os rumores do cotidiano, que nos ressecam, estiolam, desertificam!
548. Para que o nosso passeio pela Terra seja deveras asseado e fecundo, é indispensável a higienização dos desejos e conceitos, das reflexões e atitudes, sob pena de sermos barrados, à porta dos futuros esplendores.

549. A existência promissora e alvissareira só ocorre no equilíbrio, na lucidez, na auto-preservação.
550. A poluição não deteriora apenas as matas, os rios, os gramados e os jardins. Ela afeta também o cérebro humano, quando se deixa atulhar de preconceitos e perturbações...
551. Por que será que o badalo do templo emudeceu, ao presenciar a caravana dos anos passando, com a pressa de um foguete?
552. Nada há que se compare à excelência do olho humano!
553. No dia em que acenderes o fulgor dos teus olhos, todos te verão luzir! Minha fome não é de pão, mas de alegria e empolgação!
554. Nada nos humilha mais do que os nossos desacertos...
555. Descobri que o passaporte para um destino sem complicações, arejado e exultante, tem de comprovar, sobretudo, a capacidade de ouvir e de mudar conceitos.
556. Escrever é como despir-se, libertar-se, ficar nu (nua) diante do espelho, escancarando até os cacoetes de estimação.

Data : 30/11/2012

Título : Fragmentos do cotidiano

Categoria: Poesia

Descrição: A ternura pode ser tão fluida, a ponto de confundir-se com a opalescência da noite entretecida de luar.

A ternura pode ser tão fluida, a ponto de confundir-se com a opalescência da noite entretecida de luar.

Será que é civilizado o povo que entope de lixo a rua onde mora, a água que bebe e a praça que frequenta?

A formação do caráter começa na maternidade e encerra-se na tumba.

O medo funciona como a ferrugem na dobradiça: emperra e corrói.

Presumo que seja o conhecimento a espinha dorsal do progresso, e o trabalho, a sua alavanca.

Que misterioso mago é o coração, que anda sempre às voltas com truques e malabares!

Quando o eixo da esperança começa a emperrar, está na hora de lubrificá-lo!

O coração só se entregará às carícias da harmonia, quando estiver curado de suas enxaquecas.

Na taça dos relacionamentos, além de vinho e champanhe, pode-se beber também peçonha e vinagre.

Toda nova experiência, benéfica ou frustrante, palpável ou abstrata, individual ou coletiva, otimiza crescimento e renovação.

Se você for coser o tempo, a fim de torná-lo retilíneo, não esqueça de tramar o nó na ponta do fio!

Haverá ave de melhor agouro do que a prosperidade dos filhos?

Nas águas do meu passado, eu me ponho a garimpar os risos que se perderam, entre as espumas do mar.

Só a mente radiante, só a carne saciada, põem lenha na trempe, dão caldo à paixão...

Quisera adotar como filha aquela nuvem serena e branquíssima, que desperta, em meu interior, a leveza e a candura da menina que zarpou de mim!

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)
Extraídos dos livros: Monólogos de uma peregrina e Fulgores, Dores e Amores.

Data : 30/11/2012

Título : Remembranças

Categoria: Contos

Descrição: Ali, em minha janela, o Sol se levantava com preguiça. Se dependesse dele, dormiria mais algumas horas...

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Ali, em minha janela, o Sol se levantava com preguiça. Se dependesse dele, dormiria mais algumas horas, já que a noite fora tumultuada por relâmpagos e trovões, que ribombavam o sono. Ora, ora, não é de praxe, desde o início dos tempos, que o astro do dia seja cordial e sorridente? Por que, justo agora, quando meus olhos murcharam de exaustão, e o coração se cobriu de cicatrizes, vem ele, com o ranço mais ácido que o do bebum de pileque?

Quanto a mim, já fiz o dever de casa: Decorei as normas do catecismo. Obedeci às ordens de meus superiores. Aprendi as quatro operações. Assimilei, *ipsis litteris*, a gramática latina e suas declinações. Além de tudo isso, respeitei meus mestres e também meus discípulos. Organizei as

gavetas. Semeei cravos e hortênsias. Dei vida aos filhos e eduquei-os. Li os livros que me recomendaram.

E ainda provi a despensa de cereais, condimentos, legumes e algumas saborosas iguarias. Mas depois de tudo pronto, asseado e envernizado, recomendaram-me uma inocente, mas severa dieta, daquele tipo que não permite a ingestão de nada que seja amanteigado, calórico, açucarado.

Tudo rigorosamente de acordo com os padrões dietéticos prescritos, a fim de que o sobrepeso não se instale, nem no ventre, nem nas nádegas, que isso, além de feio, é prejudicial ao corpo como um todo.

Daí que, a fim de cumprir minha parte, propus-me ser assídua nos deveres, menos apreciadora do chocolate, do sorvete e das sobremesas deliciosas, obediente às normas e conveniências, e ainda respeitadora, tanto dos superiores quanto dos subalternos.

Oh! que saudades que eu tenho, da aurora da minha vida, da minha infância querida, que os anos não trazem mais!

Você, hein, meu amigo Casemiro! Antecipou-se a mim, na transmissão do recado!

Decido, pois, retroceder aos velhos tempos, aqueles de poucos rumores e muitos ardores. E dou-me conta de que, desde os acalantos de outrora, que se esvaíram, entre risos e lágrimas, já transcorreram mais de sete décadas. Afora isso, o encantamento provocado, tanto pelo amor como pela beleza de certas almas, continua o mesmo, fúlgido como um cometa, e tão real e sincero como nos velhos tempos... No odor daquelas Primaveras, o que mudou foi apenas o endereço, pois o sentimento permanece intacto, tão presente como o eco que ressoa dentro de mim...

Não direi que só vivo de saudades! Mas que elas são assíduas, enxeridas, truculentas, isso elas são! E que a degradingola chega de supetão, sem nenhuma cortesia e nenhum pudor, é de domínio público. Uma sentença – por que não dizer? – deletéria e desleal.

Cadê a recompensa que me prometeram, pela vida casta e generosa? Onde esconderam os caramelos da minha infância?

As geleias e rapaduras, com que as vovós adoçavam minha gula? – Serão esses os desígnios de Deus que, mesmo sem compreendê-los, ensinaram-me a respeitar?

Falando sério, eu esperava mais da liberalidade divina, de Sua competência, de Seu amor paternal! Afinal, nunca deixei de prestar homenagens a meu Deus e de portar-me como uma serva fiel, sincera, assídua, respeitosa. E, acima de tudo, como Ele mesmo ordenou, ensinei aos pequenos o caminho do bem, da verdade, da justiça, da solicitude e da paz... Só o que eu pretendia dEle era mais tempo para aprender, e maior reconhecimento à minha lealdade...

Oh! Que saudades que eu tenho!... A vida que, além de um privilégio, revela-se também uma batalha, impõe-nos enfrentamentos diversos: ora somos surpreendidos por jacarés e serpentes, ora por ostras e borboletas... Já dissera nosso grande poeta: “A vida é um combate, que os fracos abate, e os fortes e bravos só faz exaltar...” Eis porque me planto aqui, diante de um livro qualquer, furungando suas páginas, espremendo seu sumo, pois só ele me adoça e revigora; só ele disciplina minha irreverência, rebelde contra as mialgias, as apneias, as ofensas, que se revelam tão torpes quanto o calabouço e tão escuras qual uma noite de breu...

Oi, minha doce aragem! Venha a mim com seu ar puro, sua fragrância matutina, seu sorriso aberto em flor! – Preencha meus espaços vazios, e regue minhas frágeis virtudes! Elas precisam de água, para não secarem de vez!

Uma demão de tinta fresca talvez me ensine a sorrir novamente, e me devolva, com o róseo tom das bochechas, o que é ainda mais auspicioso: o alvo sonho de paz!

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2012

Título : Cumplicidade

Categoria: Poesia

Descrição: Um dia convidei a estrela-d'alva, pra ir comigo a visitar a Lua.

Um dia convidei a estrela-d'alva,
pra ir comigo a visitar a Lua.
E ambas saímos, no raiar da alba,
sem encontrar um vivente pela rua.

Corri garbosa pelas alamedas,
enchendo o peito de frescor e lumes.
E foi então que descobri as veredas
onde passeiam, sutis, os vagalumes.

Neste momento, de ventura extrema,
guardei pra sempre aquela imagem crua:
Deram-se as mãos minh' alma e meu poema,
pra engalanar o céu da minha rua...

Data : 30/11/2012

Título : Cantares

Categoria: Poesia

Descrição: Canto as searas castas. Canto as gramíneas doces.

Canto as searas castas.
Canto as gramíneas doces.
E o verde que verdeja,
sobre as floreiras belas,
entre as palmeiras nobres,
que encantam meu viver.

E assim me ponho em festa,
vestida de princesa,
pois quero ser parceira
do verde que eu adoro,
nos olhos de esmeralda,
sorrindo aos corações.

Data : 30/11/2012

Título : Anjo
Categoria: Poesia
Descrição: Descendo a escadaria do céu, um anjo azul veio me procurar.

Descendo a escadaria do céu,
um anjo azul veio me procurar.

Queria aprender a compor versos,
juntar palavras e brincar ao léu.

Eu lhe ensinei as manhas da poesia,
chamei-o perto e lhe mostrei a via.

E foi assim que se gerou o sonho,
num berço tão macio quanto risonho...

Depois saímos pela estrada afora.
E nunca mais o anjo foi embora...

Data : 30/11/2012
Título : Parceria
Categoria: Poesia
Descrição: Estrelas fulgem na noite e eu as jogo no papel,

Estrelas fulgem na noite
e eu as jogo no papel,
quais gotículas brilhantes,
a verter favos de mel.

São as guardiãs da ventura,
no céu debruado de luz
que, nas janelas da Lua,
espiam os meus sonhos nus.

Ó parceiras encantadas,
vêm pousar no coração!
Que meus motes serão raios,
a inflamar-nos de paixão!...

Data : 30/11/2012
Título : Crônica rebelde

Categoria: Artigos
Descrição: Nascemos nus. À hora da chegada, é a fragilidade que nos veste, terna e sutilmente.

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Nascemos nus. À hora da chegada, é a fragilidade que nos veste, terna e sutilmente. Nada ouvimos, nada enxergamos, à mercê da mais completa desvalia, dependência, submissão. Foi assim, desde a aurora do Universo. E assim será até o fim dos tempos, se é que isso realmente ocorrerá...

O vão entre o nascimento e a morte, indecifrável, desconhecido, surpreendente, revela-se o mais profundo dos dogmas. Um rolo compressor de mistérios, crenças, expectativas, que só o tempo desenrola, e a seu bel-prazer.

Se fomos ou não criados à semelhança do supremo Artífice, talvez um dia venhamos a saber. É o que disseram, dizem e dirão os que, como nós, creem na vida eterna, na outra vida, aquela que ninguém sabe, ninguém viu...

Até hoje, nem o conhecimento nem a tecnologia conseguiram desvendar o mistério. E nós ainda não encontramos a chave do cofre. Nem sequer alcançamos o entendimento de como se processa a metamorfose da existência, do tempo, do desenlace final...

Escrituras, doutrinas, dogmas... – Por que é tudo tão insondável, obscuro, incompreensível? Luz e treva? Acerto e erro? Coragem e covardia? DEUS: o enigma supremo. A morte, o caos absoluto... Ou a mais surpreendente das respostas...

Um denso nevoeiro circunda todos os dogmas, todas as crenças, todas as esperanças e expectativas.

Quisera eu que a criação do cosmos e de seus frequentadores, bem como sua evolução, fossem um livro aberto, onde pudéssemos ler o passado, o presente e o futuro, sem surpresas e véus, sem empecilhos e nós!

Somos cercados de mistério por todos os lados... Vivemos o blefe do triunfo do bem... E presenciamos, reiteradamente, a extrema desvalia de quem dissemina a paz...

Foi com tal finalidade que se criou o Universo, e a existência dos seus frequentadores? A fim de nascerem, crescerem e produzirem, num vale de lágrimas? Que culpa tem a humanidade do malfeito dos seus progenitores ancestrais?

E o enigma da vida e da morte, qual a sua razão de ser tão intrincado? Não seria de melhor alvitre que tudo ocorresse às claras, com prévio conhecimento e sem surpresa?

Deveras, a prevalência do mistério induz ao ceticismo e à própria desesperança...

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 19/09/2013

Título : Filosofia da Insônia - 401-500

Categoria: Pensamentos

Filosofia da Insônia - 401-500

401. Diariamente, rego minhas violetas e hidrato meus ideais, a fim de que não sequem nem percam o matiz.
402. Um velho ditado refere que “a vida é breve, ao passo que a eternidade é longa”. Quanto a mim, pretendo enfrentar com serenidade a equipe julgadora, pois estou convicta de que venho cumprindo a parte que me cabe.
403. No período de Natal, quando os pirilampos se apresentam, com sua lanterna mágica, a fim de clarear os pinheiros e jardins, também o sentimento de fraternidade põe-se a luzir, nos corações tocados pelos raios do amor e da esperança.
404. A aurora e o pôr-do-sol: eis minha redenção!
405. Enquanto a preguiça dorme, o João-de-Barro ergue a casa.
406. As conquistas nutrem-se de um punhado de decisões, sempre arejadas e saudáveis.
407. No dia em que encararmos a pedra como trampolim, ela deixará de ser um obstáculo, para se tornar nossa parceira.
408. Você já reparou quanto é diáfano o olhar da criança?
409. Ao perfumar as mãos de seu agressor, o sândalo merece ser condecorado, por seu exemplo de dignidade.
410. Ante a intolerância do tempo, todos nós somos vassalos.
411. Não permitas que as faíscas da antipatia chamusquem a sutileza dos afetos!
412. Ouvi dizer que a felicidade só se locomove montada em cisnes ou pégasos...
413. No apogeu das madrugadas, quando o silêncio flutua ensimesmado, a insônia me desperta e me convida, para apreciar com ela o show dos sapos e arapongas...
414. Há canções tão estridentes que conseguem provocar, até mesmo, a rebelião das notas musicais.
415. Os discos do coração podem apresentar-se, tanto rígidos como flexíveis, dependendo dos humores que o comandam...
416. Por que apelar para a rebeldia, se a ternura rende mais dividendos?
417. Não me perguntes a cor da arrogância, pois a vejo sempre incolor.
418. Anoitece... E a Lua me chama para a ceia dos anjos, no palácio das estrelas...
419. A alegria vive a consagração de uma rainha, festejada por todos os seus admiradores.
420. Tais como as gatas no cio, também nossas desesperanças gemem, gritam, desabam e fogem...
421. Com seu chicote de faíscas pontiagudas, o Sol vergastava as aragens, consumindo seu perfume e seu frescor.
422. A vaidade é de fato uma moeda podre, pois não consegue comprar absolutamente nada: nem riqueza, nem sucesso, nem prazer, nem afeto.
423. Por mais que o tempo escape pelas frestas, que as vozes dos pássaros se tornem inaudíveis e que as fagulhas do sol esmoreçam, ainda assim o sorriso das crianças continuará enfeitando o jardim dos nossos lares...
424. No silêncio cavernoso da desolação, só o que se escuta são o pio agourento da coruja e o espirro do vento sobre as pradarias.
425. A luz que fulge nos olhos da criança é a mesma que se apaga, sob as pálpebras do moribundo.
426. No lagar da desesperança, a melancolia tritura o sorriso, o prazer e a própria ternura.
427. No desenlace de um grande amor, até os candelabros choram...
428. A chama da intolerância incendeia a amizade, tornando viscosas as águas do bom-senso.
429. O ostracismo só se compara a uma fígada insolente, daquelas que rasga os ossos e tritura as carnes...
430. O abraço do prazer me rega de sorrisos e seu beijo me desabrocha...
431. Pássaros inertes e alegrias engaioladas: sons enterrados no silêncio...

432. À hora da celebração, irmanam-se os sinos e as bandeiras as pal- mas e os foguetes.
433. Seus olhos marejavam de contentamento, despertando aquele ardor genuíno que jorra da fonte do prazer, e cujo néctar até as estrelas vêm sugar...
434. Outrora, era o elã da juventude que me fazia soltar os versos, sobre a cândida folha de papel. Hoje, é o eflúvio da saudade, de tudo o que se foi e nunca mais retornará...
435. O individualismo nos segrega. O diálogo nos aproxima.
A agressão do vazio pode ser tão intensa, a ponto de esmigalhar nossos credos, e transformar em cacos as nossas aspirações mais resplandecentes.
437. Dominada por sensações profundas, estáveis, e caras à sua serenidade, a velhice sabe muito bem com quanto desapego se costura o bem-estar.
438. Afetivamente falando, quase tudo o que é proibido é intensamente desejado. – Eis o paradoxo que faz do homo sapiens um homo nescius.
439. Encontrei sempre, na chuva com que o céu me obsequia, uma parceira generosa, na partilha das minhas reflexões.
440. As farpas do desgosto se enfiam, tão profundamente, nas células cardíacas, que as deixam para sempre esburacadas...
441. Há vocábulos que idolatramos, outros que detestamos. Entre os primeiros, as palavras amor e carícia se apresentam como preferidas. Já os vocábulos insolentes, tais como: inveja e ofensa, só se prestam ao descarte imediato.
442. Do gozo e da plenitude da maternidade, só as mães entendem!
443. Se conduzida harmoniosamente, nossa vida haverá de assemelhar-se a um passeio de barco, pelas águas azuis do tempo, entre o balé sincronizado dos golfinhos e das sereias.
444. Regozijo! – Palavra ativa, sonora, inspiradora! Uma turbina a mover as hélices da euforia, do prazer, da plena satisfação!
445. Há indivíduos sumamente nobres, como as monjas que se sublimam na prece. E há outros tão escrotos, cuja evocação provoca repulsa.
446. A vida humana só terá significância, quando se entusiasmar com os desafios, e atropelar, tanto o negativismo como a rabugice.
447. Conciliar o sorriso com as perturbações do cotidiano, além de revelar sabedoria, também desperta aquela harmoniosa sensação de equilíbrio, entre o corpo e a mente.
448. Seu cérebro se parece com uma enciclopédia, ilustrada, colorida e recheada de informações. Tal a espontânea vivacidade, a exatidão dos pontos-de-vista, a sutileza dos argumentos. É assim a performance do sábio!
449. O egoísmo é tão voraz e alcoviteiro, que consegue extinguir todos os elos e calcificar todas as melodias, transformando as relações em eventos desagregadores, quando não, contaminados.
450. À medida que as emoções escoam, entre os versos do poema, elas também se alvoroçam e rodopiam, como fazem as moscas sobre a tigela de mel...
451. Ao baixar, qual nuvem de fuligem, sobre o corpo e a mente, o sono apodera-se da nossa consciência, deixando-nos mais vulneráveis que uma criança órfã.
452. São agourentos todos os gestos de rebeldia, todas as palavras ofensivas e todas as verdades tortas...
453. Ao exaurir-se de suas ilusões e aventuras, o coração humano assume aquela identidade abstrata, de um palco sem espetáculo, vazio de gente, mas repleto de fantasmas...
454. A conciliação, entre o pensar, o sentir e o fazer, garante o equilíbrio que nos manterá nos trilhos, a despeito dos incêndios, das inundações e das nevascas.
455. A concepção do dever que, para alguns representa jugo e contrariedade, para outros gera satisfação, abrindo passagem para a liberdade.
456. O coração nem sempre é bom conselheiro, mas é muito bom companheiro. Ele te olha com afeto; sorri aquele riso doce de criança lambuzada em mel; deleita-se com os teus ardores,

fazeres e prazeres; e abre tuas veias, despejando vida e recolhendo lixo. O coração é, deveras, o teu amigo mais íntimo!

457. O dia do desenlace será, para mim, como o último round, de uma disputada competição...

458. Será que alguém desconhece o cofre das decepções, onde se guardam os sonhos desfeitos?

459. Propus-me a resgatar, para hoje e sempre, a claridade que se despeja sobre as searas do Universo, nessa profusão de cheiros, matizes, fluidos e orgasmos, que o revigoram para o festival diário do renascimento.

460. Uma vez cristalizadas, pelo tempo ou pelas circunstâncias, nossas mágoas adquirem novos cambiantes e novas reverberações.

Era uma vez uma borboleta, que enfeitava as flores do sorriso, com os matizes de sua palheta.

461. Por sua magia e seu encantamento, o fascínio das constelações merece ser aplaudido, como um ícone da beleza universal.

462. O ato de embrenhar-se, pelos jardins da simpatia, libertará o sujeito dos espinhos da antipatia.

463. Os safanões da vida enraizaram-me no solo, assim como faz o carvalho, que se fortalece nas garras do vendaval.

464. A tropelia dos anos dotou minha velhice de um poder mágico, que a capacitou a escutar o silêncio e a dialogar com ele.

465. Tanto de vibração, quanto de inanição, pode revelar-se o tempo que fazemos acontecer...

466. O silêncio, não raro, manifesta-se tão espesso, ilegível e oco, a ponto de tornar-nos vítimas de sua misantropia.

467. Embora fascinada pela claridade, sinto também uma lasciva simpatia pela escuridão. É nela que mergulho toda noite, a fim de restaurar meus sonhos, despojar-me das agruras e manter aceso, no pedestal, o candeeiro agonizante.

468. Quando a noite começa a nascer, lá pelas bandas do ocidente, gosto de vê-la chegando, com sua ginga de criança loura, que sonha namorar as estrelas e beijar as faces (ou fases) da Lua...

469. Essa odisséia que é atravessar o tempo, gravando nele nossa marca, indelével e única, prende-nos para sempre, ao passado e ao futuro, como fazem as algemas nos pulsos do prisioneiro...

470. Ao percorrer as praças, ruas e jardins, ponho-me a investigar as pessoas que encontro, tentando descobrir sua aura, que ela, sim, é verdadeiramente verdadeira.

471. Já era tarde, quando descobri que há dois tipos de lágrimas: as amargas e as doces. Hoje eu me dou bem com ambas, pois tanto aquelas como essas, têm o sabor da saudade...

472. Os sentimentos - que às vezes nos chocam e, em certas situações, até nos bagunçam -, podem ser comparados a uma legião de setas, que jogamos para dentro e para fora, ansiosos de atingir o alvo.

473. Em meus tempos de menina, eu pensava que a noite fosse o bordel das estrelas, onde elas disputavam espaço, a fim de fazer amor com os anjos.

474. Só o amor verdadeiro mantém, pela vida afora, a prerrogativa de renovar o sorriso diário, com seu brilho e magnetismo.

475. Há certos pensamentos que nos saltam do cérebro, como lascas de lenha, as quais não se sabe donde vieram, nem onde irão cair...

476. A uns, os matizes do poente aguçam a sensibilidade. A outros, desencadeiam surtos de melancolia.

477. O indivíduo que leva uma vida fragmentada, sem construir elos com o passado, também não saberá vincular-se ao futuro, quando ocorre a consolidação dos laços e dos empreendimentos.
478. A escola dos meus primeiros anos, com sua sagrada imponência de templo, consolidou-se no mais nobre espaço do meu coração, onde até hoje a venero, saudosa e agradecida.
479. Cheguei à conclusão de que, como todos os mortais, também a jornada terrena foi agraciada com o privilégio de ostentar duas faces: a da brandura e a da ferocidade!
480. Considero a perda da esperança, uma das tragédias mais devastadoras. Sem ela, esmorece o sorriso, calam as melodias, choram os riachos e escabelam-se as açucenas. Por fim, o próprio desalento pinga, incessante, sua desdita avinagrada...
481. Quando volto os olhos ao passado, percebo o quanto estou distante dele, e ainda separada por cercas intransponíveis, que me puxam como um ímã, mas não me permitem entrar...
482. Deus me livre de ressuscitar um dia, e rever o filme dos anos vividos, sem poder degustá-los, sorvê-los e brincar com eles, como no velho carrossel!...
483. Daquela casa ensolarada, cheia de quartos e de filhos, lembro, sobretudo, da fisionomia serena da mamãe, manejando as agulhas de tricô, uma arte em que era mestra e ninguém a superava...
484. A gente passa a vida esperando, olhando pela janela, procurando a nuvem que trará chuva, o Sol que se abrirá em sorrisos, o presente de aniversário, a festa de Natal, a chegada do Ano Novo. E tudo vêm a seu tempo... E, a seu tempo, vai embora...
485. Dizem por aí que o poeta é um visionário. Mora nas nuvens, pois que no anseio de namorar a Lua e arrebanhar estrelas, vive a pilotar o carrossel do vento, à cata de ilusões e de iguarias sentimentais...
486. Com o passar dos anos, – ao invés de anular-se, fechar-se na concha, virar um peso morto, desistindo da beleza, do sorriso e do amor, – faça como os vinhos e os amores, que se revelam mais valiosos, atrativos e saudáveis, à medida que envelhecem...
487. Não permitas que tua seiva murche, que teu riso seque, que teu ardor desfaleça. Ninguém merece esse rodízio de perebas, que adoram infestar aquelas antigas e gostosas sensações!
488. Há uma distância abissal entre o sonho e a realidade! Quem afirmar o contrário, é um(a) tremendo(a) mentiroso(a)...
489. Hoje decidi, energicamente, descartar o lixo que restou do passado, lustrar as alegrias empoeiradas, adoçar o sorriso que amargou, e saltar de paraquedas na cacimba dos amores...
490. Finalmente, a esta altura da jornada, perdi o medo de erguer a voz, de ser vulcão, de abrir as gavetas da intimidade, a fim de festejar o coração, com seus ardores secretos e amores mais que perfeitos...
491. Foi a vida que me induziu a agir, como as chuvas da primavera, que se esbaldam de seiva, ardores e palpitações...
492. Ó mulheres da minha geração, que fizestes da jornada, uma odisséia; da treva, um esplêndido farol; do barro, a esfinge da coragem; do ardor convalescente, a estrela-guia, e da paz que energiza, esse parto fecundo de um novo amanhecer...
493. Não é necessário (nós, as mulheres) sermos tão eficientes, discretas, comedidas, pudicas e salobras... - Há que se ter coragem de ignorar a censura, burlar o preconceito, subir na onda, paquerar o Sol... – O pior que pode nos acontecer é alguma esfoladura inconsequente, que será mais um troféu do que uma cicatriz.
494. Toda nova experiência, benéfica ou frustrante, palpável ou abstrata, individual ou coletiva, otimiza crescimento e renovação.
495. Há os amores que dinamitam, há os que neutralizam, e ainda os que transfiguram...

496. Sem auto-estima, o ser humano não evolui, não reconhece a ventura, não se relaciona adequadamente, não idealiza nem conquista...
497. Quando você ri, seu coração precisa participar, sob pena de sub- metê-lo ao papel de palhaço.
498. Depois de esburacados os sonhos e esfiapadas as esperanças, que resta ao ser humano senão recomeçar a tecê-los?
499. Assim que o Sol começa a espiar pela vidraça, está na hora de pôr a noite pra dormir...
500. Deus nos fez livres, para pensar, decidir, amar e agir. Deveras, a liberdade não tem preço e não está a venda.

Data : 19/09/2013

Título : Filosofia da Insônia - 500-553

Categoria: Pensamentos

Filosofia da Insônia - 500-553

501. Para melhor vislumbrar a ventura, é preciso que instalaremos nossa lâmpada no pórtico do coração.
502. Em nome da higiene e da beleza, depila-se o corpo. E a alma, por que não lhe dar igual tratamento?
503. Por mais selvagem que pareça o sofrimento, há nele uma nesga de brandura, que tolhe seu instinto predador.
504. Assim que o coração começa a ratear, tudo o mais, no corpo e no espírito, falseia também seu ritmo costumeiro.
505. Você, que goza de um espírito altruísta, desempenhe suas tarefas com presteza e dedicação, que haverá de ser profusamente recompensado(a).
506. A compulsão pela escrita, com seu cheiro e sabor maduros, de uva e vinho, de trigo e pão, me é hoje tão revigorante e necessária, quanto a água e o alimento...
507. A agressão provocada pelo vazio pode ser tão voraz, a ponto de esmagar nossas crenças, e sugar os nossos sonhos mais jubilosos.
508. É deveras gratificante esse ofício de lapidar as palavras, a fim de extrair delas o sumo da emoção, que tanto o coração como os olhos adoram sorver!
509. Endosso plenamente a afirmação do profeta: “Os céus haverão de prantear – sobre os caminhos da terra – os descaminhos da humanidade.”
510. Só se constrói uma vida harmoniosa e produtiva, sobre os pilares do trabalho, do respeito, da dignidade.
511. Os letreiros de néon, que velam as noites da cidade, incitam-me a abandonar o sono a sua própria sorte, a fim de viver intensamente as madrugadas, gordas de sibilos, alaridos, rumores, altercações.
512. Poucos aprendem a juntar as mãos para a prece, enquanto muitos se tornam peritos no manuseio das armas.
513. É cristalina a comprovação da diversidade que reina no planeta: Há nele corações de aromas cítricos, e corações de odores fétidos.
514. Apesar das evidências em contrário, continuo a sustentar a velha e saudável esperança de que, algum dia no futuro, os cristais da solidariedade ainda haverão de fulgurar, em todas as jazidas da humanidade.

515. Somente quando estiverem focados, no lume do conhecimento, do trabalho, da dignidade e do bem-querer, os seres humanos haverão de sê-lo de fato e de direito.
516. Ao raiar da aurora, após uma noite de festa, a Lua se recolhe a seus aposentos particulares, a fim de aprumar-se para a orgia da próxima noitada.
517. Assim que os pirilampos aparecem, com seu pisca-pisca habitual, enfeitando alamedas e jardins, também os sentimentos natalinos vêm à tona, a fim de celebrar com eles o renascer dos corações...
518. Tão harmoniosa quanto a radiação da aurora, deve ser a sinergia do ser humano, com sua própria identidade.
519. Depois de vários experimentos, descobri que as frustrações se comportam como as sombras, a que somente a imaginação confere alguma substância.
520. Avalia-se o caráter de um indivíduo, seja homem ou da mulher, por seu estoque de integridade.
521. Se olho para trás, descubro-me uma perfeita trapezista, saltando obstáculos, virando de pernas para o ar, subindo em caules escorregadios. Deveras, naqueles tempos, tudo se encaixava, harmoniosamente, sob os cuidados do meu anjo guardador.
522. De palavra em palavra, de gesto em gesto, de fantasia em fantasia, vão rolando os seixos trapaceiros do destino, até se perderem no vão tenebroso e estreito da cova...
523. Quanto mais próximos estivermos da felicidade, mais o seu facho se distanciará de nós...
524. A enfermidade sacaneia o nosso corpo, com a mesma canalhice com que age um ladrão de joias...
525. Os braços sagrados da noite, que se estendem sobre as grotas e os morros, as searas e os lagos, têm a missão de ungi-los e purificá-los.
526. Eu adoraria saber a causa de a reflexão instalar-se, entre o corpo e a mente, ao presenciar o gíngado das ondas e o assopro das brisas...
527. Percebo traços comuns entre o filósofo e o fantasma. Ambos são indecifráveis e, por viverem fora do contexto, tornam-se também inatingíveis.
528. Assim que o peito atíça a brasa e acende a tocha, vira logo um vulcão faminto, sem dia nem hora para esgotar seu fogo...
529. Suponho que a alma e a aura sejam irmãs gêmeas, pois que vivem, perenemente, conectadas.
530. Hoje mudei de ofício: deixei de brigar com o tempo, e passei a lapidar as palavras, que só elas têm o dom de retê-lo...
531. Em se tratando de casal, considero a tolerância como o prumo da união duradoura.
532. Sobre a areia quente, o mar cospe sua indigestão...
533. Desde que descobri, na virtude da prudência, a minha fada-madrinha, deletei uma porção de encrencas...
534. De tão ultrajante e desastrosa, a mendicância tornou-se irmã-gêmea da degradação.
535. Os holofotes da fama também sofrem blecaute...
536. Não permita que as faíscas da intolerância chamusquem a sutileza dos afetos, sempre úteis e necessários!
537. Ouvi dizer que o amor só se locomove, quando montado em cisnes ou pégasos...
538. Sincronia – eis a palavra que nos dispõe à ordem, ao aplauso, à sublimação!
539. Toda conquista se nutre de um punhado de decisões acertadas...
540. Por que será que o badalo do templo emudeceu, ao presenciar a caravana dos anos passando, com a pressa de um foguete?
541. No dia em que acenderes o fulgor dos teus olhos, todos te verão luzir!
542. De tão secretas que eram, as lágrimas não queriam desgrudar-se, cair, encontrar o solo. Feitas de sal e mágoa, elas se dependuravam no semblante, como troféus de guerra...

543. Quando se percebe desgarrada, a esperança se enfia pelas frestas do coração, à procura do pavio do tempo, que está prestes a extinguir-se...
544. As emanções da carne detonam as cápsulas do prazer, como faz o gingado das sereias, ao provocar a cópula dos mares...
545. Na arremetida do silêncio, aquieta-se o pio da coruja, a fim de ouvir a sirene da cigarra, enchendo o dia de vibrações.
546. A morte cobriu seu corpo e seus encantos... O vigor trancou as portas e deu no pé... Ficou o esquife, inerte e catatônico, pois que a vida é o tal fantasma de uma perna só...
548. É somente nas noites estreladas que os anjos descem à terra. E eles vêm com incumbências prescritas pelo Senhor: embalar os berços, purificar as almas, beijar a face das mães, nutrir os famintos de fê, saciar os sedentos de amor...
549. Dos embates do cotidiano, todos saímos encardidos, esfolados, rendidos... – Mas aqueles que abastecem sua adega, com unguentos e poções, levam vantagem sobre os acomodados.
550. Quão simbólicas se revelam as palavras! Grávidas de significados, tanto nos ardores do Sol, quanto nas emanções da penumbra... Buliçosas ou serenas, pardas ou coloridas, são elas que fazem a diferença, na comunicação entre os povos.
551. Por que será que são tenras as virtudes e densos os defeitos?
552. Valha-me Deus, contra a arrogância, o sadismo, a empulhação! Quero distância de suas garras venenosas!
553. Não é necessário ser filósofo, para filosofar; como não precisa ser chama, para iluminar.

Data : 19/09/2013

Título : Filosofia da Insônia - 001-100

Categoria: Pensamentos

Filosofia da Insônia – 001-100

1. Convenci-me de que só ao libertar-me dos preconceitos, verei a sensibilidade aflorar, expandindo-se por todos os recantos, desde o reduto da alma, até o castelo dos sonhos.
2. Deus presenteou-nos com o dom da vida. Por isso exige de nós que não sejamos apenas bons, mas excelentes.
3. O magnetismo da beleza, do sorriso, da simpatia: eis uma tríade infalível, que todos adoram cortejar!
4. Quem de nós não se rende à fragilidade de um recém-nascido?
5. As muralhas, que nos separam dos santos, não são apenas altíssimas e íngremes. Elas também agem como sentinelas, no reconhecimento das nossas virtudes e na poda das nossas imperfeições.
6. Malgrado todas as evidências, há no Universo uma falácia, acerca do bem vitorioso e do mal perdedor, a ponto de tornar-nos inseguros, ante o cortejo de tanta canalhice, de tanta hipocrisia.
7. Adornos do céu e da terra, as virtudes espalham o odor do incenso, oferecendo ao Senhor: suas ladainhas, seus círios, suas genuflexões.
8. Além de falsa, a mentira é também dissimulada e sagaz...
9. A bondade, reconhecida como filha do paraíso, não deixa de ser também a mãe dos santos, dos mártires e dos heróis!

10. De tão sensíveis, os corações generosos têm o poder de amolecer as pedras, de suavizar as ervas daninhas, de semear a paz entre belicosos rufiões.
11. Definitivamente, decidi não pensar na Morte, para que também ela não pense em mim...
12. Ando à procura daquele naco de felicidade, que Deus deixou cair do céu, quando soprou sobre mim a aura da vida.
13. Todos nós somos convidados ao banquete divino. Mas há os que são do contra, e preferem sentar-se à mesa de Belzebu!
14. O perdão e a reconciliação: irmãos-gêmeos, filhos do orvalho e da luz...
15. Minhas reflexões levaram-me à conclusão de que a alma é um véu delicado, a nos circundar a vida. Negligenciá-la significa abrir-lhe as portas, ao desastre irreparável.
16. A lei da atração determina que somente o que é positivo, agradável e útil deve ser pensado, falado e escrito por nós.
17. Que bom seria, se cada ser humano fosse reconhecido, como a obra-prima de sua própria evolução.
18. Precisamos viver na frequência certa, se quisermos atrair, para nós e os que nos cercam, a afeição, a simpatia, a saúde, a vitória.
19. Por sua ingerência sobre o caráter e as ações humanas, os rótulos apequenam nossa capacidade de crescer e progredir.
20. Abra seus canais, solte as amarras, deixe a vibração fluir! – E verá tudo revigorado em seu entorno!
21. Eu era uma criança, quando descobri aquele rio... Um rio largo e afetuoso, cujas margens se enfeitavam de um mato denso, onde a bicharada inaugurava suas tocas e produzia sua prole. E ele me viu nascer, crescer, partir, voltar, partir de novo! No entanto, mesmo distantes, o amor entre nós aumentou seu fluxo e aprofundou suas águas...
22. A palma da vitória não se abre somente no final da caminhada, e sim em cada curva do caminho, em cada pedra pontiaguda e em cada moita de espinheiro bravo.
23. Tanto o bem-estar, como seus opostos, sofrem a influência do pensamento, pois é ele que direciona nossas decisões e as atitudes que nos movem.
24. Estou convencida de que a senha do êxito requer, acima de tudo, reflexão, prudência, serenidade, discernimento.
25. Voar alto demais é tão perigoso quanto afundar-se no lodo...
26. Sempre é conveniente e adequado programar uma pausa, a fim de avaliar as metas, rever o percurso e otimizar os resultados!
27. São os sentimentos que direcionam nossos passos, tanto ao porto da prosperidade, quanto ao aterro sanitário.
28. Entre as virtudes que ornamentam o coração humano, a gratidão sobrepõe-se, como o foco de luz a irradiar-se por todos os cantos.
29. O êxito de qualquer empreendimento se assenta, sobretudo, na visualização daquilo que pretendemos, como algo possível e concreto. É assim que o sonho se transforma em realidade.
30. Invariavelmente, todos nós estamos sujeitos à lei da atração. Daí que tudo o que pensamos, dizemos e fazemos, nos conecta com o mundo circundante e nos condiciona a ele.
31. Faça do seu bem-estar um modo contínuo de viver, e não um prazer esporádico, sujeito a trovoadas e inundações.
32. Só alcança o pico da harmonia quem se impregna de fluidos positivos, uma vez que o Universo é a própria generosidade, a própria fluidez...
33. Tenho certeza de que é a falta de amor-próprio que bloqueia as nossas aptidões, emaranhando desejos e conquistas...
34. Somente ao alcançar a plenitude do afeto, do entusiasmo e da benevolência, teremos algo de bom a repartir, com os carentes, os deserdados e os infelizes.

35. Na cura de certas enfermidades, a intervenção da mente humana tem-se revelado mais eficaz que o próprio medicamento.
36. A fé: eis a chave capaz de abrir qualquer porta, seja ela de natureza física, moral ou religiosa. – O efeito placebo existe e basta acreditar.
37. O pensamento positivo amplia os fatos positivos. O negativo revigora os eventos negativos. Isso significa que a felicidade é uma escolha nossa.
38. O exercício da serenidade proporciona um excelente aprendizado, além do descarte do que nos desvanece, pois que a energia flui por onde mais nos concentramos.
39. Além de comandar as nossas ações, o pensamento é também o timoneiro do nosso bem-estar ou da nossa desventura.
40. Deus criou o Universo com abundância de suprimentos. E cabe aos seres humanos produzi-los e aproveitá-los.
41. Um método eficaz, de alcançar as metas que traçamos, consiste em louvá-las e abençoá-las.
42. Pensamentos descontrolados produzem reações descontroladas. Pensamentos saudáveis geram reações saudáveis.
43. Mesmo nas maiores encrascas, é possível ouvir o som musical da reconciliação. Basta que os contendores acionem a chave do bom-senso, e a harmonia voltará a dar as cartas.
44. O Universo responde a todas as nossas indagações. Basta que estejamos conectados com ele e saibamos captar as mensagens que nos remete.
45. Só o sorriso nos resgata do pesadelo, da frustração, do insucesso e da desarmonia. Ele é, deveras, um estupendo craque.
46. Quando o amor atíça a brasa e acende a tocha, vira logo um vulcão faminto, sem dia nem hora para esgotar seu fogo.
47. Se a desesperança começa a forçar a porta, a mais adequada reação é despachá-la de imediato.
48. Considero a alegria um nutriente tão vitaminado e poderoso, que sua falta me deixa anêmica.
49. Só existe prosperidade, onde vinga a sobriedade.
50. O que faço agora é cantar meu hino de vitória, dançar minha valsa predileta, preservar meu legado incandescente, registrar minha aventura pessoal...
51. Creio que o remédio mais eficaz, para os males da alma, encontra-se dentro de nós: no pensamento, no sentimento e na decisão efetiva de curar-se.
52. Ser quebradiço como o vidro, ou incólume como o obelisco: eis uma decisão pessoal e intransferível.
53. A impaciência, a ira, a intolerância: eis três especialistas em nos tirar do prumo.
54. Assim que pusermos em ordem os pensamentos, desejos e sentimentos, bem como as emoções, fantasias e esperanças, o cérebro fará a leitura adequada de cada um desses componentes vitais.
55. Diga sim à ocupação, e não à preocupação, que essa é uma fórmula exitosa, que muitos mortais desconhecem...
56. A literatura foi um evento providencial, que me abrandou o deserto, abrindo caminho às vozes do cérebro e do coração.
57. Há emoções flutuantes e emoções submersas. As primeiras vêm escorreitas. As demais, silenciosamente discretas...
 1. A energia do cosmos, prodigiosa e gratuita: eis um lenitivo aos nossos achaques, tanto físicos quanto emocionais.
 2. Se os egoístas soubessem quão gratificante é a generosidade, sairiam correndo em busca dessa joia, tão rara quanto preciosa!

3. O mais valioso ensinamento que a caminhada terrena nos propicia, todo dia e toda hora, consiste na descoberta do nosso paraíso interior.
4. É imperioso cuidar do planeta: das estrelas, do sol, da nuvem, da fonte, do rio, da brisa, do orvalho, da terra e do mar, com o mesmo desvelo que dispensamos aos nossos entes queridos!
5. Não deixa de ser paradoxal o apreço que temos pelo automóvel. Foi ele que desqualificou nossa relação com o Universo, impondo-nos uma servidão quase irracional.
6. Enquanto os ardores do estio nos ressecam e desertificam, urge redescobrirmos o frescor das aragens, cuja presença é bálsamo e refrigério.
7. Qualificar mais, quantificar menos... Eis a fórmula da saúde, da alegria interior, da amizade sincera, do reencontro consigo mesmo!
8. O asseio ecológico não se restringe ao cuidado com a natureza que nos irmana. Ele abrange também a proteção que merecem todos os nossos parceiros, dessa jornada em busca da luz...
9. Para que a vida seja deveras asseada e fecunda, é indispensável a higienização dos desejos e conceitos, das reflexões e atitudes, sob pena de sermos barrados, na primeira seleção.
10. Por que será que resistimos às mudanças positivas, preferindo continuar naquele status quo que não nos satisfaz nem engrandece?
11. A poluição não afeta somente os rios, as matas, os gramados e jardins. Ela afeta também o cérebro humano, quando se submete à sobrecarga de informações.
12. Guarde bem os seus sentimentos! Negligenciados, eles podem sofrer complicações inesperadas.
13. Cheguei à conclusão de que somos politeístas por natureza. Endeusamos tantos valores secundários, que o único Deus, pleno e majestoso, não encontra espaço onde possa quantificar as nossas súplicas.
14. A prosperidade só decola, quando a razão e o coração estiverem ambos no prumo.
15. A fórmula eficaz, ao bom desempenho pessoal e coletivo, atende pelo nome de sincronia.
16. Quem falou que a vida não passa de uma quimera, de um balão de ensaio, de um fogo-fátuo? – Esse daí deve ser cego, porque eu enxergo, com nitidez, os tons azul e branco, rosa e verde, vermelho e amarelo, que o pôr-do-sol estende sobre mim...
17. O que falta aos casais desajustados, – em seus olhares foscos, em sua deletéria maresia, – é certamente o dom da temperança, o cicio do bem-querer...
18. Essa encantadora alegria, com seu gênio manso, seu olhar translúcido, sua voz maviosa e seu sorriso franco, deve ser a princesa do castelo encantado, onde a felicidade reside com os seus.
19. Não convém aceitar a bajulação dos fracassados, pois todos sabem que sua doença é contagiosa...
20. Os filósofos afirmam, categoricamente, que só a simpatia e a vi- bração ativam os bons fluidos, absorvendo o bem e dispersando o mal.
21. Tanto a evolução quanto o progresso hão de revelar-se, preferencialmente, uma decorrência, e raramente um evento fortuito.
22. Todos nós temos o dever de ordenar nosso próprio destino, e não esperar que ele aconteça, por sua conta e risco!
23. No esplendor da aurora, o mar se veste de tons matizados, afeito que é à sincronia da beleza.
24. A felicidade vive a consagração de uma rainha, festejada e desejava- da por todos os seus admiradores.
25. Como fazem as gatas no cio, também as nossas mágoas gemem, gritam, desabam e fogem...

26. A noite dava passos vagarosos em direção às estrelas. Pois só elas conhecem o bálsamo que cura as chagas da solidão! – E elas encharcaram o peito da noite. E a noite aquietou-se e dormiu...
27. Com seu chicote de fogos pontiagudos, o Sol vergastava as aragens, jogando chibatadas incendiárias, por todos os quadrantes da terra e do céu.
28. Vivam todos os amores! Morram todas as invejas! Eles acarinham nossa faces. Elas calcinam nossas crenças!
29. A arrogância é de fato uma moeda podre, pois não consegue comprar absolutamente nada: nem riqueza, nem sucesso, nem prazer, nem afeto.
30. Na escuridão do mar profundo, há tantas surpresas acumuladas, que o escafandro das pretensões humanas jamais conseguirá resgatar.
31. Saiu o pensamento cavalgando a esperança, como quem vai em busca de um tesouro, que nem a cigana mais esperta sabe dizer onde está.
32. Não há desgosto na vida que o amor não consiga curar...
33. Entre a lágrima e o sorriso, estende-se um vasto oceano de preces, sentimentos, pulsações...
34. Mesmo que o tempo escape pelas frestas, que as vozes dos pássaros se tornem inaudíveis, e que as fagulhas do sol esmoreçam, ainda assim o sorriso das estrelas prosseguirá emoldurando o firmamento. É isso que me diz a fé!
35. Creio que os despojos de cada existência terminal, serão rateados entre os anjos, negros ou brancos, com asas de gaivota ou de morcego!
36. A luz que brota, nos olhos da criança, é a mesma que um dia se apagará, sob as pálpebras do moribundo.
37. No lagar do desgosto, o desalento se encarrega de triturar o sorriso, a alegria e até a própria ternura.
38. Algumas lembranças se despedem, abanando seus adeuses de comoção e saudade. Outras permanecem agarradas ao peito, pois que a solidão é a saudade ampliada um milhão de vezes.
39. No desenlace de um grande amor, não resta ninguém para enterrá-lo...
40. As chamas da intolerância incendeiam a amizade, a afeição, e até mesmo as águas do bom-senso.
41. O frescor da primavera partiu em disparada... Logo, secarão os cabelos das espigas, murchará o sorriso das romãs, ruirá a torre das palmeiras. Só a craca há de restar, no fundo da cova, para contar a história...
42. Dotada de um corpo musical, presumo que a dama da felicidade sonorize até o frêmito do orgasmo.
43. O ostracismo só se compara a uma fisgada insolente, daquelas que rasga os ossos e quebra as carnes...
44. O sorriso da Lua me envolve de sonhos e seu beijo me desabrocha...
45. As vozes enterradas na garganta comparam-se aos pássaros inertes e às paixões engaioladas...
46. À hora da festa, irmanam-se os sinos e as bandeiras, os sorrisos e os foguetes.
47. Assim como o diamante, o texto literário só brilha, depois de muita lapidação.
48. Ao adentrarmos pelos umbrais da morte, a boca silencia e os olhos escurecem, que só os ouvidos se mantêm atentos ao cacarejo dos vermes...
49. Desde que me descobri filósofa, passei a interpretar as flutuações do cotidiano, com sua malha de nuances, versos, gorjeios e travessuras.
50. Graças à sua estupenda prodigalidade, a terra jamais se absterá de oferecer suas dádivas, à perdulária humanidade.

51. Descobri que a inveja é prima-irmã da serpente. Pois também ela se esgueira de mansinho, prepara o clima, perfila-se, dá o bote... Eis que o estrago está feito!
52. Há momentos, em nossa trajetória, em que a desvalia, o temor e o desassossego nos assaltam, a ponto de vendar nossos olhos e paralisar nossas vibrações...
53. Não permitas que a acidez do desencanto se esgueire entre ti e o mundo, oxidando os sentimentos ternos, os risos doces, e esse olhar brejeiro, à procura de uma flor azul...
54. Mulher fatal deve ser aquela que se compara à leveza do cisne, ao frescor da brisa, à sincronia do barco massageando as águas, ao farfalhar da aragem sobre os girassóis...
55. A prática do pensamento positivo oportuniza, ao sujeito, desenvolver dons especiais, tais como a serenidade, a simpatia, o bem-querer.
56. Seus olhos marejavam de alegria. Aquela alegria genuína, que jorra da fonte serena e doce, e cujo néctar até as estrelas vêm sugar...
57. Quantas milhas percorremos, na peregrinação das nulidades, à procura de um troféu, que jamais preencherá nossas lacunas, nem nosso anseio de voar!
58. Atrair um coração, suavizá-lo e absorvê-lo: eis o mote da ventura, capaz de viver até as ilusões desfalecidas.
59. Adoro sentir os neurônios superexcitados, arfando, enrubescendo, abrindo portas e janelas, a fim de cortejar a claridade, e convidá-la ao ágape das palavras, dos versos e das canções...
60. Basta uma noite de chuva, para que o dia e eu acordemos satisfeitos e purificados, à espera de novas vibrações.
61. Considero um ofício deveras gratificante, esse de lapidar as palavras, a fim de extrair delas o sumo do prazer adoçado na tina do coração!
62. Aprendi que não convém ser demasiado intolerante, nem condescendente em excesso, pois é no meio-termo que vinga a perfeição.
63. Prefiro esperar que os sorrisos se abram, os segredos se desvendem e os abraços se soltem, para então confraternizar com eles.
64. O corpo tenso, a boca seca, os olhos cavos, o riso murcho: tudo estava prestes a dizer não à vida!
65. Tanto quanto as dores, também os ardores retalham nossas faces, com suas afiadas navalhas.
66. Nômade por natureza, a imaginação trafega, dia e noite, entre cerros ondulados e fossas deprimentes.
67. Assim que a alma atíça a brasa e acende a tocha, vira logo um vulcão faminto, sem dia nem hora para esgotar seu fogo...
68. Quando o dia baixa as cortinas, o Sol se prostra na alcova silenciosa, onde tempera seus raios para o próximo alvorecer.
69. Ao ser redesenhado pela desventura, nosso semblante se torna, ora inexpressivo, ora caricato.
70. O fracasso de um relacionamento começa sempre pelas reticências...
71. As pessoas cerebrais, ao contrário das emotivas, tratam friamente as relações, e até sufocam seus apelos mais íntimos. Isso quanto não os incineram, a fim de tripudiar sobre as cinzas...
72. A fama pode revelar-se um dos maiores patrimônios do ser humano, desde que se apresente sem interferências...
73. Invariavelmente, todos os dias e à mesma hora, o sol vem preencher os favos da cortina, que se deixa apalpar, aquecer, acariciar... Eu gostaria também de acortinar meu coração, pra que o rei do dia entrasse manso, afagando-o com suas réstias, e quebrando o gelo de tão prolongadas invernias!

74. Se conduzida com harmonia e vibração, a vida humana pode as- semelhar-se a um passeio de barco, pelas águas azuis do tempo, entre o balé sincronizado dos golfinhos e das sereias.
75. A ternura impõe-se, como a atitude mais delicada e sincera, que os seres vivos descobriram, no decurso dos séculos.
76. Reputo uma experiência valiosa, essa de recolher minhas afeições e lembranças, a fim de transformá-las em relatos, tão singulares quanto universais.
77. As lágrimas que escorrem dos olhos são sempre salobras. Mas as que afloram do coração podem revelar-se gostosamente adocicadas...
78. Mais terapêutico do que o silêncio, só o amor jorrando aos borbotões...
79. A preocupação excessiva não tem nenhuma serventia, a não ser carimbar as faces, com aquelas rugas solertes, inconvenientes, malfadadas...
80. Percebe-se, de longe, quem vive amargo e quem vive açucarado. Pois o sorriso é aquela varinha mágica, que transforma a dor em sabor...
81. Há uma zona de penumbra entre a juventude e a maturidade, que dificulta o entendimento e favorece o descompasso.
82. À hora de virar a última página, na conclusão do livro da vida, tudo em nós deve estar ordenado, higienizado e polido, sob pena de sermos alijados da mansão dos vencedores!
83. Nada é tão onírico e fulgurante, quanto o sentimento da plena realização!
84. O egoísmo é de tal forma voraz e alcoviteiro, que se compraz em extinguir todos os elos e calcificar todas as melodias, transformando as relações em eventos desagregadores, quando não, contaminados.
85. Duas faces tem o nosso desempenho diário: uma, consistente, maciça e fecunda ; outra, frágil, oca e estéril.
86. Nas águas traiçoeiras do vício, afoga-se, inevitavelmente, a perspectiva de uma jornada saudável, de uma travessia sem percalços, de um sereno navegar...
87. Há um apelo de sublimação, no ruflar de asas, no navio ancorado, no canteiro florido, e no olhar luminoso da criança feliz...
88. Onde será que se esconde a liberdade, ao ser ameaçada pelo rebenque ou sufocada pela tirania?
89. Foi a decrepitude que engoliu aquela antiga faceirice, que a avareza do tempo cobrira de pó!
90. É bem mais fácil enfrentar os safanões da caminhada, com a cabeça fresca, a alma leve e o sentimento bem nutrido.
91. Ninguém deveria aprisionar-se na cápsula da fantasia, pois que a liberdade não suporta nenhuma espécie de cabresto.
92. Encontrei nele um espírito obstinado e singular, com um vigoroso senso de dever comunitário, que não permite à empolgação ar- refecer. Ele é deveras um mensageiro da concórdia e da acolhida. Desses obreiros despojados, de que a humanidade tanto carece...
93. As forças desconhecidas, que comandam nossos destinos, estão mais para o radicalismo do que para a liberdade.
94. Só teremos acesso aos umbrais do paraíso, depois de purgados de nossas mazelas e vestidos com as cores da transparência.
95. Todas as manhãs, assim que a escuridão se despede, a claridade despeja, sobre as searas do Universo, uma profusão de cheiros, matizes, fluidos e orgasmos, que o revigoram para o festival diário do renascimento.
96. Não sei se devo encarar a vitória como ousadia, como privilégio ou como recompensa...
97. Tanto os grilos, como as rãs e as arapongas, têm seu modo peculiar de se fazerem ouvidos e lembrados.
98. Há pessoas e pessoas. Umas, pacíficas como as ovelhas. Outras, hienas selvagens.

99. A prece compara-se a um unguento, com que o espírito se fortalece, atenuando os arranhões do cotidiano.
100. São admiráveis os indivíduos dotados de paciência! Essa virtude leve e harmoniosa, sempre disposta à solidariedade e ao perdão. Em sua presença, o estresse se acovarda, para que a harmonia reine soberana.1. Convenci-me de que só ao libertar-me dos preconceitos, verei a sensibilidade aflorar, expandindo-se por todos os recantos, desde o reduto da alma, até o castelo dos sonhos.
2. Deus presenteou-nos com o dom da vida. Por isso exige de nós que não sejamos apenas bons, mas excelentes.
3. O magnetismo da beleza, do sorriso, da simpatia: eis uma tríade infalível, que todos adoram cortejar!
4. Quem de nós não se rende à fragilidade de um recém-nascido?
5. As muralhas, que nos separam dos santos, não são apenas altíssimas e íngremes. Elas também agem como sentinelas, no reconhecimento das nossas virtudes e na poda das nossas imperfeições.
6. Malgrado todas as evidências, há no Universo uma falácia, acerca do bem vitorioso e do mal perdedor, a ponto de tornar-nos inseguros, ante o cortejo de tanta canalhice, de tanta hipocrisia.
7. Adornos do céu e da terra, as virtudes espalham o odor do incenso, oferecendo ao Senhor: suas ladainhas, seus círios, suas genuflexões.
8. Além de falsa, a mentira é também dissimulada e sagaz...
9. A bondade, reconhecida como filha do paraíso, não deixa de ser também a mãe dos santos, dos mártires e dos heróis!
10. De tão sensíveis, os corações generosos têm o poder de amolecer as pedras, de suavizar as ervas daninhas, de semear a paz entre belicosos rufiões.
11. Definitivamente, decidi não pensar na Morte, para que também ela não pense em mim...
12. Ando à procura daquele naco de felicidade, que Deus deixou cair do céu, quando soprou sobre mim a aura da vida.
13. Todos nós somos convidados ao banquete divino. Mas há os que são do contra, e preferem sentar-se à mesa de Belzebu!
14. O perdão e a reconciliação: irmãos-gêmeos, filhos do orvalho e da luz...
15. Minhas reflexões levaram-me à conclusão de que a alma é um véu delicado, a nos circundar a vida. Negligenciá-la significa abrir-lhe as portas, ao desastre irreparável.
16. A lei da atração determina que somente o que é positivo, agradável e útil deve ser pensado, falado e escrito por nós.
17. Que bom seria, se cada ser humano fosse reconhecido, como a obra-prima de sua própria evolução.
18. Precisamos viver na frequência certa, se quisermos atrair, para nós e os que nos cercam, a afeição, a simpatia, a saúde, a vitória.
19. Por sua ingerência sobre o caráter e as ações humanas, os rótulos apequenam nossa capacidade de crescer e progredir.
20. Abra seus canais, solte as amarras, deixe a vibração fluir! – E verá tudo revigorado em seu entorno!
21. Eu era uma criança, quando descobri aquele rio... Um rio largo e afetuoso, cujas margens se enfeitavam de um mato denso, onde a bicharada inaugurava suas tocas e produzia sua prole. E ele me viu nascer, crescer, partir, voltar, partir de novo! No entanto, mesmo distantes, o amor entre nós aumentou seu fluxo e aprofundou suas águas...
22. A palma da vitória não se abre somente no final da caminhada, e sim em cada curva do caminho, em cada pedra pontiaguda e em cada moita de espinheiro bravo.

23. Tanto o bem-estar, como seus opostos, sofrem a influência do pensamento, pois é ele que direciona nossas decisões e as atitudes que nos movem.
24. Estou convencida de que a senha do êxito requer, acima de tudo, reflexão, prudência, serenidade, discernimento.
25. Voar alto demais é tão perigoso quanto afundar-se no lodo...
26. Sempre é conveniente e adequado programar uma pausa, a fim de avaliar as metas, rever o percurso e otimizar os resultados!
27. São os sentimentos que direcionam nossos passos, tanto ao porto da prosperidade, quanto ao aterro sanitário.
28. Entre as virtudes que ornamentam o coração humano, a gratidão sobrepõe-se, como o foco de luz a irradiar-se por todos os cantos.
29. O êxito de qualquer empreendimento se assenta, sobretudo, na visualização daquilo que pretendemos, como algo possível e concreto. É assim que o sonho se transforma em realidade.
30. Invariavelmente, todos nós estamos sujeitos à lei da atração. Daí que tudo o que pensamos, dizemos e fazemos, nos conecta com o mundo circundante e nos condiciona a ele.
31. Faça do seu bem-estar um modo contínuo de viver, e não um prazer esporádico, sujeito a trovoadas e inundações.
32. Só alcança o pico da harmonia quem se impregna de fluidos positivos, uma vez que o Universo é a própria generosidade, a própria fluidez...
33. Tenho certeza de que é a falta de amor-próprio que bloqueia as nossas aptidões, emaranhando desejos e conquistas...
34. Somente ao alcançar a plenitude do afeto, do entusiasmo e da benevolência, teremos algo de bom a repartir, com os carentes, os deserdados e os infelizes.
35. Na cura de certas enfermidades, a intervenção da mente humana tem-se revelado mais eficaz que o próprio medicamento.
36. A fé: eis a chave capaz de abrir qualquer porta, seja ela de natureza física, moral ou religiosa. – O efeito placebo existe e basta acreditar.
37. O pensamento positivo amplia os fatos positivos. O negativo revigora os eventos negativos. Isso significa que a felicidade é uma escolha nossa.
38. O exercício da serenidade proporciona um excelente aprendizado, além do descarte do que nos desvanece, pois que a energia flui por onde mais nos concentramos.
39. Além de comandar as nossas ações, o pensamento é também o timoneiro do nosso bem-estar ou da nossa desventura.
40. Deus criou o Universo com abundância de suprimentos. E cabe aos seres humanos produzi-los e aproveitá-los.
41. Um método eficaz, de alcançar as metas que traçamos, consiste em louvá-las e abençoá-las.
42. Pensamentos descontrolados produzem reações descontroladas. Pensamentos saudáveis geram reações saudáveis.
43. Mesmo nas maiores encrascas, é possível ouvir o som musical da reconciliação. Basta que os contendores acionem a chave do bom-senso, e a harmonia voltará a dar as cartas.
44. O Universo responde a todas as nossas indagações. Basta que estejamos conectados com ele e saibamos captar as mensagens que nos remete.
45. Só o sorriso nos resgata do pesadelo, da frustração, do insucesso e da desarmonia. Ele é, de veras, um estupendo craque.
46. Quando o amor atíça a brasa e acende a tocha, vira logo um vulcão faminto, sem dia nem hora para esgotar seu fogo.
47. Se a desesperança começa a forçar a porta, a mais adequada reação é despachá-la de imediato.

48. Considero a alegria um nutriente tão vitaminado e poderoso, que sua falta me deixa anêmica.
49. Só existe prosperidade, onde vinga a sobriedade.
50. O que faço agora é cantar meu hino de vitória, dançar minha valsa predileta, preservar meu legado incandescente, registrar minha aventura pessoal...
51. Creio que o remédio mais eficaz, para os males da alma, encontra-se dentro de nós: no pensamento, no sentimento e na decisão efetiva de curar-se.
52. Ser quebradiço como o vidro, ou incólume como o obelisco: eis uma decisão pessoal e intransferível.
53. A impaciência, a ira, a intolerância: eis três especialistas em nos tirar do prumo.
54. Assim que pusermos em ordem os pensamentos, desejos e sentimentos, bem como as emoções, fantasias e esperanças, o cérebro fará a leitura adequada de cada um desses componentes vitais.
55. Diga sim à ocupação, e não à preocupação, que essa é uma fórmula exitosa, que muitos mortais desconhecem...
56. A literatura foi um evento providencial, que me abrandou o deserto, abrindo caminho às vozes do cérebro e do coração.
57. Há emoções flutuantes e emoções submersas. As primeiras vêm escorreitas. As demais, silenciosamente discretas...
 1. A energia do cosmos, prodigiosa e gratuita: eis um lenitivo aos nossos achaques, tanto físicos quanto emocionais.
 2. Se os egoístas soubessem quão gratificante é a generosidade, sairiam correndo em busca dessa joia, tão rara quanto preciosa!
 3. O mais valioso ensinamento que a caminhada terrena nos propicia, todo dia e toda hora, consiste na descoberta do nosso paraíso interior.
 4. É imperioso cuidar do planeta: das estrelas, do sol, da nuvem, da fonte, do rio, da brisa, do orvalho, da terra e do mar, com o mesmo desvelo que dispensamos aos nossos entes queridos!
 5. Não deixa de ser paradoxal o apreço que temos pelo automóvel. Foi ele que desqualificou nossa relação com o Universo, impondo-nos uma servidão quase irracional.
 6. Enquanto os ardores do estio nos ressecam e desertificam, urge redescobrirmos o frescor das aragens, cuja presença é bálsamo e refrigério.
 7. Qualificar mais, quantificar menos... Eis a fórmula da saúde, da alegria interior, da amizade sincera, do reencontro consigo mesmo!
 8. O asseio ecológico não se restringe ao cuidado com a natureza que nos irmana. Ele abrange também a proteção que merecem todos os nossos parceiros, dessa jornada em busca da luz...
 9. Para que a vida seja deveras asseada e fecunda, é indispensável a higienização dos desejos e conceitos, das reflexões e atitudes, sob pena de sermos barrados, na primeira seleção.
 10. Por que será que resistimos às mudanças positivas, preferindo continuar naquele status quo que não nos satisfaz nem engrandece?
 11. A poluição não afeta somente os rios, as matas, os gramados e jardins. Ela afeta também o cérebro humano, quando se submete à sobrecarga de informações.
 12. Guarde bem os seus sentimentos! Negligenciados, eles podem sofrer complicações inesperadas.
 13. Cheguei à conclusão de que somos politeístas por natureza. Endeusamos tantos valores secundários, que o único Deus, pleno e majestoso, não encontra espaço onde possa quantificar as nossas súplicas.
 14. A prosperidade só decola, quando a razão e o coração estiverem ambos no prumo.

15. A fórmula eficaz, ao bom desempenho pessoal e coletivo, atende pelo nome de sincronia.
16. Quem falou que a vida não passa de uma quimera, de um balão de ensaio, de um fogo-fátuo? – Esse daí deve ser cego, porque eu enxergo, com nitidez, os tons azul e branco, rosa e verde, vermelho e amarelo, que o pôr-do-sol estende sobre mim...
17. O que falta aos casais desajustados, – em seus olhares foscos, em sua deletéria maresia, – é certamente o dom da temperança, o cicio do bem-querer...
18. Essa encantadora alegria, com seu gênio manso, seu olhar translúcido, sua voz maviosa e seu sorriso franco, deve ser a princesa do castelo encantado, onde a felicidade reside com os seus.
19. Não convém aceitar a bajulação dos fracassados, pois todos sabem que sua doença é contagiosa...
20. Os filósofos afirmam, categoricamente, que só a simpatia e a vi- bração ativam os bons fluidos, absorvendo o bem e dispersando o mal.
21. Tanto a evolução quanto o progresso hão de revelar-se, preferencialmente, uma decorrência, e raramente um evento fortuito.
22. Todos nós temos o dever de ordenar nosso próprio destino, e não esperar que ele aconteça, por sua conta e risco!
23. No esplendor da aurora, o mar se veste de tons matizados, afeito que é à sincronia da beleza.
24. A felicidade vive a consagração de uma rainha, festejada e dese- ja da por todos os seus admiradores.
25. Como fazem as gatas no cio, também as nossas mágoas gemem, gritam, desabam e fogem...
26. A noite dava passos vagarosos em direção às estrelas. Pois só elas conhecem o bálsamo que cura as chagas da solidão! – E elas encharcaram o peito da noite. E a noite aquietou-se e dormiu...
27. Com seu chicote de fogos pontiagudos, o Sol vergastava as aragens, jogando chibatadas incendiárias, por todos os quadrantes da terra e do céu.
28. Vivam todos os amores! Morram todas as invejas! Eles acarinham nossa faces. Elas calcinam nossas crenças!
29. A arrogância é de fato uma moeda podre, pois não consegue comprar absolutamente nada: nem riqueza, nem sucesso, nem prazer, nem afeto.
30. Na escuridão do mar profundo, há tantas surpresas acumuladas, que o escafandro das pretensões humanas jamais conseguirá resgatar.
31. Saiu o pensamento cavalgando a esperança, como quem vai em busca de um tesouro, que nem a cigana mais esperta sabe dizer onde está.
32. Não há desgosto na vida que o amor não consiga curar...
33. Entre a lágrima e o sorriso, estende-se um vasto oceano de preces, sentimentos, pulsações...
34. Mesmo que o tempo escape pelas frestas, que as vozes dos pássaros se tornem inaudíveis, e que as fagulhas do sol esmoreçam, ainda assim o sorriso das estrelas prosseguirá emoldurando o firmamento. É isso que me diz a fé!
35. Creio que os despojos de cada existência terminal, serão rateados entre os anjos, negros ou brancos, com asas de gaivota ou de morcego!
36. A luz que brota, nos olhos da criança, é a mesma que um dia se apagará, sob as pálpebras do moribundo.
37. No lugar do desgosto, o desalento se encarrega de triturar o sorriso, a alegria e até a própria ternura.

38. Algumas lembranças se despedem, abanando seus adeuses de comoção e saudade. Outras permanecem agarradas ao peito, pois que a solidão é a saudade ampliada um milhão de vezes.
39. No desenlace de um grande amor, não resta ninguém para enterrá-lo...
40. As chamas da intolerância incendeiam a amizade, a afeição, e até mesmo as águas do bom-senso.
41. O frescor da primavera partiu em disparada... Logo, secarão os cabelos das espigas, murchará o sorriso das romãs, ruirá a torre das palmeiras. Só a craca há de restar, no fundo da cova, para contar a história...
42. Dotada de um corpo musical, presumo que a dama da felicidade sonorize até o frêmito do orgasmo.
43. O ostracismo só se compara a uma fígada insolente, daquelas que rasga os ossos e quebra as carnes...
44. O sorriso da Lua me envolve de sonhos e seu beijo me desabrocha...
45. As vozes enterradas na garganta comparam-se aos pássaros inertes e às paixões engaioladas...
46. À hora da festa, irmanam-se os sinos e as bandeiras, os sorrisos e os foguetes.
47. Assim como o diamante, o texto literário só brilha, depois de muita lapidação.
48. Ao adentrarmos pelos umbrais da morte, a boca silencia e os olhos escurecem, que só os ouvidos se mantêm atentos ao cacarejo dos vermes...
49. Desde que me descobri filósofa, passei a interpretar as flutuações do cotidiano, com sua malha de nuances, versos, gorjeios e travessuras.
50. Graças à sua estupenda prodigalidade, a terra jamais se absterá de oferecer suas dádivas, à perdulária humanidade.
51. Descobri que a inveja é prima-irmã da serpente. Pois também ela se esgueira de mansinho, prepara o clima, perfila-se, dá o bote... Eis que o estrago está feito!
52. Há momentos, em nossa trajetória, em que a desvalia, o temor e o desassossego nos assaltam, a ponto de vendar nossos olhos e paralisar nossas vibrações...
53. Não permitas que a acidez do desencanto se esgueire entre ti e o mundo, oxidando os sentimentos ternos, os risos doces, e esse olhar brejeiro, à procura de uma flor azul...
54. Mulher fatal deve ser aquela que se compara à leveza do cisne, ao frescor da brisa, à sincronia do barco massageando as águas, ao farfalhar da aragem sobre os girassóis...
55. A prática do pensamento positivo oportuniza, ao sujeito, desenvolver dons especiais, tais como a serenidade, a simpatia, o bem-querer.
56. Seus olhos marejavam de alegria. Aquela alegria genuína, que jorra da fonte serena e doce, e cujo néctar até as estrelas vêm sugar...
57. Quantas milhas percorremos, na peregrinação das nulidades, à procura de um troféu, que jamais preencherá nossas lacunas, nem nosso anseio de voar!
58. Atrair um coração, suavizá-lo e absorvê-lo: eis o mote da ventura, capaz de viver até as ilusões desfalecidas.
59. Adoro sentir os neurônios superexcitados, arfando, enrubescendo, abrindo portas e janelas, a fim de cortejar a claridade, e convidá-la ao ágape das palavras, dos versos e das canções...
60. Basta uma noite de chuva, para que o dia e eu acordemos satisfeitos e purificados, à espera de novas vibrações.
61. Considero um ofício deveras gratificante, esse de lapidar as palavras, a fim de extrair delas o sumo do prazer adoçado na tina do coração!
62. Aprendi que não convém ser demasiado intolerante, nem condescendente em excesso, pois é no meio-termo que vinga a perfeição.

63. Prefiro esperar que os sorrisos se abram, os segredos se desvendem e os abraços se soltem, para então confraternizar com eles.
64. O corpo tenso, a boca seca, os olhos cavos, o riso murcho: tudo estava prestes a dizer não à vida!
65. Tanto quanto as dores, também os ardores retalham nossas faces, com suas afiadas navalhas.
66. Nômade por natureza, a imaginação trafega, dia e noite, entre cerros ondulados e fossas deprimentes.
67. Assim que a alma atíça a brasa e acende a tocha, vira logo um vulcão faminto, sem dia nem hora para esgotar seu fogo...
68. Quando o dia baixa as cortinas, o Sol se prostra na alcova silenciosa, onde tempera seus raios para o próximo alvorecer.
69. Ao ser redesenhado pela desventura, nosso semblante se torna, ora inexpressivo, ora caricato.
70. O fracasso de um relacionamento começa sempre pelas reticências...
71. As pessoas cerebrais, ao contrário das emotivas, tratam friamente as relações, e até sufocam seus apelos mais íntimos. Isso quanto não os incineram, a fim de tripudiar sobre as cinzas...
72. A fama pode revelar-se um dos maiores patrimônios do ser humano, desde que se apresente sem interferências...
73. Invariavelmente, todos os dias e à mesma hora, o sol vem preencher os favos da cortina, que se deixa apalpar, aquecer, acariciar... Eu gostaria também de acortinar meu coração, pra que o rei do dia entrasse manso, afagando-o com suas réstias, e quebrando o gelo de tão prolongadas invernias!
74. Se conduzida com harmonia e vibração, a vida humana pode as- semelhar-se a um passeio de barco, pelas águas azuis do tempo, entre o balé sincronizado dos golfinhos e das sereias.
75. A ternura impõe-se, como a atitude mais delicada e sincera, que os seres vivos descobriram, no decurso dos séculos.
76. Reputa uma experiência valiosa, essa de recolher minhas afeições e lembranças, a fim de transformá-las em relatos, tão singulares quanto universais.
77. As lágrimas que escorrem dos olhos são sempre salobras. Mas as que afloram do coração podem revelar-se gostosamente adocicadas...
78. Mais terapêutico do que o silêncio, só o amor jorrando aos borbotões...
79. A preocupação excessiva não tem nenhuma serventia, a não ser carimbar as faces, com aquelas rugas solertes, inconvenientes, malfadadas...
80. Percebe-se, de longe, quem vive amargo e quem vive açucarado. Pois o sorriso é aquela varinha mágica, que transforma a dor em sabor...
81. Há uma zona de penumbra entre a juventude e a maturidade, que dificulta o entendimento e favorece o descompasso.
82. À hora de virar a última página, na conclusão do livro da vida, tudo em nós deve estar ordenado, higienizado e polido, sob pena de sermos alijados da mansão dos vencedores!
83. Nada é tão onírico e fulgurante, quanto o sentimento da plena realização!
84. O egoísmo é de tal forma voraz e alcoviteiro, que se compraz em extinguir todos os elos e calcificar todas as melodias, transformando as relações em eventos desagregadores, quando não, contaminados.
85. Duas faces tem o nosso desempenho diário: uma, consistente, maciça e fecunda ; outra, frágil, oca e estéril.
86. Nas águas traiçoeiras do vício, afoga-se, inevitavelmente, a perspectiva de uma jornada saudável, de uma travessia sem percalços, de um sereno navegar...

87. Há um apelo de sublimação, no ruflar de asas, no navio ancorado, no canteiro florido, e no olhar luminoso da criança feliz...
88. Onde será que se esconde a liberdade, ao ser ameaçada pelo rebenque ou sufocada pela tirania?
89. Foi a decrepitude que engoliu aquela antiga faceirice, que a avareza do tempo cobrira de pó!
90. É bem mais fácil enfrentar os safanões da caminhada, com a cabeça fresca, a alma leve e o sentimento bem nutrido.
91. Ninguém deveria aprisionar-se na cápsula da fantasia, pois que a liberdade não suporta nenhuma espécie de cabresto.
92. Encontrei nele um espírito obstinado e singular, com um vigoroso senso de dever comunitário, que não permite à empolgação ar- refecer. Ele é deveras um mensageiro da concórdia e da acolhida. Desses obreiros despojados, de que a humanidade tanto carece...
93. As forças desconhecidas, que comandam nossos destinos, estão mais para o radicalismo do que para a liberdade.
94. Só teremos acesso aos umbrais do paraíso, depois de purgados de nossas mazelas e vestidos com as cores da transparência.
95. Todas as manhãs, assim que a escuridão se despede, a claridade despeja, sobre as searas do Universo, uma profusão de cheiros, matizes, fluidos e orgasmos, que o revigoram para o festival diário do renascimento.
96. Não sei se devo encarar a vitória como ousadia, como privilégio ou como recompensa...
97. Tanto os grilos, como as rãs e as arapongas, têm seu modo peculiar de se fazerem ouvidos e lembrados.
98. Há pessoas e pessoas. Umas, pacíficas como as ovelhas. Outras, hienas selvagens.
99. A prece compara-se a um unguento, com que o espírito se fortalece, atenuando os arranhões do cotidiano.
100. São admiráveis os indivíduos dotados de paciência! Essa virtude leve e harmoniosa, sempre disposta à solidariedade e ao perdão. Em sua presença, o estresse se acovarda, para que a harmonia reine soberana.

Data : 19/09/2013

Título : Filosofia da Insônia - 101-174

Categoria: Pensamentos

Filosofia da Insônia - 101-174

101. Chegará o dia de recolhermos, no baú das nossas memórias, o sabor das amoras, a canção dos rouxinóis, as nuances do arco-íris, o calor dos abraços, a sutileza dos versos e a satisfação da recompensa.
102. Ao sacudir o torpor matinal, a brisa vai deixando para trás, a carícia fugidia de seu hálito, e a suavidade glamurosa de suas fragrâncias.
103. Com o passar dos anos, vamos acumulando, em nossas tulhas, a sabedoria e a imunidade necessárias, a uma vida sem complicações.
104. Alguém saberá dizer-me de que material são feitos os sonhos? – De caliça, cinzas, seixos? - Ou de aragens, perfumes, fulgurações?

105. Entre o passado que se foi e o futuro que virá, resta um tempo prodigioso, que nos possibilita mudar o foco, pôr a bagunça em ordem, desfazer os mal-entendidos, perdoar a ingratidão, acertar as contas com Deus...
106. Vejo o mundo abarrotado de biltres, tramando a perversidade e a empulhação, ao passo que generosidade anda às voltas, oferecendo guarida e proteção.
107. Enquanto os arbustos, descontraídos e satisfeitos, despejam sua sombra, sobre os gramados e jardins, o poeta derrama seus versos, sobre a policromia dos corações.
108. Será porque a completa indiferença se apoderou de sua empolgação, que muitos viventes se entregam à desvalia da amargura, física e moral?
109. Cada um de nós terá de ser, obrigatoriamente, o timoneiro de sua própria embarcação.
110. Remexer no passado, a fim de conferir as léguas percorridas, os amores vividos, os prêmios conquistados, será mesmo uma forma de rejuvenescer?
111. Quando asfixiada pelas garras do vendaval, solitária e desgarrada como um patinho feio, quem me livrará da fossa, senão eu mesma, reacendendo o lume que outrora me incandescia?
112. Enquanto nos quedamos a interpretar as estocadas que assolam nossas lides, perfurando as mais generosas intenções, um fio de luz vem-se achegando aos poucos, com a missão de nos trazer de volta àquela realidade santa, de amar e esparramar o amor...
113. É sobre o fio da navalha que as virtudes aprendem a desatar a voz, em canções tão melodiosas quanto curativas.
114. Assim que descobri a missão das lágrimas, ajoelhei-me sobre sua vertente, abençoei-as e as chamei de amigas, pois são elas que me purificam das nódoas com que a vida me borrou.
115. Arauto da virtude e da alegria, o sorriso glorifica o semblante humano, como se o anjo doce da bondade sobre ele esteja impondo as mãos...
116. O farfalhar, que percorre as madrugadas, nada mais é do que o zéfiro espiando onde está a cacimba da bondade, para que ela atenuie os nossos sulcos, tão assoreados pela ausência de frescor.
117. Não importa que as frustrações venham sozinhas, ou em pares, ou agrupadas. Elas só não têm permissão de assentarem-se comodamente, para nunca mais se despedir...
118. Quando criança, eu corria atrás do vento, a fim de agarrá-lo e prendê-lo entre os muros. Hoje, dou-lhe plena liberdade, para que voe em busca do riso, que tantos lábios precisam sorver...
119. “Um cego!” – É assim que defino o sujeito que não reconhece a integridade, a delicadeza, o merecimento.
120. Águas mansas, sóis velados, risos francos, beijos cálidos... Quem dá mais?
121. Cuidado com a depressão! Ela adora golpear-nos como um cão raivoso!
122. A roda giratória do tempo, sem trégua nem água fresca, que bom se ela andasse de ré!
123. Seu cérebro, que já foi compacto como a rua de asfalto, aos poucos foi amolecendo, afrouxando, desistindo, até desencontrar-se, numa viela escura, onde tudo virou ao avesso...
124. Alguém poderá contestar-me, pela ousadia do veredicto, mas considero a Morte como um dos eventos mais reais e coerentes do mundo natural.
125. Pelas encruzilhadas da noite, alternam-se os volumes do silêncio, enquanto imagens difusas percorrem os corredores desertos...
126. Uma queda no vácuo! - Eis a definição que encontrei para o colapso total da esperança!
127. As distâncias percorridas, os dissabores silenciados, as ilusões desmoronadas, impuseram-me a companhia do livro e do rosário.
128. A criança, que fugiu de mim e bandeou-se para grotões inóspitos, causou-me profunda sensação de perda. Aquela perda recolhida na saudade, que nem sequer me acena para um leve cumprimento...

129. Crer, agir, ousar – eis um mote confiável, do qual a eficiência não pode jamais esquivar-se.
130. Viver o hoje, sem interferências do ontem e do amanhã, pode significar um método produtivo e saudável de levar a vida sem atropelos.
131. Alguém duvida de que o sorriso é o perfume extraído das flores da simpatia?
132. Conheço bem os corações de cicuta e os corações de vinagre. Daí minha preferência pelos de mel e de ambrosia.
133. Creio que todas as vidas sofrem purgações, assim como todas se deleitam com as ovações.
134. Ao entoar seu canto, no coreto das estrelas, o firmamento se transforma num palco, tão melodioso quanto resplendente.
135. Dois eventos antagônicos percorrem conosco a jornada terrena: o fluxo da ventura e a maresia do desgosto.
136. A efusão do sorriso supera, fartamente, a profusão das palavras.
137. Concluí que nos diferenciamos dos coelhos, dos pássaros e das cegonhas, por nossa capacidade de raciocinar.
138. A pior tragédia, que pode acontecer aos nossos sonhos, é eles apodrecerem e se cobrirem de moscas...
139. Enquanto nos distraímos, remexendo as tulhas do passado, eis que o presente passa por nós em disparada...
140. Não há quem não queira ser jovem, rico, atraente, perspicaz. Mas a índole humana, ou é míope ou é estrábica, e só enxerga o que lhe apraz.
141. Basta um assoprão do vento, para tirar do prumo quem se arroga o título de rei da criação.
142. Cada um de nós, homem ou mulher, tem sua própria dimensão interior. Daí a diversidade de caráter e comportamento, que nos induzem a proceder de formas tão desiguais.
143. Fiz um pacto com meu Anjo guardador, a fim de que, nos palácios celestiais, me prive de ser uma tulipa murcha, um candelabro às escuras, ou uma borboleta incolor. Essa é a condição que imponho, se ele pretende privar da minha companhia!
144. Meus versos saem da forma crocantes e saborosos. E me alimentam como o pão dos anjos, na confeitaria do paraíso!
145. As leis agem como círculos, previamente ordenados, a fim de manter-nos na órbita, sem vacilações.
146. Defino a esperança como o anseio constante de encontrar aquela realidade, que tecemos e retecemos no tear dos anos, e à qual damos o nome de felicidade.
147. Convém proteger as amizades duradouras, que prosseguirão pela eternidade afora, e descartar as volúveis, que não alcançarão sequer o magnetismo do próximo Natal...
148. Para quem pretende disfarçar os traços de um semblante pouco privilegiado, não há melhor estratégia do que um sorriso simpático.
149. A vida é tão caleidoscópica, que ora estimula, ora aborrece; ora gargalha, ora dilui-se em pranto...
150. Os objetos simbólicos nos são apresentados, com fisionomia de magos e filosofia de santos...
151. Faz muito bem, de vez em quando, nos recolhermos ao reduto da consciência, a fim de higienizá-la dos odores e rancores, que a emboloram no decurso dos anos.
152. A ausência de pensamento nos impede de aprender. E a de sentimento nos inibe de amar.
153. Todo compromisso assemelha-se a um cabresto. Daí a sua pecha de algoz.
154. Somente a sinceridade e o bem-querer conseguem espelhar-se na lâmina dos olhos!

155. Obrigatoriamente, o ser humano necessita de evolução. Se tal não for a sua performance, a estagnação o deixará anêmico, em vias de prostração e morte.
156. O dia tem o poder explícito de revelar-nos, de alto a baixo. E a noite, o de encobrir-nos como uma estátua cega.
157. As desilusões amorosas agem quais canos entupidos: nada que seja bom e conveniente consegue atravessá-los.
158. Encharcar-se com os sons da noite, cheirando a terra e orvalho, e salpicados de espasmos e sussurros, é como renascer a cada aurora, a fim de levar adiante o audacioso projeto de Deus.
159. Faço minhas as sábias palavras de Bilac: “Só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas”.
160. Estranha liberdade essa que nos afoga em preceitos, aprisiona nas malhas do medo e falseia as nossas mais ardentes aspirações!
161. Se o paraíso – como dizem as boas línguas – é um lugar de júbilo perene, de amor e ventura sem disfarces, meu anseio mais intenso é atravessar os seus umbrais e lá instalar-me para sempre!
162. Existe uma senhora de nome Morte, cuja índole madrasta vive a esculhambar os sorrisos, a fim de produzir esquifes e transformá-los em cinzas. Sua crueldade é tamanha, que só conta com um único amigo, o qual atende pela alcunha de Coveiro.
163. Desconheço, completamente, algo que seja mais apoteótico do que o heroísmo. Daí a sua raridade!
164. O alto astral das roseiras, o veludo de suas mãos estendidas, seu sorriso contagiante – quer melhor colírio para os olhos e o coração?
165. Frequentemente, o pensamento nos assalta, como uma lasca de lenha, que não se sabe donde veio, nem onde vai cair...
166. Ainda bem que o sorriso mora no exterior do rosto! Assim, todos os que se acercarem dele, conseguirão admirar seus reflexos e aspirar seu aroma adocicado!
167. Eis o que nos torna sagazes: o olhar atento, o cérebro desperto, o coração vigilante, as mãos diligentes.
168. Esse mimetismo reiterado que nos faz olhar, sempre e tanto, para o nosso próprio umbigo, vai aos poucos minando aquela capacidade criadora, que nos consagra como parceiros de Deus.
169. No compasso da existência, recomenda-se que os acordes sejam melodiosos, pois a desafinação põe abaixo toda e qualquer harmonia.
170. Cada ser vivo, seja humano, animal ou vegetal, tem seu tempo próprio de maturação, que ocorre, sub-repticiamente, de forma invisível e indolor.
171. Há um dia certo e predeterminado, para enxergarmos a luz no fim do túnel...
172. Considera-se o pensamento como uma entidade, ora dinâmica e volátil, ora rija e pétrea. Só a razão lhe dá consistência.
173. Em virtude de seus comandos reiterados, estou hoje propensa a acreditar que é o Universo que nos disciplina, por sua engrenagem hermética, insensível, dominadora...
174. As respostas, que outrora se esquivavam de mim, hoje se postam a minha frente, desfraldadas como um leque, para a celebração da descoberta.
- O sorriso, com sua índole festiva e matreira, não suporta o mau-humor e, menos ainda, a intolerância e a falsidade.

Data : 19/09/2013

Título : Filosofia da Insônia - 233-300
Categoria: Pensamentos

Filosofia da Insônia - 201-300

233. A despeito das evidências em contrário, meu coração continua persistindo, em rebrotar e florir novamente...
234. Antes de abandonar a trincheira, ver-me-ão manejando a baioneta, arrancando os cactos do caminho, ascendendo aos mais íngremes penhascos, semeando os brotos da concórdia e enchendo de cores meu jardim... Saibam todos que ainda sou dura na queda!
235. Ao desfraldarem-se as asas do sonho, um estranho farfalhar se irradia pelo corpo, acariciando a vida que pulsa em suas entranhas.
236. Outrora, a claridade me perseguia, alagando-me de alto a baixo. Hoje, é a penumbra que se abriga em mim, discreta e sorrateira, pra que ninguém venha bulir com ela.
237. Como contraponto às câibras e físgadas, rogo aos céus que me devolvam o frescor dos verdes anos!
238. A uns, a luz do poente aguça a sensibilidade. A outros, desencadeia surtos de melancolia...
239. As marretadas do tempo deixam tão esburacadas as ruas do corpo, que o estupor se perfila e se põe a transitar por elas...
240. Quando o esbulho dos sorrisos entra em cena, a própria felicidade dói!
241. Ao encontrar meu entusiasmo roto e desgrenhado, desovando no charco o cadáver de sua antiga formosura, chego a pensar que o mal é mais poderoso que o bem...
242. Essa coisa feia, que conhecemos por intolerância, iguala-se a uma epidemia, que vai assolando tudo e todos, até a completa devas- tação...
243. Por que será que nos é negado o prazer de admirar as flores se abrindo, e encharcando-se de fragrâncias?
244. O dom de enxergar possui credenciais privilegiadas, em relação ao dom de falar. É por essa razão que fomos brindados com dois olhos e apenas uma boca.
245. Do parto de nossas dores, nascerá, certamente, o vigor dos nossos esplendores.
246. Sempre encontrei, na chuva com que o céu me obsequia, uma parceira generosa, na partilha da reflexão e da prece.
247. Intuitivamente, todos nós sabemos que a estiagem do sorriso é seca e improdutiva. Daí a necessidade de regá-lo com frequência!
248. A verdade se revela límpida, como o córrego que canta entre as pedras. Já a mentira é pra lá de insalubre, pois vive coberta de limo, ferrugem e mofo.
249. Nada inebria mais os meus devaneios que o frenesi da noite, copiosa de silêncios e ruídos, que se alternam como a luz e a escuridão.
250. O livro pactuou, com minha insônia, um espaço de reflexão. Foi um ajuste salutar, tanto para a catarse quanto para o prazer. Desde então, sobrevoei as dunas do tempo e me reencontro com minha identidade.
251. Tão arruaceiros quanto os grilos, os pesadelos também nos per- turbam o sono.
252. Ninguém vive sem um amuleto, seja ele um arbusto, um pássaro, uma medalha, ou até mesmo um réptil peçonhento. A natureza humana é fissurada num talismã!
253. Qualquer gesto de bondade, qualquer palavra de incentivo, e qualquer sorriso sincero, por mais insignificantes que sejam, têm o poder de nos fecundar e enobrecer.
254. Quem crê na morte como um rito de passagem, haverá de enfrentá-la com menos sofrimento, quer durante a travessia, quer à hora do desembarque...

255. Pela milésima vez, presenciei o cheque-mate da melancolia. Só então descobri que até ela tem lá seus argumentos secretos...
256. Tão logo o coração comece a ratear, tudo o mais, no corpo comece e no espírito, falseia também seu ritmo habitual.
257. Nesse caminhar progressivo em busca do desconhecido, sempre haverá alguém disposto a ir conosco, pois a solidão, por natureza, é uma companhia detestável.
258. Se algum dia, porventura, eu encontrar quem inventou o tempo, far-lhe-ei um pedido ardente: “Que não seja tão radical e conceda, também a nós, os longos anos de Matusalém”!
259. A vida não nos foi dada de presente, para ser engolida de uma só vez. E sim, para ser usufruída aos goles, parcimoniosamente, como faz o pássaro na corola da flor.
260. Ao darmos de cara com a esfinge de nosso desenlace, quem haverá de indicar-nos, em qual dos portões devemos apresentar nossas credenciais?
261. Os dias transcorrem, ora radiantes, ora ameaçadores, ora entorpecidos. Para administrá-los, com maestria e segurança, é necessário que se aprenda a conviver com seus caprichos.
262. Como contraponto ao primado da irreverência, recomendo a profilaxia do respeito e do equilíbrio emocional.
263. Um tanto desarvorada, saí à procura do albergue, onde a sinceridade costuma hospedar-se. E encontrei-a cabisbaixa, reflexiva, com ares de pouco riso e muita frustração!
264. Naquele momento de saudades, ele a evocava. E sentia seus lábios puros, seus olhos castos, suas mãos macias, seus seios rijos. Um caleidoscópio de sensações, tão distantes no tempo, quanto próximas na saudade!
265. Duas faces tem o Universo: a da brandura e a da ferocidade.
266. A derradeira morada dos viventes, sejam eles de natureza animal ou vegetal, tem um nome peculiar e será idêntica para todos: domicílio dos fantasmas... E ninguém sabe onde ele fica, nem o que se haverá de fazer lá...
267. A chuva caindo mansa, rasgando os flancos da terra e enchendo as ramas de flor, é tudo o que eu quero ter nas longas noites de amor...
268. Julgo a perda da esperança como uma das mais devastadoras tragédias. Sem ela, esmorece o sorriso, cessam as melodias, e o desalento pinga, incessante, seu óleo envenenado...
269. O maior castigo imposto pela morte é obrigar-nos a ir sozinhos, sem os familiares, os amigos, os livros e as tralhas de estimação.
270. Ao nascer, fomos enlameados pela nódoa do pecado original. E, por Cristo, purificados nas águas do rito batismal. Que assim seja para sempre! Amém!
271. Se não aniquilarmos os fantasmas do obscurantismo, eles próprios nos aniquilarão!
272. É sobre os pilares do trabalho, do respeito e da dignidade, que se constrói uma vida harmoniosa e produtiva.
273. Se lhe faltar competência para enfrentar os desafios, nossa viagem, pelas encruzilhadas do tempo, acabará inodora, insípida e incolor...
274. Vivam as alegrias, que nos ensinam a cantar! E vivam os amores, que nos ensinam a voar!
275. Mãos vazias, pés enlameados, cérebro oco e coração fragmentado: eis tudo o que o bom senso abomina e descarta!
276. O individualismo nos segrega. O diálogo nos aproxima.
277. Há um casamento perfeito entre a cascavel e o pecado. Ambos chocalham o guiso, atraindo suas presas para o brinde de veneno!
278. Aquele estado de serenidade, que higieniza toda espécie de desgosto, frustração e desânimo, só haverá de ocorrer, quando arejarmos o espírito e o mantivermos sob constante vigilância.
279. Criticar é extremamente fácil. Difícil é não ser criticado!
280. Somente os fortes e os magnânimos se dão bem com os desafios...

281. Sob o olhar paternal de Deus, as virtudes brotam, florescem, pen- doam, espalhando seu aroma até os confins da Terra.
282. Assim como nos fustiga a ingratidão, também o excesso de lisonja nos aborrece.
283. Entre o saber e a ignorância, há uma fossa tão profunda, quanto a distância entre a luz e a treva.
284. Viva a harmonia e viva o perdão! Nada como eles nos incita, com tanta perseverança, a romper os grilhões da intolerância secular...
285. Tudo por aqui é tão volúvel e finito, que a própria inteligência está sujeita a ser confundida com a imbecilidade!
286. Quando o Sol enegrece e o tempo enfurece, o vendaval acontece, o mundo estremece e o ser humano padece, que a vida só cresce no bem e na prece.
287. Para os ranços da jornada, que nauseiam o ardor, recomenda-se uns goles de otimismo, que só ele melhora o humor.
288. Assim como há cérebros encharcados de conhecimento, os há também inchados de futilidades.
289. Transformar – para melhor – o planeta que nos abriga, não é uma escolha, e sim uma obrigação.
290. O hábito de escutar o burburinho das horas mortas, ensinou meu coração a decifrar os enigmas da treva, selando com ela um pacto de boa convivência.
291. Tão ínfimas no contexto do cosmos, por que será que as borboletas foram dotadas de um fascínio tão surpreendente, que a nós todos comove e apaixona?
292. Aprendi, desde os meus primeiros anos, que as flores só desabrocham, se regadas com desvelo e amorosa simpatia. Assim na terra, assim no coração!
293. Vivam os nossos braços, tão operosos no trabalho, quanto afetuosos no abraço!
294. A solidão não é tão xereta e mal-humorada quanto parece. Basta lembrar seu vínculo com a reflexão, a clarividência, a harmonia, e até mesmo com as nossas emulsões interiores...
295. Desde que me vacinei contra as desilusões, nunca mais deixei de amar-me e amar o mundo. Foi uma descoberta deveras surpreendente!
296. Na evolução do vínculo familiar, que pode alcançar quatro gerações, eu já emplaquei a terceira. E reconheço, nesse privilégio, uma dádiva do céu, gratuita e plena de regalias.
297. Ao travarmos contato com a experiência, seja qual for sua natureza, ocorre em nós uma transformação, intuitivamente processada pelo cérebro. Que bom que é tal episódio, ao gerar crescimento e renovação!
298. Considero saudável breçar, de vez em quando, a correria cotidiana. Pois o feedback possibilita que se apare as arestas, se remova a ferrugem e se organize a bagunça. É assim que a vibração se instala, brejeira e colorida, para a satisfação geral.
299. Nossas vestes: afirmações ou lembranças? Sutileza ou rebeldia?
300. Uma vez doutrinados, sobre as funções do Sol, da chuva, do vento e dos relâmpagos, os álamos perfilam-se nos canteiros da rua, como colegiais em forma, para um desfile marcial.

Data : 19/09/2013

Título : Filosofia da Insônia - 301-400

Categoria: Pensamentos

Filosofia da Insônia - 301-400

301. Só quando as crianças voltarem a sorrir; as estrelas inundarem de luz o firmamento; as flores se cobrirem de matizes; e a primavera nos brindar com suas fragrâncias, estarei apta a transpor os umbrais do paraíso, a fim de recitar meus versos, no coreto dos anjos!
302. O ato de escrever compreende dois momentos: o da sementeira e o da colheita. Eu jogo as sementes, você colhe os frutos... E a reciprocidade nos enriquece a ambos. – Obrigada por sua participação!
303. Ouvi dizer que os frequentadores das praias celestiais gozam de mordomias e privilégios. Já nós, aqui no andar de baixo, vivemos às turras, com excesso de encargos e tarefas.
304. A perda de um ente querido, além de uma experiência dolorosa, possui também um impulso motivador, pois nos induz a rever nossas metas, em face do destino, tão desconhecido e tão real!
305. Quando minh'alma se despe das agruras, a fim de vestir o manto da paz, eu vou com ela guardar meus segredos, nas profundezas do mar...
306. Acolho cada novo dia como uma página em branco, que me cabe preencher e colorir.
307. Joguei meu bote n'água, quando o dia mergulhava no ardor... Debrucei-me em busca dos remos, como quem colhe uma flor... E a líquida colcha de prata deu-me o tom da beleza do amor...
308. Os braços sagrados da aurora se estendem, sobre as grotas e os morros, as searas e os lagos, os jardins e as fontes, afim de ungi-los e abençoá-los.
309. Por que será que a calma se instala, ao gemerem os ventos, ao gingarem as ondas e assoprarem as brisas?
310. Presumo que só ao focar seus atos, no lume do conhecimento, do trabalho e da dignidade, o ser humano integrará de fato a confraria dos seres humanos.
311. Se os anjos me derem liberdade de ler, escrever e amar, creio que mudar daqui, para o paraíso, pode ser um bom negócio!
312. Uma aurora azul, um sorriso azul e um jardim azul... É assim que imagino a eternidade: da cor das minhas afeições!
313. Entre os ranços da vida, que arrefecem o ardor, recomendo uns goles de ousadia, a fim de restabelecer o vigor.
314. Eu sempre soube que a feiticeira mais talentosa, no derretimento dos nossos amargores, atende pelo nome de Amizade...
315. Ainda não perdi a esperança de que os cristais da fraternidade voltem a reluzir, em todas as jazidas da humanidade!
316. A apologia do prazer seduz tanto as nossas vaidades, a ponto de decretar o esbulho da própria sinceridade.
317. Não há catarse mais curativa que a contemplação do mar, do mergulho das gaivotas e do vaivém das vagas brincando de bailar!
318. Por maior que seja minha adesão à virtude e ao bem-querer, considero imbecil quem faz o bem sem olhar a quem...
319. Toda vez que supero um contratempo, ou soluciono uma pendenga encruada, sinto-me como a inventora da pólvora!
320. Sem ela, a grande solidão, nenhum artista consegue dar vazão à sua arte, com serenidade e paixão...
321. O sofrimento assemelha-se à bigorna, que insiste em malhar o ferro, até torná-lo flexível...
322. Fruição – eis um termo adequado a expressar a relação humana, com a beleza, a arte e a simpatia.
323. Nem o fulgor de um coração ardente consegue ofuscar a tenebrosa negritude da hipocrisia.

324. Entre o sorriso e a lágrima interpõe-se uma névoa finíssima, como a luz que permeia as folhas da videira.
325. Por si própria, a dignidade se define como um penhor inviolável, ante a condição dos seres racionais. Trapaceá-la equivale a um crime de lesa-pátria.
326. Mede-se o peso de um indivíduo, seja homem ou mulher, por seu estoque de integridade.
327. São diversos os caminhos que conduzem à notoriedade. Um deles, lamentavelmente, é o indigesto exibicionismo.
328. A bofetada tem um estreito parentesco com a injúria e a maldade.
329. Quando os sonhos debandam, o sorriso passa a viver ao relento, sem pão e sem flor, como um viajante perdido, entre a montanha e o mar.
330. Graças a Deus, ainda não morreu minha esperança de que os cristais da dignidade continuem a brilhar, em todas as jazidas da humanidade.
331. A afeição dispõe de um dom peculiar e único, que a capacita a redesenhar a vida, os projetos, os valores, os relacionamentos, a trajetória.
332. Os vocábulos sorrir e gargalhar não se equivalem. O primeiro brota da satisfação, enquanto o outro revela parentesco com a descompostura.
333. De palavra em palavra, de mote em mote, minhas recordações vão navegando, até desembocarem no grande estuário do mar...
334. A felicidade revela-se egoísta por demais, quando reserva unicamente a si o privilégio de sorrir. Há vários outros sentimentos, que também anseiam pela companhia do riso, e até da própria gargalhada...
335. Tenho esperança de que algum dia, ainda haverão de fulgurar os cristais da caridade, em todas as jazidas da humanidade!
336. Tempos de outrora e tempos de agora: só a rima os assemelha, uma vez que as condutas e os valores, bem como a própria densidade dos afetos, vêm, gradualmente, esmorecendo...
337. Só quando focados no lume do conhecimento, do trabalho, da dignidade e do bem-querer, os seres humanos serão, de fato e de direito, seres humanos.
338. Nossa capacidade de pensar e de amar, é a prerrogativa que mais nos distancia dos irracionais.
339. Devoradora de livros como ela, só mesmo a traça e o bolor...
340. Inventou-se a força em razão de que, além da sentença de morte, ela também representa a extrema humilhação...
341. Tenho certeza de que ainda verei os lírios da inocência brotando entre os espinheiros, e exalando as emulsões da paz.
342. Versátil como o clima e as estações, a noite pode apresentar-se, tanto suave e majestosa, quanto turbulenta e perigosa.
343. Ao raiar da aurora, a Lua se isola em seus aposentos particulares, a fim de aprumar-se para a noite, com novos resplendores.
344. Se tivéssemos certeza da ressurreição, não temeríamos o encontro com a senhora dos cadáveres...
345. Um mergulho na cacimba da serenidade, e um trejeito afável de saudar o dia – eis a simbiose perfeita entre o corpo e a mente, passando ao largo de qualquer convenção.
346. Como um tônico, que retempera o viço do corpo, o estudo fortalece a têmpera do espírito.
347. A tarde ensolarada alongava-se diante de mim, como faz o crepúsculo, sobre os umbrais da saudade...
348. Considero pertinente a doutrina do sábio, ao pregar que o estudo, a reflexão e a prece são as hélices propulsoras do êxito e de seus desdobramentos.

349. É desde o início das eras que o astro-rei vem espremendo o sumo da sua vitalidade, a fim de prolongar a vida do planeta e de seus frequentadores.
350. Lembranças, emoções, saudades, tudo age como bálsamo, no instante de apaziguar os achaques que os anos têm a mania de provocar...
351. Se os pirilampos aparecem, com seu pisca-pisca habitual, clareando alamedas e jardins, também os sentimentos natalinos vêm à tona, a fim de celebrar com eles o renascer dos corações.
352. Tão harmoniosa, quanto a radiação da aurora, deve ser a sinergia do ser humano com sua própria identidade.
353. Vocês, meus leitores, com certeza me chamarão de masoquista. Mas eu penso, sinceramente, que o purgatório deve ser pior que o inferno. Neste, a gente se queima, e pronto, tudo está acabado! Naquele, porém, sabe-se lá quanto tempo se haverá de purgar, até que todo o pus seja drenado e todos os abscessos, cicatrizados!
354. Para o bem de nós todos, tanto o pensamento, como a inteligência e a sabedoria, revelam-se, incondicionalmente, ilimitados.
355. Graças a Deus e às suas cortesias, estou sempre preparada para o sorriso, o abraço e a concórdia.
356. Basta a realidade iniciar o soterramento das nossas fantasias, ilusões, projetos, para que tudo ao redor se redimensione, a fim de reencontrarmos a vala comum do combate e da sobrevivência.
357. Só a integridade reabilita as bandeiras arriadas pela devassidão.
358. Qualquer que seja sua causa – a excessiva ventura ou a mágoa profunda –, a vertigem revela-se uma válvula de escape, às extravagâncias dos nossos humores...
359. Sou tomada de um prazer indizível, ao sentir o broto saltar do galho, abrir os braços e sorrir!
360. Voar corresponde a uma atitude de superação, que dispensa a necessidade de asas...
361. Os fracassos decorrem, habitualmente, em razão destes fatores: incompetência, desinteresse, deslealdade e – por que não dizer? – também da preguiça.
362. Cada um de nós direciona seu próprio destino, que se revela uma travessia de mão dupla: tanto pode guindar-nos à fama, quanto enterrar-nos na lama...
363. A alguns, a luz do poente aguça a sensibilidade. A outros, desencadeia um surto de melancolia.
364. Quando dezembro chega, tudo transpira Natal: a celebração familiar, a mensagem dos amigos, a tepidez das madrugadas, a resina dos pinheiros, o incenso dos templos, a comoção das almas...
365. Entre a dor e o prazer interpõe-se uma névoa finíssima, como a luz que permeia as folhas da videira.
366. A esperança pode igualar-se a um penhor, personalíssimo e inviolável. Trapaceá-la equivale a um crime de lesa-pátria.
367. Em minha derradeira e misteriosa viagem, sentir-me-ei mais confortável e menos vulnerável, se me for permitido levar comigo uma braçada de livros, pois que a ociosidade me provoca urticária.
368. Avalia-se, tanto o homem quanto a mulher, por seu estoque de integridade.
369. Para ser artista, não basta intenção e vontade. Também é necessário talento, que só ele foi agraciado com o dom de materializar o imaterial.
370. Os entendidos em assuntos espirituais identificam a esfoladura da esperança, como um cadinho, onde o próprio transcurso do tempo se encarrega de depurá-la e santificá-la.
371. Não só o amor, mas também o ódio é movido por impulsos e motivações, gestados no esconderijo das estruturas cerebrais.

372. Por seus olhos de safira imaculada, o céu nos observa ternamente, como a oferecer sua bênção generosa às agruras da nossa caminhada.
373. Ao adentrarmos pelas galerias da morte, calam os olhos e escurece a boca, que só os ouvidos se mantêm atentos ao cacarejo dos vermes...
374. A tolerância é deveras uma arte. E o ser humano que não aprender a exercê-la, restará condenado a viver em conflito.
375. Não me peçam pra ser dissimulada, que essa é uma atitude própria do gafanhoto, pelo qual não tenho a menor simpatia.
376. Faz bem ter uma paixão na vida. Ainda melhor é ter inúmeras paixões. Nascemos com talento para assimilar múltiplas realidades, e isso nos potencializa e enriquece.
377. Estou convencida de que a felicidade do ente humano assenta-se sobre o tripé: família, amigos, casamento. Quando tais relações vão bem, tudo ao redor floresce e desabrocha. Caso contrário, vingarão as ervas daninhas, fadadas a arruinar qualquer projeto.
378. Comprometimento – eis um vocábulo mágico, capaz de alterar o curso das nossas relações e decisões, na busca incessante das conquistas que idealizamos.
379. Quando olho para trás, descubro-me uma perfeita trapezista, saltando obstáculos, virando de pernas para o ar, subindo em caules escorregadios. Deveras, naqueles tempos, tudo se encaixava harmoniosamente, sob os cuidados do meu anjo guardador.
380. Eis as consequências imediatas do fracasso: primeiro – a náusea; segundo – a fuga da autoestima.
381. O dinheiro revela-se egoísta por demais, quando reserva unicamente a si o privilégio de sorrir. Há tantas outras sensações, que também anseiam pela companhia do Riso e sua consorte, que atende pelo nome de Felicidade.
382. Hibernar... encolher-se sob o cobertor... enfiar a cabeça na touca e os pés nas sapatilhas de lã... Eis o retorno da infância longínqua, tão doce e saborosa quanto um pão-de-ló...
383. Velhice e maturidade... Dizem por aí tratar-se de duas facetas do mesmo processo. No entanto, nem sempre elas caminham juntas, já que é possível ser maduro, sem ser velho, e a recíproca também é verdadeira!
384. Resgatar as pérolas enterradas, nas areias da nossa praia individual, não deixa de ser uma tarefa gratificante, para quem nada mais tem a ganhar...
385. A enfermidade sacaneia o nosso corpo, usando a mesma canalhice com que age um ladrão de joias...
386. A imensidão dos espaços interestelares, com sua infinidade de constelações, é razão de sobra para acreditarmos na existência de um Deus sábio e generoso.
387. A gestação de uma obra, seja qual for sua natureza, só se dá na serenidade e no silêncio. Sobretudo a obra de arte requer concentração e sinestesia, sem o que o boom não acontece.
388. O senso crítico exige que sejamos prudentes, metódicos, ordenados. Sem o aval da disciplina, os mais audaciosos projetos correm o risco de abortar.
389. Haverá patrimônio mais lisonjeiro e alentador do que a celebridade?
390. Sem uma dose diária de otimismo, nenhum de nós consegue manter, por longo tempo, a vitalidade e o bom humor.
391. Considero excêntrica a personalidade, tanto dos malandros quanto dos ascetas, cuja performance pode ser facilmente identificada.
392. Percebe-se alguns traços comuns entre o filósofo e o fantasma. Ambos são indecifráveis e, por viverem fora do contexto, são também inatingíveis.
393. A ausência de emoção e lirismo enrijece os sensores da alma, que se esvazia, gradativamente, da musicalidade e da vibração que lhes são peculiares.
394. Determinadas pessoas condicionam-se a um sonho impossível, desbaratando a vida no afã de alcançá-lo. O sonho não acontece. E o sonhador, desarvorado, esmorece.

395. Quão incomum e sábia é a filosofia dos brâmanes! Segundo sua doutrina, o ser humano deve dedicar a infância, ao brinquedo; a juventude, ao estudo; a maturidade, ao trabalho; e a velhice, à contemplação do Universo e suas intercorrências.
396. Conheço várias categorias de emoção. Dentre elas, prefiro as suaves às turbulentas, e as brancas, às escarlates.
397. Seu cristalino olhar, embebido em suavidade e bem-querer, age qual um talismã, que faz os sentimentos se envolverem numa espiral de incenso.
398. Entre os estudiosos, há mais divergências acerca da vida futura que sobre a criação do Universo. E um expressivo número de teorias, sobre o fim dos tempos e os inquilinos do sistema planetário. A confirmação, no entanto, só deverá ocorrer na virada da última página...
399. As chamas da intolerância incendeiam a amizade, e até mesmo as águas do bom-senso.
400. Somente o devaneio é capaz de devolver-nos a infância, reconduzindo nossos passos ao doce aconchego do colo materno!

Data : 20/09/2013

Título : Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 501-560

Categoria: Pensamentos

Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 501-560

501. Há dois eventos somente que me bloqueiam por completo: a traição e a morte. Sem nenhum exagero, dois caminhos sem volta. Tudo o mais me parece transitório e passível de revitalização.
502. O barco à deriva, a bússola perdida, o ancoradouro distante: eis onde o perigo mora. O mais sensato é permanecer na praia, que a companhia das garças é só tranquilidade.
503. Já presenciei cenas de faroeste no quintal de casa, e pândega de messalinas nos degraus da igreja.
504. A perplexidade diz bem do estado emocional de quem vê seu sonho naufragando, sem um gesto alucinado, um S.O.S., ou um grito de pavor...
505. O descarte daquelas picuinhas ruidosas e triviais, que martelam o ouvido como uma araponga, é condição sine qua non ao incremento da amizade e à própria harmonia familiar.
506. Conclamo todos os artistas, qualquer que seja seu gênero, a desmitificar o proselitismo da insolência e da vulgaridade.
507. Quisera adotar como filha aquela nuvem serena e branquíssima, que desperta, em meu interior, a leveza e a candura da menina que zarpou de mim.
508. As pausas que se intercalam, entre o sono e o despertar, reativam, com mais intensidade, o ruflar das estrelas e a debandada dos sonhos, na despedida sempre triunfante da escuridão andarilha.
509. Mestre é aquele que ara os canteiros e semeia, para que os outros colham.
510. Uma forma de não viver alienado é conectar-se, não apenas aos eventos próximos, sensíveis ao tato ou visíveis aos olhos, mas igualmente àqueles cuja sutileza permeia todos os sentidos, levando pulsações e trazendo volúpia.
511. Eu seria frágil e inconstante, se permitisse ao coração retornar sobre os escombros, a fim de procurar as insígnias que enterrou e os elos que o fogo retorceu.

512. Nós só acessaremos o estandarte da paz, quando nossas bolhas de vento e nosso olhar opaco deixarem a luz penetrar, e irradiar-se por todos os poros. Pois a ventura é translúcida, e o amor, impermeável.
513. Vá que a luz um dia resolva partir para uma longa viagem. Esta-remos nós preparados, com a nossa estrela a postos, e o nosso sol grávido de faíscas, a espalhar reflexos sobre os trigais e os jardins?
514. Em razão dos mitos e das credices, há quem se deixe levar pela correnteza, sem antes abrir seu mapa astral, a fim de conferir se as águas provêm da cacimba ou do charco...
515. Deus nos outorgou o poder fantástico de gerar filhos, porque sozinho Ele não consegue dar conta de tão facinante tarefa.
516. Estou convicta de que vim ao mundo, para revelar o esconderijo da alegria àqueles que o desconhecem.
517. Quando observo o bem-te-vi, pousando no galho do cinamomo, abrindo a voz e anunciando sua presença, percebo o quanto os humanos somos desengonçados, inertes, pedantes. E me convenço de que a graça e a leveza passaram por nós em disparada...
518. Nosso planeta, que poderia ser um jardim ensolarado, vicejante de cores e perfumes, prefere ser um açougue, cheirando a carne dilacerada, e abutres sobrevoando, em lúgubre cortejo.
519. Faça suas orações ao pé do leito. É um hábito nobre e salutar. Mas não esqueça de rever a imunidade de seus conceitos; de medir a extensão de suas palavras; e de equalizar o padrão de seus atos, para que sua prece não soe desafinada, aos ouvidos de seu destinatário.
520. Passei pela colmeia e descobri, só de contemplar o seu fusuê, que as abelhas se parecem muito comigo, pois também elas vêm, ouvem, cheiram, degustam, e decoram com favos a casa onde moram...
521. A despeito do charme com que se apresentam os filmes coloridos, sinto saudades das fitas preto-e-branco, entre as quais meu passa- do se enterrou, com seus picolés e suas pipocas!
522. Entre o amor e a felicidade, percorre-se um canal estreito, que nunca se sabe onde vai dar: no bucolismo de uma baía ensolarada, ou num pântano de dejetos mal-cheirosos...
523. Nos tempos da carochinha, eu era tão amiga do Sol, que corria com ele pelas campinas, enchia o balde de brilhos, e sorvia seus gomos maduros, como se fossem favos de mel...
524. O sucesso não foi presenteado a todos, e demanda uma série de requisitos, dentre os quais prevalecem a inteligência, o trabalho, a ousadia e, até mesmo, a sorte. Eis que uma longa jornada se estira, desde a aurora do sonho, até o apogeu da vitória...
525. Mexer com flores é um ofício deveras perfumado e colorido, cujo exercício dá mais prazer do que trabalho.
526. Muitos golpeiam a verdade, na ilusão de amedrontá-la. Mas ela, sobranceira e inexpugnável, ainda mais vitoriosa se consagra.
527. Aqui estou, em carne, ossos e coração, para comprovar que vale a pena lutar, sofrer, apagar incêndios e acender faróis, plantar a verdade e enterrar a mentira, encarar a luz e fugir da treva, dar as costas à tristeza e dizer sim ao amor. Viver é desafiar o tempo e suas maquinações.
528. Meu caráter, que abomina a apatia e a falsidade, ainda verá, no apogeu de seus lauréis, o entusiasmo e a lealdade desfraldando seus estandartes.
529. A inveja não passa de um rato faminto, a rondar a adega e o armazém alheios, por absoluta incapacidade de prover sua própria despensa.
530. Vasculhei o garimpo do meu peito e o túnel das minhas afeições. Nada mais encontrei neles, além do silêncio ressonando, e das lembranças espanando as teias. Ele descansava, enquanto elas se aprumavam para receber a visita da saudade.
531. As deformações mais vis da alma humana, julgo serem aquelas que atendem pelos nomes de inveja, hipocrisia, injustiça, preconceito, ingratidão.

532. O primeiro mestre, o primeiro amigo e o primeiro amor tornam-se entes simbólicos, que marcam nosso destino para sempre, sejam quais forem os caminhos que iremos percorrer.
533. Ainda haverão de transcorrer séculos e gerações, até nos tornarmos capazes de compreender que a vida nos foi outorgada por empréstimo, e não por merecimento ou doação irrevogável. Por isso, o desalento e as lágrimas, quando nos é arrebatada, sem aviso prévio e sem fiança.
534. Um vaso de flores, uma estante de livros e uma cesta de doces é tudo o que a alegria deseja encontrar, quando arreda as cortinas, se esgueira pela janela e vem nos fazer companhia.
535. A bondade não tem nada de sobrenatural. Ela é inerente ao ser desde o nascimento. Da mesma forma, a vilania nasce com a pessoa, e só uma educação rígida, austera e regrada, terá impacto suficiente para dobrar a cerviz do canalha.
536. Sob um céu de brigadeiro, qualquer um consegue tocar a vida sem arritmias. Difícil é regê-la no desarranjo dos sentimentos, quando a inveja ou a covardia fincam pé no estribo, paralisando intelecto e coração.
537. Carinho, afeição, intimidade, é só disso que o coração necessita para sentir-se pleno e desfrutar do espetáculo da vida, na sua profusão de cores, luzes, sabores e afetos, generosamente espalhados pelos jardins do universo.
538. Engoli todas as cápsulas, silencieei todos os espirros e deletei todas as inquietudes. Então me reencontrei no coro dos pássaros, entoando a cantiga dos regatos, nos caramanchões da paz.
539. As nódoas do caráter, por sua obstinação e rebeldia, são mais resistentes à faxina que uma enxurrada de lodo.
540. O ciúme queima o afeto. E, mudo, o afeto seca. Em cinza acaba tudo...
541. Por que será que o cérebro se rompe, violando os elos do pensamento e corroendo suas estruturas, justo no instante em que ele alcança o apogeu?
542. Naquela noite, dormi o mais pegajoso dos sonhos, daqueles que se enfiam sob a coberta, a fim de melar os lençóis com sua onda de gases tóxicos.
543. O magnetismo mais eficaz e duradouro há de ser, até o fim dos tempos, aquele que se estabelece entre mãe e filho, essa corrente indissolúvel que, nem com o aguilhão da morte, se rompe ou se desfaz.
544. Alistei-me no exército da paz, e por nada deste mundo darei baixa da caverna. Sei que o céu anda carente de soldados, para o ofício de resgate e acolhida.
545. E indispensável que crescamos em todas as dimensões, sob pena de morrermos aleijados.
546. Quer se trate de paz ou de guerra, um só pensamento basta para que a detonação aconteça, com todas as suas consequências.
547. Quando observo o mundo em derredor, ao invés de deparar-me com o paraíso ofertado por Deus a Adão e Eva, surpreendo-me com os desamores, falácias e contradições que enfeiam a morada de seus filhos, em total desacordo com os planos do Pai.
548. Os odores se comportam do mesmo modo que as pessoas. Alguns magnetizam e excitam, como o do café. Outros repugnam e provocam náusea, como o das fezes.
549. Neste meu longo e exaustivo caminhar, já vi muita gente de pileque, na mais completa descompostura. E o que me ocorre, nessas situações, é que o livre arbítrio está mais para castigo do que para privilégio.
550. Os pensamentos são casulos donde emergem todas as ações do ser humano, tanto as meritórias como as delituosas. Daí a necessidade de educá-los e motivá-los, para que se afirmem positiva e adequadamente.

551. É imperioso cuidar do planeta: das estrelas, do sol, da nuvem, da fonte, do rio, da brisa, do orvalho, da terra e do mar, com o mesmo desvelo que dispensamos aos nossos entes queridos!
552. Não há desgosto na vida que o amor não consiga curar...
553. Alguém duvida de que o sorriso é o perfume extraído das flores da simpatia?
554. Enquanto nos distraímos, remexendo as tulhas do passado, eis que o presente passa por nós em disparada...
555. Há um dia certo e predeterminado, para enxergarmos a luz no fim do túnel...
556. Vivam os nossos braços, tão operosos no trabalho, quanto afetuosos no abraço!
557. Acolho cada novo dia como uma página em branco, que me cabe preencher e colorir.
558. O sofrimento assemelha-se à bigorna, que malha o ferro até torná-lo flexível...
559. A bofetada tem um estreito parentesco com a injúria e a calúnia.
560. Lembranças, emoções, saudades, tudo age como bálsamo, no instante de apaziguar os achaques que os anos têm a mania de provocar...

Data : 20/09/2013

Título : Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 401-500

Categoria: Pensamentos

Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 401-500

401. Os matizes da vaidade, de tão múltiplos e diversos, impedem a beleza de ostentar sua real sedução.
402. Encomende aos pirilampos o espetáculo do entardecer! Ele é sempre fantástico e gratuito, e o que mais faz é emocionar!
403. Não enterre no quintal o cadáver das ilusões. Pois o risco de que ressurja rondará seus passos, continuamente.
404. A ingratidão - essa pua aguda que golpeia o sentimento, como lidar com ela sem ferir as mãos?
405. Livre-se de suas células mortas, suas calosidades, pregas, zonas turvas! - Seu amor próprio o felicitará!
406. Não creio que o coração de Deus - o Pai mais justo e compreensivo que a humanidade conhece -, seja tão incoerente, a ponto de deixar nosso barco à deriva, sob a ameaça dos tubarões assassinos e dos maremotos famintos.
407. Não jogue todas as fichas no tabuleiro da conquista. Guarde sempre um coringa para a hora incerta, na mesa de cartas marcadas...
408. Um barco à deriva, em meio às vagas do tempo... E a solidão adernada entre as algas e o sal...
409. A eternidade floresce e frutifica, com o plantio das sementes que os mortais levam da Terra.
410. Poeticamente falando, tudo se resume a um lago de cisnes, a uma rampa de estrelas, a um roseiral de fragrâncias, a uma braçada de afetos. Deveras, o amor é uma caixa de bombons sortidos!
411. O tédio jaz em sua poltrona taciturna, revelando-se a mais casmurra das ocupações.
412. Há pessoas iluminadas da cabeça aos pés. Sorriso e coração em sintonia. Nos olhos, o cristal da sinceridade em contínuo reflexo. O corpo angelicalmente esculpado. Suas palavras

soam como o canto das aves ou o rumorejo das fontes. Um halo de bondade emoldura seu perfil, e uma torrente de ternura lhe despenca da alma. É por tudo isso que elas dão sabor à vida.

413. A sensação de acordar, ouvindo o badalo do dia entoar a canção da esperança, é sempre um momento de festa, reconciliação e promessa. E assim deve ele ser recebido e abraçado.

414. As pessoas flexíveis têm parentesco com o junco1: vivem adaptadas ao meio, em ondulante harmonia.

415. No dia em que descobriremos o poder hipnótico do bom humor, mandaremos todos os analistas para o espaço.

416. Se é verdade que a essência do belo e do feio se assemelham, como fazer escolhas, senão provando o condimento de ambos?

417. Quando uma nesga de sol beija a onda, e a comunhão entre ambos acontece, um reflexo dourado se põe de prontidão, para que a maresia não volte a poluir as intensas golfadas desse orgasmo. É assim no mar. É assim nas ondas de meu ser...

418. As mulheres têm deveras parentesco com a Lua. Daí a suavidade, a gentileza, o mistério, a tepidez.

419. Foi quando as garças abriram alas, para receber-me nos salões de sua alegria, que aprendi a deslizar sobre a lama e as escarpas.

420. Vi de perto o sangue da pistola, e chorei toda a amargura do absinto. Foi numa dessas noites que devoram os sentimentos, para embarrigar-se de pedras e vomitar escorpiões.

421. Ao embrenhar-me pelas sinuosidades da poesia, deparei-me com estrelas aladas, luas gotejando licores, e sóis a desfilar num cortejo de pássaros...

422. A assepsia da alma ocorre lentamente, com a mesma mansidão do óvulo fecundado. O processo, silencioso e gradual, se dá de dentro para fora, e é tão sutil quanto uma teia de aranha.

423. Minha voz se postou em posição de ataque. Estava decidida a saltar sobre os obstáculos e promover a debandada, tanto do egoísmo quanto de seus sequazes.

424. Foi numa noite azul/dourada, de profunda sintonia com os sonhos, que o amor descerrou as cortinas mansamente, penetrando janela adentro. Veio para ficar e cobrir-me de galanteios.

425. Enquanto o Sol percorre a órbita, vou empilhando meus ardores. Sei que um dia os verei ridentes, numa cachopa de flores.

426. A primavera se bandeia para os parques, onde meus netos voam atrás das borboletas. O verão finca pé no estribo, e sai a cavalgar nos pelos campos, onde meus filhos ceifam as espigas. O outono sacode as plumas úmidas de nostalgia, vindo respingar, nos canteiros de minh'alma, suas últimas golfadas de ardor. E o inverno começa a azeitar as asas, a fim de enfrentar com segurança a aventura do voo derradeiro.

427. Era uma vez uma poetisa que se deliciava com a noite, pois que o silêncio varria seus pesadelos, e as estrelas a engravidavam de sonhos. A Lua, por sua vez, vinha convidá-la, altas horas, a mergulharem juntas, em sua banheira de espumas prateadas.

428. Amores-perfeitos, copos-de-leite, sempre-vivas, brincos-de-princesa, damas-da-noite... - O coração das mães assemelha-se a um jardim repleto de policromias e fragrâncias.

429. Tem mil braços o corpo da saudade e nos aperta como uma cinta elástica.

430. Em certas horas de total melancolia, pressinto o vício baixar no coração dos humanos, e me ponho a chorar qual uma carpideira, pela morte do sorriso, da luz, da serenidade, do afeto e da ternura.

431. Acordei no estertor da madrugada, para ir à feira de mandrágoras. Foi então que descobri a alegria, saltitando entre os anéis da aurora, como aquele pirilampo retardado, que sai em busca das últimas gotas de negror.

432. Quando o dia veste seu pijama e se recolhe pra dormir em paz, eu quebro a noite em pedacinhos, para melhor sentir-lhe a magia e a pulsação.

433. Ao degustar o doce da poesia, chego a pensar que fui morar no céu. E a boca, que recende a cravo e alecrim, tem sabor de ambrosia e pão-de-mel...
434. Naquele instante, do mais raro encantamento, saí da melancolia pegajosa, para mergulhar nas águas límpidas da graça...
435. As insones madrugadas, com seus chiados e sombras, suas aragens agridoce, suas leituras e confabulações, me inspiram a desvelar, afetivamente, os segredos da noite que se esvai.
436. Quando o veneno do egoísmo penetra coração adentro, o sentimento começa a apodrecer, rompendo seus tendões e necrosando suas válvulas.
437. Ora, ora, por que lastimar a pele flácida, as madeixas brancas, a visão decadente, os músculos rígidos, o andar trôpego, a memória em curto, se ainda restam o sorriso luminoso, os afetos densos, o amor festivo, a corbelha de gentilezas e o incenso da sabedoria?
438. Fazer do tempo um aliado, e não um algoz, eis um bom começo para o aprendizado da eficiência.
- A felicidade, a despeito de seu pedigree e de suas extravagâncias, não passa de um olhar cristalino e de um sorriso franco, tanto na presença do Sol quando na tepidez da penumbra.
441. É bom que se aprenda a tagarelar com as emoções, pois faz um bem danado desvelar, poeticamente, tanto os sonhos nascituros como os moribundos.
442. Seria o amor, sempre tão indefinível, um foco luminoso? Um aroma penetrante? Um cálido sussurro? Ou um cometa distante, que acena e atrai, mas não envolve nem alimenta?
443. Aquele que souber desvendar-me os mistérios do infinito, descoser as teias da existência e decodificar seus intrincados sistemas, há de ser meu amante, enquanto perdurar a eternidade...
444. Pelas lavouras da vida, debulho meus sentimentos. E enquanto as espigas crescem, escuto o cantar dos ventos...
445. Há quem me julgue doida, por falar com meus botões. Mas eu sei que eles me escutam, sem pedir satisfações.
446. Faço de conta que não tenho olhos, nem boca, ouvidos e nariz. E assim, privado dos sentidos, o coração se sente muito mais feliz!
447. Certa vez me disseram que o amor é como o mel no favo. É ela que decide o momento de abrir os lábios e degustar o beijo.
448. De tão escasso, o riso franco tornou-se uma mercadoria fora de moda.
449. Por que há tantas marionetes na calçada da fama? Um punhadinho de humildade no bolso do casaco, além de servir como amuleto, faria um bem danado contra as enxaquecas da vaidade!
450. É recomendável que se deguste o licor do tempo com serenidade e lentidão. Só assim passaremos ilesos pelo gargalo da afobação.
451. Aos que desconhecem minha biografia: Nasci à beira do rio. Cresci nos degraus da igreja. Adotei como irmãos os livros. Enfrentei as dores do parto. Ninei crianças no berço. Galguei os degraus da fama. Arriei-me aos pés do cadafalso. Semeiei jardins de papoulas. Protegi os sonhos, nas emboscadas. Cantei meus versos de amor...
452. A ingratidão age tal qual o veneno da serpente. Uma vez inoculado, vai corroendo de mansinho, supurando e necrosando, até a completa deterioração.
453. A prece funciona como um guindaste, que está sempre de prontidão.
454. Na vasta planície dos afetos, eis que eles brotam de todos os tamanhos. Há os minúsculos, de total inconsistência. E os há também vitaminados, a esbanjar o vigor de sua opulência.
455. O frasco, que se quebrou em seu cérebro, fez o unguento da memória derramar-se para sempre...

456. Aquela mariposa alucinada, que vem bater asas na janela, não sei o que ela quer de mim. Se despertar-me para o show da aurora, ou anunciar-me os ventos da bonança, que estão prestes a vir me visitar.
457. A plenitude do espírito acontece, quando a nave da maturidade pousa na montanha, e desdobra, no cume, seu estandarte multicolor.
458. Já fui pura como uma gazela. Já convidei os famintos para a mesa. Já me despi das vaidades e certezas. Hoje sou uma ave em liberdade.
459. Somos todos reféns da hipocrisia. Pois que na terra há mais caricaturas zombando de nossos bons propósitos, do que missionários revigorando nossa fé.
460. Basta um bocejo da aurora pra despertar minha alma. E ela se posta à janela, qual borboleta faminta, à cata de cores e brilhos, para o café da manhã.
461. Fatigada de frenesi, suor, trânsito e falsidade, procurei a concha dos meus verdes anos. Ela se encontrava lá, no lugar de sempre, calada, hospitaleira, entre dúzias de suvenires, à espera do meu retorno e dos folguedos que nos seduziam...
462. Há um desnível insuperável entre a simpatia e a arrogância. Tanto que são adversárias e não se olham nem para um cumprimento. Ambas andam por aí, atarefadas, amealhando adeptos...
463. O sorriso é o ímã da interlocução. Sem sua presença, não há empatia, diálogo, aconchego. Ele faz um bem danado e está sempre disponível, à hora do encontro e do abraço, da festa e da reconciliação.
464. Juramentos são entidades simbólicas. Não pensam, não falam. Mas estão lá, sobre o altar da memória, como a lamparina do sacrário, lembrando e advertindo. Driblar sua guarda é o mesmo que cometer perjúrio.
465. De qualquer forma que se apresente, vigorosa ou tênue, a bondade é sempre pródiga. Sua raiz vai penetrando lentamente, solapando a terra e procurando espaço, até fixar-se, brotar e florescer.
466. Se houver cravos, rosas, gerânios e violetas em meu ataúde, podem ter certeza que estarei em paz. Nada me alegra mais do que tê-los perto, aspirar os seus odores e confiar a eles os meus futuros projetos.
467. A advertência “Pare, olhe, escute!” não representa apenas uma sinalização de tráfego, mas também um convite à reflexão, sobre os obstáculos que cruzam as vias de nossa existência.
468. Peço a Deus que o marasmo jamais me contagie, com sua resina pegajosa. Ele é escroto e turrão. E eu preciso de sol, de brisa e garoa; de janelas chamando a luz e andorinhas se espreguiçando nos fios; de crianças brincando nos parques e sonhadores escrevendo livros. Pois meu nome é vibração!
469. Não sofre de solidão quem dialoga com os livros, cultiva flores, acarinha crianças, distribui sorrisos e coleciona amigos...
470. Visto-me de alegria, e me adorno com sorrisos e gentilezas, porque acredito ser essa a minha contribuição ao bem-estar da humanidade.
471. Os melhores projetos são aqueles que se alimentam de ousadia e discrição, e prosperam no ateliê da inteligência.
472. As emoções extraviadas, pelas baías do tempo, se comparam a fragmentos de ostras levados pelas ondas. E eu me jogo ao mar, à cata de suas pérolas, que é só o que me resta, depois da inundação...
473. Uma retrospectiva da vida, em busca de seu ouro, que se perdeu entre o cascalho dos caminhos, não será uma tarefa emocionante, no adormecer das luzes e dos sonhos?
474. Entre mitos, dúvidas e incertezas, o coração vai escanhoando as frustrações, até fazer delas insígnias, na estante de seus troféus.
475. A sós com a noite, que rumo secreto haverá de tomar o pensamento, quando se recusa a pousar, preferindo contar as estrelas?

476. O conceito dos verbetes mãe e filho tem a ver com sintonia, encaixe, identidade. Carne e sangue, útero e coração, são meros coadjuvantes do drama existencial.
477. Os humanos gastam a existência tentando montar quebra-cabeças. Por que têm de ser tão complicadas as relações sanguínea e afetiva?
478. No instante em que a alma sai do corpo, em busca das paragens prometidas, quem será que há de vir a seu encontro, para ensinar-lhe os rituais da eternidade?
479. Nada me causa mais urticária no cérebro, e maior congestão nos olhos, do que presenciar as pavonadas da incompetência, alardeando, em praça pública, as suas pretensas virtudes.
480. Presumo que ainda terei tempo de reler o que escrevi; dar os abraços que soneguei; incinerar os afetos inconsistentes; distribuir os sonhos que me restaram; faxinar o mofo das gavetas; perdoar aos que não me compreenderam; colher as flores que plantei; e beijar todos aqueles que me amaram...
481. Há dois tipos de laços materiais que me preenchem e dão prazer: as minhas flores e os meus livros. Tudo o mais considero supérfluo, quando não, inconveniente.
482. Todo ano alimento a esperança de que, no Natal, meus velhos sonhos rebrotem, se cubram de enfeites, e encham meus olhos e coração com o presente de suas luzes coloridas.
483. Tolerância, prudência, sabedoria - três damas de fino trato, que optaram por viver juntas, num residencial de idosos...
484. Há uma tarefa que preciso empreender, e não deve mais ser adia- da: é a revisão dos valores que prezo e que podem estar embolorados, carcomidos, improdutivos, extemporâneos. Uma faxina geral é sempre um novo olhar, um recomeço.
485. Gerar filhos é como plantar flores, pois que ambos os rituais se processam da mesma forma: pôr a semente na terra, aguá-la com carinho, aparar os brotos, esperar o botão abrir-se, tingir-se, sugar a seiva, amoldar-se ao espaço, até desabrochar e sair em busca da luz...
486. Quando eu partir, não sei se meus amores irão comigo; se me farão companhia; me olharão nos olhos; me beijarão a face; me entregarão flores e guardarão minhas lembranças. Mas se isso acontecer, irei satisfeita e feliz....
487. O bom vizinho, por sua proximidade constante, sem dúvida leva vantagem sobre o bom amigo.
488. Tão frágil quanto o vidro, a fidelidade só conta com uma proteção: a blindagem do amor sincero.
489. Quisera ser, não o sino da torre que alardeia aos quatro ventos sua voz altissonante. Mas o pombo-correio, que pousa na janela, para a entrega serena de uma boa mensagem.
490. Minha especialidade não é inventar enredos. O frenesi que jorra do meu interior, sem dia nem hora para descanso, é a torrente da poesia, cujas golfadas me alagam de um prazer surreal.
491. Se eu nascesse hoje, talvez fosse mais arguta e inteligente. Mas seria, com certeza, menos serena e idealista.
492. Sou de opinião que as mulheres têm parentesco com a Lua. Daí a suavidade, a gentileza, o mistério, a tepidez.
493. Punir é um verbo severo, em qualquer tempo que se conjugue. Ele detesta o sorriso e não se dá bem com a simpatia. A sisudez faz parte do seu farnel, e a música não encontra guarida em seus tímpanos. Deveras, prefiro a companhia do verbo perdoar, seu antagonista convicto.
494. Nada que seja obsessivo faz bem ao espírito. Interação, tolerância e diálogo têm o dom de romper barreiras, flexibilizar relações, erigir pontes. Somente nesse contexto haverá convivência harmoniosa e vínculos duradouros.
495. É tão abundante e cristalina a ânfora do perdão, que dessedenta a todos que a procuram, sem jamais esgotar-se.

496. Esses embusteiros, que percorrem as vias de meu corpo, promovendo desordem e arruaças, tanto nos órgãos como no vigor, bem que poderiam mudar de tática, vindo privar de meus afagos e sua coleção de guloseimas.
497. Comparo uma roda de senhoras fofoqueiras a um comitê de espionagem, em que a devassa das intimidades se assemelha a um caldeirão fumegando no borralho.
498. Na janela das lembranças, as saudades se atropelam. E, entre risos e chacotas, fazem cócegas no tempo.
499. No momento em que descartamos a esperança, tudo começa a rodar em círculos. Então vêm a tontura, a náusea, a apoplexia. Nada mais engrena, e o que era regrado vira uma bagunça.
500. Essa história de dormir com os anjos me soa um tanto incestuosa. Continuo preferindo o lençol térmico e o travesseiro de penas.

Data : 20/09/2013

Título : Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 301-400

Categoria: Pensamentos

Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 301-400

301. O conhecimento transcende o ser humano. Daí a imortalidade das suas produções, tanto intelectuais quanto artísticas e arquitetônicas.
302. Trabalhar é prover o pão da sobrevivência e o vinho da sua celebração.
303. Como soa melodiosa a palavra pureza! Trata-se, deveras, de um vocábulo extremamente versátil, pois que são puros os olhos das crianças, os véus dos anjos, os ardores das mães e as conexões das estrelas...
304. Permitirá, o vigia do cosmos, que o transcorrer dos séculos esmaeça a claridade dos dias e aprofunde o negror das noites?
305. Há uma profissão que eu gostaria de ter, por seu charme e sua delicadeza: mexer com terra e com sementes, povoando os jardins de encantamento. Um ofício deveras colorido, cujo exercício dá mais prazer do que trabalho.
306. A depuração dos instintos humanos compara-se à metamorfose das lagartas, em que uns viram crisálidas, e outros, borboletas.
307. A vertigem dos impulsos, à procura do prazer, pode ser um tiro pela culatra, se amarrotar as alfaias e desordenar os brocados.
308. Cuidado com os abraços de polvo, sempre ávidos de perfurar-lhe os pulmões!
309. O que mais ressoa pelas trincheiras, nos estertores de cada século, é o eco dos espiritualistas de plantão, com suas soluções pra lá de milagrosas.
310. É a discrição que delinea a performance da celebridade e o padrão da beleza verdadeira.
311. Estou convicta de que o futuro se constrói, entre a teimosia do martelo e a mansidão do prego.
312. Tirante a porosidade dos ossos, as carquilhas da pele e os circuitos das conexões cerebrais, a velhice festejaria, de fato, o título de melhor idade.
313. O hálito encorpado do sexo inebria mais que o aroma de um champanhe francês.

314. Deus me livre de conviver com a nudez intelectual, os sonhos mirrados, as emoções ofegantes, as veias secas!... Nessa desordem, o que haverá para regalar-se ou saciar o ímpeto dos sentimentos?
315. Borbulha a graça no ventre materno, tal qual a linfa prodigiosa dos veios d'água.
316. Poesia é perfume, ruído, sinfonia, carícia, sabor, visão cósmica...
317. Será irracional a erupção da paixão vulcânica, coagulante e fatal?
318. Pela janela entreaberta, as estrelas enfiam suas lâminas de fogo, brandindo o gume e retalhando o sono.
319. A natureza e o homem: parceiros respeitosos ou inimigos embuchados de pólvora?
320. A vida carrega em seu bojo uma braçada de ensinamentos. Dentre eles, pincei o seguinte: O triunfo e a glória, alardeados e comemorados, muitas vezes não passam de um engodo.
321. As histórias de amor bem vividas pairam acima dos holofotes, reverberando as chamas de sua luz própria.
322. O desgosto age tal qual um morcego sanguinário, pois ronda o coração até chupar-lhe a última gota de entusiasmo.
323. Amar representará sempre um desafio beirando o perigo.
324. Asseguro que é possível preencher o vácuo silencioso de nossas perdas, com o estimulante prurido de nossos ganhos.
325. O beijo, tanto pode vir travestido de isca, como confeitado em deliciosa iguaria.
326. Defensor das intimidades mais secretas, o silêncio monta guarda na antessala da precaução.
327. A tal in-com-pa-ti-bi-li-da-de de gênios não passa de uma ardilosa e quilométrica desculpa para as manias rançosas do egoísmo.
328. Assim como a presunção e a soberba, também a mediocridade gera canastrões.
329. As palavras inúteis figuram no rol dos produtos descartáveis.
330. Somente a maturidade - e às vezes nem ela! - confere ao indivíduo o grau de sábio.
331. Tanto para as flores como para as almas espinhentas, de nada servem a fragrância e a policromia.
332. As fórmulas exatas só funcionam nas experiências científicas. Não se aplicam à vivência humana, onde os pensamentos e condutas são incomparavelmente desiguais.
333. Há os que deglutem as afeições para melhor sorver-lhes o sabor. E há aqueles que as trituram, mutilando-as para sempre.
334. É uma lástima constatar que o lírio da inocência vem murchando, cada vez mais precocemente.
335. Nas entranhas da crueldade, os intestinos funcionam como baio-netas e os gases cheiram a pólvora.
336. A sinfonia dos mares – orquestrada do começo ao fim – eis a recompensa dos que perseveram, na ousada missão de semear a luz.
337. Indago a mim mesma se existe algum truque milagroso, capaz de deter a guilhotina do tempo, em sua frenética mania de degolar tudo e todos...
338. Qualquer que seja a sua tática, a tecnologia vem “emprenhando” as civilizações, sob o olhar lúbrico dos séculos.
339. A noite não é aquela bruxa maldosa, vestida de preto, que amedronta os sonhos e espalha pesadelos; que se esconde nos becos e cobiça o ouro das estrelas; que desdenha dos pirilampos e amaldiçoa o silêncio. Ela é, sim, o palco esfuziante das constelações, a confidente dos amores despertos, a protetora dos sonâmbulos, o prenúncio do alvorecer.
340. Os inventores e os heróis merecem ser condecorados, e reconhecidos como credores da humanidade.
341. Você já viu o sucesso escolher a indecisão como consorte?

342. Não há juramento mais sacrossanto, nem aroma mais embriagador, que a singela e suntuosa frase: Eu te amo!
343. A ausência de ideais torna o coração oco e a visão, míope.
344. Se a intolerância cobre o pomar de parasitas, sabe-se, de antemão, que ali não haverá cerejas.
345. Os templos e as bibliotecas concorrem ao prêmio de melhor espaço de reflexão.
346. O vínculo perfeito entre a alma e o corpo, o cérebro e o coração, só acontece na harmonia total dos sentimentos, quando o espírito se desvencilha dos preconceitos, para viver perenemente energizado.
347. O encontro promove a reconciliação, e esta protagoniza a paz.
348. Quando a velhice chega sorrateira, indo recostar-se em sua poltrona predileta, rapidamente as emoções acordam, para que o fluxo das lembranças possa esparramar-se, como o aroma de uma vinha grávida de sumos.
349. A simpatia expande-se por alamedas e jardins, entra pelos corredores, ascende às escadarias, instala-se como uma rainha no trono. E todos se rendem ao fascínio dela.
350. À hora do parto, no leito branco e nu, toda mãe se cobre com as plumas do espanto e a ventura da descoberta.
351. A bem da verdade, não foi da terra que viemos, nem será nela que nosso espírito repousará. Só ao transpormos a derradeira porta, o mistério há de ser desvendado, para o júbilo de uns e a amargura de outros.
352. Criados para a felicidade, por que nos desvencilhamos do colo que ela nos oferece, gratuitamente?
- Quem engalana, sacraliza e transfigura o planeta, certamente, são as mães, os artistas e os heróis.
353. Certos olhares têm o poder de despir as pessoas e congelar suas almas.
354. Mesmo não sendo rainha, toda mulher exerce sempre um reinado peculiar.
355. Se o deus de nossos avós foi o trabalho, o de nossos netos será, indiscutivelmente, o estudo.
356. Há emoções de diversas cores e texturas. Entre as primeiras, figuram as brancas, verdes, azuis, vermelhas e pretas; e, entre as últimas, as ácidas, glaciais, escaldantes e cáusticas. Mas as que mais nos comovem e estimulam são, com certeza, as tépidas e as violáceas.
357. Se você pretende ser visto, reconhecido e aplaudido, aumente a luz de seu farol!
358. Os tecidos, com que a ventura cose os sonhos da alma, só podem ser a seda e o veludo!...
359. Pela clarabóia da esperança, tornam-se mais vividas as paragens celestiais.
360. Terra, céu, inferno... Onde se planta, se haverá de colher...
361. A tentativa de abrir a porta do sucesso, com uma chave falsa, acaba por emperrá-la, definitivamente.
362. Ao se enraizarem no coração, tornando-se permanentes, nossas lembranças adquirem contornos mitológicos.
363. A julgar-se por seus instintos, também os irracionais são seres amorosos e solícitos, e alguns até espiritualizados.
364. Como ator da própria biografia, cada um de nós a representa no palco da existência, com ou sem disfarce, de modo singelo ou pitoresco.
365. O bem-estar também pode vir temperado por uma pitada de sal-amargo.
366. Com seu cajado surrealista, o destino nos acompanha, passo a passo, ombro a ombro. É ele que decide a rota, controla o tempo e mapeia a travessia. Deveras, um senhor poderoso e resmungão, que desconhece trégua e adora um blefe.
367. O paraíso terrestre não passa de uma ilusão de ótica, e o celeste, de uma incógnita milenar.

368. Que faz aquele ente estóico, debruçado sobre o gradil dos anos, remoendo o caroço das amêndoas outrora prenes de sabor?
369. Desejo que teu riso venha a mim, franco e caloroso. Jamais mascarado e patético!
370. Em se falando de virtudes, sempre achei ser irrelevante a quantidade, e essencial, a qualidade.
371. Foi-se o tempo do pombo-correio, da eletrola e do gramofone. Fincou pé a era cibernética, com sua parafernália de eletrônicos, condenando nossos sentidos à degola, ao estresse, à piração.
372. Os sorrisos são semelhantes aos peixes e aos jabutis, pois também eles mordem a isca!
373. Há um braseiro que queima nas alturas, com intervalos de trégua em seu ardor. E outro que crepita, cá no peito, a fagulha ininterrupta do amor.
374. As privações que me furaram os bolsos, os preconceitos que me turbaram a vista, os desenganos que me corroeram os sonhos, as falsidades que me derrearam os brios, tudo se tornou obsoleto e foi por mim descartado.
375. O papel da educação consiste em semear esplendores, que a ignorância sabe muito bem como engendrar as trevas.
376. Nas páginas do livro, misturam-se tintas e tons, até a policromia traçar o perfil dos rostos e a sensualidade das formas.
377. Quando o amor nos incendeia por dentro, as gotas de fogo escoam pelos poros. E as faíscas espalhadas na atmosfera se convertem, novamente, em gotículas de amor...
378. Estou convicta de que haverá a manhã em que os sons todos do Universo explodirão em aromas e embriões, em regatos e clarinadas.
379. De tão deslumbrada, ao sentir suas pétalas desabrochando, a flor cai em transe e fica fora de si...
380. A preocupação costuma recostar-se sobre o travesseiro, onde desfia dissabores e mágoas, sem hora para se entregar ao sono.
381. O devaneio adora postar-se à janela, e esquadrinhar pela vidraça a lenta agonia da claridade. O devaneio é gancho, é mola, é trampolim.
382. Por ser uma dama de fino trato e muito bom gosto, vale a pena cortejar a inteligência e privar de sua amizade.
383. A chuva que brota dos olhos tem o mesmo poder de assepsia daquela que jorra das nuvens.
384. O xale que tecemos dentro de nós, para abrigar-nos das intempéries emocionais, precisa, vez que outra, ser higienizado e estendi- do, a fim de quasar ao sol.
385. Ao ver-se repleto de inquilinos, que entram e saem continuamente, como pode o coração fixar raízes e florir?
386. Não delego a ninguém a atribuição de falar por mim. O que rege e sustenta minhas teses, sejam elas santas ou rebeldes, sempre foi e será a dignidade, essa dama de honrosa procedência.
387. Por caminhos múltiplos, o destino nos conduz a paisagens singulares.
388. A voz cristalina das cachoeiras entoia cânticos e preces, beatas que elas são na procissão das águas.
389. O que mais fascina nos amantes é o assombro que reverbera em seu olhar...
390. As privações da vida monástica funcionam como contrapeso às extravagâncias da vida secular.
391. A noite, predestinada a ser um véu de comunhão sobre os nossos sonhos, está sendo violada, exaurida, apunhalada pelas costas. Tantas são as bordoadas que lhe infligem os promotores de arruaças.
392. A ciência e o homem mutuamente se guiam e se destroem.

393. A despeito de sua dupla blindagem, uma carnal e outra afetiva, a sexualidade se desnuda como mistério e revelação.
394. Os tentáculos da hipocrisia se confundem com lanças, sabres, punhais, flechas. Mais letais que o próprio veneno das bombas.
395. O que o presente faz com o passado, em nome do futuro, assume contornos de trágica ironia.
396. Peço aos alquimistas que descubram, com urgência, um depurativo para o veneno da traição!
397. Que fazer com o saldo das esperanças vencidas, dos sonhos mortos, dos amores inconclusos? - A melhor tática talvez seja promover uma liquidação...
398. O teatro revela-se um jeito sui-generis de escancarar a vida, entre o choro e a gargalhada, que transitam pelas esquinas do palco.
399. Com uma cutilada só, reduziu-se a migalhas a última fatia de tristeza, que engasgava meus sentimentos.
400. Há rostos de tão incrustado desalento, que lembram os seixos revestidos de líquens.

Data : 20/09/2013

Título : Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 201-300

Categoria: Pensamentos

Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 201-300

201. Aqueles que se nutrem do ódio e da imbecilidade vivem fora de sintonia, uma vez que a frequência do Universo se revela harmoniosa e pacífica, ordenada e fecunda.
202. Por seu dom de apaziguar as rebeldias, a boa índole se assemelha a um amuleto.
203. Um estoque mínimo de bons empreendimentos lhe será exigido, na hora da derradeira transação.
204. Deixe seu espírito percorrer o infinito e dialogar com ele, pois só do alto lhe virá o suprimento de luz capaz de conduzi-lo ao pórtico da perene claridade.
205. Há estados emocionais que se revelam subterrâneos; outros, que se mostram superficiais; e ainda os há supersônicos.
206. Os apaixonados se blindam com armaduras tão poderosas, que não somente os protegem, mas também os segregam.
207. Alguém se regozija com a servidão? Alguém se infelicitava com a liberdade?
208. Você sabia que o baixo-astral é um tipo grave de epidemia, como a lepra, o tifo, a peste bubônica?
209. Os fracassos são os únicos troféus que os arrogantes conhecem.
210. Haverá algo de proveitoso para extrair-se de um coração vazio e de um cérebro arruinado?
211. Os rótulos a que nos sujeitamos, quer por convenção, quer por convicção, acabam por tornar-se os nossos verdugos mais ferrenhos.
212. Quando a ventura chega, inchada e reluzente, há quem a compare a uma caçamba de ouro em pó...
213. Tal qual o vinho, que requer isolamento para adquirir densidade, também o homem precisa de reflexão, para aprimorar sua casta.
214. Por que será que o filho desgarrado persiste em abrir chagas no coração de sua mãe?

215. Como são contraditórias as águas, e incompreensíveis as suas táticas! Ora amigas e parceiras, ora anarquistas e assassinas...
216. O esgar sombrio da nuvem, o escárnio do vento, o açoite do relâmpago, a veemência da procela - eis que está à mostra a face irada de Deus!
217. À noite, as pálpebras do Sol se fecham, para que os sonhos possam divertir-se em paz...
218. Não guarde para amanhã a confissão do afeto, o gesto de piedade, o encontro com o mago! Talvez o amanhã chegue indisposto, sem a mínima vontade de cooperar com você.
219. Nas águas turvas da noite, navegam cardumes de estrelas, em busca das praias celestiais.
220. Naqueles dias de total melancolia, desligue o televisor, a campainha, o telefone, e não abra a porta aos apelos da tristeza! Talvez você não saiba, mas ela é capaz de vampirizar até seus cacoetes de estimação.
221. Quando murcho, exaurido e solitário, ainda resta ao coração o refúgio da prece.
222. A polissemia da palavra “amor” reflete a densidade desse sentimento, ao mesmo tempo corpóreo e sobrenatural.
223. Por que só os pássaros vibram, só as flores se excitam, só os galos soltam a voz, no instante de cortejar o arrebol?
224. Se cada um de nós olhar para dentro de si mesmo, todos haveremos de enxergar o rescaldo de muita cremação.
225. De todas as portas que conhecemos, a única que permanece sempre escancarada é aquela que conduz aos aposentos da Morte. Ela está lá, imóvel e calada, ante o túnel do mistério, aguardando o ingresso do próximo candidato.
226. Essa pressa de ir a qualquer lugar e de chegar a qualquer hora, prova que somos uns desordenados, sem farnel, nem chave, nem guia, nem plano de viagem.
227. Nada rejuvenesce mais o nosso espírito do que o unguento da novidade, perfumando nossas gavetas.
228. Mãe é sinônimo de lareira, pão-de-ló, cacimba. Nela a acolhida, o sabor, o refrigerio.
229. Quem teme o risco e vive escondido na trincheira, nunca sairá do marco zero.
230. O espirro da saudade também se acompanha de constipação.
231. Sem um choque de consciência não se devolve a lucidez, nem ao ébrio, nem ao paranoico.
232. A altivez dos pinheiros apregoa a sina dos vencedores.
233. Este Sol retirante, mergulhado na saudade... Esta Lua agachada atrás da moita, com vergonha de mostrar a lividez do corpo... Este Céu alheio às pregações dos anjos e dos santos... Será tudo uma encenação?
234. No vinho e no azeite, o privilégio da longevidade.
235. Os antagonismos entre a devassidão e a integridade se digladiam na arena do caráter.
236. Quando a noite nos convida a colher seus brilhos, temos certeza de que ela está madura e preparada para abrigar, tanto os nossos sonhos como os nossos pesadelos.
237. Para que servem as cortinas, senão para vendar nossos olhos à realidade que ronda pelas ruas, tentando seduzir-nos?
238. O impulso de criar o belo e materializá-lo pelas mãos da arte, situa-se entre dois frêmitos: a inspiração e a expiração. De um ao outro, o percurso da dualidade: dor e prazer, lágrima e riso, luta e vitória, sêmen e vida.
239. E vão ficando pelo caminho a discórdia, a intolerância, o atropelo, o voyeurismo, a nua e crua disposição de ousar... Como é bom envelhecer!
240. Com suas asas de morcego, o demônio dá rasantes nas cavernas do pecado.
241. Em se tratando de educação, estava certíssimo Che Guevara: “É preciso endurecer, mas sem perder a ternura”.

242. Viemos ao mundo para testemunhar. Esta é a missão que o Senhor confiou a cada um de nós, a despeito das patranhas de muitos desertores.
243. Os fios que tecem nosso destino, ora se apresentam frágeis como a teia da aranha; ora resistentes como a corda do cadafalso.
244. Por sua postura irredutível em cortejar a luz, sagrou-se o girassol como protótipo do otimismo.
245. Para que o misterioso e decantado céu se comporte, de fato, como um paraíso, terá de oferecer-nos, além dos resplendores divinos, também livros, música clássica e muito chocolate.
246. O silêncio perambula sobre as tumbas, na tentativa de decifrar o ruído dos vermes, no seu macabro banquete de despojos.
247. Os apaixonados e os loucos, dois tipos excêntricos, a esquadrihar o itinerário dos astros.
248. Tanto o jugo da pobreza extrema, quanto o da extrema riqueza, provocam aleijões no corpo da sociedade.
249. Será que o feminismo rompeu deveras com a servidão da mulher? Ou apenas acrescentou novos elos às suas algemas habituais?
250. Cortar uma flor, em seu pedestal de aromas, dói-lhe tanto quanto a nós, ao deceparmos uma afeição profundamente arraigada.
251. A compulsão do artista em produzir o inédito e original, empurra-o a afrontar tabus e ultrapassar fronteiras.
252. Os grilos mais impertinentes não são os que perturbam o sono, mas aqueles que cricrilam nos túneis da consciência.
253. Nem a timidez nem a ousadia casam com o bom-senso. O excesso, em qualquer das situações, sempre gera desconforto.
254. As ofensas comparam-se a alfinetes e, quem já levou uma espeta-da, conhece muito bem o resultado.
255. De tão postiça que a humanidade se apresenta, dá-nos a sensação de que está esquecendo sua verdadeira cara.
256. Ora amigo, ora inimigo do homem, o alimento merece a pecha de volúvel, quando não, de pícaro.
257. Tanto as boas, quanto as más ocorrências, são sempre muito noticiadas, comentadas, rotuladas. E recolhidas, por fim, ao baú do esquecimento...
258. Muitos não chegam a lugar algum, por andarem em círculos ou em marcha a ré, depondo as armas diante da primeira pedra.
259. A adrenalina, sempre ela, põe o vivente em rebuliço.
260. A teoria junguiana, em sua abordagem do complexo de Édipo, se nos apresenta hoje extemporânea. Tão irredutíveis foram a guina-da dos costumes e as arengas psicossociais.
261. Confunde-se o destino das alegrias com o das mágoas, já que, uma vez cristalizadas, todas se incorporam ao acervo das nossas lembranças.
262. Há que se resguardar, da malandragem e do vício, estas cocadas deliciosas que são as nossas crianças. Ninguém, como elas, merece sentir as emanações de uma existência equilibrada e feliz.
263. Só valem a pena as libações e os desatinos, se a vida adquirir consistência e não passar em branco...
264. Não se desatam os nós da insanidade, assim como não se enchem de vinho as ânforas partidas.
265. De tão cobiçada, a liberdade se confunde com uma jazida inexplorada.
266. Ao artista, não basta somente a inspiração. Move-lhe também o instinto de permanência. Daí a compulsão provocada pela arte.
267. A bomba atômica... Um cérebro doentio deve ter arquitetado esse ardil demoníaco!

268. Quanto mais gira o turbilhão da história, mais avalanches incendeiam suas águas.
269. As mil portas de Tebas escancaram-se, apenas aos audazes e escorreitos.
270. As ofensas comparam-se a alfinetes e, quem já levou uma espeta- da, conhece muito bem o resultado.
271. Ambíguos, o Bem e o Mal caminham lado a lado. Usam as mesmas táticas. Prometem os mesmos prêmios. – Serão cúmplices, nos acessos de virtude e pecado que assaltam os mortais?
272. Desde a infância, aprendemos que o relógio biológico marca a hora do sono e do despertar; do trabalho e do descanso; da luta e da conquista. Infelizmente, porém, ao chegar à velhice, o relógio descontrola, passando a andar sem coerência nem equidade.
273. A aventura de vencer milhares de degraus e chegar à marca dos setenta anos, já é, por si só, um prêmio digno de brilhar na estante de troféus.
274. Como são duros de arrancar os conceitos adubados com esterco!
275. Um método eficiente de fragmentar as civilizações é, sem dúvida, levar ao trono um demagogo.
276. Machado de Assis estava certo: “Temos duas almas”. Qual delas será mais festiva e barulhenta: a de dentro ou a de fora?
277. No pôr-do-sol da vida, abrasadas pelas lembranças, as saudades atingem o ponto de fervura.
278. Simplicidade - eis uma dica para uma viagem sem atropelos, nem truísmos, nem rupturas. Tanto na vida como na morte...
279. A idolatria do ego, ou nos embriaga, ou nos estraga, ou nos es- maga.
280. A liberdade, que desconhece o mecanismo dos ferrolhos, pode ela mesma confundir-se com eles.
281. Tudo era alvo sobre a cama: os lençóis, a camisola, os cabelos grisalhos... As avós partem, mas sua imagem fica, para sempre, presa nas retinas.
282. Alguém capaz de sorrir e de indignar-se, de competir e de provocar emoções, de falar e de escutar, de ensinar e de aprender, sem dúvida, é um sujeito cotado à assembleia dos sábios.
283. Embora singular, o escritor se torna plural e múltiplo, ao interpretar o processo da evolução universal.
284. Convém preservar o casulo das boas recordações. Pois se ele se romper, tornar-se-á impossível resgatá-las.
285. Toda mãe deseja sentir, no filho, a ressonância de seus próprios sentimentos.
286. Se soubermos filtrar as turbações da existência, extrairemos dela o sumo farto e prodigioso...
287. Também a alma, para que cintile e reverbere, precisa ser desbasta- da, esmerilada, lustrada, colorida e decorada, que só na harmonia e no equilíbrio, ela conseguirá interagir plenamente.
288. Todos nascemos como monumentos inacabados. E a nós cabe a tarefa do tijolo que falta, da argamassa no ponto, da estrutura sem riscos, do polimento perfeito.
289. A trajetória de cada indivíduo se materializa através de curvas, aclives e declives. Daí a dinamicidade, a turbulência, a excitação.
290. Não roubes da liberdade suas asas de gaivota, que a falta delas a deixará anêmica e infeliz.
291. Brilham os dentes no sorriso da boca, como os candelabros na suntuosidade do altar.
292. Os pingos da chuva escoam pelo vidro, espiando o nu das almas assoreadas... E como soa leve seu canto de renascimento!
293. O néctar da bondade povoa de borboletas os canteiros do coração.
294. À hora do amor, o êxtase executa, no teclado do corpo, a partitura de um hino celestial.

295. Como pode exaurir-se, no excremento dos vulcões e terremotos, um colosso como o Universo? Penso, cá com meus botões, que está na hora de dar um conselho a Deus, para que redefina o valor dos bens com que nos presenteou...
296. A fecundidade das madrugadas engorda os prados de odores, sibilos, mugidos, rumores, cacarejos. E a pradaria se transforma numa orquestra de múltiplas sonoridades.
297. Quantos anos estará completando a experiência do ser humano, ao defrontar-se com a velhice?
298. Uma estrela - que é suficiente para empolgar um milhão de enamorados - pode não bastar para um único indivíduo solitário.
299. De tão insolentes, nossos defeitos pisoteiam nossos brios, e ainda os emporcalham com o lodo que levam nas sandálias.
300. Os sonhos que tenho agora perderam o mel e os brilhos... Fantasia que já vão longe, descarriladas dos trilhos...

Data : 20/09/2013

Título : Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 101-200

Categoria: Pensamentos

Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 101-200

101. Dependendo das circunstâncias, até a imbecilidade pode revelar-se útil e vantajosa...
102. A aura sutil da brisa, que nos afaga no despontar da aurora, age como um tônico milagroso, a enfraquecer os achaques da cotidiana turbção.
103. Quando minh'alma se despe das agruras, a fim de vestir-se com o manto da paz, eu vou com ela esconder meus segredos, nas profundezas do mar...
104. Acolho cada nova alvorada como uma página em branco, que me cabe preencher e colorir.
105. Quem não ama o que faz, não faz com perfeição o que ama.
106. O único cadinho, onde de fato o espírito se depura e santifica, sempre foi, e continuará sendo, o sofrimento.
107. São múltiplos os caminhos que conduzem à notoriedade. Um deles, lamentavelmente, é o indigesto exibicionismo.
108. Assim que os sonhos debandam, o sorriso passa a viver ao relento, sem pão e sem flor, como um viajante perdido, entre a montanha e o mar.
109. Antes de abandonar a trincheira, ver-me-ão arrancando seus espinhos, manejando a baioneta, escalando os mais íngremes penhascos...
110. Há corações de aromas cítricos, e corações de odores fétidos...
111. Tenho esperança de um dia, ainda haverão de fulgurar, os cristais da caridade, em todas as jazidas da humanidade!
112. Prossigo acreditando que ainda contemplarei os lírios da inocência, brotando entre os espinheiros, e exalando as emulsões da paz...
113. Depois de várias experiências, descobri que as frustrações se comportam como as sombras, a que somente a imaginação confere alguma substância.
114. De palavra em palavra, de gesto em gesto, de fantasia em fantasia, vão rolando os seixos trapaceiros do destino, até perderem-se no vão tenebroso e estreito da cova...

115. Quero ver o firmamento cantar, sorrir, matizar-se, expandir o fulgor das constelações e recitar meus versos no coreto dos anjos! Só então me sentirei disposta a ultrapassar os seus umbrais...
116. A capacidade de voar corresponde a uma atitude de superação, que dispensa a necessidade de asas...
117. Assim que o coração atíça a brasa e acende a tocha, vira logo um vulcão faminto, sem dia nem hora para esgotar seu fogo...
118. Por mais que o tempo escape pelas frestas, que as vozes dos pássaros se tornem inaudíveis e que as fagulhas do sol esmoreçam, ainda assim o sorriso das estrelas permanecerá adornando o firmamento azul. É isso que me diz a fé.
119. No lagar da amargura, o desalento tritura o sorriso, o prazer e até a própria ternura.
120. Não permitas que a acidez do desencanto se esgueire entre ti e o mundo, infestando os sentimentos ternos, os risos doces, e esse olhar brejeiro, à procura de um lugar ao Sol...
121. Mulher fatal é a que ostenta no peito a elegância do cisne, o ruflar da brisa, a sincronia do barco massageando as águas, o farfalhar da aragem sobre os girassóis...
122. Da plenitude e do gozo da maternidade, só as mães entendem!
123. Da indiferença ao tédio, a distância se resume apenas a um minúsculo grão de pó!
124. Impregnada de sensações profundas, estáveis, e caras à sua serenidade, a velhice sabe muito bem com quanto desapego se costura o bem-estar...
125. Há um questionamento que nem mesmo o sábio consegue responder: Por que será que o evento proibido amplia a curiosidade, ao invés de reduzi-la?
126. Em ocorrências de prostração e lágrimas, não há nada tão pedagógico quanto o silêncio!
127. Faço minhas as palavras do profeta: “Os céus haverão de prantear – sobre os caminhos da terra – os descaminhos da humanidade”.
128. A vida humana só será perfumada, enquanto se entusiasmar com os desafios, atropelando o negativismo e a rabugice.
129. Conciliar os sorrisos com as perturbações do cotidiano, além de revelar sabedoria, também desperta, entre o corpo e a mente, aquela harmoniosa sensação de equilíbrio, que nos alimenta o astral.
130. Ao concluir o livro da vida, tudo em nós deverá estar ordenado, polido e higienizado, sob pena de sermos alijados da mansão dos vencedores!
131. O egoísmo é de tal forma invariável e voraz, que consegue extinguir todos os elos e calcificar todas as melodias, transformando as relações em eventos desagregadores, quando não, contaminados.
132. Viver errante pelos descampados, sem sonhos nem ambições – qual pássaro migratório – eis o destino daqueles que se nutrem de conflitos.
133. Tão estupenda é a prodigalidade da terra, que ela jamais se absterá de oferecer suas dádivas, à perdulária humanidade.
134. Ao exaurir seus sonhos e aventuras, o coração humano assume aquela identidade abstrata, de um palco sem espetáculo, vazio de gente, mas repleto de fantasmas.
135. Para que a velhice não nos apanhe no contrapé, convém não perdermos de vista a fugacidade do tempo, bem como suas traquinagens.
136. Faz tão bem, aos nossos atropelos, escutar os sussurros da mãe-terra. Eles agem como elos, que nos mantêm conectados à essência da nossa identidade!
137. Reputo o dia do desenlace, como o último round de uma disputada competição...
138. Quem não aprendeu a agradecer nem a perdoar, há de viver sempre naquele vácuo inerte, em que as feridas não cicatrizam, nem vicejam as camélias.
139. Quem aprecia estórias de fantasmas, deve manter endereço fixo no mundo da Lua.

140. Estes meus conceitos atrevidos vieram à luz, com a incumbência de tripudiar sobre as gafes do destino, das relações e de suas suscetibilidades.
141. Propus-me a resgatar, para hoje e sempre, o sumo do prazer, que escoo, prodigamente, pelos quatro cantos da Terra.
142. Além de mudas e solitárias, as águas do arrependimento podem apresentar-se barrentas e viscosas.
143. Nos casos de amor tardio, não convém ir ao pote com sofreguidão, pois que o risco de bestializar-se estará sempre rondando...
144. Por seu encantamento e sua magia, o fascínio das constelações merece ser aplaudido, como um ícone da beleza universal.
145. Como são admiráveis os indivíduos dotados de paciência! Essa virtude leve e generosa, sempre disposta à solidariedade e ao perdão. Em sua presença, o estresse se acovarda, para que a harmonia reine soberana.
146. Quando nada se tem de proveitoso a dizer, é aconselhável calar-se. Eis uma oportuna prevenção contra as inverdades e outras inconveniências.
147. A empáfia, amiga íntima do luxo e da celebridade, haverá de estar sempre sujeita a deparar-se com seus chiliques, emaranhados na frustração.
148. Ao desvencilhar-se do torpor matinal, a brisa vai deixando para trás, a carícia fugidia de seu hálito, e a suavidade glamurosa de sua fragrância.
149. Presumo que esteja próximo o dia de recolhermos, na cesta dos nossos suvenires, o sabor dos figos, as cores do arco-íris, a canção dos rouxinóis, o calor dos abraços, a sutileza dos versos e a satisfação da recompensa...
150. Nos mares tumultuosos da existência, cada um de nós terá de ser, obrigatoriamente, o timoneiro de sua própria embarcação.
151. Revolver o passado, a fim de conferir as léguas percorridas, os amores vividos, os prêmios conquistados, será mesmo uma forma de rejuvenescer?
152. Ao sentir-me asfixiada pelas garras do vendaval, solitária e desgarrada como um patinho feio, quem me livrará da fossa, senão eu mesma, reacendendo o lume que outrora me incandescia?
153. Escuridão é sinônimo de muralha. E claridade remete a libertação.
154. A capacidade de embrenhar-se, pelos jardins da simpatia, libertará o sujeito dos espinhos da antipatia.
155. As frustrações, não importa que venham sozinhas, ou em pares, ou agrupadas. Elas só não têm permissão de se assentarem comodamente, para nunca mais se despedir...
156. Cuidado com a esperteza da depressão! Ela adora golpear-nos como um cão raivoso!
157. Perenemente alcandorada, sobre o palco do Universo, a rocha lá está, com a missão de aplaudir o império da força e da coragem.
158. Só o que flui em harmonia - como o jorro d'água na cascata borbulhante - há de deixar-nos plenamente satisfeitos.
159. Perverso, o indivíduo fragiliza a si mesmo. Generoso, se fortalece como o carvalho em plena brotação.
160. Esse círculo ordenado, em que se movem as pessoas de bem, ao mesmo tempo em que as respeita, também as escraviza...
161. A menina, que fugiu de mim e bandeou-se para grotões inóspitos, causou-me profunda sensação de perda. Aquela perda recolhida na saudade, que nem sequer me acena para um leve cumprimento...
162. Há assoalhos, paredes, janelas, com cheiro de vibração e prazer. Todavia, os há também recendendo a morrinha, estrume e vômito...

163. O simbolismo que atribuímos às nossas vivências: conquistas e derrotas, harmonia e desordem, amores e decepções, serenidade e agitação – nada mais é do que o registro das sinuosidades, que acompanham a maratona de cada um dos atletas que nós somos.
164. Ontem, eu ninava os sonhos e as bonecas. Hoje, são os conceitos e alegorias que procuram meu colo, em busca de aconchego e liberdade.
165. Depois que encontrei, naquele coração de ferro, os estilhaços do sorriso dinamitado, aprendi a procurá-lo no relicário da prece.
166. Ninguém mais discreto do que ele: sua índole casa bem com o silêncio e a reflexão; e sua intimidade só se dá a conhecer, quando o exige a conveniência. É assim que age o pensamento, nosso parceiro mais íntimo e fiel.
167. As emoções que nos chocam e, em certas situações, até nos bagunçam, podem ser comparadas a uma legião de setas, que jogamos para dentro e para fora, com a única pretensão de atingir o alvo...
168. Eu gostaria de ser contratada como secretária de Deus! Seria essa uma oportunidade fantástica, de descobrir seus planos e ajudá-Lo na execução.
169. A mesma inocência, que infantiliza o semblante da criança, pode imbecilizar o do adulto...
170. Trevas disseminam trevas... E luzes proclamam luzes...
171. Basta o coração tomar as rédeas, para a jornada converter-se em bem-querer.
172. Uma essência afrodisíaca, que nos impregna desde a raiz dos cabelos até os calcanhares: eis como defino a presença da ventura.
173. Quando criança, eu imaginava que a noite fosse o bordel das estrelas, onde elas disputavam espaço, para fazer amor com os anjos. 174. Ao encontrar pessoas andando, pelas ruas, praças e jardins, ponho-me a investigar sua aura, que ela, sim, é verdadeiramente verdadeira.
175. Já era tarde, quando descobri que há dois tipos de lágrimas: as amargas e as doces. Hoje, eu me dou bem com ambas, que tanto aquelas, como essas, têm o sabor da saudade...
176. Desenraizei-me da janela fechada, da solidão indigesta, da escuridão ofegante. E saí a passear com minhas emoções, cujo olhar é fagueiro e cujos sorrisos refletem o mar...
177. O corpo humano age como raiz e semente. E sua alma, como trincheira e baluarte.
178. Será que, em algum dia longínquo, reencontrarei a exuberância perdida, que me deixou assim andrajosa, sem matiz nem fulgor?
179. Não raro, percorremos léguas atrás de uma miragem, cuja realidade se encontra logo ali, ao alcance da mão.
180. Quando o breu das noites se alia ao breu das almas, a humanidade submerge num apagão total.
181. Ao contemplar o céu crivado de brilhantes; ao ouvir a cantilena dos pássaros, saudando o amanhecer; ao pressentir a brisa, afagando minhas faces, chego a pensar que o paraíso veio a mim...
182. Em sua memória, ao mesmo tempo, serena e perspicaz, a maresia abancou-se, sem pedir licença, cavou sulcos e esparramou pedras, interrompendo o fluxo da antiga vibração...
183. Não somente o calendário nos adverte sobre a velhice e suas empulhações. Ela própria faz questão de mostrar-se, ao promover rupturas e esfoliações.
184. Qual a razão do silêncio profundo das plantas, das nuvens, das constelações? Dar-nos-ia uma enorme satisfação dialogar com elas, dizendo-lhes do nosso carinho e admiração!
185. Há uma nesga de prazer em tudo o que ingerimos, tocamos, aplaudimos. Basta descobrir-lhes o lado certo da abordagem.
186. Vinga entre nós um conceito inverossímil, de que o prazer e a ventura moram aqui, onde também residimos. De minha parte, tenho lá sérios questionamentos acerca dessa teoria.

187. É a múltipla face das palavras que as torna ofensivas e perigosas, ou arrojadas e vibrantes!
188. Lá estão eles, os filhos, nessa tentativa insana de reproduzir a história, com lágrimas menos abortivas e risos mais consistentes!
189. Fugaz é o elogio, fugaz é a glória. Fugazes revelam-se também os amores e os sorrisos...
190. O silêncio da madrugada nos previne do assoreamento diário, uma vez que higieniza e lubrifica nossos rumores, promovendo um ritual de purificação.
191. A ordem universal dos matizes, pruridos, sabores, fragrâncias, odores e fulgurações, sugere como devem ser as postas de vitalidade, preparadas pelas mãos do Criador, à hora de receber os seus eleitos...
192. Antigamente, a luminosidade me perseguia, alagando-me de alto a baixo. Hoje, é a penumbra que se espalha em mim, discreta e sorrateira, para que ninguém possa bulir com ela.
193. Às portas da velhice, chegamos enferrujados e desengonçados; de farnel puído e sandálias rotas. E ainda seminus de sonhos e projetos... São assim as avarias provocadas pela vida, que ninguém ainda aprendeu a consertar...
194. Encontrei na chuva com que o céu me obsequia, uma parceira generosa, na partilha da reflexão e da prece.
195. A fim de não perder a lembrança das emoções vividas, passei a escondê-las no escaninho do peito, onde o amor se dispôs a preservá-las, entre bentinhos e pétalas secas.
196. Tantas chagas abertas, tanto lodo nas mãos, tantos cenhos crispados, tantos sorrisos falsos, tanta bolha purgando... É deveras patética a cara da corrupção!
197. Preparei, dentro de mim, um lugar seletivo e discreto, onde empilho as mágoas e ofensas, os temores e dissabores, na esperança de vê-los um dia, rasgando as amarras do peito e florindo como as acácias...
198. A serviço da higiene e da beleza, depila-se o corpo. E a alma, por que não lhe dar igual tratamento?
199. Quando as palavras proferidas soam ocas ou roucas, deve ser por- que se esgotou o óleo de seus argumentos...
200. Os prados exalam seus odores matinais. O hálito dos jasmims se desprende das corolas. Os cravos se perfilam para receber o beijo da aurora. E as macieiras põem à mostra os seios sumarentos. Por favor, não ousem profanar a luxúria das madrugadas!

Data : 20/09/2013

Título : Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 001-100

Categoria: Pensamentos

Ser Feliz -O Primeiro Mandamento - 001-100

1. Cuide bem das suas emoções! Negligenciadas, elas podem enfrentar crises de intoxicação...
2. A fórmula efetiva, criadora, ao bom desempenho pessoal e coletivo, atende pelo nome de sincronização.
3. Felicidade – com este gênio manso, esta voz maviosa, este olhar translúcido, – deve ser o nome da princesa, que reside no castelo encantado do Sorriso!
4. Aquilo que projetamos para nossa vida é o que ela nos devolverá.

- A sincronia perfeita, o retorno garantido, os sonhos maduros, ha- verão de vir a nosso encontro, consoante nosso pensar e nosso agir.
5. Não tranque seus canais de comunicação, pois são eles que promovem a assessoria indispensável, ao giro de seus sonhos.
 6. O progresso revela-se, quase sempre, uma decorrência, e raramente um evento fortuito.
 7. No despertar da aurora, o mar adquire tons matizados, afeito que é à sincronia da beleza.
 8. Assim como as gatas no cio, também nossas mágoas gemem, gritam, desabam e fogem...
 9. Cuide bem de suas afeições! Negligenciadas, as coitadinhas podem tornar-se vítimas de intoxicação...
 10. No lagar do infortúnio, o desalento tritura o sorriso, o prazer e até a própria ternura.
 11. Quando me sinto nua interiormente, cubro-me com o manto da poesia, e saio à rua vestida de odalisca...
 12. Quando conduzida harmoniosamente, a vida humana se assemelha a um passeio de barco, pelas águas azuis do tempo, entre o balé sincronizado dos golfinhos e das sereias.
 13. Há indivíduos singulares, como as monjas que se sublimam na prece. Todavia, há outros tão escrotos, que a própria evocação de sua imagem provoca repulsa.
 14. A vida humana só irá desabrochar, quando se entusiasmar com os desafios, atropelar o negativismo e pisotear a rabugice.
 15. Esse amontoado de ilusões que se recolheram dentro de mim, se parece com o celeiro dos sonhos natimortos...
 16. A primavera será eterna, quando os humanos aprenderem a cultivar as flores do sentimento.
 17. O dia nasce inocente, repartindo sua claridade com os trilhões de átomos que o mantém vivo, puro, e subserviente aos nossos caprichos e depredações.
 18. Águas mansas, risos francos, sóis velados, beijos cálidos... Quem dá mais?
 19. A irradiação do sorriso supera, fartamente, a profusão das palavras.
 20. Só a sabedoria da vida, com seus volteios e preceitos, conhece os caminhos que podemos trilhar em segurança
 21. Peço a meu Anjo guardador que, nos palácios celestiais, me poupe de ser uma tulipa murcha, um candelabro às escuras, ou uma borboleta incolor. Essa é a condição que lhe imponho, se quiser privar da minha companhia!
 22. É conveniente preservar as amizades duradouras, que prosseguirão pela eternidade afora, e descartar as volúveis, que nem sequer alcançarão as luzes do próximo Natal.
 23. Faz bem, de vez em quando, nos recolhermos ao reduto da consciência, a fim de lubrificá-la dos odores e rancores, que a emboloram no decurso dos dias.
 24. Tenho esperança de que os cristais da caridade ainda haverão de fulgurar, em todas as jazidas da humanidade!
 25. Os seres humanos serão, de fato e de direito, seres humanos, somente quando focados no lume do conhecimento, do trabalho, da dignidade e do bem-querer.
 26. As conquistas nutrem-se de um punhado de decisões.
 27. Quando me sinto nua de amores e sorrisos, cubro-me com o manto da poesia, e saio à rua vestida de odalisca...
 28. Desde o dia em que me descobri filósofa, passei a sentir a vida, com sua malha de nuances, versos, bailados e travessuras.
 29. A prática, do pensamento positivo, oportuniza o sujeito a desenvolver dons especiais, tais como a serenidade, a simpatia, o bem-querer.

30. Há indivíduos nobres e santos, como as monjas que se sublimam na prece. Todavia, há outros tão escrotos, que a própria evocação de sua imagem provoca repulsa.
31. Para que a o desfecho da vida não nos apanhe no contrapé, convém não perdermos de vista suas traquinagens, bem como a fugacidade dos dias.
32. Com frequência, o pensamento nos assalta, como uma lasca de lenha, que não se sabe donde veio, nem onde vai cair...
33. Decidi hoje, energicamente, descartar o lixo que restou do passado, lustrar as emoções enferrujadas, adoçar o sorriso que amargou, e saltar de paraquedas na piscina da paixão...
34. Enfim, não mais tenho receio de falar, e de abrir as comportas do coração, pois estou certa de que meus arroubos serão como as chuvas da primavera, radiantes de seiva e colorido.
35. Embora menos arruaceiros que os grilos, os pesadelos também sabem como perturbar nosso sono.
36. Se, porventura, algum dia eu encontrar quem inventou o tempo, far-lhe-ei um pedido ardente: “Que não seja tão radical e conceda, também a nós, os longos anos de Matusalém”.
37. Entregue ao devaneio, ele a evocava ansiosamente. E sentia seus lábios puros, seus olhos castos, suas mãos macias, seus seios rijos. Um caleidoscópio de sensações, tão distantes no tempo, quanto próximas na saudade!
38. Embora nos reconheçamos velhos e achacados, estou convencida de que nosso amor permanece jovem. Só mudou de padrão, de frequência, de ousadia, pois que o jogo da ternura continua excitante e glamoroso. Apenas mais terno e menos vulcânico...
39. O sorriso age sempre como um mote. Da alegria, do bem-querer, da satisfação. Não o esconda no armário, nem o esqueça ao sair de casa!
40. Ao envelhecer, não convém que as mulheres se entreguem ao desleixo. As imperfeições do corpo são eventos naturais, pois que contam a história de nossas vidas. Ninguém quer morrer jovem! Todavia, as cicatrizes, as estrias, os seios flácidos, as saliências importunas, são marcas honrosas que restaram, como os velhos suvenires...
41. São as expressões típicas da mulher madura que refletem a legítima beleza feminina. Entre elas, a sensualidade no andar, a sutileza dos gestos, a vivacidade do olhar, o sorriso esboçado com disfarce, as vibrações saudáveis e contagiantes... – Está bom assim ou quer mais?
42. Emoções: pétalas que voam, ao sabor dos ventos e das venturas...
43. Aos primeiros sorrisos da aurora, a Lua, discreta como é do seu perfil, isola-se em seus aposentos particulares, a fim de aprumar-se para a orgia da noite, com novos galanteios e esplendores.
44. Uma das gratas surpresas da minha infância foi descobrir os longos braços do Sol, estendendo-se pelo vale, em direção ao castelo das mil e uma noites...
45. Percebe-se traços comuns entre o filósofo e o fantasma. Ambos são indecifráveis e, por viverem fora do contexto, tornam-se também inatingíveis.
46. São irmãs-gêmeas a alma e a aura, pois vivem perenemente conectadas.
47. Há aqueles que riem por masoquismo, e aqueles que choram por conveniência...
48. A cordilheira que se estira no horizonte é o palco onde o astro do dia dá seu espetáculo. Ele energiza e se recolhe. Despeja brilhos e impõe a treva. Vibra e silencia. E, a despeito dos rebuliços promovidos por nós, segue cumprindo seu trajeto e sua sentença. É por isso que a humanidade o respeita e trata como rei.
49. Ao andar pelas ruas, vejo tantos sorrisos atraentes, em lábios riscados de batom, mas desprovidos de sentimento. E me lembro do tempo, quando se era menina, e se adorava pintá-los com o sumo das amoras. Aquele sim era um riso doce, de sabor e de ventura...
50. É tão denso o sumo das lembranças, tão saboroso e nutritivo, que convém degustá-lo com vagar, para apreciar melhor sua gostosura!

51. Ingratidão! – Eis um prato misto de mágoa e desencanto, com gosto e cheiro de maresia...
52. Nada melhor do que a solidão, para fazer companhia a quem se aborrece com a presença da frivolidade.
53. As lágrimas que descem dos olhos são sempre salobras. Mas as que jorram do coração podem vir saborosamente adocicadas.
54. Cada curva do caminho, cada colina e cada riacho, tem sua própria sedução. Nossa trajetória, pelas veredas do tempo, é feita de surpresas, e a monotonia não consegue acompanhá-la.
55. No pomar das nossas relações, vingam cerejas, tâmaras, goiabas e romãs... Há nele um buquê de sabores amadurando... Feliz de quem foi agraciado com um requintado paladar!
56. Hibernar... Encolher-se sob o cobertor... Enfiar a cabeça na touca e os pés nas sapatilhas de lã... – Eis o retorno da infância longínqua, tão doce e saborosa qual um pão-de-ló...
57. Não me disporei a entrar no céu, se lá não houver livros, flores, amigos e ainda muito sorvete!
58. As crianças de outrora brincavam com bonecas de pano e carrinhos de pau. As de agora vivem entre tarecos digitais, programa- dos para comandar seu cérebro...
59. Nada desafia mais a nossa inteligência do que a compreensão da morte e suas arranhaduras!
60. Truculentas como as tosses de inverno, as fofocas importunam e asfixiam, a ponto de promoverem severas constipações...
61. Outrora, era o elã da juventude que me fazia soltar os versos, sobre a cândida folha de papel. Hoje, é o eflúvio da saudade, de tudo o que se foi e nunca mais retornará...
62. Ao exaurir-se de suas aventuras e sonhos, o coração humano assume aquela identidade abstrata, de um palco sem espetáculo, vazio de gente, mas repleto de fantasmas.
63. Digno e generoso é o sândalo, que perfuma as mãos de seu agressor!
64. Descobri uma técnica eficaz, para quem quer ser compreendido e amado: compreender e amar!
65. Espero ver ainda os lírios da inocência, brotando entre os espinheiros, e exalando as emulsões da paz!
66. Como o alimento, que retempera o viço do corpo, o estudo fortalece a têmpera do espírito.
67. Graças a Deus e a suas cortesias, estou sempre preparada para o sorriso, para o abraço e para a concórdia.
68. Quando me sinto nua e flácida, cubro-me com o véu esvoaçante da poesia e saio à rua vestida de odalisca, a fim de que ninguém me reconheça...
69. Os longos anos, refletindo e pastoreando os sentimentos, ensinaram-me que o mau-humor é um daqueles eventos macabros, que grassa entre nós igual a uma peste.
70. Conheço várias espécies de emoção e de alegria. Dentre elas, prefiro as suaves às turbulentas, e as brancas às escarlates.
71. As mãos sagradas da aurora se erguem, sobre os morros e as grotas, os lagos e as searas, os frutos e as flores, com o propósito de abençoá-los e ungi-los.
72. Para o bem de todos nós, o pensamento dos seres humanos, bem como sua inteligência e sabedoria são, incondicionalmente, ilimitados.
73. É a imaginação que dá substância aos nossos desejos, ao torná-los parceiros dessa história que, com sua adesão, edificamos.
74. O fracasso decorre, habitualmente, em razão de um desses fato- res: a incompetência, o desinteresse, a deslealdade.
75. Cada um de nós constrói e estrutura sua própria existência, que se revela uma travessia de mão dupla: tanto pode guindar-nos ao paraíso, quanto enterrar-nos no lodo.

76. Uma das grandes alegrias da minha infância foi descobrir os longos braços do Sol estendendo-se pelo vale, em busca do castelo das mil e uma noites...
77. Saibam todos que percorri, teimosamente, longínquos mares e desertos, em busca da felicidade prometida aos que amam com lealdade e devoção...
78. Suponho que um conselho eficaz, para uma relação tumultuada, seja contornar o inconveniente, substituindo o uso do sal pelo do açúcar.
79. Mais perigosas do que os seus inimigos são as pessoas que odeiam a si mesmas.
80. De uns tempos pra cá, meus pensamentos adoram dar cambalhotas, virar-de-ponta-cabeça, enovelar-se como um caracol, saltar de paraquedas...
81. Meus poemas não vivem só entranhados em mim. Eles também saem em bando, ruidosos e trapaceiros, causando um frisson desconcomunal, como se tudo e todos devessem aplaudi-los, degustá-los, incorporá-los...
82. Ao despedaçar-se a ânfora do sentimento, derramando-o copiosamente, a estrutura ladrilhada do coração se enche de vapores tóxicos, de fragmentos pontiagudos, que só conhecem e só desejam o consolo das lágrimas...
83. O bosque e eu somos irmãos siameses. Ambos adoramos a clorofila, expelimos pra longe os ares insalubres, e participamos com ardor do frenesi sensual do luar...
84. As enfermidades agem, pateticamente, como máquinas de moer. E a segadura por elas empreendida devasta todos os encantos, desde os corporais até os cerebrais.
85. Ativista e apaixonada, exponho meus versos no cordel das ruas, para que todos possam apreciar suas cores, aspirar seu incenso, compartilhar das emoções que os fizeram nascer...
86. Tão sagrada é a instituição do vínculo entre homem e mulher, que sua ruptura gera um sangramento impossível de ser estancado.
87. Um casamento desfeito se compraz em jogar areia, cacos de vidraça, restos de reboco, e até urina e fezes, por todos os quadrantes do castelo que desabou...
88. A verdade revela-se límpida, como córrego que canta entre as pedras. Já a mentira é pra lá de insalubre, pois vive coberta de limo, ferrugem e mofo.
89. Nada alimenta mais meus devaneios que o frenesi da noite, copiosa de silêncios e ruídos, que se alternam como a luz e a escuridão.
90. Assim que o coração começa a ratear, tudo o mais, no corpo e no espírito, quebra também seu ritmo habitual.
91. É impossível evitar safanões do destino. E os milagres, se realmente acontecem, preferem a companhia dos anjos e santos, que o Senhor do universo não simpatiza com gente de pouco brio!
92. Se as palavras proferidas soam ocas ou roucas, deve ser porque se esgotou o óleo de seus argumentos.
93. Nesse andar progressivo em busca do desconhecido, sempre haverá alguém disposto a ir conosco, pois a solidão, por natureza, é uma companhia detestável.
94. Os dias se sucedem, ora radiantes, ora ameaçadores, ora entorpecidos. Para administrá-los, com maestria e segurança, é indispensável que se aprenda a conviver com seus caprichos.
95. Vivam as pedras, que nos ensinam a saltar! E vivam os amores, que nos ensinam a voar!
96. Mão vazias, pés enlameados, cérebro oco e coração fragmentado: eis tudo o que o bom senso abomina e descarta!
97. Descobri uma técnica eficaz, para quem quer ser compreendido e amado: compreender e amar!
98. Desafios, sempre os haverá! Daí a imprescindível cooperação da inteligência, em qualquer empreendimento.
99. Por que será que as borboletas, tão ínfimas no contexto do cosmos, foram dotadas de um fascínio tão surpreendente, que a nós todos comove e apaixona?

100. Uma vez vacinada contra os desencantos, nunca mais deixei de amar-me e amar o mundo. Foi uma descoberta deveras surpreendente!

Data : 30/11/2013

Título : O voo das palavras

Categoria: Pensamentos

Descrição: Será que alguém desconhece o cofre das desilusões, onde se guardam os sonhos desfeitos?

1. Será que alguém desconhece o cofre das desilusões, onde se guardam os sonhos desfeitos?
2. Mais terapêutico do que o silêncio, só o amor jorrando aos borbotões...
3. Faço questão de refletir sobre o passado, que isso me energiza, para os embates do presente.
4. Há mulheres que só sabem engatar a primeira marcha. E então saem aos solavancos, cimentadas no volante, sem perceber sequer o cortejo das andorinhas a lhes prestar homenagem...
5. A preocupação excessiva não tem nenhuma serventia, a não ser carimbar o rosto com aquele desdouro solerte, inconveniente, malfadado!
6. Ainda hei de descobrir o reduto, onde se esconde o fabricante de rugas! – Eta, profissão insolente, que deveria ser banida do rol das nossas aquisições!
7. Percebe-se, de longe, quem vive amargo e quem vive açucarado. Pois o sorriso é aquela varinha mágica, que transforma a dor em sabor...
8. Para uma velhice tranquila, é recomendável edificar nosso castelo individual, sobre os três pilares seguros: do intelecto, do sentimento, do trabalho.
9. Nossas expressões faciais determinam o grau de equilíbrio, com que agimos e prosperamos, em todas as áreas, do corpo e do espírito.
10. Autoconfiança – eis um vocábulo mágico que equilibra nossos humores, fortalece nossos projetos, derreia nossas inseguranças, pois que assim protegidos, nada nem ninguém conseguirá abater-nos.
11. Evite a formação de úlceras e distúrbios psicossomáticos, que bagunçam, física e emocionalmente. A prática constante da serenidade reprime todo tipo de desordem!
12. TER demais impede o SER de viver em plenitude.
13. Não tripudie sobre a felicidade! – Ela é tão preciosa que jamais deve ser negligenciada, exaurida, jogada aos cães...
14. A técnica da meditação e da prece, com seu fabuloso poder de catarse, estanca, rapidamente, a sangria de qualquer ferimento, por mais cáustico e ferino que seja.
15. Não é a idade que faz de nós um trapo velho, e sim nosso desleixo em continuar vivinhos e atraentes...

(Helena Rotta de Camargo, escritora, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2013

Título : O mistério da concepção

Categoria: Artigos

Descrição: Uma golfada de sêmen, e o mundo muda de cor e de fragrância. A sinergia acontece e se converte num insondável mistério.

Uma golfada de sêmen, e o mundo muda de cor e de fragrância. A sinergia acontece e se converte num insondável mistério.

Ser mãe, a mais espessa das volúpias! A esperança enrodilhada no ventre! O sangue fluindo em conta-gotas... Silêncio, metamorfose, náusea, expectativa...

Uma florada apenas, e os vasos do corpo incham, alagando as vias tortuosas do sangue, que borbulha e jorra, silencia e adormece.

Quem diria que dali, daquela recôndita caverna, num delicado roçar de nervos, músculos e artérias, parte o rebento do amor, a síndrome da ventura?

Lágrimas e sentimentos se fundem dor e prazer se harmonizam, enquanto tremores e gargalhadas ecoam pelas uterinas galáxias...

Ninguém mais escuta o ciclo imperceptível da volúpia, crescendo nas entranhas. Somente ele, o ventre silencioso, encharcado pelo fluxo de humores nunca dantes vivenciados. A gestação vai colorindo aos poucos aquele céu de safira, relicário do amor e da esperança.

É ele que ouve e sente os murmúrios, o ruflar das asas, o arrepio das conexões nervosas. Tudo é pujança. Tudo é espetáculo. Com o passar dos dias, os anseios rabiscam pulsações mais intensas e auspiciosas, nas paredes encharcadas de sangue... Os fluidos mudam de cor, a gandaia de músculos e nervos procura espaço, liberta-se das amarras e anuncia a vitória da fertilidade, da plenitude, do encantamento.

Tão hermeticamente guardado e tão presente! Tamanho mistério e tão lúcida realidade!

E a simbiose acontece, no escuro do ninho e ao abrigo das intempéries, só percebido pela sintonia dos afetos, e usufruído pelo frêmito do amor.

Tudo ao redor se apazigua, redimensiona. As nuvens se esgarçam, para que o azul se projete mais intensamente. As estrelas perfilam-se para o momento do êxtase. As borboletas ensaiam revoadas, e as aves, suas canções de ninar.

O advento de uma nova vida é a mais fantástica das aquisições humanas. O mar das águas profundas... O caldo espesso do mel... E, sob as asas dos anjos, o mistério começa a ser desvendado...

Data : 30/11/2013

Título : A lírica do sono

Categoria: Artigos

Descrição: É ainda madrugada e o sono já pegou a estrada. Perder tempo não é com ele, que ama tomar café com a aurora, saboreando o apoio da névoa morna.

HELENA ROTTA DE CAMARGO

É ainda madrugada e o sono já pegou a estrada. Perder tempo não é com ele, que ama tomar café com a aurora, saboreando o apoio da névoa morna.

Uma vez cumprida sua missão – que é estender o cobertor, espiar pela janela o advento da claridade, fazer o sinal-da-cruz, dar um giro pelo quarto, -- a fim de conferir o nível de paz e serenidade que irradia do abajur cor-de-rosa --, e eis que o sono salta de mansinho, avança pelo corredor, e dá no pé...

Eu ainda insisto: “Fica mais um pouco. Está cedo. Há um bom tempo que a gente não sonha juntos.” Mas ele, introvertido como sempre, nem sequer me dá bola... Distancia-se cabisbaixo, sem virar para trás nem dizer adeus...

Faz parte da índole do sono ser mudo e taciturno, assim como são os livros e os cemitérios. A despeito da linguagem incisiva e professoral com que nos aborda, jamais alguém ouviu sua voz. Um mutismo paradoxal que beira o limiar da ironia. Aquele silêncio nostálgico, sem uma apneia importuna, um acesso de tosse, um espirro retardatário. Deveras, trata-se de uma apatia de difícil diagnóstico!

Mas sobre o que mesmo estava eu discorrendo?

Ah! Eu dizia da alma do sono que, além de calada, é também mística e uma conselheira excelente. Qualidades que interagem e se completam...

Durante a vigília, confio ao sono todas as minhas preocupações, veleidades, nostalgias. Pra falar claro, todas essas picuinhas de mulher velha e insatisfeita com a pressa da vida. Ele (o sono) as organiza e cataloga, seleciona o que é útil e descarta o supérfluo. Uma ajuda inestimável! Tanto que acordo leve, pura, despoluída, jubilosa. Pronta para novos embates, sejam eles inócuos ou vilões...

Outra peculiar faceta do sono consiste nos dons de cosmovisão, transmutação, bilocação e outros ainda mais notáveis, como a levitação e a hipnose. Dormindo, tornamo-nos imponderáveis, participamos do festim dos astros, escalamos picos nevados, mergulhamos nas profundezas do mar (e do amor!). Prazer e susto, coragem e temor, nada detém meu espírito, agora liberto e fluido, audaz e versátil. As aventuras das Mil e Uma Noites se passam aqui, dentro do quarto. O rosto engalfinhado no travesseiro. A mente voando como uma águia. O melhor da biografia do sono, porém, julgo ser o momento do despertar. O interregno do transe. O lusco-fusco da consciência... Valha-me Deus! (Cadê a poeta dos versos chorosos de Sol Encoberto e Paredes Nuas?) – A poesia desaba sobre mim... Catadupas descem vertiginosamente... Sou uma fonte! Transbordo... Sou uma harpa! Canto... (Piano, pianíssimo... Soprano, contralto, barítono...) Todas as vozes, todos os amores, todos os êxtases... Oh! Fui picada pela gandaia da insônia, que me injetou mel nos favos ressecados da alma. Os pássaros ainda dormem, e minha mente já dispara, despejando-se no caderno que jaz sob o travesseiro e recém começa a despertar.

Feliz descoberta! O sono, que revigora o físico, também retempera o espírito...

O dia se levanta. O corpo se espreguiça. A alma renasce. Ela é fogo e água, chaga e unguento, brilho e treva. É semente e fruto. Argila e estátua. Morte e ressurreição...

(Helena Rotta de Camargo, escritora, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Ano : 1985

Título : MEU RIO JACUI

Categoria: Letras de Música

Descrição: Quanta lembrança vem à tona, Alegre e trágica também,

MEU RIO JACUI

Composição classificada em 1.º lugar no Festival da Canção de Espumoso, em 1983.

Quanta lembrança vem à tona,

Alegre e trágica também,
Revendo o rio da minha infância
Ao qual eu tanto quero bem.

Refrão: Em sua sonora cachoeira
Cantando sempre, sem parar,
Escorregando sobre as pedras,
Como gostava de brincar!

Aquela barca de madeira
Cortando as águas devagar,
Nos meus conceitos de criança
Era um dragão a apavorar.

Uma latinha com minhocas
Lá ia a turma de guris,
Com seu caniço de taquara
Correr atrás dos lambaris.

Hoje tuas águas são barrentas,
O sol não mais se espelha em ti;
Quantas quimeras cristalinas
Levaste embora, Rio Jacuí!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : GUSTAVO
Categoria: Poesia
Descrição: G - aroto ativo e talentoso, U - m companheiro prestimoso

GUSTAVO

G - aroto ativo e talentoso,
U - m companheiro prestimoso
S - empre disposto a cooperar.
T - al é o Gustavo, este meu filho,
A - legre e forte no seu brilho,
V - encendo lutas e perigos,
O - rgulho até dos seus amigos.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : PRECE PELA PROFESSORA

Categoria: Poesia

Descrição: Nossa mestra por todos estimada, Entre palmas é hoje festejada.

PRECE PELA PROFESSORA

Nossa mestra por todos estimada,
Entre palmas é hoje festejada.
Ela é o farol que guia nossa existência
Com sua extraordinária refulgência.

É a amiga certa .que nos dá a mão
Quando encontramos pedras pelo chão.
É a fada que nos leva a conhecer
O palácio encantado do saber.

Que Deus lhe dê forças em sua lida,
E lhe conceda longos dias de vida;
Inunde as suas horas de carinho,
De pétalas cobrindo seu caminho!

Que ele a faça feliz e venturosa,
Como merece sua alma prestimosa.
E nos conceda a nós esta alegria
De tê-la sempre em nossa companhia.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : O ÍNDIO, NOSSO IRMÃO

Categoria: Poesia

Descrição: Eu vejo um Brasil menino, nascendo, de florestas espessas,

O ÍNDIO, NOSSO IRMÃO

Eu vejo um Brasil menino,
nascendo, de florestas espessas,
de cachoeiras ruidosas,

de feras indomáveis,
de extensos lençóis de minério,
E nas suas entranhas ignotas,
tostado pelo sol ardente,
lá está ele, o nosso irmão,
arisco e desconfiado,
sofrendo a rudeza da terra virgem,
o capricho das enchentes,
o desafio das enfermidades,
Lá está ele, o nosso irmão,
filho nativo do Brasil!
Eu vejo um Brasil jovem

conquistado por homens audazes,
emergindo das trevas
para a claridade de uma nova era.
E nas aldeias longínquas
de tribos ignavas,
lá está ele, o nosso irmão,
atento à pregação do missionário,
e impregnando sua alma bucólica
de novas melodias.
Estende a mão ao colonizador,
aceita o pão de uma nova cultura,
entrega a terra que é sua.
livre e cheia de magia,
a soberanos estranhos que a dominam.
Lá está ele, o nosso irmão,
filho nativo do Brasil!

Eu vejo um Brasil adulto,
plantando cidades,
violando o sacrário das matas,
bulindo com as tabas solitárias,
cortando as ocaras
com estradas audaciosas.
E nos confins deste império gigante,
em redutos esquecidos,
lá está ele, o nosso irmão,
consagrando o mito do passado,
participando da nossa formação étnica,
marcando presença
na sensibilidade do povo,
na riqueza da língua,
na integração de raças e famílias
e nos sangue de muitos brasileiros.
Lá está ele, o nosso irmão,
filho nativo do Brasil!

A sua história é narrada hoje
de norte a sul,
pelos marcos que plantou,
pelos legados que deixou.
Ele nos presenteou
com a bela Pindorama.
Sacrificou suas tradições,
alterou seus hábitos,
para o desabrochar de um novo Brasil:
o Brasil dos índios,
o Brasil dos brancos,
o Brasil dos negros,
o Brasil dos brasileiros.

Amemos este irmão,
filho nativo do Brasil!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : A SAÚDE
Categoria: Poesia
Descrição: A saúde é tão valiosa que um dia lhe é consagrado

A SAÚDE

A saúde é tão valiosa
que um dia lhe é consagrado
no calendário mundial.
As crianças e os adultos
devem sempre ter presente
sua importância vital.

Nenhuma riqueza ou glória,
nenhum prazer ou vaidade
supera este régio dom.
A saúde é liberdade,
é sorriso, é mocidade,
pois tudo com ela é bom.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : MENSAGEM À CRIANÇA
Categoria: Poesia
Descrição: Na haste da vida tu cresces radiosa,

MENSAGEM À CRIANÇA

Na haste da vida
tu cresces radiosa,
sinal de esperança
à pátria e ao mundo.
No arfar de teu peito
palpita a energia
que explode em teus lábios
num riso fecundo.

No Dia da Criança,
com nosso carinho,
aceita a mensagem
que aqui te deixamos:
Sê franco, sê honesto,
sê fiel ao dever,
pois és a promessa
em que todos confiamos.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : GIANCARLO
Categoria: Poesia
Descrição: G - iancarlo é meu caçula turbulento, I - ngênuo e doce na sua robustez;

GIANCARLO

G - iancarlo é meu caçula turbulento,
I - ngênuo e doce na sua robustez;
A meiga cor dos olhos anilados

N - a minha alma infunde placidez.
C - omo o sopro da brisa sobre as flores,
A - lenta-me ele nos meus dissabores;
R - isonho e belo nos seus cinco aninhos,
L - epidamente, como os passarinhos,
O meu pequeno só semeia amores.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : PAI, EU TE AMO
Categoria: Poesia
Descrição: Mais recendente que o jasmim da praça, Capaz de embriagar o nosso olfato,

PAI, EU TE AMO

Mais recendente que o jasmim da praça,
Capaz de embriagar o nosso olfato,
Quisera ser, Ó meu bondoso pai,
Pra perfumar o teu caminho ingrato.

Ah! se me fora dado ser também
Um seresteiro em noite de luar,
Quantas cantigas meu amor filial
Dedilharia para te alegrar.

Na aragem suave que balança as folhas,
Como gostara de me transformar,
Para afagar tua fronte luzidia
E teu sorriso escasso dilatar.

E se um astro do céu pudera ser,
Iria te iluminar com meu clarão.
Oh! quem me dera enfim ser um cristal
Para incrustar-me no teu coração!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : SEGUE-ME !

Categoria: Poesia

Descrição: Ela sorvia o néctar deleitoso da flor primaveril da mocidade,

SEGUE-ME !

Dedicada a todas as religiosas da Congregação das Irmãs de N. Senhora.

Ela sorvia o néctar deleitoso
da flor primaveril da mocidade,
quando o Senhor em sonho a visitou,
fitando-a com extremos de bondade.

De porte nobre e de feições serenas,
impressionou-a aquele estranho vulto.
Quedou-se a observá-lo longamente
e desvendar o seu fascínio oculto.

Foi quando ele pousou-lhe sobre o ombro
a sua mão suave e delicada,
e numa voz, entre imperiosa e meiga,
só disse "Segue-me!" - depois, mais nada ...

Era um convite à vida religiosa
que a jovem recebia de Jesus.
Mais foi com medo que seguiu os passos
de quem morrera sobre a dura cruz,

Não foram infundados seus receios,
pois no convento teve de enfrentar
burrascas perigosas, rudes provas,
renunciando ao prazer e ao próprio lar.

Mas entre as pedras e os espinhos todos,
espalhados no atalho que trilhou,
também cresceram lindas margaridas
como jamais outrora imaginou.

Hoje sua alma escuta novamente
o chamado dos dias que longe vão.
E ao Senhor Deus feliz ela agradece
O privilégio de sua vocação.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : EXALTAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Das brumas indecisas do passado, entre riscos

EXALTAÇÃO

Publicada na revista comemorativa dos 40 anos de emancipação política do município - 1971.

Das brumas indecisas do passado,
entre riscos
e peripécias sem conta,
emerge,
ó Carazinho,
gloriosa e singular,
a tua história varonil.

Quando criança,
brincavas e corrias
na extensão infinita das campinas
e, ao murmúrio cadenciado dos arroios,
dormias placidamente
no berço rendado da floresta.

O abraço hospitaleiro
das tuas antigas estâncias
acolhia
sorridente
o número crescente de vaqueiros,
que vinham audaciosos
desbravar tuas inéditas riquezas.

Assim, crescestes ...
E na mocidade
traçaste páginas douradas
de heroísmo,
de intrepidez
e bravura
no álbum das tuas recordações.

Para manter tua integridade,
travaste violentos certames

e enfrentaste de perto
o gládio de forças inimigas,
sem nunca arrefecer
teu entusiasmo juvenil.

Então,
já homem feito,
consciente da tua maturidade,
foste buscar,
na arca dos bravos ancestrais,
o legado das suas experiências.
Sobre ele construístes tuas fábricas,
instalaste o teu próspero comércio,
e semeaste a fartura das messes
que sobejam
em todos os recantos.

Ninguém consegue mais
sustar este vôo
que te alcandora
às culminâncias do progresso,
do bem-estar social,
do engrandecimento imperecível.

E agora,
sobre a alcatifa da coxilha
que emoldura o teu lídimo perfil,
o pampeiro assobia
garridamente
a canção do amanhã.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

Descrição: Por mais que as nuvens tentem encobrir o sol, nunca

Pensamentos

Por mais que as nuvens tentem encobrir o sol, nunca é total a escuridão quando se tem fé.
Alguma réstia fugidia sempre consegue penetrar em nossos aposentos.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : MESTRE, HOJE É TEU DIA

Categoria: Poesia

Descrição: O céu rnerqulha no silêncio. Os jardins engrinaldam-se de aromas.

MESTRE, HOJE É TEU DIA

Dedicada a todos os professores, colegas e amigos, que partilharam comigo a missão de educar.

O céu rnerqulha no silêncio.
Os jardins engrinaldam-se de aromas.
As aves entoam vozes de louvor.

O mundo está festivo
para saudar teu dia.
Ele é singular
e inconfundível,
porque tu, mestre,
és marco no caminho,
és farol na noite,
és fonte inspiradora de iniciativas,
és presença e vida para o mundo.

Transborda hoje
a taça dos nossos afetos,
para brindar o amor
com que transmites a mensagem da fé,
e generosidade
com que sacias os anseios da juventude,
o devotamento
com que acalentas as esperanças do mundo.

Pela lealdade de teu coração
e pela clarividência de teu espírito,
recebe, ó mestre,
a homenagem carinhosa
de quem contigo comunga
os sublimes ideais de educador!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : O RIO DA MINHA TERRA
Categoria: Poesia
Descrição: Ao rio da minha terra que me viu nascer

O RIO DA MINHA TERRA

Ao rio da minha terra
que me viu nascer
crescer
partir
vol tar,
venho dizer que o amo muito,
como a um irmão,
que cantou no meu berço,
brincou comigo na infância,
chorou na minha despedida
e hoje saúda o meu regresso.

Aqui estou!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : MENINA EM FLOR
Categoria: Poesia
Descrição: Há perguntas excitantes E respostas atrevidas

MENINA EM FLOR

Homenagem às debutantes do
Clube União Espumosenense – 1983

Há perguntas excitantes
E respostas atrevidas
Em sua voz afoita
E no olhar inquieto
De menina em flor.

Mas quimeras também rompem
Nas fugazes alamedas
De sua alma jovem,
Onde as madressilvas
Vão gerando paz.

E nos galhos misteriosos
Das magnólias indolentes,
Sonhos perfumados
Nas corolas brancas,
Exalando ardor.

Peço a Deus por seu futuro:
Brilhe o sol do amor luzente!
Sempre alheia ao pranto,
Sempre dada ao canto,
Leve a vida assim!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : A CHUVA

Categoria: Sonetos

Descrição: Banhando a terra em prolongado pranto, Rolando ao solo as bátegas se vão ...

A CHUVA

Banhando a terra em prolongado pranto,
Rolando ao solo as bátegas se vão ...
De vez em quando um raio quebra o encanto
E pelo céu espalha o seu clarão ...

Não tarda muito e ouve-se o trovão
Que vai ecoando em baque surdo, enquanto
Sob a cumeeira, gemem no galpão
Os passarinhos, de torpor e espanto.

A criança em algazarra intensa
Corre à sarjeta a se banhar na chuva,
Enquanto evoca a sua mais pura crença.

E ao vermos nós a terra que se alaga,
É Deus - pensamos - que, com mão de luva,
Os nossos erros com carinho apaga.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : MAGNIFICAT
Categoria: Poesia
Descrição: Quando a aurora surge bela, em matizes de aquarela

MAGNIFICAT

Quando a aurora surge bela,
em matizes de aquarela
se adorna o manto dos céus.
O horizonte se parece
com lábios que, em muda prece,
adoram seu grande Deus.

Ao ouvirmos no arvoredado
avezinhas em folgado
entoando sua canção,
que nos dizem suas notas?
Não serão talvez devotas
expressões de uma oração?

O regato que desliza,
O leve ciciar da brisa,
e o cantochão da cascata,
são todos sons cristalinos,
são as preces, são os hinos,
que santificam a mata.

Nos abismos do oceano,
bem longe do olhar humano,
vivem peixes aos milhares.
Sua inglória majestade
enaltece a divindade
na eterna orquestra dos mares.

Nas florestas espantosas,
as feras mais fabulosas
se unem aos animais
que pastam no verde prado,
para, em coro reforçado,

louvar a Deus sempre mais.

E que dizer do certame,
quando o mar furioso brame
nas garras do vendaval?
Prece fervorosa, ardente,
prece quase onipotente,
mais forte que o próprio mal.

Sobre os píncaros dos montes
borbulha a linfa das fontes
em acordes de harmonia.
E o bom Deus no paraíso
escuta com um sorriso
tão maviosa sinfonia.

Quem, ao contemplar das flores
as pétalas multicores,
não se enche de emoção?
È que o seu perfume doce,
como se de incenso fosse,
se eleva em adoração.

As borboletas fagueiras
que bailam sobre as roseiras,
buscando o néctar da flor;
e os insetos pequeninos,
também entoam seus hinos
em honra do Criador.

A alvura intata da neve,
o granizo, a bruma leve
e a chuva que o céu envia,
rezam sempre intensamente,
do levante até o poente,
em piedosa romaria.

A deslumbrar os viventes
Vêm-se estrelas resplendentes
nos espaços siderais.
São elas círios acesos
que nos conclamam coesos
às paragens celestiais.

Que magistral simbolismo,
que eflúvios de misticismo,
quando a tarde vai morrendo!
Parece que o dia soluça,
que a escuridão se debruça
e suas preces vai dizendo ...

Que extraordinária beleza
ver que toda a natureza
se encontra sempre a rezar!
É para o homem cristão,
senhor e rei da criação,
um exemplo a imitar.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : A CHUVA
Categoria: Poesia
Descrição: Banhano a terra em prolongado pranto, Rolando ao solo as bátégas se vão...

Banhano a terra em prolongado pranto,
Rolando ao solo as bátégas se vão...
De vez em quando um raio quebra o encanto
E pelo céu espalha o seu clarão...

Não tarda muito e ouve-se o trovão
Que vai ecoando em baque surdoo, enquanto
Sob a cumeeira, gemem no galpão
Os passarinhos, de torpor e espanto.

E ao vermos nós a terra que se alaga,
É Deus - pensamos - que, com mão de luva,
Os nossos erros com carinho apaga.

Data : 01/01/1985
Título : A FONTE DA INSPIRAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: M - usa que me compele a escrever, Á - libi de um estro claudicante;

A FONTE DA INSPIRAÇÃO

M - usa que me compele a escrever,

Á - libi de um estro claudicante;

G - ota de mel no amargo da aflição,
O - rvalho sobre a chaga lancinante:
A MÁGOA é minha doce inspiração.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : A ESCOLA
Categoria: Poesia
Descrição: A escola é o jardim florido onde há risos de crianças,

A ESCOLA

Dedicada à E. E. de 1.º Grau José Clemente Pereira, de Espumoso, onde fui alfabetizada e ingressei no mundo das letras.

A escola é o jardim florido
onde há risos de crianças,
perfume de violetas,
um espoucar de esperanças.

Ela é um parque buliçoso
repleto de diversões,
onde as gangorras embalam
os sonhos e as ilusões.

É um vergel de frutas doces,
de sombra em todas as horas,
deixando nos tenros lábios
o gosto bom das amoras.

A escola é o templo sagrado
das mais puras devoções,
onde o professor consagra
as suas sublimes lições.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : RETALHOS
Categoria: Poesia
Descrição: Ela já esteve em pedaços a minha alma.

RETALHOS

Ela já esteve em pedaços
a minha alma.
Já sentiu a tesoura
do desconsolo
cortar-lhe as entranhas,
esfarrapando as esperanças
novas e antigas
que lhe cobriam a nudez.

Ela já se coseu inteira
a minha alma.
Juntou os retalhos de pano soltos
e, dos fragmentos dispersos
pelas gavetas do tempo,
teceu a veste suntuosa
para o instante do reencontro
e da felicidade renovada.
Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : SOLIDÃO A DOIS
Categoria: Poesia
Descrição: O dia e a noite, que belo casal de namorados

SOLIDÃO A DOIS

O dia e a noite,
que belo casal de namorados
tão velho como o mundo!
Sempre na pista um do outro,
nunca chegam ao altar.

Dois encontros marcados
no transcorrer do dia:
na aurora, a noite
descorada e triste
saúda com mil beijos
o companheiro que chega.
E ele abre os braços
ardente de desejos,
num amplexo vigoroso
à noiva que se vai...

E ela vai só...
E ele fica só...

Ao anoitecer
invertem-se os papéis:
ele a oscula saudoso.
e ela, em traje de gala,
se apresenta vaidosa
na ribalta do tempo.

Assim se sucedem
o dia e a noite,
num vaivém inútil
um em busca do outro...

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : ONDAS DO MAR
Categoria: Poesia
Descrição: Ondas do mar- que vêm e que vão,

ONDAS DO MAR

Ondas do mar-
que vêm e que vão,
fúrias ou mansas,
e voltam de novo
a areia encharcar;

Ondas do mar-
prazer enganoso
que as pranchas velozes

de ousados surfistas
procura afundar;

Ondas do mar-
audazes, teimosas,
que glórias e amores,
na faina diuturna,
conseguem burlar;

Ondas do mar-
castelos de espuma
levando saudades,
trazendo esperanças
pra vida inundar.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : NOSSOS GAROTOS

Categoria: Poesia

Descrição: São girassóis se abrindo ao nosso afeto, Estrelas clareando a nossa estrada;

NOSSOS GAROTOS

São girassóis se abrindo ao nosso afeto,
Estrelas clareando a nossa estrada;
São aves gorjeando à nossa volta
E sombra acolhedora na jornada.

No ardor do estio, a chuva refrescante.
No inverno, a chama que aquece o lar.
Nas horas de ócio, a calma,
Nas de lazer, a música a vibrar.

Nas traquinices quanta inteligência!
Quanta energia em sua intranqüilidade!
Nós adoramos seus freges e artimanhas
Que nos encham de prazer e alacridade.

Em sua saúde exuberante e farta,
O testemunho da vida em seu vigor.
E como pais a Deus agradecemos,
Beijando nossos filhos com amor.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : GUERRA
Categoria: Poesia
Descrição: No Vietnã desolado do meu coração em ruínas,

GUERRA

No Vietnã desolado
do meu coração em ruínas,
bombardeios freqüentes
se fazem ouvir.
Desejos - edifícios que desabam.
Esperanças - pontes que ruem.
Sonhos - praças destruídas
de combustores partidos,
flores arrancadas,
lagos vazios ...

Em todos os cantos
gemidos plangentes
ao invés do cantar das cotovias.
Não há crianças
nos parques desertos.
E os sentimentos mais nobres se atolam
em caminhos de sangue e de dor ...

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : A CIDADE E A ÁRVORE
Categoria: Poesia
Descrição: Ao longo das calçadas os edifícios se enfileiram

A CIDADE E A ÁRVORE

Ao longo das calçadas
os edifícios se enfileiram
como colegiais em forma
para um desfile marcial.
Branco, azuis, amarelos,
Ocre, verdes, cor-de-rosa,
num colorido agradável
aos olhos do transeunte,

Mas o que enfeita deveras
a paisagem ressequida
pelo cimento e o tijolo
embaralhando as retinas,
é o verde ameno das plantas
que sobressaem entre os prédios,
intrusas - porém bem-vindas,
solitárias - mas companheiras.

Generosa árvore amiga
que distante do teu mundo
floresces em pouca terra,
à sombra dos espigões
num belo pano de fundo!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : CENA DOMÉSTICA

Categoria: Poesia

Descrição: Calçados pelos cantos, brinquedos pelo chão;

CENA DOMÉSTICA

Calçados pelos cantos,
brinquedos pelo chão;
lá adiante uma revista,
aqui um almofadão;
parece o resultado
de intenso furacão.

Embora me aborreçam

tais cenas de desmando,
revelam que há crianças
saudáveis me cercando;
são prova de que há vida
na casa fervilhando.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : OUTONO
Categoria: Sonetos
Descrição: Na bruma que macula o firmamento, Nas folhas que salpicam o quintal,

OUTONO

Na bruma que macula o firmamento,
Nas folhas que salpicam o quintal,
Nas xácaras sonâmbulas do vento,
Se espalha uma mensagem outonal.

É tempo de avezinhas no portal,
De insetos despedindo-se do alento.
As noites já celebram seu ritual
Vestindo mais austero paramento.

O dia se envolve em auras de mistério.
O outono, ao estender o seu bordão,
Alastra a nostalgia do seu império.

Mas assim mesmo a vida tem encanto,
E vê surgir, no ocaso do verão,
Nova esperança envolta em novo manto.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : BANDEIRA PRETA
Categoria: Poesia

Descrição: Sobre o mastro da guarita o pano negro se agita,

BANDEIRA PRETA

Sobre o mastro da guarita
o pano negro se agita,
tremendo à fúria do ar.
E um fragor de tormenta,
como batalha sangrenta,
se escuta entre o céu e o mar.

As ondas cinzentas pulam,
sobre os cômoros ululam,
crispadas pelo furor.
E a areia, tão castigada
pelo chicote das vagas
mal abafa seu temor.

O vento sopra raivoso
e esmaga impiedosa mente,
num desamor contudente,
as conchas - sua presa fraca -
que se expõem ao tempo inermes,
a despeito da ressaca.

Que paisagem formidável,
solene em sua majestade
e bela na ostentação!
Bandeira preta - delírio
do mar - que se alteia forte;
da alma - que chora a morte
de uma vibrante paixão.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : CARINHO DE CHUVA

Categoria: Poesia

Descrição: A chuva tamborila na vidraça que se embaça

CARINHO DE CHUVA

A chuva tamborila na vidraça

que se embaça
ao bafejar candente
do hálito da gente.

Procuro uma garoa andeja
cuja carícia benfazeja
escorra pelos vidros do meu peito,
amornando de cálida ilusão
o meu enregelado coração.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : SALMO DO SILÊNCIO
Categoria: Poesia
Descrição: Esta tarde todos saíram. Eu sozinha fiquei

SALMO DO SILÊNCIO

Esta tarde todos saíram.
Eu sozinha fiquei
a ler meu Morris West.

Mas um silêncio tão anestesiante
se infiltra em meus ouvidos,
que esqueço a obra literária
e ponho-me a pensar...

Nenhum ronco de carro –
é hora da sesta!
Nem vozerio de crianças –
já começou o circo!
Escuto somente
o velho relógio da parede
cantando obstinado
sua invariável canção.

Senhor,
teu dia não deve ser igual aos demais!
Ao menos no domingo
devemos recolher-nos
por alguns instantes.

É por isso que diminuis os ruídos,

acalmas o tráfego,
e vens sentar a meu lado
no sofá.

Concede, Senhor, a todos os homens,
como a mim,
a alegria dominical
de rezar contigo
o Salmo do Silêncio

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : FATUIDADE
Categoria: Poesia
Descrição: Há os prepotentes e orgulhosos

FATUIDADE

Há os prepotentes
e orgulhosos
encastelados na sua onisciência,
cuja opinião é a verdade,
cuja palavra é a lei.

Merecem compaixão
esses enteados da vanglória:
sua majestade é fofo-fátuo
e seu espírito um bagaço
de que nada se extrai.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : HOJE CANTA A SAUDADE
Categoria: Poesia
Descrição: Sem ti, meu amor distante, é insípido o meu viver,

HOJE CANTA A SAUDADE

Sem ti, meu amor distante,
é insípido o meu viver,
não tem estrelas a noite
nem matiz o amanhecer.

Não trinam os passarinhos,
não tem perfume o jardim,
destoa o som da cascata,
quando te afastas de mim.

Sem ti, o sol não aquece,
a lua esconde o clarão,
os frutos tornam-se amargos,
circunda-me a escuridão.

A grama perde a frescura,
o orvalho não brilha mais,
o céu se cobre de nuvens,
se longe de mim te vais.

Sem ti, a chuva que jorra
é pranto do coração;
a geada é manto de gelo
revestindo a solidão.

Não tem segredos o vento,
nem beleza o colibri.
Minha vida é tão vazia,
não tem encantos, sem ti!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : SÚPLICA

Categoria: Sonetos

Descrição: Meu Deus, como sou pobre para amar-te! Quão pouco te conheço e te procuro!

SÚPLICA

Meu Deus, como sou pobre para amar-te!
Quão pouco te conheço e te procuro!
Já o coração andou por toda parte,

Sem encontrar jamais lugar seguro.

Só da tua cruz, Senhor, vem a coragem
De que minha alma pra viver carece;
Só em tua chaga rubra encontro a imagem
Da fortaleza para quem padece.

Tu que és a luz brilhante do sacrário,
Clareia o meu incerto itinerário
Por entre escarpa e densa escuridão!

A ovelha indócil vem pedir guarida,
Entorna com piedade em sua ferida
O bálsamo divino do perdão!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : AFETO E AFETOS

Categoria: Poesia

Descrição: O afeto da mãe pelos filhos difere em tudo dos demais afetos.

AFETO E AFETOS

O afeto da mãe pelos filhos
difere em tudo dos demais afetos.

Na infância -
é o aconchego do regaço,
a almofada acariciante,
a mão que modela a argila macia.

Na adolescência -
o afeto toma formas audaciosas:
é chave que desvenda os mistérios,
anteparo dos arremessos vacilantes,
cérebro controlando as decisões.

Na juventude -
o filho é ave que deixa o ninho,
partindo em busca do seu próprio mundo.
O afeto materno torna-se penumbra,
luz eclipsada,
para que o jovem possa cintilar

em todo o seu esplendor.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : INCERTEZA
Categoria: Poesia
Descrição: Já não sei se estou vivendo ou apenas atravessando,

INCERTEZA

Já não sei se estou vivendo
ou apenas atravessando,
na noite escura,
qual barco sem amigos
um mar inimigo.

Já não sei se estou sorrindo
ou no centro de uma praça
-chafariz solitário –
chorando profusamente
para que outros riam.

Já não sei se estou andando
ou simplesmente na imobilidade,
como nuvem carregada,
guardando a maldição das estrelas
em prolongados invernos.

Se sou gente,
se sou luz,
se sou poesia,
ou somente robô,
trevas,
vazio...

Já não sei

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : TEMPO DE INVERNO

Categoria: Poesia

Descrição: A hilaridade sem peia dos meus folguedos de infância;

TEMPO DE INVERNO

A hilaridade sem peia
dos meus folguedos de infância;
o instante bom das cirandas,
dos bilboquês e sapatas;
a ingenuidade e a candura
com que aguardava o Natal;
e aquela fé adamantina
no santo Anjo da Guarda,
aonde foram ?... Sumiram!
Por que será ?... Foi tão lindo!
Que pena! O tempo levou...

Os deliciosos licores
que a juventude serviu-me
numa bandeja de goivos
ao modular das sereias;
a apoteose estupenda
do amor sonhado e vivido,
desatrelando ansiedades
nas madrugadas sem fim;
não mais existem, tragados
pela voragem dos anos ...
Tudo já era! Passou ...

Hoje há eclipse solar,
galáxias enfumaçadas;
as fantasias cederam
a contratempos e lidas.
Já não sou mais que resquício
duma crisálida antiga
que a borboleta habitou ...
Um insidioso tufão
desordenou a paisagem,
as ilusões, o entusiasmo.
Eis que o inverno chegou!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : AGRADecIMENTO

Categoria: Poesia

Descrição: Você, amigo fiel, que se manteve a meu lado,

AGRADecIMENTO

Você, amigo fiel,
que se manteve a meu lado,
comeu do meu pão seco,
compreendeu meu desespero
e tolerou minhas impertinências,
você sim é gente,
sem máscaras ou artifícios,
e conseguiu realmente
aliviar o peso da cruz.

A sua mão estendida
foi um baluarte para mim.

Deus lhe pague!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : TROVAS AO LÉU

Categoria: Poesia

Descrição: O amor é gota de orvalho Que ameniza a solidão

TROVAS AO LÉU

O amor é gota de orvalho
Que ameniza a solidão
Da noite fria da vida,
No cálice do coração.

Estrelas dentro da noite,
Os filhos que Deus me deu.
Carregam a minha vida
No peito que não é meu.

Como num confessionário
O verso desnuda a alma,
Abluindo a dos pecados
E devolvendo-lhe a calma.

Na chuva que rola, rola,
Quanta lágrima se vai...
Saudades de minha infância
São como chuva que cai

Só a modéstia propicia
O vicejar da virtude.
É sempre valor suspeito
A empáfia que tanto ilude.

Para ser feliz na terra
É preciso querer bem;
Muita flor perfuma a estrada
Quando a gente ama alguém.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : A ROSA
Categoria: Poesia
Descrição: Ao lado do muro passando, enxerguei

A ROSA

Ao lado do muro
passando, enxerguei
a rosa vermelha
sorrindo pra mim.

Com ar soberano
assim me falou:
"Nasci pra ensinar
aos homens o amor.
Me deixe na haste,
aqui estou liberta.
O vaso me prende,
prefiro o jardim!"

O amor tem espinhos
mas não tem algemas.
A rosa, vermelha
tem toda a razão.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : POLICROMIA
Categoria: Poesia
Descrição: Se tu fosses poeira da estrada, Eu seria um andarilho a vaguear.

POLICROMIA

Se tu fosses poeira da estrada,
Eu seria um andarilho a vaguear.
Se tu fosses a luz de um archote,
Mariposa eu seria, a bailar.

Se o espelho prateado da lua
Refletisse teu rosto invulgar,
Haveria de tornar-me astronauta
Para ir teu semblante fitar.

Se tu fosses areia da praia,
Morna e lânguida, ao sopro do mar,
Ver-me-ias uma onda espumante
Com ardor e ousadia te beijar.

Se no vento leviano que passa
Teu afago sentisse roçar,
Como pluma, andaria pelo espaço,
A mercê de teu ritmo, a valsar.

Se no canto harmonioso das aves
Escutasse tua voz me falar,
Sobre os ramos pendentes da mata
Dia e noite haveria de pousar.

Se tu fosses o pólen da flor,
Das colmeias o lauto manjar,
Feito abelha voaria pelos prados
Para nunca de ti me afastar.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : VIAGEM AO VAZIO
Categoria: Poesia
Descrição: A noite trafega vaga rosa ao longo de paisagens insones ...

VIAGEM AO VAZIO

A noite trafega vaga rosa
ao longo de paisagens insones ...
O dia se estende interminável
por ferrovia sinuosa,
atravessando o descampado
de um vazio qualquer ...

Sem paradoro,
sem horizonte e sem meta, aonde irá conduzir
essa enganosa jornada?

Itinerante desastroso
o que percorre o ermo:
só encontrará,
ao final da travessia,
agreste soledade.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : INSPIRAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Doce lua tentadora sedutora

INSPIRAÇÃO

Doce lua
tentadora

sedutora
que no escuro
me namora
suavemente
faz a gente
recordar ...

Os teus raios
transluzentes
que me beijam
na janela
são um poncho
de flanela
a me aquecer ...

Estás cheia!
De saudade?
De tristeza?
De alegria?
De riqueza?
Quem me dera
ó lua bela
teus segredos
descobrir!

Sobre o trono
em que dominas
majestosa
tão vaidosa
não te esqueças
loura lua
sempre fui
amiga tua.

Desse pálio
aveludado
nesta noite
enfeitiçada
esparramas
luz e cor ...

Desce à terra
vem dizer-me
com teus lábios
de sereia
onde está
o meu amor...

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : AFINIDADE SEM ELOS
Categoria: Poesia
Descrição: Deveria ser de afeição, de auxílio mútuo,

AFINIDADE SEM ELOS

Deveria ser de afeição,
de auxílio mútuo,
de solidariedade,
a afinidade
que nos aproxima.

Seria bem mais edificante
e benéfico para todos
renegar a egolatria
e professar a caridade.

Infelizmente, porém,
é apenas de sangue
a afinidade existente
entre os nossos destinos

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : POETA ANONIMO
Categoria: Poesia
Descrição: Papel de almaço sem linhas é o céu branquicento

POETA ANONIMO

Papel de almaço sem linhas
é o céu branquicento
que envolve a manhã.
Sonolento e sestroso
o pensamento desperta
e põe-se a escrever,

na folha côncava,
os poemas reticentes
guardados por muitas noites
nos meandros da alma.

E ela se exhibe inteira
na, vitrine do tempo,
onde suas quinquilharias
se expõem sem preconceitos.

E mil segredos intatos,
sacralizados no peito,
desvenda o insólito poeta
nas garatujas irregulares
do papel sem dimensão ...

Nem a garoa impertinente
que verte mágoas desconhecidas
sobre as faces vermelhas da terra,
consegue apagar os versos
do pensamento veloz
na folha fosca do céu.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : CANÇÃO DA AUSÊNCIA

Categoria: Poesia

Descrição: A ti que estás distante, a ti que não me escutas,

CANÇÃO DA AUSÊNCIA

A ti que estás distante,
a ti que não me escutas,
dedico intimamente
esta canção banal.

Canção sem harmonia,
num solo dissonante,
tangida pelo afeto
nas teclas de minha alma.

Embora separados
por múltipla distância,

meu pensamento voa
continuamente a ti.

Pudesse tão somente
sentir aqui de longe
que tu também te lembras
de quem ausente está.

Meu doce refrigerio:
sonhar contigo à noite,
por ti rezar baixinho
uma oração a Deus.

Cantando no meu peito
consigo ir serenando
a falta que me faz
ouvir a tua voz.

Espero ansiosamente
que voltes sem demora,
para a canção da ausência
por fim emudecer ...

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : A MAGIA DA NOITE

Categoria: Poesia

Descrição: Tal como uma fada dadivosa a noite estende seu domínio,

A MAGIA DA NOITE

Tal como uma fada dadivosa
a noite estende seu domínio,
cobrindo suavemente a terra
com um manto negro de vison.

Seu condão prodigioso
acende milhares de tochas
que põe a piscar
furtivamente
nas alamedas do céu.

Cá embaixo

ela suspende o frenesi do dia,
borrifando tranqüilidade
ao longo das galerias,
nos homens e no universo.

E os amores e os prazeres,
e as perfídias e as vilezas,
assomam intempestivos
com a cumplicidade das trevas.

Mágica e complacente,
edênica e conivente,
a noite será sempre
o reduto do mistério.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : UM DIA E UMA VIDA

Categoria: Sonetos

Descrição: Manhã tranqüila - ingênua, garotinha De rósea tez e olhos cor de anil.

UM DIA E UMA VIDA

Manhã tranqüila - ingênua, garotinha
De rósea tez e olhos cor de anil.
A viração os sonhos lhe adivinha
E mais feliz a torna e mais pueril.

Tarde festiva - noiva apaixonada
De alma ofegante a transvazar amor.
Um sol vibrante a faz mais desejada
No rubro beijo de sua boca em flor.

Noite soturna - viúva caprichosa,
De traje escuro, carne voluptuosa,
Que nova luz em seu olhar requer ...

Paradoxal lição da natureza:
O dia representa, com certeza,
A decantada vida da mulher.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : A MUTILAÇÃO DO ABANDONO
Categoria: Poesia
Descrição: Meu pensamento quem irá perscrutar?

A MUTILAÇÃO DO ABANDONO

Meu pensamento
quem irá perscrutar?

Minhas confidências
a quem irei revelar?

Do meu coração
quem sentirá o pulsar?

Nos meus ardores
quem desejará se abrasar?

Os meus suspiros
quem os irá suavizar?

Minhas lágrimas
quem se ocupará em enxugar?

Os meus anseios
quem os deverá saciar?

Minha desventura
com quem poderei partilhar?

Estou totalmente mutilada!

A cirurgia da adversidade
decepou-me todos os laços.
Amigos traiçoeiros
e inimigos vorazes
jogaram-me ao abandono
sozinha
no meio do deserto

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : MADRIGAL DA POESIA
Categoria: Poesia
Descrição: Quando a espuma do copo se despeja sobre as idéias,

MADRIGAL DA POESIA

Quando a espuma do copo
se despeja sobre as idéias,
alterando os modos,
afugentando a paz,
o coração suscetível se amedronta
e encolhe como o caracol.

Em sua concha
descobre a poesia,
fazendo com ela
um pacto solidário.

E os grilhões do medo
se volatilizam
esparramando-se em versos
sobre o desprazer
do momento indesejado.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : MARÉ MANSA
Categoria: Poesia
Descrição: É delicioso saborear nos lábios

MARÉ MANSA

É delicioso
saborear nos lábios
o mel do sorriso
que aflora espontâneo
dos favos dourados do ser.

É apaixonante
sentir nas veias
o calor da ternura
que percorre o íntimo
inebriando os menores gestos.

É indecifrável
o mistério da paz,
da consciência serena
que transfigura
a rotina azul do dia-a-dia.

É inefável
a verdade iridescente
que faz viver a vida
em sua plenitude
sem temores nem desesperanças.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Categoria: Poesia

Descrição: Se ai névoa se dissipasse no meu espírito;

IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Se ai névoa se dissipasse
no meu espírito;
se as pedras esboroassem
no meu caminho;
se as densas teias
que me rodeiam
se esgarçassem
de encontro aos raios
de uma esperança
que até agora
não se acendeu;
se os sonhos fossem
um explosivo
que destruísse
completamente
esta amurada

que me empurra
pra contra-mão;
se os anos findos
tão desgastados,
pudesse o tempo
na sua andança
retroceder;

o calendário se inverteria,
o meu relógio se atrasaria,
a juventude renasceria,
voltando a vida de marcha à ré ...

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : O ALGODÃO
Categoria: Poesia
Descrição: A criança engole o algodão de açúcar.

O ALGODÃO

A criança engole
o algodão de açúcar.

A nuvem pendura
o algodão no céu.

A enfermeira embebe
o algodão no álcool.

Branco, branco, branco...

Algodão que delicia
algodão que enfeita
algodão que cura.

Sabor
arminho
calmante,

como tu és importante!

Do livro

Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : DEVANEIO

Categoria: Poesia

Descrição: Neste sábado enfadonho, escutando um disco chato,

DEVANEIO

Neste sábado enfadonho,
escutando um disco chato,
fecho a revista que leio
para sonhar.

E os sonhos se multiplicam
na mente desocupada,
vão e vêm... Vêm e vão...
a rodopiar.

Sinto um único desejo:
desprender-me da terra,
criar asas, ser um pássaro,
para voar.

Voar pra longe da lama,
subir além das estrelas
e a beleza do universo
descortinar.

Deixar por aqui as agruras,
a violência, as desventuras,
construir um lugar nas nuvens
para morar.

Acalma-te, coração!
Teus sonhos um dia podem
nalgum foguete arrojado
se realizar ...

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : SUA BELEZA, SUA RIQUEZA
Categoria: Poesia
Descrição: Você é tão belo com esse jeito afável,

SUA BELEZA, SUA RIQUEZA

Você é tão belo
com esse jeito afável,
esse olhar brejeiro,
essa disposição de agradar
sem falsidade.

Você é tão belo
no amparo aos irmãos,
na acolhida dos amigos,
na maestria das panelas,
no amor à vida.

Você é tão belo
quando galanteio das crianças,
e sustentáculo dos passos,
nesse exaustivo percurso
da caminhada a dois.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : HUMILDADE E SOMBRA
Categoria: Poesia
Descrição: A claridade que se esconde atrás do móvel

HUMILDADE E SOMBRA

A claridade que se esconde
atrás do móvel
faz a sombra projetar-se
na parede.

A alma nobre que se oculta
na humildade
traça o perfil de sua imagem

no paredão do céu.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : GRANDE PRÊMIO - VITORIA
Categoria: Poesia
Descrição: No páreo da vida quem ganha a corrida

GRANDE PRÊMIO "VITORIA"

No páreo da vida
quem ganha a corrida
é sempre o mais forte,
mais lesto no porte
e ágil no andar.

Sacode o letargo
que aflige teu garbo!
Expulsa a tristeza
que a rédea traz presa
e sai pra lutar!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : REVELAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Rolam as águas do meu destino

REVELAÇÃO

Rolam as águas
do meu destino
qual pororoca
que busca o mar ...
Com seu estrondo
de ignóbil fúria,

sinto a esperança
despedaçar.

Por tantas gotas,
lágrimas soltas,
meu pranto jorra
em profusão.
E na sua espuma
que avança longe,
um galho seco:
meu coração

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : ELEGIA DAS LÁGRIMAS
Categoria: Poesia
Descrição: Estas lágrimas paridas

ELEGIA DAS LÁGRIMAS

Estas lágrimas
paridas
na dor e na amargura,
filhas bastardas
da ilusão e do sonho,
rabiscando
na sua fugaz trajetória
a elegia mais sentida
da vida marcada,
só deixam rastilhos
de efêmeros brilhos,
do tépido afago,
do amor que baqueou ...

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : INSÔNIA

Categoria: Poesia
Descrição: Na noite mais comprida que o comprimento da vida,

INSÔNIA

Na noite mais comprida
que o comprimento da vida,
a alma asfixiada
pela angústia do tédio
agoniza em segredo
uma dor sem remédio.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : INTROSPECÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Estes restos de sonho que descubro,

INTROSPECÇÃO

Estes restos de sonho
que descubro,
removendo as cinzas
do meu interior –
gravetos queimados
de antigas esperanças -
são como relíquias de mártir,
guardadas
ciosamente,
esperando o milagre
da restauração.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : BALANÇA SEM FIEL
Categoria: Poesia

Descrição: Espiral de fumo que se evola

BALANÇA SEM FIEL

Espiral de fumo
que se evola
sorrateiramente,
evaporando
no mundo imperceptível
da atmosfera;

emanação fluida
de relva translúcida,
acariciando as manhãs
em lasciva letargia,
surpreendida
irreverentemente
pelo sol;

tal o desencanto
do espírito impoluto
no rompimento
da extrema fibra
de esperança,
pela esquálida justiça
da balança sem fiel.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : ORAÇÃO DA NOITE

Categoria: Poesia

Descrição: Senhor, a noite desceu sobre a cidade.

ORAÇÃO DA NOITE

Senhor,
a noite desceu sobre a cidade.
É hora de te encontrar
para a minha devoção.

No encantamento que se esconde
nas dobras da sombra opaca,

deposito reverente
o incenso da minha adoração.

Quero agradecer-te também
pela corrente de favores
com que encadeaste
todos os instantes do meu dia.

Na garganta escancarada das trevas,
que engole a miséria do mundo,
eu te suplico que imerjas
as minhas falhas de hoje.

Por fim, Senhor,
ajoelho-me filialmente
sobre os degraus desse sombrio altar,
para pedir-te,
com a alma cheia de confiança,
a tua proteção para o meu sono
e a tua bênção para o amanhã.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : INUTILIDADE
Categoria: Poesia
Descrição: Em vão procuro atravessar as nuvens na ânsia de subir.

INUTILIDADE

Em vão procuro atravessar as nuvens
na ânsia de subir.
Em vão estudo o idioma das estrelas
no sôfrego desejo
de algum segredo descobrir.
Em vão espero e bato à porta
dalcova atapetada de ternura
onde a ventura foi residir.
Em vão mergulho meu pensamento
na placidez do lago
onde submerge a imaginação,
nada consigo trazer à tona,
tudo escorrega de minha mão.
Em vão fremem meus sentimentos

na espera vã da chegada.
Quantos suspiros inúteis
debruçados sobre o alpendre,
ouvindo a seresta amarga
da solidão engasgada!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : JOÃO NINGUÉM
Categoria: Letras de Música
Descrição: Garoto tristonho De pés encardidos,

Garoto tristonho
De pés encardidos,
Barriga de fora
E sujo o nariz,
Chutando cascalhos
Na estranha poeirenta:
Que quadro pungente
De infância infeliz!

Refrão: É João-ninguém,
Ajude-o a ser
Um homem de bem!

Enquanto na mesa
Dos ricos, sobeja
A carne, a cerveja
Do farto quinhão,
Seu mundo é um barraco
Na beira da sanga,
Sem flor, sem carinho,
Sem leite e sem pão.

Se a dor da pobreza
A mente escurece,
A alma embrutece,
Afasta do amor,
Eu peço ao menino
De olhar desconfiado
Que busque sem ódio
Da vida o valor.

- Composição classificada em 2º lugar no Festival da Canção de Espumoso, em 1983.

Data : 01/01/1985

Título : CALVÁRIO

Categoria: Poesia

Descrição: Desde que Cristo santificou o monte, nutrindo a esterilidade do chão

CALVÁRIO

Desde que Cristo santificou o monte,
nutrindo a esterilidade do chão
com a seiva vigorosa do seu sangue,
toda dor que castiga o homem
leva a eficácia do fertilizante,
fazendo germinar sobre o calvário
verdejantes ramos de esperança.

Do livro

Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : FACETAS DO AMOR TRAÍDO

Categoria: Poesia

Descrição: Muitos poetas versejaram sobre a desilusão do amor.

FACETAS DO AMOR TRAÍDO

Muitos poetas versejaram
sobre a desilusão do amor.
Algum deles terá afirmado
que ela tem o amargor do fel,
a exalação fétida dos esgotos,
a desolação de uma hecatombe?

Do livro

Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : DERROCADA
Categoria: Poesia
Descrição: Os sentimentos de fé e esperança

DERROCADA

Os sentimentos
de fé e esperança
que se aninhavam
nas suas entranhas,
ela abortou inconsolável
após longa e sofrida gestação.
E o sangue estéril
que não gera nem brota
inundou de repente
o caminho solitário
da desesperança letal.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : O ADVENTO DA FELICIDADE
Categoria: Poesia
Descrição: Eis que a felicidade bate à porta! Em seus cabelos,

O ADVENTO DA FELICIDADE

Eis que a felicidade bate à porta!
Em seus cabelos,
o perfume das pitangas maduras...
Nas vestes,
o frescor dos campos relvados ...
Nos olhos,
o infinito das distâncias percorridas ...

Entre, amiga!
Encontrará à sua espera
um coração adornado de estrelas,
braços estendidos como galhos de gerânio,
um corpo incandescente de paixão ...

Fique pra sempre,
a casa é sua!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : SALMO DO RIO
Categoria: Poesia
Descrição: A minha vida é como um rio, cheia de abismos

SALMO DO RIO

A minha vida é como um rio,
cheia de abismos
e catadupas melodiosas,
de calhaus
e pérolas alvacentas.

Nela há momentos límpidos
em que a alma desliza suavemente
como um barco em dia de calmaria.
E há horas nebulosas
em que o espírito se afoga
no fosso pantanoso da amargura.

As águas, no entanto,
continuam seu percurso,
encobrendo impassíveis
o que se passa nos pélagos.

Senhor,
quão diferente é a superfície
que todos percebem
das profundezas
que só tu conheces!

É para o rio da minha vida
que te suplico esta graça:
que ele escoe sempre águas transparentes
sem contágio das suas oscilações!
Que ele sacie a todos
com a, generosa torrente do sorriso,
e prossiga confiante o seu caminho
em demanda da foz

que és tu, Senhor!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : A ENSEADA DA PAZ
Categoria: Poesia
Descrição: No remanso da alma depurada

A ENSEADA DA PAZ

No remanso da alma
depurada
no crisol de constante
provação,
realiza-se a simbiose
cobiçada,
origem da mais lúdica
emoção.

E o vetusto poder
dessa alquimia,
transformando a cicuta
em erva boa,
faz emergir da vã
filosofia
a canção jubilosa
que abençoa.

O cordeiro da paz
ao ressurtir,
põe em fuga o chacal
ameaçador,
conduzindo os convivas
do porvir
ao ágape supimpa
do amor.

Nesse banquete, a alma
retempera
a bravura que não teme
a própria morte,
e alenta suas façanhas
nessa guerra

em que a paciência lhe suaviza
a dura sorte.

A paz é fortuna
inapreciável,
régio penhor de nobreza
e perfeição.
Nasce nos flancos da virtude
mais durável,
do homem é a estupenda
redenção.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : PARÁBOLA DA FRUSTRAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Da teta do pranto poreja a saudade

PARÁBOLA DA FRUSTRAÇÃO

Da teta do pranto
poreja a saudade
do tempo risonho
que foi sem retorno.

A Vênus fidalga
de esbelta linhagem
perdeu seu reinado
de amor e prazer.

Na gota do sêmen
que gera a delícia
morreu a existência
que já não é mais.

A grama virente
cheirando a esperança,
deixou de ser palco
do enlace febril.

No bico dos seios
sugados, premidos,
derrama-se o leite

da desolação.

Sereia cantando,
nadando em volúpia,
no mar das tormentas
seu canto afundou.

No ninho deserto,
carente de afeto,
que boda frustrada!
Que pândega vã!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : PROFECIA MILENAR

Categoria: Poesia

Descrição: Lição fecunda das escrituras:

PROFECIA MILENAR

Lição fecunda
das escrituras:
houve o período
das vacas gordas

quando os colegas
eram amigos,
quando os amigos
eram irmãos.

Caramanchões
de três-marias,
com sua textura
de cor lilás,

sobrepairavam
os passadouros,
entrelaçando
as amizades.

Houve prestígio,
houve honraria,
leite abundante

das vacas nédias.

Mas sina ingrata,
na encruzilhada,
feito despacho
de bruxaria,

deu a guinada
mais surpreendente
que fez a fada
tornar-se monstro.

O pódio altivo
desmoronou-se.
E as vacas magras
indesejadas,

espectro horrendo,
cor de vertigem,
chegaram todas
de uma só vez.

Foram-se as glórias!
Foram os louros!
Foram-se os anos
de aplausos fartos

e de roldão
foram levando
aos pantanais
da indiferença,

com grande acinte
tantos amigos
que eram da onça
mais que do peito.

Toda uma vida
de devoção
a nobres causas
ruiu por terra,

celeremente,
qual cordilheira
que a dinamite
faz implodir.

O esquecimento
- dragão mordaz –
quando abocanha

carnuda presa,

só deixa o rastro
enxovalhado
do que já foi
grandiloqüente.

E as escrituras
assim se afirmam:
à abastança
segue a penúria,

cumprindo à risca
ritual prescrito
desde o começo
da criação.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : FANTASMAS DA SOLIDÃO

Categoria: Poesia

Descrição: Que nojo no bojo do tédio,

FANTASMAS DA SOLIDÃO

Que nojo
no bojo
do tédio,
no assédio
do corvo
- que estorvo! -
de ventas
ranhentas !

Que aleijo
este beijo
da boca
tão louca,
no açoite
da noite
sem sono,
sem dono!

Vampiro
é o suspiro
que engasga
e se rasga,
chupando,
violando
o canto
do pranto ...

Que zorra
a modorra
visguenta,
sebenta,
no charco
tão parco
do leito
desfeito!

Que ranço
há no lanço
da lesma,
sua gosma
que cruza,
lambuza
o sonho
tristonho I

O feto
do afeto
no ventre
doente,
já exangue
- sem sangue –
sumiu,
exauriu ...

Lamento
cruento
da morte
consorte
se espalma
na alma,
que chora,
deplora ...

O casco
nefasto
do jugo
verdugo,
o encanto

- quebranto –
pisou,
esmagou ! ...

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : ALELUIA
Categoria: Poesia
Descrição: Venci a batalha, venci o degredo.

ALELUIA

Venci a batalha,
venci o degredo.
Calquei a esfinge
do desespero.
Domei a carne
concupiscente,
prostrei a gana
da rebeldia.

O pelourinho
e as chibatadas
de cicatrizes
as mais profundas,
não conseguiram
a minha alma
pela opressão
aniquilar.

Fui algemada,
fui prisioneira.
Fui condenada
sem ter delito.
E os estrepes
da ignomínia
senti no peito
como um punhal.

Nos mangues sujos
que me obrigaram
a percorrer
vezes sem conta,

em cada passo,
com dor trilhado,
vi florescerem
violetas mil.

A cidadela
de pedra e barro
com que das lanças
me protegi,
nem os desdouros
e as liças todas
foram capazes
de destruir.

Nem mesmo pôde,
dos meus queridos
a incompreensível
incompreensão,
desmantelar
nobres valores
entesourados
no meu farnel.

E as tantas noites
tão mal dormidas
frutificaram
belos poemas,
como cerejas
já sazoadas
caindo rubras
sobre o papel.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : ALMA GAÚCHA
Categoria: Letras de Música
Descrição: O sol que brilha, O rio que corre,

ALMA GAÚCHA

Homenagem ao torrão gaúcho, no Sesquicentenário da Revolução Farroupilha.

O sol que brilha,

O rio que corre,
O verde ameno
do matagal,
cantam unidos
o amor do povo
pelo seu guapo
torrão natal.

Nosso Rio Grande,
um berço amigo
sempre cultuando
sua tradição,
impõe respeito
e mostra o exemplo
dos que morreram
por este chão.

Cada gaúcho
tem dentro dalma,
qual chama acesa,
o brio, a fé.
E os vastos campos
desta querência
são a esperança
que os traz de pé.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : O ICM
Categoria: Letras de Música
Descrição: Ó povo leal e amigo do nosso Rio Grande amado,

O ICM

Ó povo leal e amigo
do nosso Rio Grande amado,
cantemos neste poema
o imposto do nosso estado.

Refrão: Pegue a sua compra e o seu talão,
vamos controlar a arrecadação!

Nós todos o conhecemos
pelo nome de ICM ,
no barco do bem comum
é ele que rege o leme.

Escolas e rodovias,
saúde e habitação,
são prêmios do ICM
a toda a população.

Brinquedo, calçado e roupa,
os discos de som legal,
você é quem paga o imposto,
exija a nota fiscal.

Gaúcho é quem participa
no campo ou na cidade,
do esforço do seu governo
buscando a prosperidade.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : JOÃO-NINGUÉM
Categoria: Letras de Música
Descrição: Garoto tristonho De pés encardidos,

JOÃO-NINGUÉM

Composição classificada em 2.º lugar no Festival da Canção de Espumoso, em 1983.

Garoto tristonho
De pés encardidos,
Barriga de fora
E sujo o nariz,
Chutando cascalhos
Na estrada poeirenta:
Que quadro pungente
De infância infeliz!

Refrão: É João-ninguém,
Ajude-o a ser
Um homem de bem!

Enquanto na mesa
Dos ricos, sobeja
A carne, a cerveja
Do farto quinhão,
Seu mundo é um barraco
Na beira da sanga,
Sem flor, sem carinho,
Sem leite e sem pão.

Se a dor da pobreza
A mente escurece,
A alma embrutece,
Afasta do amor,
Eu peço ao menino
De olhar desconfiado
Que busque sem ódio
Da vida o valor.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : VOCÊ QUE É MESTRE

Categoria: Letras de Música

Descrição: Você que é mestre, meu professor, olho em seus olhos com muito amor.

VOCÊ QUE É MESTRE

Homenagem ao meu alfabetizador e primeiro professor, Eduardo Becker Cordeiro.

Você que é mestre, meu professor,
olho em seus olhos com muito amor.
Vejo em sua frente, viril e audaz,
o suor da luta gerando a paz.

Refrão: Tenho você
por professor,
bendigo a Deus
por este dom.

Você que é mestre, meu professor,
pego em suas mãos da cor do giz
e sinto a força do meu país
correr suas veias levando ardor.

Você que é mestre, meu professor,
chamo seu nome: Vem me escutar!
Pois na cartilha do bem viver
eu tenho tanto para aprender!

Você que é mestre, meu professor,
beijo sua face pra segredar
que lhe agradeço e lhe quero bem,
e almejo as glórias do herói também.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : CARRETEIRO DOS PAMPAS

Categoria: Letras de Música

Descrição: Carreteiro que saís pela estrada Enfrentando os guascaços da sorte,

CARRETEIRO DOS PAMPAS

Carreteiro que saís pela estrada
Enfrentando os guascaços da sorte,
Levas nalma o vigor do pampeiro
Que te faz este qüera tão forte.

Refrão: Vai feliz pelos bretes,
Carreteiro da vida!
O forró do regresso
Vale a dor da partida.

Teu sinuelo é o cruzeiro divino
Que reponta no céu quando há treva;
E te mostra o carreiro seguro
Que à porteira esperada te leva.

Com o peso da carga no lombo,
Ao perigo da incerta aventura;
Sempre curtos os cobres e as pilchas.
Campereada tão rude e tão dura!

Óleo diesel, pneu, oficina,
Sobe o cerro em veloz disparada:
Vão mingando o dinheiro e a esperança,
Já há cabra estourando a boiada.

Mesmo assim tu cavalgas contente
Carregando as riquezas do pago,
Pois te espera, ao final da invernã,
O calor da chinoca e do trago.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : ELE SÓ PEDE AMOR

Categoria: Letras de Música

Descrição: Não basta respirar o ar da vida, Não basta ter o amparo da família,

ELE SÓ PEDE AMOR

Dedicada a todas as crianças excepcionais e a todas as APAEs, pelo grandioso trabalho que realizam.

Não basta respirar o ar da vida,
Não basta ter o amparo da família,
È gente como a gente esta criança
Que o mundo considera excepcional.

Refrão: "Dar ao ser limitado
Um amor sem limites"
É um princípio essencial
De vivência cristã.

Precisa muito mais do nosso afeto,
Merece muito mais nosso respeito
Aquele que é indefeso e relegado,
Sem luz para sua mente conduzir.

Sorriso que é um punhado de esperanças,
Fraqueza que é um exemplo de bravura,
A infância que ele vive plenamente
transforma em carrossel seu coração.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : SENTINELA DO PROGRESSO

Categoria: Letras de Música

Descrição: Espumoso do rio companheiro Que este nome lhe deu com prazer;

SENTINELA DO PROGRESSO

Espumoso do rio companheiro
Que este nome lhe deu com prazer;
Povo amigo que acolhe os estranhos
Com real simpatia e bem-querer.

Refrão: Parabéns por teu sucesso,
*Sentinela do progresso!

Nobre solo de encostas floridas
Onde o sol ilumina os pomares;
Magna terra de fartas colheitas
Que abastecem a mesa dos lares.

Com seu parque de indústrias nascente
Já percorre um caminho seguro;
Município de extensas represas
Acionando a energia do futuro.

* Slogan oficial do município.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : CANÇÃO DO ESTUDANTE

Categoria: Letras de Música

Descrição: Nossa vida estudantil - que primor! Dias cheios de prazer e de amor!

CANÇÃO DO ESTUDANTE

Nossa vida estudantil - que primor!
Dias cheios de prazer e de amor!
Nós vivemos a cantar, a cantar
Pois gostamos de folgar, de folgar,
Nosso lema sempre foi: bagunçar, bagunçar, bagunçar I

Mas na vida há também - como não?

Horas negras como breu - quais serão?
Essas provas de arrombar, de arrombar
Notas dando mal-estar, mal-estar,
Nosso lema então mudou: melhorar, melhorar, melhor I

Eis que o tempo vai num zás - deixem ir!
Precisamos preparar o porvir,
Nossa escola quer-nos ver, quer-nos ver,
Jovens aptos a vencer, a vencer,
Nosso lema agora é: estudar, estudar, estudar!

Quando a hora então soar - há de vir!
De dizer o nosso adeus e partir,
Nós iremos sem temer, sem temer
Ancorados no saber, no saber,
Nosso lema então será: avançar, avançar, avançar!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : HINO DO CINQUENTENÁRIO DE CARAZINHO

Categoria: Letras de Música

Descrição: CARAZINHO de heróis, no passado, Que forjaram os seus ideais

HINO DO CINQUENTENÁRIO DE CARAZINHO

Hino oficial do Cinquentenário por ter sido vencedor do concurso, realizado pela Prefeitura Municipal de Carazinho, em 1981.

Refrão: CARAZINHO querido da gente,
Este hino te fala por nós,
Festejamos teu Cinquentenário,
Com orgulho no peito e na voz.

CARAZINHO de heróis, no passado,
Que forjaram os seus ideais
Na extensão infinita dos campos,
Na imponência dos teus pinheirais.

CARAZINHO que agora se expande
No horizonte das granjas sem fim,
Onde espigas douradas se abrem
E te acenam riquezas assim.

CARAZINHO, porvir de promessa,
Nobre herança de teus ancestrais,
O teu povo brioso assegura
Ajudar-te a crescer inda mais.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : A ALEGRIA DA UNIAO
Categoria: Letras de Música
Descrição: Como faz bem ao coração da gente Se divertir em fraternal união!

A ALEGRIA DA UNIAO

Como faz bem ao coração da gente
Se divertir em fraternal união!
A amizade é uma riqueza imensa
Que a todos enche de satisfação.

Refrão: A nossa turma
é um grupo assim:
aproveitando
suas horas de lazer
revigora a energia
e a alegria de viver.

Não só o trabalho dignifica o homem,
O passatempo também o faz,
Pois só trabalha com real proveito
Quem preza o alento que o descanso traz.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : ESCOLA EM PRECE
Categoria: Letras de Música
Descrição: Erguemos nossas mãos em suplicante prece.

ESCOLA EM PRECE

* Escola Normal N. S. da Pompéia, localizada em Tapera, hoje E. E. de 2.º Grau N. S. Imaculada.

Erguemos nossas mãos
em suplicante prece.
Aceita, te rogamos,
os nossos dons, Senhor.

A escola* que aqui vês
formando novos mestres,
a ti, Mestre divino,
consagra sua missão.

Suas metas são grandiosas,
sua lida é fatigante.
Não deixes de prover-lhe
o brilho de tua luz.

Os mestres, os alunos,
te entregam seu estudo,
pra que no altar se mude
em hino de louvor.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : HINO DO GRÊMIO ESTUDANTIL

Categoria: Letras de Música

Descrição: O Grêmio é a turma de nossa escola

HINO DO GRÊMIO ESTUDANTIL

Homenagem ao GEND - Grêmio Estudantil
Notre Dame, de Passo Fundo, do qual fui orientadora.

O Grêmio é a turma
de nossa escola
que busca unida
um belo ideal:
Sorrir ao mundo,
cantar à vida,
numa mensagem

de amor e paz.

É nosso lema:
Honrar o estudo,
premiar o esporte,
ter fé em Deus.
Com garra e fibra
trabalha o Grêmio,
pois o estudante
quer promover.

Nós almejamos
um mundo novo
sem preconceitos,
sem desamor,
onde as estrelas
tracem caminhos
de luz e glória
pra todos nós.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : GAROA AMIGA
Categoria: Letras de Música
Descrição: Na densa neblina que encobre o horizonte,

GAROA AMIGA

Na densa neblina
que encobre o horizonte,
a garoa vem chegando
no prado e no monte.

Refrão: Ó garoa tranqüila,
tua faina é sem par!
És bem-vinda no vale,
No jardim, no pomar.

Reverdece os arbustos,
faz a vida surgir,
purifica os gramados,
manda as flores sorrir.

No aconchego da noite,
com seu manto irizado
ela afaga graciosa
chaminés e telhados.

É um bênção divina,
vem do céu a garoa!
Faz-se linda e amiga
de tão alva e tão boa.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : INFÂNCIA BASTARDA
Categoria: Letras de Música
Descrição: São meninos criados a esmo, sem um pai e uma mãe para amar,

INFÂNCIA BASTARDA

São meninos criados a esmo,
sem um pai e uma mãe para amar,
nos casebres que sobem os morros,
onde falta o carinho do lar.

Refrão: Ele também é irmão,
estendamos-lhe a mão!

Mal cheirosos, de roupa engraxada,
pés grudando na lama do chão;
nos olhinhos o medo, estampando
a descrença do seu coração.

Nas favelas ao longo da estrada,
semelhantes à fila de, um trem,
falta luz, alimento e agasalho,
falta escola e remédio também.

Já que a vida não guarda esperanças
a essa infância bastarda e sem grei,
imploremos a Deus que a preserve
da violência de um mundo sem lei.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : MEU PAI - O MELHOR DO MUNDO

Categoria: Letras de Música

Descrição: Oh ! como gosto do querido papaizinho que trabalha dia e noite

MEU PAI - O MELHOR DO MUNDO

Refrão: Não há, ó gente,
oh! não, um homem
como é meu pai!

Oh ! como gosto do querido papaizinho
que trabalha dia e noite
pelo nosso bem-estar.
Ele é sempre tão gentil e prestimoso
pra nós todos, bem merece
ser o rei de nosso lar.

Mal surge o dia ele já salta da cama
e se vai para o trabalho
com o pensamento em nós.
Ao recordar tanta bondade e tanto afeto
nosso coração se inflama
e se embarga nossa voz.

Pode estar certo, ó meu paizinho idolatrado,
que teus filhos são um leque
de ventura a teu redor.
Teus benefícios são um livro de espessura
incalculável, que nossa alma
guardará sempre de cor.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : HINO DO CINQUENTENÁRIO DO PRINCESA ISABEL

Categoria: Letras de Música

Descrição: Nossa escola, o Princesa Isabel, Sentinela do bem, da verdade,

HINO DO CINQUENTENÁRIO DO PRINCESA ISABEL

Hino oficial do Cinquentenário da E. E. de 1.º Grau Princesa Isabel, de Carazinho, comemorado em 1978.

Nossa escola, o Princesa Isabel,
Sentinela do bem, da verdade,
Resplandece com letras de ouro
Na história de nossa cidade.

Refrão: Somos hoje uma família
Ao redor de tua mesa,
Recordando com orgulho
Um passado de nobreza.
Continue imperecível
Tua glória, ó Princesa.

Gerações de estudantes passaram
Os portais desta casa de ensino,
Descobrimo na alma dos mestres
As lições de um obreiro divino.

Repartindo o teu pão da cultura
A este povo que educas com fé,
Dás à pátria homens bravos e fortes
Que a defendem com armas até.

E no marco de luz que se acende
Nesta data na tua trajetória,
Brilhe sempre o amor e o carinho
Que mereces por tanta vitória.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : VIDA CAMPESTRE

Categoria: Letras de Música

Descrição: De saudável otimismo O amanhecer na campanha

VIDA CAMPESTRE

De saudável otimismo
O amanhecer na campanha

Nos inunda o coração.

Nas encerras e mangueiras
Os animais despertam
Dando bom-dia ao sol.

O gado busca no pasto
Prateado pelo sereno,
O capim pra ruminar.

Centenas de passarinhos
Fazem concerto nos ramos
Com seu trilo matinal.

Ao longe se escuta o arroio,
Tocando na sua cordeona
A conhecida canção.

No curral magem as vacas,
No terreiro canta o galo,
Late o cão junto ao portão.

O orvalho brilha nas sebes,
O leite espuma nos baldes,
No bule exala o café.

E no galpão a peonada,
Na cuia, brinda o amargo
Que passa de mão em mão.

Que doce o frescor do bosque!
Que belo o cerro ondulado!
Que cheiro bom neste chão!

Renasce a esperança nalma
Do gaúcho e do Rio Grande,
Na glória deste torrão.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : TERRA PRODIGIOSA

Categoria: Letras de Música

Descrição: O esforço de um povo, Num pacto profundo,

TERRA PRODIGIOSA

Dedicada a Espumoso, minha terra natal, no seu aniversário - 1984.

O esforço de um povo,
Num pacto profundo,
Se uniu a este solo
Tão rico e fecundo.
Então um milagre
Aqui se operou:
Em ricas searas
A planta brotou.

Refrão: Boa terra, de safra abundante,
O Rio Grande se orgulha de ti !
Nas lavouras que enfeitam tuas plagas,
Um glorioso futuro sorri.

É a bênção divina
No silo e na mesa.
É o saldo no banco
Somando riqueza.
Da várzea à colina
Os grãos se abrirão,
Gerando grandeza
A toda a nação.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : FELIZ ANIVERSÁRIO

Categoria: Poesia

Descrição: Trazer-te venho, mui prezada amiga, A minha saudação por este dia.

FELIZ ANIVERSÁRIO

Trazer-te venho, mui prezada amiga,
A minha saudação por este dia.
Tu sabes bem que a gente não esquece
Aqueles que nos trazem alegria.

Os votos de feliz aniversário
Elevo ao céu em forma de oração,

Rezando a Deus por toda a tua família,
Pedindo sua graça e proteção.

Aceita o meu abraço fraternal
Como expressão da mais pura amizade,
E seja ele o prenúncio radioso
Do meu desejo: a tua felicidade.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : A MÚSICA
Categoria: Poesia
Descrição: É um sopro divino que as noites da vida

A MÚSICA

Homenagem a Gabriela que fez da música a razão de sua vida.

É um sopro divino
que as noites da vida
desfaz qual aurora
surgindo no além.
É um bálsamo alente
que as dores suaviza
e o pranto da morte
enxuga também.

O ancião sente os anos
voltarem no tempo,
ao diáfano som
que se espalha no ar.
O jovem se inflama
e agita o ambiente,
ouvindo a guitarra
estridente tocar.

A música é arte
que brada, que geme,
na paz e . na guerra
recebe o troféu.
Nasceu pra espalhar
e curtir a alegria,
aquela que é sempre

um pedaço do céu.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : SONHEI COM VOCÊ, MAMÃE

Categoria: Poesia

Descrição: Sonhei que era o cofre – você o tesouro,

SONHEI COM VOCÊ, MAMÃE

Sonhei que era o cofre –
você o tesouro,

que era a moldura –
você o quadro,

que era o peito –
você a medalha.

Sonhei que era o estojo –
você a jóia,

que era a torre –
você o fanal,

que era o frasco –
você o perfume.

Sonhei que era a pedra –
você o obelisco,

que era o órgão –
você a música,

que era a coroa –
você a rainha.

Você é isso tudo
e muito mais ...
Sonhar com você
é bom demais!

Do livro

Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : ODE AO POEMA

Categoria: Poesia

Descrição: O poema é um dom divino que nos enche de prazer.

ODE AO POEMA

Dedicada aos novéis poetas espumososenses, Agostinho e Rovená.

O poema é um dom divino
que nos enche de prazer.
Enobrece os sentimentos,
dá colorido ao viver.

Nos versos de cada poeta
vibra a alma popular.
Desatam flores nos lábios
que se abrem pra recitar.

A infância, ele descontraí;
ao jovem, transmite ardor;
reanima o brio da velhice,
a todos inspira amor.

Alma nobre a do poeta,
o nosso aplauso merece:
Vê grandeza na humildade,
faz da rima a sua prece.

O céu e a terra se unem
em consonância suprema.
Até mesmo o riso e o pranto
se harmonizam no poema.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : ANGELINA

Categoria: Poesia

Descrição: Era um vaso de flor dentro de casa, Um cheiroso buquê de bem-me-quer.

ANGELINA

Era um vaso de flor dentro de casa,
Um cheiroso buquê de bem-me-quer.
Quando a relembro, a emoção me abrasa,
Pois foi exemplo digno de mulher.

Qual faroleiro sempre esteve alerta
Sobre o excelso penhasco dos afetos;
Qual pomba-rola, sob a asa aberta,
Disposta a agasalhar filhos e netos.

Jamais esqueças, anjo tutelar,
A prece que esta filha vem rezar
À tua alma já na eternidade:

Protege, santa mãe, nossa família,
Leva-nos todos a seguir a trilha
Em que semeaste com fé tanta bondade!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985

Título : A MERENDA ESCOLAR

Categoria: Poesia

Descrição: Leite aveia chocolate bolo

A MERENDA ESCOLAR

Leite
aveia
chocolate
bolo
sopa
mandolate,
aí vem o pelotão da saúde
desfilando em nossa classe!
Todo mundo sorridente,
é hora da refeição.
A escola é uma boa mãe

deliciando a gurizada
com quitutes nutritivos
que robustecem o corpo
e desenvolvem a mente.
Vitaminas
proteínas
complexos
e muitos sais,
é o Brasil crescendo forte
de livro e lápis na mão.
Que lanche mais saboroso
que nos conserva saudáveis
e nos impele a cantar!

Saudemos com alegria
esta data bem bolada
que comemora a Semana
da Alimentação Escolar!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : 21 de abril -Sol encoberto
Categoria: Poesia
Descrição: Tiradentes foi um bravo, Um homem de real valor.

21 DE ABRIL

Tiradentes foi um bravo,
Um homem de real valor.
Conspirou a Inconfidência
Por um ideal superior.

Naquele tempo o Brasil
Era colônia modesta
De Portugal, senhor nosso,
Como a própria História atesta.

Tornar o Brasil mais forte,
Uma pátria independente,
Era o desejo do mártir,
O inditoso Tiradentes.

O seu feito de coragem,

Sua combativa energia,
Lançaram na terra o germe
Da liberdade tardia.

E trinta anos depois
Ela surgiu varonil,
Consolidando a mensagem
Do dia 21 de Abril.

Somente o bom cidadão
A sua pátria constrói.
Cabe a cada brasileiro
Seguir o exemplo do herói.

Cultuemos a liberdade
Que o mártir pra todos quis!
Viva o nobre Tiradentes
Na história deste país!

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1985
Título : O NOME DO BRASIL
Categoria: Poesia
Descrição: Ó Brasil, o teu nome está escrito no céu,

O NOME DO BRASIL

Ó Brasil, o teu nome
está escrito no céu,
onde a lua e as estrelas
- todos gostam de vê-las –
lembram teu futebol.

Ó Brasil, o teu nome
está escrito em teus rios,
no caudal de suas águas,
na sua força estupenda
e sua fauna sem par.

Ó Brasil, o teu nome
está escrito no chão,
nas jazidas preciosas,
na floresta intrincada

que te vara o sertão.

Ó Brasil, o teu nome
está escrito no amor
de tua gente, milhões
de leais corações
que se orgulham de ti.

Do livro
Sol Encoberto

Data : 01/01/1996
Título : VELHICE
Categoria: Poesia
Descrição: No tálamo do tempo o estupor engravida

VELHICE

No tálamo do tempo
o estupor engravida
a nostalgia donzela.

E ela, de barriga
ainda corre no encalço
da utopia rarefeita que
a um sonho esgarçado
se liga
e se atrela.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Da Revista
Água da Fonte n° 4

Data : 01/01/1996
Título : ULTRAJES
Categoria: Poesia
Descrição: O lampejo da lua recua

ULTRAJES

O lampejo da lua
recua
ao ultraje do urso
solar.

O estoicismo da esfinge
restringe
o ditoso desejo
de amar.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : FILHOS

Categoria: Poesia

Descrição: Sementes do amor que parecia eterno

FILHOS

Sementes do amor
que parecia eterno
mas que, de fato, eternizou
apenas o momento.

Flores dos mais diversos
matizes e fragrâncias;
diversidade que harmoniza
a mútua convivência.

Fruros maduros de surpresas:
Uns mais doces
outros mais azedos.

Mas sempre frutos deleitosos
E ricos de sabores.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : NANISMO

Categoria: Poesia

Descrição: O nanismo é uma enfermidade tanto física como mental.

NANISMO

O nanismo é uma enfermidade
tanto física como mental.

Quem não quiser
ser a próxima vítima
pense grande e exorcise
sua tendência animal.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : ESCATOLOGIA

Categoria: Poesia

Descrição: Escatologicamente falando não existe redenção

ESCATOLOGIA

Escatologicamente falando
não existe redenção
para as fantasias.

Prisioneiras
de sentenças extremas
em fila indiana
unidas por algemas
vão às lides forçadas
silenciosas
arredias.

O tropeço de uma
Põe todas elas por terra.
Inditoso fim
de um batalhão de renegadas!

De nada serviu
garimparem quimeras
e erigirem pontes
pra ligar estradas.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : VINGANÇA
Categoria: Poesia
Descrição: Trago nas mãos ensangüentadas o cansaço

VINGANÇA

Trago nas mãos ensangüentadas
o cansaço
de socorrer as vítimas
da estupidez.

Que a náusea do sangue
e do fracasso
condene à asfixia
sua mesquinhez.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : CONTRASTES
Categoria: Poesia
Descrição: No banhado há ratazanas maliciosamente instaladas

CONTRASTES

No banhado há ratazanas

maliciosamente instaladas
cujos olhos ofuscam
as cintilações periféricas.

Viscosas, escorregadias
perseguem as marrecas
e obrigam as gaivotas
a retiradas estratégicas.

Esbulhadas dessa forma
as princesas do charco
reduzem seus encantos
a condições cadavéricas.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : AMOR MADURO
Categoria: Poesia
Descrição: Quem disse que o amor é melhor na mocidade

AMOR MADURO

Quem disse que o amor
é melhor na mocidade
desconhece, por certo
a beleza dessa idade
que brilha como a noite
prateada de lua e majestade.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : FAXINA ESOTÉRICA
Categoria: Poesia
Descrição: O frisson das gotas despencando dos beirais.

FAXINA ESOTÉRICA

O frisson das gotas
despencando dos beirais.
Lágrimas vertidas
sobre as velhas telhas.
Abrasivos celestiais
limpando a terra
de suas bolhas cáusticas
vermelhas.
E drenando seus abscessos
pútridos
letais.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : LIBERDADE AZUL

Categoria: Poesia

Descrição: Pássaro de asas multiformes voa o pensamento

LIBERDADE AZUL

Pássaro de asas multiformes
voa o pensamento
pela amplidão.
Livre, buliçoso, anarquista.

Faz proezas no circo
o exímio trapezista.
Escala os Alpes
sobrevoa os pólos
abre trincheiras em savanas
dá rasantes no solo.

Gaiola aberta
alçapão desarmado.
Tirando algum consegue
mantê-lo aprisionado.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”

Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : FILOSOFANDO

Categoria: Poesia

Descrição: Dizer que a batalha não valeu a pena

FILOSOFANDO

Dizer que a batalha
não valeu a pena
porque os louros são poucos
e a conquista, módica
na filosofia dos doutos
é uma ilusão de ótica.

No haras do cotidiano
a vitória se avalia
pela altivez e maestria
no transpor as raias.

Nunca pela aposta formal
registrada no placar
que pode apenas representar
um rabo de foguete
criado pela fantasia.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : NINHO DE MORCEGOS

Categoria: Poesia

Descrição: O bolor que se cria no quarto em que apodrece

NINHO DE MORCEGOS

O bolor que se cria no quarto

em que apodrece
a relação espúria e desgastada
encobre o ninho dos morcegos
que se sugam
e adensa as teias que emaranham
os silêncios desses corpos
descobertos e despídos
da paixão que já foi lume
e, precocemente, se extinguiu.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : MULHER NOTA DEZ
Categoria: Poesia
Descrição: Riso de menina finesse de mulher.

MULHER NOTA DEZ

Riso de menina
finesse de mulher.

Quem foi que conseguiu
fazer-te assim tão bela
tão têmpera de aço
tão brilho de diamante?

Mulher de meia-idade
que é vigor
e é brandura;
que é carne
e mente pura;
tu tens a sincronia
das feras no cio
das garças no balé.

Que sejas sempre noite!
(Com seu encanto e mistério.)
Que sejas sempre dia!
(Com sua vitalidade e energia.)
E não se apague nunca
o facho da tua fé!

Do III Volume da
"Trilogia da Esperança"
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : CIDADE VIVA
Categoria: Poesia
Descrição: Toc-toc de saltos na calçada. Ron-ron de motores no semáforo.

CIDADE VIVA

Toc-toc de saltos na calçada.
Ron-ron de motores no semáforo.
Neons convidando às compras.
Pregoeiros anunciando
queda de ministro.

A cidade tem alma como a gente.
Ama e sente. Canta. Chora e ri.
Um grande "shopping center"
transbordando de vitrines.

Muito mais para Paris do que Madrid.

Do I Volume da
"Trilogia da Esperança"
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : O CUPIM
Categoria: Poesia
Descrição: Que bichinho mais sacana e mais voraz!

O CUPIM

Que bichinho mais sacana
e mais voraz!
Quando amoita na madeira
vai minando ... corroendo ...
Betoneira silenciosa

e eficaz.

Seu trabalho é persistente
invisível, lapidar.
E a gente só percebe
o estrago que ele faz.

Eis que um dia
toda a casa vira pó.
E o bichinho mastodonte
fica sem onde morar.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : O AMOR E A RAZÃO
Categoria: Poesia
Descrição: O amor entra alma a dentro sorrateiro, qual bocejo

O AMOR E A RAZÃO

O amor entra alma a dentro
sorrateiro, qual bocejo
que tremula na janela
a cortina, de manhã.

A razão foge às pressas
do seu ninho profanado.
Sai voando em mar aberto
como voa a jaçanã.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : SUPERAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Nos sulcos da trincheira aberta pelos medos

SUPERAÇÃO

Nos sulcos da trincheira
aberta pelos medos
a seiva do antigo viço
jorra aos borbotões.

Já agora se excitam
os segredos
para dançar a valsa
da apoteose
com a rainha dos salões.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : CAUSAS E EFEITOS
Categoria: Poesia
Descrição: O vinho toma o caminho do cérebro.

CAUSAS E EFEITOS

O vinho
toma o caminho do cérebro.
O leite
segue em direção do estômago.

Por que será .
que fazem travessias opostas?

É do bom senso
que vem a explicação:
enquanto um nutre o corpo
o outro sacia o espírito.

Ufa! Que falta que me faz
nesse instante de lúbricas imagens
uma taça de nobre cabernet!

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : NOTURNOS
Categoria: Poesia
Descrição: O luar se insinua sobre a rua.

NOTURNOS

O luar se insinua
sobre a rua.

Nos poros insípidos
dos paralelepípedos.

Entre as moléculas da pedra
a noite medra.

Serpente viperina
dobrando a esquina.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : CÃO INFIEL
Categoria: Poesia
Descrição: Um cão .faminto ronda meu prato. Late insistente. Que, triste imagem!

CÃO INFIEL

Um cão .faminto ronda meu prato.
Late insistente. Que, triste imagem!
Sem "pedigree", que tinha outrora
é um cusco agora. Não tem linhagem.

Por ele sinto, no fim da história

pura piedade, só compaixão.
Cãozinho ingrato, não sei se devo
matar-lhe a fome com meu perdão.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : MENDIGOS
Categoria: Poesia
Descrição: Órfãos da prosperidade se encolhem

MENDIGOS

Órfãos da prosperidade
se encolhem
sob a marquise.
Andrajos fedorentos
corpos chagados
total letargo.

Será que pensam?
Será que sonham?

Nos coliseus modernos
as feras da indiferença
devoram sua dignidade.
O Estado é omissos.
É omissa a crença.
O povo é omissos.

E todos passam ao largo.

Afora a condição de homem
ninguém tem nada com isso.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : MISSÃO MATERNA
Categoria: Poesia
Descrição: Sou a faísca que acende seu olhar luminoso de criança.

MISSÃO MATERNA

Sou a faísca que acende
seu olhar luminoso de criança.

Sou a concha que recolhe
seu suspiro brejeiro de adolescente.

Sou o arco-íris que abençoa
seu orgasmo indômito de jovem.

Sou a bússola que norteia
sua travessia conturbada de homem.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : SUCATA
Categoria: Poesia
Descrição: Cheiro de ausência gosto de carestia.

SUCATA

Cheiro de ausência
gosto de carestia.
Aquele antiga nostalgia
que dia a dia me amola
e me enrola.

Cobra sucuri
apertando, espremendo.
No final (que esquisito!)
fico igual a um palito
de picolé.
Seca, dura, chata
amarga até.

Um pé-de-vento levou tudo embora:

a seiva, a polpa, o mosto.
Fiquei sem gosto.
Estou oxidada por dentro e por fora.

Uma sucata!

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : DEVANEIO
Categoria: Poesia
Descrição: A sombra já desrolhou a escuridão;

DEVANEIO

A sombra
já desrolhou a escuridão;
e tragou a derradeira
gota de luz.

Do devaneio as asas
ruflam na janela.
Pombo branco
mensageiro suave
pousa nela, sutilmente
sua fluidez de ave que
num átimo, liberta
ilusões confinadas
às grades do desencanto.

E o parapeito da janela
vira um palco e tanto:
Olhos de pombo
a irradiar primícias.
Plumas de pombo
a transudar afagos.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : ATRAÇÃO ECOLÓGICA
Categoria: Poesia
Descrição: Você, que tem a alma verde alguma vez reparou

ATRAÇÃO ECOLÓGICA

Você, que tem a alma verde
alguma vez reparou
no esplendor
da flor do alho?

Uma bola de cristal
ostentando filigranas
na corola cor-de-rosa.

Altaneira e empertigada
talo firme e proeminente
passa o dia de vigia
esperando, docemente
ser beijada pelo sol.

Hortaliças de mãos postas
e sementes genuflexas
reverenciam com respeito
a senhora dos quintais.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : DESTINO HUMANO
Categoria: Poesia
Descrição: Livre e leve como pluma a alma sobe inteira.

DESTINO HUMANO

Livre e leve como pluma
a alma sobe inteira.
Ruma ao infinito

que a seduz.

Lá, escuta a música dos astros.
Contempla das nuvens o bailado.
Aspira perfumes de alabastros
que os anjos aspergem pelo céu.

Depois, convidada pro banquete
em que o maná é o prato principal
senta à mesa dos eleitos
para provar da ceia celestial.

Ao cabo da jornada, finalmente
transpõe o umbral do paraíso
onde, transfigurada, sente
o aconchego do abraço de Jesus.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : ADEUS, SONHOS
Categoria: Poesia
Descrição: Na quermesse dos sonhos o artesão

ADEUS, SONHOS

Na quermesse dos sonhos
o artesão
de esmerado talento
expõe bugigangas
em tabuleiros de vento.

Passam nuvens
passam borboletas
fadas e ninfetas.

E os sonhos
talhados em névoa
brisa e perfume
se evolum com elas.

Vão enfeitar as lapelas
de sutis vaga-lumes.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : MINHA CONSCIÊNCIA, MEU GUIA
Categoria: Poesia
Descrição: Parei na sinaleira do destino

MINHA CONSCIÊNCIA, MEU GUIA

Parei
na sinaleira do destino
receosa
de prosseguir na contra-mão.
Tocou minha consciência
como um sino.
E encontrei
a mais sábia direção.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : FLOR DE SARJETA
Categoria: Poesia
Descrição: Entre os pedregulhos da sarjeta

FLOR DE SARJETA

Entre os pedregulhos
da sarjeta
a flor agreste espia
ouvindo a cantoria
dos insetos e vespas.

Moscas fazem a ronda
incansavelmente.
E a última gota de orvalho
-dama de companhia-
a postos, reverencia
e vela e sente.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : VIVA A ESPERANÇA!
Categoria: Poesia
Descrição: A carícia da luz que espia pela veneziana

VIVA A ESPERANÇA!

A carícia da luz
que espia pela veneziana
ao romper de cada aurora
insufla nalma (recolhida
ao conforto da alba
imprecisa e suspeita)
um sopro de alento
que a faz esperar
novamente
a inútil espera
de todos os dias .

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : CASAMENTO
Categoria: Poesia
Descrição: O casamento é aquela loteria

CASAMENTO

O casamento
é aquela loteria
em que não se pode perder
nem ganhar.

Para a sorte grande
lhe trazer alforria
você precisa é empatar.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : LÁGRIMAS BENFAZEJAS
Categoria: Poesia
Descrição: As nuvens choram um choro anti-séptico

LÁGRIMAS BENFAZEJAS

As nuvens choram
um choro anti-séptico
que se infiltra na terra.
Dissolve o esterco
das fossas. E filtra
o lodo das cacimbas.

Os homens choram
um choro profilático
que penetra na alma.
Dilui os coágulos
das veias. E afugenta
os agouros do infarto.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : CONSELHO AMIGO
Categoria: Poesia
Descrição: Tua vara não é de condão

CONSELHO AMIGO

Tua vara não é de condão
nem tu és fada-madrinha.

Vai à luta! Que o teu chão
é, sim, um campo de rinha.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : MIRÍADE
Categoria: Poesia
Descrição: Multiplica teus olhos em estrelas.

MIRÍADE

Multiplica teus olhos
em estrelas.
Ver-me-ás, à noite
te sorrir.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : JOGO
Categoria: Poesia
Descrição: Nessa altura do campeonato depois de pênaltis e goleadas

JOGO
Nessa altura do campeonato

depois de pênaltis e goleadas
tornei-me artilheira premiada.

O adversário em desvantagem
sem troféus nem medalhas
fracassou na batalha
perdendo a posição
de centroavante.

O escore, na verdade
foi de um a dez
desmitificando de vez
o tabu da fragilidade
que inferioriza a mulher.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : DESPEDIDA DO SONHO
Categoria: Poesia
Descrição: Dizer adeus ao sonho é o funeral mais triste

DESPEDIDA DO SONHO

Dizer adeus ao sonho
é o funeral mais triste
que se pode presenciar.

E carregar seu esquite
o mais trágico gesto
de desintegração e ruína.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : FAQUIRES
Categoria: Poesia

Descrição: O faquir dos anos crava suas espadas

FAQUIRES

O faquir dos anos
crava suas espadas
invariavelmente
no caixote mágico
de cada vida.

o ilusório gesto
desse humor insano
mostra as diferenças
mede a intensidade
com que as almas blindam
seu viver diário.

No destino farto
de idiosincrasias
umas se estraçalham
sucumbindo aos golpes.
Outras saem ilesas
mais fortalecidas
no diletantismo
de buscar o excelso.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : RENASCIMENTO

Categoria: Poesia

Descrição: Quando o coração soterrar por completo

RENASCIMENTO

Quando o coração
soterrar por completo
os escombros do egoísmo

o esturricado chão
recobrirá sua fertilidade.
Os córregos desnudarão

sobre as pedras
o candor da sua inocência.
As boninas semearão
nas várzeas
a paz orvalhada
em cada alvorecer.

E as nuvens
grávidas de benquerença
transbordarão os mananciais do amor
à saciedade
de todos os homens.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : HIPOCRISIA
Categoria: Poesia
Descrição: A ineficácia da sinceridade contra a pertinácia da hipocrisia

HIPOCRISIA

A ineficácia da sinceridade
contra a pertinácia da hipocrisia
esmaece a policromia
do universo esfuziante de matizes.
E afoga, na voragem
do aguaceiro impenitente
a bucólica e candente
sinfonia da sensatez.
Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : DIA MÁGICO
Categoria: Poesia
Descrição: Foi um dia mágico. Acalantos ninando

DIA MÁGICO

Foi um dia mágico.

Acalantos ninando
sonhos púberes.
O sol vestindo
douradas lantejoulas.
O silêncio cochichando
juras inconfessas.

Volúpia nos corações.
Almas em sintonia.

Magia
que permeia as epidermes
goteja dos poros
tateia a geografia do corpo
suga o néctar dos deuses.

Adrenalina.
Simbiose.
Orgia.

Foi docemente mágico o dia .

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : MEU AMIGO RUIVO
Categoria: Poesia
Descrição: Caquizeiro ardente de folhagem rubra

MEU AMIGO RUIVO

Caquizeiro ardente
de folhagem rubra
entregue à intemperança
do outono poluidor.

Caquizeiro firme
no fragor dos ventos
desnudando o tronco
para o frio que acena
com o habitual rigor.
Caquizeiro manso
no torpor da tarde
dormindo a sesta frouxa
depois da parição.

Caquizeiro terno
preparando o ventre
para a nova cria
que vai dar à luz
na próxima estação.

Quero ver-te assim
por mais tempo ainda
roupa domingueira
ruiva cabeleira
no teu velho corpo
deliciando a vista
caquizeiro bom!

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : DESAMOR
Categoria: Poesia
Descrição: O riso-choro da intimidade profanada

DESAMOR

O riso-choro
da intimidade profanada
- tragicomédia da paixão –
escorre
pelas arestas do delírio.
E suspende
no caleidoscópio da emoção
o murmúrio
do enlace insubsistente
que é nirvana

que é martírio.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : BRASIL REAL
Categoria: Poesia
Descrição: Uma pataca duas patacas.

BRASIL REAL

Uma pataca
duas patacas.
Some a grana
da guaiaca.

Real da banana
real do frango
que só ilude
orangotango.

Pois "cash" do bom
é só pra encher
as burras do rei
e da sua grei.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : INFÂNCIA PERDIDA
Categoria: Poesia
Descrição: Rememoro as coisas simples que minha infância alegraram;

INFÂNCIA PERDIDA

Rememoro as coisas simples
que minha infância alegraram;
fizeram-me amar a vida
e a sorrir me ensinaram.

Nossas horas de lazer
com brinquedos criativos
construídos de sucatas
eram momentos festivos.

Foram caixas de sapato
foram ossos de animais;
flores e folhas secas
mais os grãos de cereais.

Sementes de cinamomo
caroços de várias frutas;
e retalhos de tecido
de utilidades muitas.

Havia os frascos de remédio
e as penas da angolista,
também cordas de cipó
integram a extensa lista.

Ainda sabugos velhos
e do fósforo as caixinhas
espinhos de laranjeira
e carretéis de linha.

Quem se lembra da boneca
com olhinhos de botão
me ajude a achar a criança
que perdi na multidão.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : AURORAS
Categoria: Poesia
Descrição: O canto matinal dos passarinhos

AURORAS

O canto matinal
dos passarinhos
que espantam a dormência
do dia nascituro
irriga de ternura
e suavidade
os dutos da vida
e do prazer.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : MISSÃO DE FOGO

Categoria: Poesia

Descrição: Pelas esquinas da vida vencendo a noite mal dormida

MISSÃO DE FOGO

Pelas esquinas da vida
vencendo a noite mal dormida
vai o mestre de livros sob o braço.
Peito agoniado. Largo o passo.

Arauto do porvir, entra na escola.
Não importa o despeito que o amola.
Missão de fogo essa do pedagogo!
Faz parte do processo
levar seu discípulo ao sucesso
no faz-de-conta
da lição de liberdade
de fê e verdade.
Sem algemas. Sem tabus.

Mas vai que um dia
chega ao fim a romaria:
alma sofrendo por seus desamores;
álcool cheirando pelos corredores;
aula repleta; pó de giz;
vento frio ou sol na cara;
greve frustrante; aluno irreverente;

(cadê a vara
que ao ideal moderno
não condiz?)
e o discípulo laureado
volta ao mestre
(será que volta?)
feliz, gratificado
da ciência suburbana
do salário sem valor
da pobreza franciscana
do grandioso professor.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : DOMINGO NO PARQUE

Categoria: Poesia

Descrição: Domingo à tarde, no parque se redescobre a cidade.

DOMINGO NO PARQUE

Domingo à tarde, no parque
se redescobre a cidade.

Gente que toma mate
ciclistas de toda idade.

Patins e rollers
nas pistas escorregam;
e acrobatas do skate
das peripécias mais ousadas
se encarregam.

Eventos musicais
artísticos programas
proclamados
em altos decibéis.

O parque se transforma
sentado sobre a grama
onde acontece
em mágicas poções
o resgate do sol, do ar

do verde ameno;
e a confraternização
das gerações.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : SUBSTANTIVO PERDÃO, GÊNERO FEMININO
Categoria: Poesia
Descrição: Meu cheiroso malmequer que de chagas e sangrias

SUBSTANTIVO: PERDÃO
GÊNERO: FEMININO

Meu cheiroso malmequer
que de chagas e sangrias
o desgosto promoveu
no teu débil gineceu!

Felizmente, um beija-flor
de irizada sincronia
na ferida renitente
veio dar um beijo quente
lenitivo à intensa dor.

Beija-flor miraculoso
que da chaga me curou f
ez de mim nova mulher
vá de volta! Leve o bem
para quem o mal me quer!

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : SEREIAS
Categoria: Poesia

Descrição: Nas passarelas das ruas desfilam corpos esculturais.

SEREIAS

Nas passarelas das ruas
desfilam corpos esculturais.
Formas moldadas pela arte
e a beleza universais.
Do sutiã rendado
pendem maçãs de talos túrgidos.
As oblongas pernas
são balões-de-ensaio
infláveis à mais fraca labareda.
No vértice do ventre
nostálgico e sensual
o ponto final do desejo.

Um sorriso matreiro
glorifica o rosto
de sedosas faces
cujos olhos irrequietos
atiçam para o bote
as feras circundantes.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : PAISAGEM RURAL

Categoria: Poesia

Descrição: Devagar, solenemente carregando no ventre

PAISAGEM RURAL

Devagar, solenemente
carregando no ventre
o pasto, o feno
o adubo, o milho
como um filho gerado
ao relento
do campo aquinhado

a carroça vai pra roça
vem da roça
cantarolando
a engrenagem da ferragem.

O carroceiro festeja
na boléia
o grão maduro
a espiga cheia.

A deusa pura da fartura
o abençoa.
Carroceiro de alma boa
da cantina e do celeiro
és o humilde provedor!

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : SOBRAS DE GUERRA
Categoria: Poesia
Descrição: Uma profunda morbidez herdeira

SOBRAS DE GUERRA

Uma profunda morbidez
herdeira
de aviltada fidalguia
enlanguesce o corpo
no "mis en scene" do circo.

E o espírito
(fusível queimado)
refém se torna
vulnerável
de acrobacias de alto risco.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : SE EU FOSSE DEUS
Categoria: Poesia
Descrição: Se eu fosse Deus mudaria as estruturas

SE EU FOSSE DEUS

Se eu fosse Deus
mudaria as estruturas
que comprometem
seu plano milenar
carimbando
na frente das pessoas
o bem e o mal
que cada um pensar.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : ACOLHIDA
Categoria: Poesia
Descrição: Suas mãos se estendem para te amparar.

ACOLHIDA

Suas mãos se estendem
para te amparar.
Seu coração se abre
para te acolher.

Ela não te quer pronto, perfeito.
Mas argila difusa e mole
a que dará a forma do sonho.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : VINHO FINO
Categoria: Poesia
Descrição: Fruta madura tem mesmo o seu valor.

VINHO FINO

Fruta madura
tem mesmo o seu valor.
Rica de vitaminas
açúcares e sabor.

Hoje me sinto assim.
Bem como o povo diz:
Dona do meu destino
senhora do meu nariz.

E doravante
(que ninguém me desminta!)
só aceito vinho fino
e da safra de trinta.

Cinquentona, livre, durona
muita gente, independente
um doce-amargo bombocado
conservado no freezer.
Só amolece se o calor aquece.

Julieta, sim
mas coração não manda na razão.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : EPIFANIA
Categoria: Poesia
Descrição: Nem rudes espinheiros nem guizos de serpentes.

EPIFANIA

Nem rudes espinheiros
nem guizos de serpentes.
Só avencas suaves
e zumbido de mariposas
na epifania dos justos
que renegaram seus egos
na guerra santa
entre as ramas e sodomas .

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : DESAFIOS
Categoria: Poesia
Descrição: Atravessar a rua da amargura é mais difícil

DESAFIOS

Atravessar a rua da amargura
é mais difícil
que escalar a Cordilheira dos Andes
varar a selva amazônica
cortar os céus do Iraque
num monomotor.

Atravessar a rua da amargura
é mais perigoso
que aterrissar na praça Vermelha
enfrentar as bombas em Sarajevo
singrar o Atlântico num bote.

Mas o desafio
é a emulação do homem.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : IMAGEM DO ABANDONO
Categoria: Poesia
Descrição: Sobre o pedestal do infortúnio adornos de mofo

IMAGEM DO ABANDONO

Sobre o pedestal do infortúnio
adornos de mofo
contam o destino
dos derrotados.

Como sanguessugas
as heras se agarram
à imagem fosca
descoforida pelo vandalismo
dos aguaceiros
e vendavais.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : FLOR DO ASFALTO
Categoria: Poesia
Descrição: Debruçada sobre a rua como a lua sobre o mar

Debruçada sobre a rua
como a lua sobre o mar
flor de escol, a primavera
faz o andante se extasiar.

No negrume do betume
poluído, barulhento
um penhor da natureza
repartindo sua beleza
exibindo a régia cor.

A grinalda roxa e rosa
da rainha majestosa
verte aromas no jardim.

Em sua veste de alta gala
todos gostam de apreciá-la
sorridente e meiga assim.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : ERA UMA VEZ
Categoria: Poesia
Descrição: Era uma vez uma aventura. Em filme a cores

ERA UMA VEZ

Era uma vez uma aventura.

Em filme a cores
de história doida.

Não foi no Olimpo dos deuses gregos
mas no quilombo da alforria
onde o amado
deitou ao lado
violando o lacre da virgindade.

Pudor em transe.
Vermelho ardente.
Já foi menina, fez-se mulher.

Era uma vez o amor.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : CHUVAS DE VER?O
Categoria: Poesia
Descrição: Vaidosa, sedutora . a sombrinha se alteia.

CHUVAS DE VERÃO

Vaidosa, sedutora .
a sombrinha se alteia.
Leque de seda pura
em mão de fada. Uma sereia.

Fofocas de comadre
tagarela com a chuva.

E, aos suspiros da garoa
as duas alcoviteiras
gargalham à toa.

Jogado a um canto
(quanto dó!)
o velho guarda-chuva
desbotado, alquebrado ,
chora de saudade. Vive só...

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : O QUE FOI NUNCA MAIS SERÁ

Categoria: Poesia

Descrição: A reconquista é retomada de velhos laços

O QUE FOI NUNCA MAIS SERÁ

A reconquista
é retomada de velhos laços
com cara nova.
De amores puídos
e sonhos gastos
mais uma vez postos a prova.

É um jogo incerto de sedução.
Tem gosto aguado
cheira a pecado.
E é moeda podre
sobre o balcão.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : MEU PARCEIRO, O TOMATEIRO
Categoria: Poesia
Descrição: Tenho um tomateiro bom de cheiro

MEU PARCEIRO, O TOMATEIRO

Tenho um tomateiro
bom de cheiro
plantado no meu quintal.

Tomateiro tão matreiro
que se esgueira
garrido e afoito
pela nodosa estaca de bambu.

Com a suavidade
de uma grega aveludada
densa folha lanceolada
lhe encobre o corpo nu.
E nos frutos escarlates
seus pingentes cobiçados
põe à mostra sua nobreza
sua patente de oficial.

Que vistoso! Que imponente!
Como amo esse parceiro!
Tomateiro bom de cheiro
abençoando meu quintal.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : FAZER DE CONTA
Categoria: Poesia
Descrição: Faz de conta que as naves espaciais

FAZER DE CONTA

Faz de conta
que as naves espaciais
transportam teus anseios
para além dos astros.

Lá onde crescem
em botões de prata
fúlgidas flores
em soberbos mastros.
E onde os violinos tangem
seus gorjeios
em inebriantes serenatas.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : PALMILHANDO O PASSADO
Categoria: Poesia
Descrição: A represa das águas que chorei;

PALMILHANDO O PASSADO

A represa das águas
que chorei;
a poeira das estradas
que trilhei;
se avolumaram tanto
que formaram dois barrancos
com um rio no meio.

Igual à vala
que separa os seios.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : EM CENA, A GINASTA
Categoria: Poesia
Descrição: Versatilidade leveza

EM CENA, A GINASTA

Versatilidade
leveza
porte senhoril.

Que colírio para a vista
quando no palco
se contorce a equilibrista
na sensualidade
do charme juvenil.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : OLHOS QUE VOS QUERO VERDES
Categoria: Poesia
Descrição: Um simples olhar tem um poder espetacular.

OLHOS QUE VOS QUERO VERDES

Um simples olhar
tem um poder espetacular.

Penetra a carcaça doente.
Atravessa a couraça resistente.
Varre o lixo do sobrado
atulhado de guardados antigos.
Rompe o cerco dos inimigos.

Um simples olhar
poda o velho defeito.

E com jeito liberta
dos ranças e aleivosias
das intrigas e cacarias.

Fico aberta ao refluxo
do sangue vivo, novo, impulsivo.
E me rendo
a esse poder estupendo.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : CHOPIN
Categoria: Poesia
Descrição: Um tremendo vira-lata infantil, mexeriqueiro.

CHOPIN

Um tremendo vira-lata
infantil, mexeriqueiro.
Faz pipi no tapete
e faz cocô no canteiro.

Sua saudação é festiva
agita a cauda, risonho
rasga as meias da gente.
E um cãozinho medonho.

Quando late e rosna grosso
parece um bicho de raça.
Todos amam seus trejeitos.
Chopin é mesmo uma graça.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : TURNÊ SIDERAL
Categoria: Poesia
Descrição: Trotar por horizontes cavalgando luas

TURNÊ SIDERAL

Trotar por horizontes
cavalgando luas
o farnel desprovido
do anacronismo das ruas
há de ser a sina dos espíritos
uma vez ultrapassadas
as terrenas falcatruas.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : LÁGRIMA INÚTIL
Categoria: Poesia
Descrição: Em silêncio, a lágrima Perambula pela face

LÁGRIMA INÚTIL

Em silêncio, a lágrima
Perambula pela face
sulcada de fendas
transida de impasses.

Gota feita de pedra
fossilizada e inerte
incapaz de refletir
os trigais maduros.

Melancolicamente
o lamento escorre
sua dor inclemente
de amores perjuros.

Por andares coxos
por falares roucos
por ouvidos moucos
importa que ela chore.

Forasteira intrusa
sem cheiro, gosto e cor ...
Quem há de dar-lhe afeto
lágrima do desamor?

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : FELIZ ANO NOVO
Categoria: Poesia
Descrição: Na espuma do champanhe que das taças escorre

FELIZ ANO NOVO

Na espuma do champanhe
que das taças escorre
um novo tempo se anuncia
ao brinde da euforia
e do porre.

A embriaguez impera
no circuito da dança.
E os convivas se abraçam
no carnaval da esperança.

Enquanto espoucam foguetes
e estrilam sirenes
o "reveillon" dos sinos
tange seus votos solenes.

O Ano Novo
é uma caixa de surpresas.
Por fora, as rendas
as missangas, o cetim.
Por dentro
um cardume de incertezas.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : EXTASE
Categoria: Poesia
Descrição: No instante do êxtase explode a cápsula do amor

EXTASE

No instante do êxtase
explode a cápsula do amor
vigorosa
atômica
ululante.

O olhar se embaça
da visão alucinante.
Canta o sangue sua cálica canção.

Um odor vaporoso de terra molhada
exala do corpo.

E os cosmonautas
reféns da paixão
navegam nas ondas do infinito
bradando, aos éteres e signos
o incontrolável grito
da nave que entrou em órbita.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : FIM DE LINHA
Categoria: Poesia
Descrição: Fazer omelete ou croquete tanto faz como fez.

FIM DE LINHA

Fazer omelete ou croquete
tanto faz como fez.

Quem de forno e fogão é freguês
carrega no molho ou na pimenta
enquanto o fígado agüenta.

Pra que tanta gula
e tanto condimento
se no fim tudo vira excremento?

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : CATARSE
Categoria: Poesia
Descrição: A primavera se faz guardiã nos caminhos da sedução.

CATARSE

A primavera se faz guardiã
nos caminhos da sedução.
Filtra, nos seus cristais
o brilho das nuvens
o perfume das estrelas
o colorido das águas.

No buquê do desejo
que se abre ao devaneio tardio
o colibri se amolda
aos contornos da boca
debruada de pétalas.
Vem beijar o sumo
das fibras escondidas
da doçura contida
na castidade pueril
de uma colmeia intacta.

Na relva orvalhada de abraços
o destino se consagra.

E o cálice da ventura
entornado sobre os amantes
embriaga o verdor dos brotos
na catarse da vida

que se renova.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : VIOLETAS DA PAIXÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Violetas e emoções singela parceria.

VIOLETAS DA PAIXÃO

Violetas e emoções
singela parceria.
São flores no jardim
são rimas na poesia.

Livres de rótulos
e preconceitos
entre folhas vicejam
sem alarde.

Sorrisos satisfeitos
e aromas envolventes
caprichos de jardim
em fim de tarde.

Versos lilases
menestréis da gema
violetas da paixão
brotando no poema

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : CARNEIRINHOS

Categoria: Poesia
Descrição: Contando carneirinhos de frente pra trás

CARNEIRINHOS

Contando carneirinhos
de frente pra trás
de trás pra frente.

Agourento gato preto
sobre a cama se insinua
arranhando o sono.

O "blackout" inesperado
retém os dígitos
do rádio-relógio.

Entre as paredes esqueléticas
os ruídos aumentam
seus decibéis.

E os carneirinhos pastam
um, dois, três ... três, dois, um
serenamente.

Do I Volume da
"Trilogia da Esperança"
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : SERESTEIRO INUSITADO
Categoria: Poesia
Descrição: Soa a seresta do sapateiro.

SERESTEIRO INUSITADO

Soa a seresta
do sapateiro.
Canta o martelo
do seresteiro.
Vibrando as cordas
pregando a tacha
os seus suspiros

desatarraxa.

Varando a noite
seu cantochão
geme a bigorna
do seu violão.

O sapateiro
que é seresteiro
o seresteiro
que é sapateiro
chora seu canto
na cela escura
tangendo as notas
da lide dura.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : CONTRADIÇÕES

Categoria: Poesia

Descrição: Vê se pode: O papelero recolhendo o jornal

CONTRADIÇÕES

Vê se pode:
O papelero recolhendo o jornal
que não aprendeu a decifrar;

o poeta produzindo
o poema
que não consegue publicar;

o governante gerenciando
a nação
que não sabe administrar;

a prostituta se entregando
ao sujeito
que não sente amar;

e os homens, loucamente, procurando
a verdade

que não querem encontrar.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : DECLARAÇÃO DE AMORA UM AMOR DESCONHECIDO

Categoria: Poesia

Descrição: Estou à espera de uma alma gêmea

DECLARAÇÃO DE AMORA UM AMOR DESCONHECIDO

Estou à espera
de uma alma gêmea
de uma pedra de raro quilate.
Que seja o oposto do meu pólo-fêmea
ou minha metade abacate.

É contigo que falo
meu querido
meu tesouro perdido
na multidão circular
de inexpressivos rostos
que não sabem sorrir
nem cantar.

Vem, dá o ar da graça!
Vem provar o sabor
do amor sem jaça
purificado nos ciclones
de empreitadas insones.

Vem, segue o impulso
da alma adolescente!
O convite é sincero
a declaração, consistente.
Deixa de lado
teus gélidos lençóis
que aqui a chama arde
rubra e incandescente.

Na solidão de breu
quero o dilúvio
do afago que pressinto

em teu regaço.

Vem, chega bem perto
hás de sentir o eflúvio
de um coração fibrilado
em teu compasso .

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : MEUS VERSOS

Categoria: Poesia

Descrição: Os versos são as minhas madressilvas que o vento da esperança balança

MEUS VERSOS

Os versos são as minhas madressilvas
que o vento da esperança balança
com pudor e medo
no enredo das tramas do cipó.

As rimas brotam do solo intumescido
e contundido por lágrimas em bando
esboroando o anseio estrutural
que se faz pó.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : DESENCANTO

Categoria: Poesia

Descrição: Só voltarei a ter fé quando minha vida mudar de norte.

DESENCANTO

Só voltarei a ter fé

quando minha vida mudar de norte.

Detesto viver assim
balofa, vazia, sem sorte.
Cheiro de maresia
árvores derrubadas.
(Verdades entaladas!)
Folhas secas no chão
fazendo crac-crac.
(Como pisa forte a solidão!)
Nem galhos verdes, nem brotos.
(Sentimentos rotos!)
Boca ácida, lábios sedentos.
Perdi o rumo. Saí do prumo.
Peste de vida. Droga de sina
exaurida pela rotina!

Cadê a felicidade do amor e da festa?
O que resta do fulgor e da fama?

Só charcos tomados por lavas de vulcão.
Elã prostrado ao rés do chão.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : IN NATURA
Categoria: Poesia
Descrição: Eu nasci na praia acariciada pelas ondas

IN NATURA

Eu nasci na praia
acariciada pelas ondas
e a sedutora lascívia
dos albatrozes.

Eu cresci no campo
de aromas e pássaros
impregnado de essências
e liberdades.

Eu vivo no deserto

catando a grama
que, porventura, exista
na aridez das dunas.
Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : SEM DISFARCES
Categoria: Poesia
Descrição: Os olhos faiscantes das estrelas

SEM DISFARCES

Os olhos faiscantes
das estrelas
espiam, dentro da noite
a tua nudez.

Fantasmas
que se abrigam pelos becos
debocham
da tua grande pequenez.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : MORAL À ANTIGA
Categoria: Poesia
Descrição: Esopo e La Fontaine que me perdoem. Mas a fábula de todos conhecida

MORAL À ANTIGA

Esopo e La Fontaine que me perdoem.
Mas a fábula de todos conhecida
que confronta a formiga laboriosa
com a cigarra vadia e preguiçosa
distorce os conceitos de verdade

no arremedo que faz da realidade.

Enquanto as formigas ardilosas
devastam, nos canteiros bem cuidados
as hortaliças, flores e folhagens
as cigarras vibram, jubilosas
num concerto de sopranos hilariantes.
afugentam, com a pândega ruidosa
a quietude das horas solitárias.

Por mais operosa que ela seja
não quero a formiga como amiga.
Quero, sim, a cigarra cantadeira
divertida, folgazã, alvissareira.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : DE VITÓRIAS E PRÊMIOS
Categoria: Poesia
Descrição: O prêmio Nobel da Paz ou da Literatura;

DE VITÓRIAS E PRÊMIOS

O prêmio Nobel da Paz
ou da Literatura;
o Oscar ou o Kikito
que o cinema assegura;
a consagração do Grammy
pelos melhores musicais;
são troféus excepcionais
cunhados em prata e ouro.

Mas o prêmio maior
para os meus galões
é fazer a travessia do mar negro
e conseguir chegar inteira
na outra margem
apesar das piranhas
e dos tubarões.

Do I Volume da
"Trilogia da Esperança"
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : CADEIA
Categoria: Poesia
Descrição: A liberdade prensada contra as grades do cativo

CADEIA

A liberdade prensada
contra as grades do cativo
entre os grilhões
do escárnio contundente
se dilacera, retalhada como a rês que, no abate
esguicha o sangue quente
sobre as mãos criminosas
do seu matador.

Do I Volume da
"Trilogia da Esperança"
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : COTIDIANO
Categoria: Poesia
Descrição: Ontem fui à festa no "play land" do sonho.

COTIDIANO
Ontem fui à festa
no "play land" do sonho.
Rainha me fizeram.
Foi um dia bisonho.

Hoje acordo cedo:
o trabalho é um ímã.
Obreira da vindima
vou colher as uvas.

Amanhã, quem sabe
cesse a longa espera.
E do fustigante inverno
brote a primavera.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : SAUDADES DO MEU TORRÃO
Categoria: Poesia
Descrição: A vila de Espumoso de décadas pregressas

SAUDADES DO MEU TORRÃO

A vila de Espumoso
de décadas pregressas
saudando os viajantes
com acenos e promessas;

aquele rio travesso
serpeando sob a bruma
de águas transparentes
e flocos cor de espuma;

aquela gente amiga
raízes de além-mar
hospitaleira e digna
de fibra singular;

e aquela infância calma
encantadora idade
assimilando exemplos
de fé e de bondade;

deixei pelas estradas
perdi nessas andanças.
Só restam as saudades
beijando-me as lembranças.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”

Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : LIBERDADE AINDA QUE TARDIA

Categoria: Poesia

Descrição: O trabalho é meu agasalho. O compromisso, o meu cortiço.

LIBERDADE AINDA QUE TARDIA

O trabalho é meu agasalho.
O compromisso, o meu cortiço.
A perfeição, minha obsessão.

Arre! educação certinha
convento de freiras!
Essas besteiras de ser boazinha
modesta, sensata, responsável
séria, digna e elogiável.
Tudo inodoro, insípido, incolor.
Porteiras e fronteiras.
Clausura e extintor.

Será que valeu a pena
fugir dos padrões convencionais?
Terá sentido a renúncia
das provas concretas e reais?

Currículo às favas!
Excomunhão de mitos!
Que reine a insensatez a libido
a festa do corpo
o fruto proibido!

Quanto tempo perdido!

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : BALADA DA FLOR E DO INÇO
Categoria: Poesia
Descrição: Os girassóis sorriem no campo vasto

BALADA DA FLOR E DO INÇO

Os girassóis sorriem
no campo vasto
brotando seu sorriso iluminado
do mesmo chão
que faz brotar a urtiga.

Os homens nascem
do mesmo pó gerados:
sorridente girassol na veiga
ou malcriada urtiga comichante.

Felizmente
cada um pode escolher
entre ser urtiga
ou girassol.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : ALMA NORDESTINA
Categoria: Poesia
Descrição: Um jegue cabisbaixo troteia pelos descaminhos

ALMA NORDESTINA

Um jegue cabisbaixo
troteia pelos descaminhos
de inóspita caatinga.
Tropeiro de muitas aventuras
feiticeiro de inúmeras mandingas
devoto de muitos pais-de-santo.

Trôpego e triste, triste e aperreado
capenga seus ossos descarnados
arcados sob o fardo da galhofa.

Pobre luar com sina de palhaço!
Um retirante jegue nordestino
sofrido e calvo, desnutrido e manso
nos igapós vencido e sucumbido.
Claudicando
por gratas exauridas
vai perdendo
pedaços de sua alma .

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”
Paredes Nuas

Data : 01/01/1996
Título : REDESCOBERTA
Categoria: Poesia
Descrição: Nas pegadas da esperança caminhei sobre as águas

REDESCOBERTA

Nas pegadas da esperança
caminhei sobre as águas
como Cristo.

Esquecida dos meus deuses
alienei-me de mim.

Hoje sei que existo.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : NAVALHAS
Categoria: Poesia
Descrição: As decepções que cortam meu barato

NAVALHAS

As decepções que cortam meu barato
são navalhadas nos pulsos.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : AMOR VERSUS AMOR
Categoria: Poesia
Descrição: Dos amores todos -verdades ou engodos-

AMOR VERSUS AMOR

Dos amores todos
-verdades
ou engodos-
o mais degradante
é o amor paraplégico
de medula ressequida
braços sem abraços
corpo sem tesão.

Amor anestésico.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : VIOLÊNCIA URBANA
Categoria: Poesia
Descrição: Paixões violentas violências mascaradas

VIOLÊNCIA URBANA

Paixões violentas
violências mascaradas
doidas imagens
fétidas imagens.

Noites soturnas
fúnebres mensagens.
Desalmadas almas desalmadas.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : METRÓPOLE
Categoria: Poesia
Descrição: Badalos e clarins põem em fuga

METRÓPOLE

Badalos e clarins
põem em fuga
o último pesadelo.
Aquarelas em degradê
lavam o rosto do tempo.
Janelas devassadas
e cortinas cúmplices
da violação insolente
servem o desjejum
de sempre.

Tropel de saltos e rodas
implodem, de repente
o fugaz encantamento.
Que ritual sarcástico
de feras soltas
paquidermes uivantes
bueiros fedorentos
canos cuspindo gases!

Tique-taque ... tique-taque ...
Ufa! Ei-Ios, finalmente:
a mesa na calçada
acolhedora e confidente;
a cerveja, a manchete
o amigo, o relaxo

E o leito novamente.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”

Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : IDENTIDADE

Categoria: Poesia

Descrição: Quando as vontades se fundem

IDENTIDADE

Quando as vontades se fundem
calam-se as diferenças
insinua-se o desejo
na gruta do prazer.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : CAVALGADURAS

Categoria: Poesia

Descrição: O meu sonho de menina era ter um cavalo alado

CAVALGADURAS

O meu sonho de menina
era ter um cavalo alado
que brincasse com o vento
além do espaço e do tempo.

O cavalo eu tive, certamente
mas de asas atrofiadas.
Que galopava em círculos
não sabia voar
e só enxergava
o próprio umbigo saliente.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 01/01/1996

Título : NOSTALGIA ESPAÇO-TEMPORAL

Categoria: Poesia

Descrição: Quem me dera voltar à terra

NOSTALGIA ESPAÇO-TEMPORAL

Quem me dera
voltar à terra
das casas simples
das ruas de lama.
Às geadas brancas
às noites longas
colchão de palha
(xixi na cama).

Quem me dera
voltar à terra
de tantas sombras
de tantas luzes.
Natais sem pompa
bonecas toscas
quintal de bichos
pulgas e moscas.

Quem me dera
vol tar à terra
dos meus amados
que já partiram.
Reaver sua história
em baús mofados;
nas forjas de aço
contar suas glórias.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : BENDITO SEJAS, SONO MEU!
Categoria: Poesia
Descrição: Como a vela bruxuleante em sua vigília prolongada

BENDITO SEJAS, SONO MEU!

Como a vela bruxuleante
em sua vigília prolongada
pestaneja
e cochila
pela ação do vento

assim meu ânimo desperto
que vara as noites
da perplexidade
atento aos fantasmas andarilhos
subitamente esmorece
e titubeia
ao sopro do gélido abandono.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : FERROVIA
Categoria: Poesia
Descrição: Trem de linha, gato velho ronronando, se estirando.

FERROVIA

Trem de linha, gato velho
ronronando, se estirando.
O lamento corta o vento
o apito grita uai...
Ele passa, nós ficamos.
Aonde será que ele vai?

Sua orquestra galopante
segue varrendo espaços
pelos prados descampados
e violando a solidão
nos altiplanos escassos.

Já na curva, o cemitério
(no portal vigia Morfeu),
tecendo sobre as tumbas
a névoa úmida do adeus.

Será que conseguirão os mortos
manter velados seus rostos?
Dormir seu eterno amém
com a alaúza do trem?

Logo adiante, na clareira
o comboio reaparece
açodado em sua sina
sobre a longa serpentina.
Segue em frente saltitante.
Sua zoeira excita à beça.
E a fanfarra recomeça.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : PESO PESADO
Categoria: Poesia
Descrição: O peso dos anos não pesa.

PESO PESADO

O peso dos anos não pesa.
O que pesa é o peso
da frustração obesa.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : O POEMA: PRISMAS E CARISMAS
Categoria: Poesia
Descrição: A rima é prisma que reflete o tempo

O POEMA: PRISMAS E CARISMAS

A rima é prisma
que reflete o tempo
batido ou suave
tácito ou barulhento.

Carisma é a marca d'água
indelével, densa
que no poema se eterniza
quando
aos rituais da vida
o coração apensa
ideal e sentimento.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : DE LÁGRIMAS E LENÇOS
Categoria: Poesia
Descrição: Chora a cascata lágrimas de prata.

DE LÁGRIMAS E LENÇOS

Chora a cascata
lágrimas de prata.
Não cessam de vertê-las
os olhos do rochedo.

Glamour e glória
benesse e bênção.
Estendo o lenço
para recolhê-las.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : CADAVALSO
Categoria: Poesia
Descrição: Tem um nome simpático a insidiosa enfermidade.

CADAVALSO

Tem um nome simpático
a insidiosa enfermidade.
Remete a bola
escola
carambola.
Mais parece folguedo de pirralho.

Que pocilga terá procriado
o vírus malfadado?
A tragédia sangrenta
que achincalha
o elixir dos fortes
o saber dos sábios?

Tal qual o carcinoma
e a guerra nuclear
a epidemia veio pra matar.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : ESPELHOS DO PASSADO
Categoria: Poesia
Descrição: A lembrança do passado com sua lança nos transpassa.

ESPELHOS DO PASSADO

A lembrança do passado
com sua lança nos transpassa.
Perfis traça de saudade
no cristal de seus espelhos
onde apõe dedicatórias
de apreço aos nossos velhos.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : BABACAS
Categoria: Poesia
Descrição: Quando a fêmea rompe no esquadro virtual da esquina

BABACAS

Quando a fêmea rompe
no esquadro virtual da esquina
o macho se pára de malandro.
Cai-lhe a máscara de forte
e eriça o pêlo felino.
De esperma inunda os testículos
intumesce a excrescência do sexo
e parte em perseguição da presa.

Babaca de carteirinha.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : CONTEMPLAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Os cantos vesperais de som e luz

CONTEMPLAÇÃO

Os cantos vesperais
de som e luz
dos pássaros saudando
o anoitecer
reaquecem chamadas
outrora sepulcrais
que afugentam

os lêmures da morte.

O hirsuto corpo
crivado de balaços
vedete de litígios
e cansaços
se ergue do ataúde silencioso:
sorrindo as faces alvadias
refulgindo os alamares da mortalha.

Os cantos vesperais
dos pássaros em coro
ecoando na copa
do pinheiro tutelar
testemunha
de muitas deserções
recobram, para o verso
e para a vida
o cadáver de vísceras roídas
sequioso de beleza e perfeição.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : BCHO-MENTIRA
Categoria: Poesia
Descrição: Toma corpo uma larva

BCHO-MENTIRA

Toma corpo uma larva
quando a mentira lavra.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : A NUVEM

Categoria: Poesia
Descrição: Quando a nuvem chora de tristeza ou quando chora de vergonha

A NUVEM

Quando a nuvem chora de tristeza
ou quando chora de vergonha
basta um sorriso do sol
para torná-la novamente
enamorado e risonha.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : DEBACLE
Categoria: Poesia
Descrição: O camafeu do meu amor-paixão

DEBACLE

O camafeu do meu
amor-paixão
por você foi triturado
no lagar da provação.

E o melodioso corpo
perfilado de desejos
emudeceu suas notas
desafinou seus arpejos
na plenitude
da sua maturação.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : LUA CHEIA
Categoria: Poesia
Descrição: A lua espiava a noite com seu binóculo mágico

LUA CHEIA

A lua espiava a noite
com seu binóculo mágico
cor de nata
cor de prata
cor de lata.

Era uma lata cheia de brilhos.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 01/01/1996
Título : ELE E EU
Categoria: Poesia
Descrição: Meu pé pede valsa; o dele, vanerão.

ELE E EU

Meu pé pede valsa;
o dele, vanerão.

Eu gosto de violino
e ele, de violão.

Ele caiu no vício;
eu, dentro de um vulcão.

Ele, o furor do vento;
eu, brisa de verão.

Enquanto eu faço versos,
ele se faz vilão.

Eu já não sou mais virgem;
nem ele, meu varão.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”

Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : AUTO-DESTRUIÇÃO

Categoria: Poesia

Descrição: Dos cantões da consciência embrutecida pelo vício

AUTO-DESTRUIÇÃO

Dos cantões da consciência
embrutecida pelo vício
fluem gotas de sangue
desperdício
de espírito e carne
nos interlúdios opacos
da identidade em transe.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : SONHO BRANCO

Categoria: Poesia

Descrição: Garça de porte angelical emanação de Marte

SONHO BRANCO

Garça de porte angelical
emanação de Marte
leveza e arte
voa sobre a saga fratricida
da humanidade esvaída
no seu próprio malquerer.

Mergulha após
na minha intimidade.
E suaviza
aquelas rugas pertinazes
que o tempo esculpe

sem piedade.

E sobraça e enlaça
furtiva garça fugitiva
aquele derradeiro
fio de alento
que teimoso se agarra
aos pilares do vento.

Voa, garça graciosa
sutil e vaporosa
que teu nome é ilusão;
e o sobrenome, encantamento.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : ENTULHOS
Categoria: Poesia
Descrição: Contemple a farsa que foi sua vida

ENTULHOS

Contemple a farsa que foi sua vida
nos escombros da casa destruída.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : PORTO INSEGURO
Categoria: Poesia
Descrição: Já se instalara a noite quando desembarquei

PORTO INSEGURO

Já se instalara a noite

quando desembarquei
no cais do porto desvairado
de falácias concretadas
em cimento armado.

Só a ousadia sobreviveu
sob os destroços do caos
ali, onde as esperas
jazem implodidas
pela dinamite dos maus.

Ao mirante do forte
sobranceiro e audaz
escuto os estrondos retardados
e contabilizo as perdas e danos
que deixei pra trás.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : COMER BISCOITOS

Categoria: Poesia

Descrição: Eu sei que você gosta de biscoitos. Menina tola, vença a timidez!

COMER BISCOITOS

Eu sei que você gosta de biscoitos.
Menina tola, vença a timidez!
Só no paraíso comer foi proibido
e quão saborosa descoberta
legou-nos o casal atrevido!

Nada instiga mais o ser humano
que mastigar o quitute do prazer.
E o rito que revela o êxtase
subjacente ao ato de comer.
E você com receio de entregar-se
ao gozo do biscoito apetitoso?

Esqueça as artimanhas da razão
e escute a voz do próprio coração.
Depois ... mordisca, deglute, saboreia.
E há de sentir como é gostoso

um piquenique sobre a areia.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : A MILÉSIMA DOR
Categoria: Poesia
Descrição: Víbora oceânica sagaz, longilínea

A MILÉSIMA DOR

Víbora oceânica
sagaz, longilínea
presas aguçadas
retinas ígneas.

Pra fome satânica
o repasto predileto
são meus pobres moluscos
e indefesos insetos.

Me põe no chão, febril
o bote traiçoeiro.
Pensa ela, certamente
ter sido o derradeiro.

Engana-se a serpente
em achar que fui vencida:
ela - a milésima dor;
eu - na milésima vida.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : A PEDRA E O VIDRO
Categoria: Poesia
Descrição: Não jogues pedra no meu calo

A PEDRA E O VIDRO

Não jogues pedra
no meu calo
pois que é de vidro
o teu falo.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : METAMORFOSE
Categoria: Poesia
Descrição: Fulano de tal que admirado já foi

METAMORFOSE

Fulano de tal
que admirado já foi
por sua empáfia real
derreteu e se arriou
como estátua de sal
e vive hoje em estado
de doente terminal.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : SEXO FRÁGIL
Categoria: Poesia
Descrição: Uma índia guerreira de tacape em punho

SEXO FRÁGIL

Uma índia guerreira

de tacape em punho
capaz de virar o mundo
pelo avesso
é assim que enfrento
as hordas sanguinárias
dos átilas e neros.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : RAÍZES FLUTUANTES
Categoria: Poesia
Descrição: De naco em naco fui deixando a vida

RAÍZES FLUTUANTES

De naco em naco
fui deixando a vida
nas pinguelas que atravessei.

Espumoso e Tapera
Ibirubá e Carazinho
Santa Maria e Passo Fundo;
por fim, também Porto Alegre.

Náufrago anônimo
de mares distantes
aportei em praias
de venturas poucas
sonhos mutilados
e esperanças ocas.

Mas, acredite, não é o fim
de tudo quanto amei.
Hei de inventar ainda
a minha Pasárgada
onde serei mui linda
e mui amiga do rei.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : LUDISMO GASTRONÔMICO
Categoria: Poesia
Descrição: O som da água jorrando da torneira

LUDISMO GASTRONÔMICO

O som da água
jorrando da torneira
a música das panelas
atritando-se na pia
celebram, à revelia
a festa dos intestinos.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : SABEDORIAS
Categoria: Poesia
Descrição: De mandrágoras e pitágoras eu não entendo nada.

SABEDORIAS

De mandrágoras e pitágoras
eu não entendo nada.

Mas em mártires e cárceres
mestra sou graduada.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : SORRISO DE CRIANÇA

Categoria: Poesia
Descrição: A harmonia do teu riso jorrando

SORRISO DE CRIANÇA

A harmonia do teu riso
jorrando
sobre a melancolia do meu silêncio
empapa o solo árido
como a vertente dadivosa e rara
umedece de frescor
as areias do Saara.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : ROTINA
Categoria: Poesia
Descrição: Intimida-me a rabugice da rotina

ROTINA

Intimida-me
a rabugice da rotina
com sua carranca
de leoa senil
visceralmente presa
ao rotundo umbigo
do fastio.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : HELIPORTO
Categoria: Poesia
Descrição: No heliporto desse peito recoberto de gramas vadias

HELIPORTO

No heliporto desse peito
recoberto de gramas vadias
aterrissa o corpo
e se arrepia
- nave espacial vertebrada –
carne e sangue
motores em combustão.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : DIAPASÃO INTERIOR
Categoria: Poesia
Descrição: É uma ostra encapsulada a minha alma atordoada.

DIAPASÃO INTERIOR

É uma ostra encapsulada
a minha alma atordoada.

É uma trufa amanteigada
a minha alma deslumbrada.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : PSICOGENIA
Categoria: Poesia
Descrição: Nem vai nem vem fica!

PSICOGENIA

Nem vai nem vem
fica!
Vaivém é uma gangorra
de inconstâncias
que nem Freud explica.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : DUALIDADE
Categoria: Poesia
Descrição: Rimar identidade com cara-metade

DUALIDADE

Rimar identidade
com cara-metade
é tarefa risível
e impossível.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : EMBARGOS
Categoria: Poesia
Descrição: Seu juramento de amor (data vênia, doutor!)

EMBARGOS

Seu juramento de amor
(data vênia, doutor!)
foi tão intempestivo
deserto, preclusivo
no processo em curso
que me levou à decisão
de opor embargos declaratórios
por justa causa
e sem direito a qualquer recurso.

Aguardo agora, sine die
seja prolatada a sentença
da sua sucumbência.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : ANIMAL DE ESTIMAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Meu cão de estimação não me estima mais.

ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Meu cão de estimação
não me estima mais.
Antes era dengoso
agora é raivoso.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : RECOMEÇO
Categoria: Poesia
Descrição: O tempo da desova se aproxima.

RECOMEÇO

O tempo da desova
se aproxima.
Estaremos prontos
à produtiva piracema
nós, golfinhos vibráteis
entregues à sanha

dos vagalhões
achacados por maresias
e fragilizados nas redes
de traiçoeiros predadores?

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : INTIMIDADES
Categoria: Poesia
Descrição: Íntimo gel é tão íntimo

INTIMIDADES

Íntimo gel
é tão íntimo
que vislumbra
canais subterrâneos;
agracia
ilustres desconhecidos;
e condecora oficiais
de batalhas inconfessáveis.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : ALVORECER DO POEMA
Categoria: Poesia
Descrição: Pendor, langor ensejo, desejo

ALVORECER DO POEMA

Pendor, langor
ensejo, desejo
semente, repente
espirros, suspiros.

Festa, seresta
sentir, fluir
melodia, sintonia
paixão, criação.

Versos, reversos
rimas, enzimas
tema, POEMA
deleite, amei-te!

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : PAREDES NUAS
Categoria: Poesia
Descrição: Nas paredes da minha alma não há molduras douradas

PAREDES NUAS

Nas paredes da minha alma
não há molduras douradas
nem quadros de Rafael.
Sem contornos nem adornos
modestamente caiadas
são paredes de papel.

Entre os frisos da madeira
onde o bolor já se instala
navegam como garoupas
as mensagens atrevidas.
São versos e rimas loucas
amadas ou preteridas.

Paredes brancas e nuas
-diário sentimental-
revelam meu interior.
Nesse mural falacioso
meu poema misterioso
fica à espera do leitor.

Do I Volume da
“Trilogia da Esperança”

Paredes Nuas

Data : 01/01/1996

Título : MATURIDADE

Categoria: Poesia

Descrição: Hoje te presenteio com um lençinho verde

MATURIDADE

Hoje te presenteio
com um lençinho verde
tecido no tear
da maturidade.
Hás de ver nele
que a esperança não se perde
nem mesmo nos becos
da adversidade.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996

Título : CÂNTAROS DE JUNCO

Categoria: Poesia

Descrição: Cada verso que emerge e no papel deságua

CÂNTAROS DE JUNCO

Cada verso que emerge
e no papel deságua
é qual um pingo dágua
num cântaro ?e junco.

Avessa ao cativoiro
escorrega, ao acaso
a gota irreverente
pelas brechas do vaso.

É destino do poema

opor-se a toda grade.
Dos cântaros de junco
à plena liberdade.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : ENCANTOS DA TREVA
Categoria: Poesia
Descrição: Dilui-se o dia em negra tina de alcatrão.

ENCANTOS DA TREVA

Dilui-se o dia
em negra tina de alcatrão.
Na praça, adormecem as paineiras
absortas em sonhos vitalícios.
Folhas caídas de um chorão
estalam beijos tardios.
Há calafrios
nas ruelas desertas.
Noctívagos inveterados
os pernilongos zunem
nos patamares.
Longe os grilos tecem
com sua cuíca mágica
rendas de flores e luas.
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : FEDORES
Categoria: Poesia
Descrição: Quando a convivência é uma merda repulsiva

FEDORES

Quando a convivência

é uma merda repulsiva
não há diplomacia eficaz.
Emporcalha-se e fede
até o gesto lilás
da mão estendida.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : BRISA DO SUL
Categoria: Poesia
Descrição: Ó doce brisa do sul que roça meu devaneio!

BRISA DO SUL

Ó doce brisa do sul
que roça meu devaneio!
No galanteio
dessa mãozinha azul
me enleio.
Amoleço.
Estremeço.
E esqueço do tédio.
Que santo remédio
é a brisa do sul!
Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco
da revista
Água da Fonte nº 1

Data : 01/01/1996
Título : NAVEGAR
Categoria: Poesia
Descrição: Quando o dia desponta a escuna da esperança

NAVEGAR

Quando o dia desponta
a escuna da esperança
deixa a baía sonolenta
e se lança
outra vez, ao mar.

A vela içada
o leme a prumo;
vai navegando pressurosa
como a buscar seu rumo
sempre na ânsia
de aportar.
Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : ESTRELA CADENTE
Categoria: Poesia
Descrição: Igual a você, ninguém. Só você mesmo

ESTRELA CADENTE

Igual a você, ninguém.
Só você mesmo
neném
com sua charla de sempre
botando banca de megastar.

Anda à cata de venturas
e venturas não encontra.
Busca o sol nos lupanares
mas o sol lhe sonega o brilho.

Nas suas cruzadas pagãs
só moinhos-de-vento
por escudeiros.
Em vez dos álamos
os absintos lhe estendem os galhos.

E na masmorra
infestada de ácaros
o pesadelo
toma o lugar do sono.
Do II Volume da

“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : DIÁSPORA
Categoria: Poesia
Descrição: A conseqüência imediata do desajuste familiar

DIÁSPORA

A conseqüência imediata
do desajuste familiar
é a diáspora
dos sentimentos
que se desintegram
nos reatores do espanto
como se foram cobaias
de uma usina nuclear.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : MEMBROS INFERIORES
Categoria: Poesia
Descrição: "Dio, que gambe!" Vulgaridade ou não

MEMBROS INFERIORES

"Dio, que gambe!"
Vulgaridade ou não
meu poder de sedução
se resume
a um par de pernas.

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : SALTIMBANCOS
Categoria: Poesia
Descrição: Os censores da consciência como saltimbancos

SALTIMBANCOS

Os censores da consciência
como saltimbancos
equilibram-se na corda bamba
que medeia os pólos
entre o pecado
e a perfeição.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : PLÁTANO DA PRAÇA
Categoria: Poesia
Descrição: No sopé do templo sentinela atenta

PLÁTANO DA PRAÇA

No sopé do templo
sentinela atenta
faz plantão dia e noite
o plátano centenário.

Santo de alma benta
apóstolo da fé.
Tem seu canto próprio
tem seu próprio credo
pregador que é.

Quanto amor nascente
quanto amor sepulto
o sábio confidente

ouviu em confissão.

Ao morrer a tarde
soam campainhas.
Ele se prosterna
e reza as ladainhas.

Sacristão e monge
da virtude exemplo
o plátano centenário
no sopé do templo.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : DESPERTAR
Categoria: Poesia
Descrição: Porta semi-aberta rangindo.

DESPERTAR

Porta semi-aberta
rangindo.

Corpo semi-desperto
se espreguiçando.

O vento entra
bate-que-bate.

Um desacato
o barulho chato;
ruído insistente
que lapida a paciência!

Não dê bola, Hortência!

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : QUÍMICAS
Categoria: Poesia
Descrição: Não sou de açúcar

QUÍMICAS

Não sou de açúcar
mas me derreto toda
à quentura de um beijo

Do II Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : AMIGOS
Categoria: Poesia
Descrição: Amigos há muitos que se dizem tais.

AMIGOS

Amigos
há muitos que se dizem tais.
Embora
no frigidar dos ovos
são sempre muito desiguais.

O do drinque
e do perfume é,
na verdade, fajuto;
pois está próximo na festa
mas distante no luto.

Aquele que é fraterno
em qualquer momento;
convive na ventura
e no sofrimento
esse sim é amigo verdadeiro.

Mais difícil de encontrar

que uma agulha
perdida no palheiro.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : SURREALISMO
Categoria: Poesia
Descrição: No casamento da vida com o mundo

SURREALISMO

No casamento
da vida com o mundo
há um bolo de noiva
surrealista.

Não é crocante o bombom;
é amargo o "chantilly".
Caldas de ceticismo.
Rec(h)eios do devir.

O teu naco de dor
ninguém comerá por ti.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : PESSIMISMO
Categoria: Poesia
Descrição: As realidades são punhais

PESSIMISMO

As realidades
são punhais
cravados no peito da sorte.

Os desencantos
luminárias
nos candelabros da morte.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : SOMBRA E LUZ
Categoria: Poesia
Descrição: Os miasmas se criam à sombra das cavernas.

SOMBRA E LUZ

Os miasmas se criam
à sombra das cavernas.

Os sândalos
na claridade exuberante
de pródigas lanternas.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : VERSOS
Categoria: Poesia
Descrição: Versos... gravetos d'alma

VERSOS

Versos...
gravetos d' alma
deslizando na enxurrada
com a sutileza
dos barcos de papel.

Do III Volume da
"Trilogia da Esperança"
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : PRISIONEIRO DO CORAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Guardado a sete chaves no castelo dos mitos

PRISIONEIRO DO CORAÇÃO

Guardado a sete chaves
no castelo dos mitos
mora um príncipe encantado
prisioneiro invicto
de estranha rendição.

Na redoma secreta
da solitária torre
o doce, o belo
o rijo, o forte
despontam
com o ímpeto da águia
arremessada
pelo próprio coração.

Do III Volume da
"Trilogia da Esperança"
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : RUÍNA
Categoria: Poesia
Descrição: Um fruto desprezado mastiga sua desdita:

RUÍNA

Um fruto desprezado
mastiga sua desdita:
seus gomos lacerados;
da polpa o amargor.
No cerne apodrecido
do bojo tumefeito
os vermes regateiam
o espólio que restou.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : INSÔNIA
Categoria: Poesia
Descrição: A ronda das horas se engalfinha

INSÔNIA

A ronda das horas
se engalfinha
com o sono
na cabeceira da noite
amarrotada
e febril.

No beiral
geme a coruja;
e a raposa
no sobrado.
Seus grunhidos são vertigens
na incerteza do amanhã.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : ANALOGIA
Categoria: Poesia
Descrição: Quanto mais castigado batido e sovado

ANALOGIA

Quanto mais castigado
batido e sovado
melhor e mais macio l o bife.

Deus faz assim com a alma.
Martela.
Prensa.
Amassa.

E ela está pronta:
manjar
virtude
para a mesa dos santos.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : CATÁSTROFE
Categoria: Poesia
Descrição: Os velhos casarões altivos de nobres pórticos

CATÁSTROFE

Os velhos casarões altivos
de nobres pórticos
e linhas góticas
atestam um passado de realeza
abundância e beleza
que a marreta do tempo sangrou
e o descaso tragou
em golfadas mortíferas.

Vampiros insaciáveis
do sangue da história.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : PELAS CALÇADAS DO CÉU
Categoria: Poesia
Descrição: Anjos passeiam pelo firmamento.

PELAS CALÇADAS DO CÉU

Anjos passeiam
pelo firmamento.

Manto esvoaçante
de téreas rendas.

Pingentes d ouro
de estelares brilhos.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : BEATITUDE
Categoria: Poesia
Descrição: Abarrotado de grãos o cacho despenca da árvore.

BEATITUDE

Abarrotado de grãos
o cacho despenca da árvore.
Um úbere prenhe
de vida e promessa.

São topázios e esmeraldas

fulgurando nos braços
de um butiazeiro feliz
que brinda com sua messe
o irmão que passa;
e bendiz o Senhor
por seu estado de graça.

Um perfeito seguidor
do peregrino de Assis .

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/1996
Título : Surrealismo
Categoria: Poesia
Descrição: No casamento da vida com o mundo

Surrealismo

No casamento
da vida com o mundo
há um bolo de noiva
surrealista.

Não é crocante o bombom;
é amargo o “chantilly”
Caldas de ceticismo.
Rec(h)eios do devir.

O teu naco de dor
ninguém comerá por ti.

Do Livro
Violetas da Paixão

Data : 01/01/1996
Título : A (IN)FELICIDADE
Categoria: Poesia

Descrição: A felicidade é uma alegoria.

A (IN)FELICIDADE

A felicidade
é uma alegoria.
Intangível
irreal.
Um pássaro
de asas quebradas.
Um casulo
que não se rompe.

Do III Volume da
“Trilogia da Esperança”
Cântaros de Junco

Data : 01/01/2002
Título : SENSORES
Categoria: Poesia
Descrição: Olha-me! Escuta-me!

SENSORES

Olha-me!

Escuta-me!

Cheira-me!

Apalpa-me!

Tudo em mim
é procura

bem-querer.

Sou um feixe

de afagos

que te roça
os pêlos

buscando

o reduto

do prazer.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : ADVERTÊNCIA
Categoria: Poesia
Descrição: Ninguém cogite a vaga aberta

ADVERTÊNCIA

Ninguém cogite
a vaga aberta
na minha cama
que entre morcegos
e fungos
me fiz lacraia
vespa
muquirana.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente
Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 01/01/2002
Título : BANQUETE
Categoria: Poesia
Descrição: Pra expressar-te meus sentimentos

BANQUETE

Pra expressar-te
meus sentimentos
fui buscar
em meu livro de receitas
os mais cremosos
e confeitados termos.

Foi nele que aprendi
a cristalizar
no tabuleiro das saudades
as emoções
que me escorrem da alma
como calda
em ponto de fio.

Com requinte
de fêmea apaixonada
preparei-te
um banquete luxuriante
um afrodisíaco
cardápio de petiscos
para o deleitoso instante
do teu retorno.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : VENDAVAL
Categoria: Poesia
Descrição: Meu frágil telhado sucumbe ao ciclone

VENDAVAL

Meu frágil telhado
sucumbe ao ciclone
do seu desprezo.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : TRANSAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Quero comprar o céu. Quem o tem

TRANSAÇÃO

Quero comprar o céu.
Quem o tem
pra vender-me um pedaço?

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : SENTIMENTO DOMÉSTICO
Categoria: Poesia
Descrição: O homem esquece com facilidade

SENTIMENTO DOMÉSTICO

O homem esquece
com facilidade
a essência das coisas.

Considera somente
o valor aparente
das horas suadas
do cansaço empilhado
no anonimato
do serviço sem marca
sem rótulo
nem prazo de validade.

Roupas asseadas e macias

perfumando as gavetas.
Painéis brilhantes
refletindo silhuetas
de amor e cuidado.
Sopas e molhos
fumegando o vapor
de noites mal dormidas
enquanto a ansiedade
corta o sono
como faca de carne.

O homem esquece
com facilidade
a essência das coisas.

A trégua que se estira no varal
o suco que mergulha na jarra
o feijão que borbulha no fogo.

E o sentimento doméstico invisível aos olhos
esse é migalha de pão
sobre a toalha da mesa.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : A FELICIDADE
Categoria: Poesia
Descrição: Fechada em copas a felicidade

A FELICIDADE

Fechada em copas
a felicidade
não treme de frio
nem se constrange
aos safanões
da ventania.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : MENSAGEM LIQUEFEITA

Categoria: Poesia

Descrição: Jogo as palavras no caldeirão da imagem.

MENSAGEM LIQUEFEITA

Jogo as palavras
no caldeirão da imagem.

Ao calor da emoção
liquefaz-se a mensagem.

E ao cabo da fervura
- produto da alquimia –
um creme apetitoso
de poesia.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : BUSCA

Categoria: Poesia

Descrição: Minha sombra atravessa o teu deserto

BUSCA

Minha sombra
atravessa o teu deserto
traçando imagens difusas
no chão crestado
por tua indiferença.

Reverentes e discretas
silenciam as areias
à minha passagem.

Só tu não percebes o
fantasma volátil

que vagueia perdido
em busca de ti.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : FUNERAL
Categoria: Poesia
Descrição: Sobre o corpo álgido que enfartou

FUNERAL

Sobre o corpo álgido
que enfartou
de esperas e buscas
desdobra-se o silêncio.

O véu da morte
cobre-lhe o rosto
sem disfarçar
a eloqüente presença.

Entreabertos
os olhos reclamam
uma última mirada
sobre o mundo.

As flores reticentes
sonegam seus encantos
com receio de enfrentar
as trevas da tumba.

Entre lágrimas e preces
transcorrem as exéquias
perturbando o morto
que anseia por repouso.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : ROSA VERMELHA
Categoria: Poesia
Descrição: ROSA VERMELHA E tua a rosa vermelho-sangue.

ROSA VERMELHA

E tua a rosa
vermelho-sangue.

São tuas as pétalas
que a envolvem.

Há nela um talo
que intumescce
ao roçar
da tua brisa.

Como vem quente
e marejada
essa brisa
aveludada
que tu sopras
sobre mim!

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : BESTA
Categoria: Poesia
Descrição: Depois que a onda engoliu as algas

BESTA

Depois que a onda

engoliu as algas
e a inundação
amassou as praças

passei a acreditar
na Besta
e ordenei
seu fuzilamento
no paredão.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : BELOS E FEIOS
Categoria: Poesia
Descrição: Há corações e corações

BELOS E FEIOS

Há corações
e corações
De areia
de azeite
de lodo
de leite
de estrela
de espinho
de lona
de linho
de absinto
de aço
de barro
de bagaço
de musgo
de merda
de palha
de pedra
de gaze
de geada
de cristal
de cocada.
Há feios e reles
e há puros e belos.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : GOTEIRAS
Categoria: Sonetos
Descrição: As gotas dos meus devaneios

GOTEIRAS

As gotas
dos meus devaneios
pingam ... pingam ...
a noite inteira.

Quando acordo
pela manhã
fizeram um rombo
na minha esteira.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : NÓS
Categoria: Poesia
Descrição: No sopé do teu orgulho sou um contêiner de entulho

NÓS

No sopé do teu orgulho
sou um contêiner de entulho
esperando a extradição.

Sou um bloco de cimento

comentando com o vento
nosso amor de perdição.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : VELA APAGADA
Categoria: Poesia
Descrição: Os sons do meu ventre de riso latente

VELA APAGADA

Os sons do meu ventre
de riso latente
tremeram de espanto
calaram seu canto.

O tempo está frio.

O sismo da terra
o bote da fera.
Que brutos estragos
na relva de afagos!

O sol se evadiu.

Não posso mais tê-las
nem luas nem estrelas
que o céu se fez rude
na sua negritude.

Pandorga sem fio.

Amores de bruços
catando os soluços.
Da vela apagada
restou quase nada.

Cadê meu pavio?

O sol se evadiu Do livro

Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : SOLIDÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Tomou-se a minha solidão

SOLIDÃO

Tomou-se

a minha solidão
um biscuit
de estimação.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : ACALANTO
Categoria: Poesia
Descrição: Quando a alma se descobre nua

ACALANTO

Quando a alma
se descobre nua
despida das vaidades
e preconceitos
a verdade
em seu xale acolhedor
suave e envolvente
com seus fios de amor
no colo a enlaça
com ternura
como a niná-la

ao acalanto
da fantasia
que se depura.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : CHARME
Categoria: Poesia
Descrição: Enamoradas as borboletas

CHARME

Enamoradas
as borboletas

jogam seu charme
sobre os brotos
boquirrotos
das bromélias.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : CRISTO
Categoria: Poesia
Descrição: Ele morreu na cruz para salvar os homens

CRISTO

Ele morreu na cruz
para salvar os homens
narra a história sagrada.

Salvar de quê?
Quais homens?
O holocausto valeu a pena?

Os pobres
os aflitos
os oprimidos
os enfermos
os infelizes
estão precisando
de um novo salvador.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : NOTURNOS
Categoria: Poesia
Descrição: Noctívaga a lua perambula

NOTURNOS

Noctívaga
a lua perambula
ao relento
sem chapéu
nem documento.

No trânsito
cumprimenta
o passante
sorri ao bêbado
errante
e se apaixona
por um poeta
sonâmbuío.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : O CHACAL
Categoria: Poesia
Descrição: Descobri um chagal no meu quintal.

O CHACAL

Descobri um chagal
no meu quintal.

No meu quintal
descobri um chagal.

Um chagal
no quintal.

Quintal.
Chagal.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : AMOR SUBSTANTIVO
Categoria: Poesia
Descrição: Amor calafrio

AMOR SUBSTANTIVO

Amor
calafrio
amor
sedução
amor
desvario
amor
erupção
amor
enseada
amor
imersão
amor

estocada
amor
lassidão.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : POEMA DO ADEUS
Categoria: Poesia
Descrição: Fez-se noite dentro e fora

POEMA DO ADEUS

Fez-se noite
dentro e fora
quando partiste
inopinadamente
deixando-me só.

Contigo se foram
o cheiro avinagrado
da tua carne
e o penetrante acre
dos teus lábios.

Só tuas pegadas
inconfundíveis
permanecem
nas dunas
do meu corpo.

Marcas perenes
de uma revoada
inesquecível
na praia vazia
do meu viver.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : AGUARDO RESPOSTA
Categoria: Poesia
Descrição: Por que se finda e some ao longe

AGUARDO RESPOSTA

Por que se finda
e some ao longe
o que nos tange
e dá prazer?

Por que o afeto
se insinua
e o amor acena
depois recua?

Por que a mágoa
e tão escura
se aventura
e tão carmim?

Por que precisa
nossa vida
torpedear
e ser assim?

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : MARIA, MARIA
Categoria: Poesia
Descrição: Maria, Maria rainha mão na tua

MARIA, MARIA

Maria, Maria
rainha mão na tua

guia
que é tortuosa a travessia.
Afugenta os meus temores.
Apascenta as minhas flores
e abastece os favos da colméia.
Quero ter a vida cheia
de dons pra repartir.

Maria, Maria
minhas crianças pela tua
guia
que é perigosa a rebeldia.
Depura as frustrações do cotidiano.
Sutura os golpes dos seus desenganos
Que elas encontrem a trilha
que aponte
e descubram
o quanto as amei.
Cuida delas por mim!

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : A DIFERENÇA É O SONHO
Categoria: Poesia
Descrição: Quando o mundo desaba sobre nós e o temporal nos põe em sobressalto

A DIFERENÇA É O SONHO

Quando o mundo desaba sobre nós
e o temporal nos põe em sobressalto
o sonho faz a diferença.

Quando barreiras atravancam o caminho
e o escorregão se torna inevitável
o sonho faz a diferença.

Quando a mágoa impiedosa nos sufoca
e a coruja agourenta voa baixo
o sonho faz a diferença.

Quando emudece o canto da sereia
e o silêncio se transforma em solidão

o sonho faz a diferença.

Quando o amor se omite e se acovarda
recusando-se ao beijo prometido
o sonho faz a diferença.

Quando o eco da esperança denuncia
que um novo sol está prestes a raiar
o sonho faz a diferença.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : PACTO
Categoria: Poesia
Descrição: Neste mundo de surpresas é genial o que acontece.

PACTO

Neste mundo de surpresas é
genial o que acontece.

Já exausta de expelir
lagartixas pelas ventas
fiz um pacto de paz
com meu estresse.

Seríamos dois veteranos de guerra
não inimigos declarados
mas desconhecidos ilustres.
Um pra cá, outro pra lá.

Poxa, gente
de repente
que saudade das firulas
debicando dos meus calos
das gasturas
prostração.

Que saudade das quizilas

narigudas
e beiçudas
que afrontavam minhas zangas
esmurrando a lassidão.

Já não sei viver sem elas.
Verdes, brancas, amarelas
botam cor
no meu porão.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : CONTRASTE
Categoria: Poesia
Descrição: A vida é um campo minado de abutres e andorinhas.

CONTRASTE

A vida é um campo minado
de abutres e andorinhas.

Elas chocam esperanças
eles estraçalham sorrisos.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : A MENTIRA
Categoria: Poesia
Descrição: A mentira tem perna curta

A MENTIRA

A mentira

tem perna curta
e língua
comprida.

Quando digo
que te adoro
repara só
o tamanho dela!

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : INSONIA
Categoria: Poesia
Descrição: O frenesi do corpo treme seus esgares

INSONIA

O frenesi do corpo
treme seus esgares
nas réstias imprecisas
da manha.

Carcomido
por pragas seculares
sofre o despeito
de uma insônia vã.

Na cova rasa do langor
o estresse
procria os escorpiões
de insana lide.

A noite já extenuada
desfalece.
E o sono ainda espreita
no cabide.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : A CRIANÇA
Categoria: Poesia
Descrição: Cristal furtacor guarnecido

A CRIANÇA

Cristal furtacor
guarnecido
como as sementes
da romã.
Brisa tenra das colinas
róseo fulgor
da manhã.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : A PALAVRA
Categoria: Poesia
Descrição: Boêmia sofre a palavra

A PALAVRA

Boêmia
sofre a palavra
reclusa
no dicionário.

Aviltada
pelo isolamento
acorrenta-se ao pelourinho
dos conceitos e citações.

Resmunga
em seus pesadelos
a ausência de tinta
e papel.

E acorda com o sol a pino
enfasiada pela inércia
que lhe paralisa
as vibrações.

Um bocejo tardio
lhe devolve a consciência
de que precisa sair
correr, voar
no enalço da liberdade.

E ela se precipita
- catadupa de sons
corisco de idéias –
sobre urna folha intata
que lhe devolve
o habitual ardor.

Eis que bate, pede, grita
sacode a letargia.
Desgrenhada e lúdica
proclama afogueada:
Por favor, acolham-me!
Ouçam meus brados!
Preciso de um espaço
pra desvendar o mundo!

Sou especialista
em suscitar emoções
satisfazer desejos encruados
expandir valores tolhidos.
Sei também sorrir, cantar, chorar
seduzir e calcinar.

Senhores, com licença!
Dêem vez e voz à palavra!
Ela quer participar
ser protagonista da história
plantar obeliscos
acionar sirenes
inocular o sêmen da felicidade
nos flancos da terra...

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : RECOMPENSA
Categoria: Poesia
Descrição: O arrebol te sorri as árvores te acenam

RECOMPENSA

O arrebol te sorri
as árvores te acenam
os veios dágua te seguem
enquanto persegues
bizarra
o simulacro
dos teus sonhos.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : GURU
Categoria: Poesia
Descrição: Cabisbaixo no sótão

GURU

Cabisbaixo
no sótão
se esconde
o calundu.

Sestroso
de seus ritos
a cercá-lo
de detritos
o mistério
dos aflitos
investiga
a olho nu.

E desvenda
entre pipilos
de mentiras

insidiosas
entre apitos
acintosos
de mil grilos
seu talento
de guru.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : POEMA DA RIMA DOIDA
Categoria: Poesia
Descrição: A sinistrose é uma virose. E uma virose a pilantrose.

POEMA DA RIMA DOIDA

A sinistrose é uma virose.
E uma virose a pilantrose.

Se o mal lhe cose uma neurose
até a micose vira necrose.

Não seja a gnose causa de hipnose.
Só há simbiose se houver osmose.

Viva a glicose e a sacarose!
Não há apoteose que não se goze!

Tanta psicose vira overdose.
No fim da dose, a metamorfose.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : MISSÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Parir estrelas é a missão das monjas

MISSÃO

Parir estrelas

é a missão das monjas

no berçário

da castidade.

Do livro

Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : OLHE A FORMIGA

Categoria: Poesia

Descrição: Amiga olhe a formiga

OLHE A FORMIGA

Amiga

olhe a formiga

como passeia

e se ladeia

dengosa

charmosa

em seu laço de tule

em sua jaqueta de vento.

Ela faz trejeitos

ao recolher no canteiro

um raminho suspeito

um naco de cheiro

que a flor vaporosa

esqueceu ao relento.

Do livro

Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : FANTASMAS
Categoria: Poesia
Descrição: As saudades trepam nos galhos

FANTASMAS

As saudades trepam
nos galhos
do passado
como fantasmas
se exibindo
ao tropel
das frustrações.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : PAIXÃO ECOLÓGICA
Categoria: Poesia
Descrição: Eu quero um favo de mel; quero um ninho de sabiá.

PAIXÃO ECOLÓGICA

Eu quero um favo de mel;
quero um ninho de sabiá.
Quero um abraço dos pombos
ã sombra do jacarandá.

Quero vestir as flores
de veludo e de cetim;
quero empilhar estrelas
em estantes de capim.

Quero tingir os lábios
com licor de nectarina;

quero emprenhar macieiras
sobre lençóis de neblina.

Quero o vento a pastorear
ovelhas balindo ao léu;
cortinas de borboletas
sobre as janelas do céu.

Quero o sol refestelado
em poltronas de cipó;
e a chuva lavando o dorso
da seriema e do socó.

Quero botos e elefantes
salamandras, jabutis;
o somido da araponga
e a inocência da perdiz.

Ao murmurinho dos mangues
à orquestra do mato espesso
à serenata das fontes
quero silêncio e apreço.

Quero os morros desafiando
os palácios celestiais;
quero ondas paquerando
arrecifes de corais.

Quero a terra exuberante
o céu esbanjando ardor;
searas gerando brotos
humanos fazendo amor.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : REALIDADES
Categoria: Poesia
Descrição: Vômito no ônibus comida arruinada

REALIDADES

Vômito no ônibus
comida arruinada
político em palanque
cocô na calçada.

Subiu
a cotação
do asco.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : POEMA SEM VERBO E SEM VIDA
Categoria: Poesia
Descrição: Na barriga da fome

POEMA SEM VERBO E SEM VIDA

Na barriga
da fome
o gemido afônico
dos intestinos.

Na garganta
da sede
a torrente salobra
das lágrimas.

Na cova rasa
da morte
o corpo viscoso
da indigência.
Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : SONHO, SEIVA, SEMENTE
Categoria: Poesia
Descrição: No coche das nuvens a estrela passeia.

SONHO, SEIVA, SEMENTE

No coche das nuvens
a estrela passeia.
Carrega nos braços
a chama candente
que o sonho incendeia.

A fonte borbulha
na rota dos mares.
Sua linfa sustenta
nos valos molhados
a serva dos lares.

Na terra que treme
bramindo insolente
a fenda se abre.
Sua gana desperta
o pulsar da semente.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : CHUVA
Categoria: Poesia
Descrição: Chuva pouca sede

CHUVA

Chuva pouca
sede
fome
escuridão.

Chuva muita
desdita
tragédia
desolação.

Do livro

Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : MINAS TERRESTRES

Categoria: Poesia

Descrição: Venho do fundo das minas traiçoeiras, cretinas

MINAS TERRESTRES

Venho do fundo das minas
traiçoeiras, cretinas
de metralhas em riste.

Trago no alforge segredos
no cantil trago meus medos
da paz que já não existe.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : LIMPEZA

Categoria: Poesia

Descrição: Estou agora em época de limpeza

LIMPEZA

Estou agora
em época de limpeza
na completude do tempo.

Escrevo os anos
lustro as vigas
aplico detergentes
bactericidas
loções clareadoras.

Pelo ralo
vejo escorrer
densamente
e sem alaridos
uma onda morena
de válvulas, rolhas
tampões, parafusos
atarraxados ao id
em décadas
de compressão.

A faxina
está produzindo
resultados
compensadores.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : SUTILEZAS
Categoria: Poesia
Descrição: A hera trepa na cerca

SUTILEZAS

A hera

trepa na cerca

andando

de quatro pés.

Volteia o corpo

com graça

declama versos

na praça

e ao mensageiro

que passa

saúda

com cafunés.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : TROFÉUS

Categoria: Poesia

Descrição: Na vitrine das lembranças revejo meus troféus.

TROFÉUS

Na vitrine das lembranças
revejo meus troféus.

Treliça de mitos
exposta à voracidade
de preás e gaviões.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : VAIDADE

Categoria: Poesia

Descrição: Condecorações e medalhas são ícones da vaidade

VAIDADE

Condecorações e medalhas
são ícones da vaidade
ao perfilarem galões
para a marcha dos bajuladores.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : CASA DOS HORRORES
Categoria: Poesia
Descrição: Israelenses palestinos

CASA DOS HORRORES

Israelenses
palestinos
talibãs
americanos
paquistaneses
indianos.

Cortejo de malquerença
cuspindo sua virulência
em cruzadas de terror.

Os mísseis sugam as fontes
bombardeios rasgam montes
obliterando horizontes
golpeando a última flor.

Eis a casa dos horrores
onde todos são atores da
vida que se evapora da
morte antes da hora.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : QUERO A PAZ
Categoria: Poesia
Descrição: Não vale ser inimigo

QUERO A PAZ

Não vale
ser inimigo
ter ódio
fazer maldade.
Não vale
pôr de castigo
nem semear
falsidade.

Nos marcos
da trajetória
cercada
por desconfiança
quero a leveza
dos barcos
e quero a paz
da esperança.

O perdão
banindo o ódio
fé e amor
como fanal
o bem subindo
no pódio
para o abraço
universal.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : DILEMA

Categoria: Poesia

Descrição: - em quatro cenas – Primeira: Indecisão

DILEMA

- em quatro cenas –

Primeira: Indecisão

O poema: um dilema.
Dizer - não dizer.
Sair - não sair.

Aquela bolha que cresce
que incha e encorpa
que sobe, que desce...
Meu Deus, como força!

Segunda: Rebeldia

Eu quero saltar!
Me deixe fluir!
Eu quero gritar!
Não faça eu sofrer!

Venho do fundo da história
da tua história
inglória, percussória
mas uma história real
de amor, de ideal.

Remexer as entranhas
- cavacos do ofício
projéteis de arma
que saltam de mim.

Eu sei que eles ferem
detonam a alma
mas este é meu carma.

Passado, presente, futuro
- é o fim?

Terceira: Desabafo

Sem ele - o poema –
me sinto insegura
covarde, pequena
donzela sem peitos
sem sonhos, sem graça
que esconde seu leite
guardando a cabaça
num cofre mofado.

A cepa é de virgem
mas falso é o recato.

Quarta: Erupção

Desafio posto.
Desafio aceito.

Vem logo
poema desbocado
escancarado
acerta a mira
faz o teu jogo
do bota e tira
meu gigolô inveterado!

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : A TERRA
Categoria: Poesia
Descrição: Útero inchado de sementes

A TERRA

Útero inchado
de sementes
mãe por natureza
e adoção
velas, ó santa
pelo pão das gentes
no milagre
de cada gestação.

Como sereia
sutil e caprichosa
tua prole irrompe
silenciosa
do portal sagrado
que tu és.

Bendita sejas
para todo o sempre
redentora dos homens
e dos mundos
mesmo prostrada
a seus pés.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : O FOGO
Categoria: Poesia
Descrição: Juro que temo seus ardores

O FOGO

Juro que temo
seus ardores
seus predadores
ranços de malvado.
Mas não me privo
de enaltecer com louros
seus feitos de herói
condecorado.

Labareda devassa
das caldeiras
calor indômito
das forjas
ao acionar motores
e cifrões
proclamam
no perfil das chaminés
o prestígio
e a riqueza das nações.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : A ÁGUA
Categoria: Poesia
Descrição: Teu gosto sem gosto

A ÁGUA

Teu gosto
sem gosto
teu cheiro
inodoro
tua cor
incolor

é vertente
represa
cascata
surpresa
recreio
energia
cacimba
euforia

É alento
voragem
asseio
miragem
caminho
partida
é morte
e é vida.
Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : O AR

Categoria: Poesia

Descrição: Se te vestem de impurezas vais ã feira sem prazer.

O AR

Se te vestem de impurezas
vais ã feira sem prazer.
Se te trancam no banheiro
ficas doido de varrer.

Teu fascínio é a liberdade
de aquietar-se ou bagunçar.
Não te basta andar descalço

nem a nuvem desposar.

Só desejas ver o mundo
colorido de turquesa
sem os gases poluentes
que ferem a natureza.

Ó ar puro e oxigenado
és penhor de vida boa.
O ser vivo é teu reinado
e a saúde tua coroa.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : PAPEL EM BRANCO
Categoria: Poesia
Descrição: Meus dedos caminham

PAPEL EM BRANCO

Meus dedos
caminham
por teu corpo
à procura
das linhas invisíveis
do papel em branco
que ele é.

E meus lábios
rabiscam garatujas versos
de amor balsâmicos
crocantes
inspirados
no sortilégio
dos amantes.
Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : OFERENDA
Categoria: Poesia
Descrição: As uvas pendem da videira em pencas reluzentes

OFERENDA

As uvas pendem da videira
em pencas reluzentes
de sumo e doçura.

Como elas te estendo meus cachos
intumescidos de afeto
exalando ternura.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : MEU PRÊMIO
Categoria: Poesia
Descrição: Sinto um refluir de vida pura

MEU PRÊMIO

Sinto um refluir
de vida pura
jorrando aos borbotões
dentro de mim.

Qual será o prêmio
que a idade me assegura
por ter amado
e servido tanto assim?

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : DESENCANTO
Categoria: Poesia
Descrição: Quando o chamego vira a chave

DESENCANTO

Quando o chamego
vira a chave
e entra de mansinho

corro ajuntar
palhinhas de amaranto
pra preparar seu ninho.

Na bandeja dos braços
o carinho se avoluma.

Mas ao oferecé-lo
o chamego vira bruma.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : O LIMOEIRO E O SABIÁ
Categoria: Poesia
Descrição: O limoeiro acorda fascinado com a elegância da manhã.

O LIMOEIRO E O SABIÁ

O limoeiro acorda fascinado
com a elegância da manhã.

Boceja, se espreguiça
e enrola com cuidado
o pijama da brisa com
pinta de galã.

Sobre um galho fanfarrão
um sabiá abusado
empertiga o penacho

e se masturba
excitado
pelo farfalhar das folhas
cortejando a maçã.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : PRELÚDIO
Categoria: Poesia
Descrição: Amanheceu. Com seus motores raivosos

PRELÚDIO

Amanheceu.

Com seus motores raivosos
os carros infestam as ruas
esbofeteando o sossego.

Gritos de pregoeiros
e latidos de cães
afugentam a névoa.

O café exala seu aroma
audacioso, excitante
no embate
com o último bocejo.

Disfarçadamente
as primícias do sol
roçam a camisola
ávida por carícias.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : SOLITÁRIOS

Categoria: Poesia
Descrição: O instinto de autoproteção assumido pelos solitários

SOLITÁRIOS

O instinto de autoproteção
assumido pelos solitários
compara-se
à sineta do bedel:
feito de bronze
como um cofre indevassável
alerta sempre
como um bom radar.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : CALENDÁRIO
Categoria: Poesia
Descrição: Ontem o sonho a espera

CALENDÁRIO

Ontem
o sonho
a espera
a fantasia.

Hoje
a sedução
o ardor
a tropelia.

Amanhã
o vazio
a ressaca
a maresia.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : ARQUIVO CONFIDENCIAL
Categoria: Poesia
Descrição: Dez, cem, mil... Quantos amores arquivados

ARQUIVO CONFIDENCIAL

Dez, cem, mil...

Quantos amores arquivados
no winchester silencioso!

Mas se a máquina trancar
e se o vírus atacar
e deletar
informações
como fica o bem-querer?

Pra evitar o contratempo
eis a dica da prudência:
Não esqueça de salvar
num disquete confiável
o arquivo-sentimento.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : EXORTAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Não deixes que o sopro da tua ansiedade

EXORTAÇÃO

Não deixes que o sopro
da tua ansiedade
apague a sutileza dos astros

nos altos-fornos do céu.

Não deixes que a lágrima
do teu infortúnio
inunde o viveiro dos pássaros
na ilhota
dos mares azuis.

Não deixes que a clava
da tua indiferença
esmague a sutileza das folhas
que a árvore da saudade
deixou cair ...

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : ITINERÁRIO

Categoria: Poesia

Descrição: Antes era a raiva que me comia por dentro

ITINERÁRIO

Antes era a raiva
que me comia por dentro
e pendurava inseguranças
no meu espírito
como no varal
prendo camisetas
e calcinhas.

Depois engavetou-me
a resignação
retendo os gritos
na boca do estômago
quais camundongos
numa ratoeira.

Agora, mandei os demônios
de volta ao inferno
e respiro ar puro
longe da fumaceira
das traições.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : VERSOS MATINAIS
Categoria: Poesia
Descrição: O ciclo das mágoas se aquieta

VERSOS MATINAIS

O ciclo das mágoas
se aquieta
entre o frufu das pétalas.

Só então a verve
do poeta
onsegue acasalar
com o cristal das gotas
e a diáfana miragem
do poema
resgatar.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : PEPITA DE OURO
Categoria: Poesia
Descrição: Há uma pepita no meu garimpo.

PEPITA DE OURO

Há uma pepita
no meu garimpo.
No meu garimpo
há uma pepita.

Ela se esconde
se faz difícil
nas minhas buscas
em meio a brita.

Pepita de ouro
quero agarrá-la ..
Como é travessa!
Como me excita!

Ei-la que surge
me põe em chamas
brilhante e regia
minha pepita!

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : ALIMENTO DIÁRIO
Categoria: Poesia
Descrição: Uma colher de geléia adoça o dia

ALIMENTO DIÁRIO

Uma colher de geléia
adoça o dia
assim que ele acorda.

E ele passa a ser
uma fatia de pão
pronta pra ser comida.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : GANGORRA

Categoria: Poesia
Descrição: Amo o pássaro amo o vôo

GANGORRA

Amo o pássaro
amo o vôo
amo as asas.

Odeio a barata
odeio o vôo
odeio as asas.

O amor e o ódio
o santo e o ímpio
o topo e a várzea
o beijo e o tapa.

A vida sobe e desce
na gangorra.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : DEDOS DE MÃE
Categoria: Poesia
Descrição: Pudim de festa flor no portão

DEDOS DE MÃE

Pudim de festa
flor no portão
cheiro de pão.

Gotas de pinho
chá de hortelã
taça de vinho,

Lençol macio
broa de polvilho
ímã de filho.

Gola sem vinco
cristais polidos
espelho limpo.

Dedos de mãe.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : TRAVESSIA
Categoria: Poesia
Descrição: Por ter medo do amanhã

TRAVESSIA

Por ter medo
do amanhã
embarquei na arca de Noé.

Aprendi a conviver
com leões
pumas e jibóias.

Conheci também
alguns oásis
crivados de sementes maduras.
Três delas deram frutos
doces como as goiabas
sumo extraído do ventre.
E por ter medo
do amanhã
abandonei a arca de Noé.

Preferi
a chuva na cara
e a goela escancarada
do vagalhão.

Construí minha canoa
com sonhos puídos
e amores empenados.

Mas senti-me tão segura
com as ilusões a bordo
que a travessia
virou um caça-tesouros
com sabor de descoberta.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : QUESTÃO DE ÓTICA
Categoria: Poesia
Descrição: O buraco da fechadura

QUESTÃO DE ÓTICA

O buraco
da fechadura
é tão insignificante
e ínfimo
nos dois metros
da porta.

É assim que parece.

Mas o que parece
não é o que acontece.

O tamanho é documento.
O tamanho faz a diferença.

É o buraco da fechadura
que separa
o cativo da liberdade
o mistério da revelação
o pudor da nudez.

Buraquinho enorme.
Que vontade de espiar!

Do livro

Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : ASAS
Categoria: Poesia
Descrição: Pássaro abelha

ASAS

Pássaro
abelha
borboleta
avião
anjo
pégaso
liberdade
imaginação
Deixem-me voar!

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : A TRAJETÓRIA DO POEMA
Categoria: Poesia
Descrição: O caudal dos versos torna a musa tangível

A TRAJETÓRIA DO POEMA

O caudal dos versos
torna a musa tangível
ao desaguar
sobre a folha tímida
sua indocilidade.

Verbetes e vocábulos
Põem-se em fila
pressurosos, ávidos

ansiando pelo instante
de serem dados à luz.

Cada qual vem ao mundo
cioso do seu mistério
cúmplice do seu signo.

Esculpidas e amadas
pelo poeta
as palavras se organizam
na poligamia dos nexos
e conchavos lingüísticos.

São tatuagens
da virtude e da perfídia
que se fossilizam no tempo
para sedução
dos áulicos.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : RUIVOS E LOIROS
Categoria: Poesia
Descrição: Há beijos de odores diversos

RUIVOS E LOIROS

Há beijos
de odores diversos
e variados paladares.

Beijos congelados
insidiosos
sádicos.

E beijos abrasantes
caramelados
túrgidos.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : GUERRA
Categoria: Poesia
Descrição: Na torre desfeita a guerra estraçalha

GUERRA

Na torre desfeita
a guerra estraçalha
aos quatro ventos
suas conquistas.

Refeição mais farta
de ossos humanos
vigas de concreto
sangue e fezes
fumaça e pó.

Abater destinos
empilhar cadáveres
dizimar cidades.

Banquete macabro!
Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : ESCRITO EM FLOR
Categoria: Poesia
Descrição: Numa encosta do caminho escrito em letras de flor

ESCRITO EM FLOR

Numa encosta do caminho
escrito em letras de flor
descobri o nome
do meu amor.

Curvei-me bem de mansinho
pra beijá-lo com carinho
mas contive meu ardor.

o meu toque poderia
desfazer toda a magia
do seu nome
escrito em flor.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : MATERNIDADE
Categoria: Poesia
Descrição: Procriei sabores e dissabores

MATERNIDADE

Procriei sabores
e dissabores
em campos de esmeraldas
como o pinheiro
engravidada
de pinhas
e espinhos.

As fendas do meu útero
recobertas de musgo
pariram mudas de cactos
num leito de pedras
entre o gemido e o susto.

Hoje sou mãe de novo.
Minha prole - os poemas.
E o solar das estrelas
o meu ninho encantado.
E um tapete de flores
o berçário dos frutos.

Meu destino é agora.

Do livro

Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : MADRIGAL DO REENCONTRO

Categoria: Poesia

Descrição: Se tu vens de manhã eu me visto de flores

MADRIGAL DO REENCONTRO

Se tu vens de manhã
eu me visto de flores
orvalhadas de afeto
e perfume teu ventre
e afago com pétalas
teus pés que me buscam.

Se tu vens ao meio-dia
eu me abro em raios de
ardor escaldante
e beijo teu rosto
e abraço teu corpo
em cascatas de fogo.

Se tu vens à noite
eu me cubro de estrelas
de esfuziante fulgor
e ilumino teus sonhos
e penetro teus poros
com jatos de luz.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : O ANDARILHO

Categoria: Poesia

Descrição: O andarilho mais parece um amontoado

O ANDARILHO

O andarilho mais parece
um amontoado de ferrugem
se é que é possível
a ferrugem amontoar.

Suas mãos semelham
a trempe de um borrarho
hirsutas, encardidas
do fogo que as tempera.

O olhar reflete o transe
de fétidos vapores
desesperanças místicas
de um pobre diabo velho.

Será o que diz a alma
nas conversas solitárias
pedaços de emoções
espalhadas na sarjeta?

O manto do desprezo
aquece os ombros nus
enquanto purgam sangue
as fistulas dos pés.

Miragem de uma esfinge
é o homem invisível.
Alheio ao sol e à vida
um rato de armazém.

Se dorme nos bueiros
se como o pão do lixo
nem sabe o que é ser gente
o réu do amor extinto.

Vai, segue o teu caminho
em busca do vazio.
A fumaça que te acena
é o limiar do paraíso.
Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : SAZÃO
Categoria: Poesia
Descrição: A polpa do meu fruto está madura.

SAZÃO

A polpa do meu fruto
está madura.

Seu suco prestes
a escorrer.

É tempo de colher
e saborear.

Não deixes que ele azede
e apodreça

que o desperdício
a vida irá cobrar.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : VIDA REAL
Categoria: Poesia
Descrição: O lodo desce a lomba. O homem mente e zomba.

VIDA REAL

O lodo desce a lomba.

O homem mente e zomba.

O ódio cresce e ronda.

O vento força e arromba.

O tiro abate a pomba.

O algoz detona a bomba.

A morte arranha e sonda.

O afeto irrompe e tomba.

Do livro

Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : FAVO DE SONHOS

Categoria: Poesia

Descrição: Protegida em tua colméia

FAVO DE SONHOS

Protegida

em tua colméia

meu sentimento escorre

como mel.

Tua emulsão

transmuda-me em sereia

meu doce favo de sonhos

em cordel.

Do livro

Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : A FAMA

Categoria: Poesia

Descrição: Naquela noite virei passarela

A FAMA

Naquela noite

virei passarela

aquarela
cinderela.

Brilhos no rosto
fragrâncias cítricas
flashes de néon

Naquela noite
- cofre vazio de louros –
suguei os olhares
apresilhei os sorrisos
imantei as palmas
e os abraços.

Sabia que a fama
tem a duração
de um sopro.
Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : IDENTIDADES
Categoria: Poesia
Descrição: Quando amo e me entrego

IDENTIDADES

Quando amo
e me entrego
sou Eva.

Quando agridem
meu ego
sou serpente.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : SAUDOSA LEMBRANÇA

Categoria: Poesia
Descrição: Infância feliz aquela em que da minha janela

SAUDOSA LEMBRANÇA

Infância feliz aquela
em que da minha janela
via o mundo passar.

Cigarras e passarinhos
quando deixavam os ninhos
comigo vinham brincar.

Ostentando seus primores
as borboletas e as flores
prestigiavam o viver.

E as crianças inocentes
lapidavam suas mentes
com lições de bem-querer.

Quão ingênuos os folguedos!
Quão modestos os brinquedos!
Quase tudo era caseiro.

Mas bastava para a gente
Um caquinho de presente pra
possuir o mundo inteiro.

O meu quartinho singelo
era tão grande e tão belo
pra minha pouca ambição.

Não aspirava à grandeza
pois tinha toda a riqueza
ali, ao alcance da mão.

O tempo passava lento
e eu sorvia o momento
sem pressa de ser feliz.

A vida era só doçura.
Na infância sem amargura
eu tive tudo o que quis.
Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : SONAMBULISMO
Categoria: Poesia
Descrição: Naquela noite emoldurada de silhuetas faiscentes

SONAMBULISMO

Naquela noite
emoldurada de silhuetas faiscentes
passeei
pelo trapiche do horizonte
de mãos dadas com a lua.

De repente
embevecida e lírica
ela curvou -se
cochichando-me um segredo:
Eu sou tua!
E beijou-me a fronte.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : BALADA DO AMOR
Categoria: Poesia

BALADA DO AMOR

O amor se faz
gotas de licor mentolado
num recanto do bar

O amor se faz aragem
enroscada a uma nuvem
rodopiando no ar.

O amor se faz seda
de carícias tecida
com os fios do luar
O amor se faz jóia
e no busto orvalhado se
transforma em colar.

O amor faz-se incenso
que inebria os amantes
de um prazer milenar.
Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002

Título : O SONO DA GARÇA

Categoria: Poesia

Descrição: No crepúsculo dos anos sou uma garça branca

O SONO DA GARÇA

No crepúsculo dos anos
sou uma garça branca
sobrevoando ansiosa
o vale nostálgico
das sombras
em busca do sono
e da paz.

Na campina bordada
de relva
entre sussurros de avenca
e juncos
um cheiroso eucalipto
me estende seu manto
e afasta meus medos
do espasmo da noite.

Sua bênção me prostra
num doce letargo.
Guardida e afago
quietude e oração.

Meu amado eucalipto
me nina e adormeço

sonhando enlevada
com fadas e duendes
castelos e torres
da infância distante
no reino encantado.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : REVELAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: O vórtice destas curvas irreverentes, audazes

REVELAÇÃO

O vórtice destas curvas
irreverentes, audazes
projeta sobre o corpo
 másculo
afogueado
suas ondas turvas
e vorazes
que murmuram
aos alcoviteiros abajures
suas inverossímeis
histórias de pecado.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : INDAGAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Ofegante o pensamento

INDAGAÇÃO

Ofegante
o pensamento
pisoteia
noite adentro
os cascalhos
da indagação.

Será que sim?
Será que não?

Que significa
o sorriso
displícite
o fulgor
do olhar candente
que acende
o baixo-ventre
e esquenta
e ferve
o caldeirão?

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : AMOR CANSADO
Categoria: Poesia
Descrição: Amei. Transbordei.

AMOR CANSADO

Amei.
Transbordei.
Amei assim
sofregamente
que esqueci de passar rente
e amar-me também a mim.

Por amor
me embrenhei entre espinheiros
enfrentei rapeis em despenhadeiros
Despejei o vinho do afeto
nas mãos da bonança.

Ele escorreu por completo
entre os dedos
sem fiança.

Asfixiei-me no feno
arriei-me na graxa
amando uma esperança
sem tarraxa
extraviada num palheiro
refém da inoperância.

Amei. Amei. Amei.
Amei sorrindo
criando
ruindo
chorando.

De cócoras me contorci
como pano encharcado
surrado
sem direito a amaciante
nem sabão em pó.

E estou só.
Na gruta fajuta
do idealismo combalido
um condor abatido.

Ai, meu otimismo
mortiço, acuado
de dar dó!

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : BREQUE
Categoria: Poesia
Descrição: Pelas descrições do tarô sou uma locomotiva

BREQUE

Pelas descrições do tarô
sou uma locomotiva

freada
emperrada
temores e rubores
saindo pelos pinos
assassinos da ilusão.

Quem me tira este breque
oxidado e senil?

Quero andar liberta
largada
qual um moleque.

Descarrilada
bagunçar o prado
implodir a sanga
atropelar o morro.

Quero soltar a franga
correndo a mil...

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : COMEMORAÇÃO
Categoria: Poesia
Descrição: Tintim... E o brinde dos corpos

COMEMORAÇÃO

Tintim...

E o brinde dos corpos

que se entrelaçam

gotejando espuma

ao degustarem

o etílico ardor

dos seus orgasmos.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : DESABAFO
Categoria: Poesia
Descrição: Se me feres como espinho

DESABAFO

Se me feres
como espinho
te perdôo.

Se me negas
teu carinho
te abençoôo.

Tu és o leite
que me nutre.

És o falcão
que supre
meu anseio
de alçar vôo.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : PEIXE DOURADO

Categoria: Poesia
Descrição: Joguei meu coração nas profundezas do rio.

PEIXE DOURADO

Joguei meu coração
nas profundezas do rio.
Pensei que fosse um anzol
e voltasse satisfeito
com seu peixe dourado.

Ele mergulhou fundo
nos igarapés.
Chocou-se contra as pedras.
Enroscou-se em tarrafas
e espinhéis
de outros pescadores.

Só conseguiu vir à tona
quando a piracema
emparedou o rio
e os cardumes
deixaram de nadar
para brincar de pássaro.

Cadê o peixe dourado
que se tomou miragem
e iludiu meu anzol?

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2002
Título : MATIZES DO AFETO
Categoria: Poesia
Descrição: Tenho uma veste azul da cor dos teus encantos

MATIZES DO AFETO

Tenho uma veste azul
da cor dos teus encantos
desses olhos rútilos

que teu rosto acendem
refletindo o céu.

Tenho uma veste branca
de alvura cândida
com que visto o sonho
de encontrar teus lábios
úmidos de ardor.

Tenho uma veste verde
minha esperança doce
de me sentir colada
em teu corpo quente
e rijo de tesão.

Tenho uma veste negra
esfuziante e bela
pra cobrir com gala
quando nos amamos
o espectro da nudez.

Tenho uma veste fulva
da mais pura seda
que me envolve sempre
que a saudade bate
e busca tua presença
que me faz feliz.

Tenho uma veste roxa
tecida de suspiros
vontade de ser tua
morar em teu regaço
viver pra teu regalo
e nunca te perder.

Do livro
Sonho, Seiva, Semente

Data : 01/01/2004
Título : Sutilezas da Noite
Categoria: Poesia

Sutilezas da Noite

Nem só de escuridão vive a noite.
Ela também se amarra no frisson das folhas secas;

curte a cremosa massagem da lua cheia;
estica os braços para bulir com as estrelas;
grava os suspiros dos casais apaixonados;
espia o anonimato dos motéis;
joga o seu charme sobre o brilho das luminárias
e troca idéias com o silêncio;
sobre a inutilidade dos fantasmas.

do livro inédito: Coletânea de Poemas I
editado pelo Projeto Passo Fundo

Poeta vencedor 2º Edição Concurso: Poemas nos Ônibus - Coleurb

Do Livro
Coletânea de Poemas 2011

Data : 30/11/2004

Título : Alma bandoleira

Categoria: Poesia

Descrição: Poeta - um mensageiro, que conduz o filão do pensamento,

Alma bandoleira

A terceira edição do Projeto Poemas nos Ônibus, patrocinado pela COLEUB, contou novamente com a presença das acadêmicas Santina Rodrigues Dal Paz e Jurema Carpes do Valle, na comissão julgadora. Mais uma vez a acadêmica Helena Rotta de Camargo classificou um de seus poemas (Alma bandoleira), que publicamos nesta edição.

Poeta - um mensageiro,
que conduz o filão do pensamento,
pra muito além do carrossel do vento.

Poeta - um jardineiro,
que recolhe, nos serões da madrugada,
aromas de sua alma enamorada.

Poeta - um marinheiro,
que carrega, na bagagem da lembrança,
ondas de saudade e de esperança.

Poeta - um confeitiro,
que prepara, com palavras e emoção,

o bolo para a festa da paixão.

Poeta - inveterado bandoleiro,
de dia um rouxinol, de noite um seresteiro.

Da Revista
Água da Fonte nº 2

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

821. Preparei, dentro de mim, um lugar seletivo e discreto, onde empilho as mágoas e ofensas, os temores e dissabores, na esperança de vê-los um dia, rasgando as amarras do peito e florindo como as acácias...

822. Ao nascer, fomos enlameados pela nódoa do pecado original. E depois, purificados pelas águas do rito batismal. Que assim seja para sempre! Amém!

823. Tantas chagas abertas, tanto lodo nas mãos, tantos cenhos crispados, tantos sorrisos falsos, tanta bolha purgando... É deveras patética a cara da corrupção!

824. Se não aniquilarmos os fantasmas do obscurantismo, eles próprios nos aniquilarão!

825. É sobre os pilares do trabalho, do respeito e da dignidade, que se constrói uma vida harmoniosa e produtiva.

826. Nossa viagem, pelas encruzilhadas do tempo, acabará inodora, insípida e incolor, se lhe faltar competência para enfrentar os desafios...

827. Vivam as pedras, que nos ensinam a saltar! E vivam os amores, que nos ensinam a voar!

828. Mãos vazias, pés enlameados, cérebro oco e coração fragmentado: eis tudo o que o bom senso abomina e descarta!

829. O individualismo nos segrega. O diálogo nos aproxima.

830. Descobri uma técnica eficaz, para quem quer ser compreendido e amado: compreender e amar!

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Artigos

831. Há um casamento perfeito entre a cascavel e o pecado. Ambos chocalham o guiso, atraindo suas presas para o brinde de veneno!

832. Desafios, sempre os haverá! Daí a imprescindível cooperação da inteligência, em qualquer empreendimento.
833. Aquele estado de serenidade, que higieniza toda espécie de desgosto, frustração e desânimo só haverá de ocorrer, quando arejarmos o espírito e o mantivermos sob constante vigilância.
834. Criticar é extremamente fácil. O difícil é não ser criticado!
835. Somente os fortes e magnânimos se dão bem com os desafios...
836. Sob o olhar paternal de Deus, as virtudes brotam, florescem, pendoam, espalhando seus fluidos até os confins da Terra.
837. Assim como nos fustiga a ingratidão, também o excesso de lisonja nos aborrece.
838. Entre o saber e a ignorância há uma fossa tão profunda, quanto a distância entre a luz e a escuridão.
839. Viva a harmonia e viva o perdão! Nada como eles nos incita, com tanta perseverança, a romper os grilhões da intolerância secular...
840. Tudo por aqui é tão volúvel e finito, que até a inteligência está sujeita a ser confundida com a imbecilidade!

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

841. Quando o Sol enegrece e o tempo enfurece, o vendaval acontece, o mundo estremece e o ser humano padece, que a vida só cresce no bem e na prece.
842. Para os ranços da vida, que nauseiam o ardor, recomendo uns goles de otimismo, que só ele melhora o humor.
843. Assim como há cérebros entupidos de conhecimento, os há também inchados de futilidades.
844. Transformar – para melhor – o planeta que nos abriga, não é uma escolha, e sim uma obrigação.
845. O habito de escutar o rumorejo das horas mortas, ensinou meu coração a decifrar os enigmas da treva, selando com ela um pacto de jubilosa convivência.
846. Por que será que as borboletas, tão ínfimas no contexto do cosmos, foram dotadas de um fascínio tão surpreendente, que a nós todos comove e apaixona?
847. Aprendi, desde os meus primeiros anos, que as flores só desabrocham, se regadas com desvelo e amorosa simpatia. Assim na terra, assim no coração!
848. Vivam os nossos braços, tão operosos no trabalho, quanto afetuosos no abraço!
849. A solidão não é tão xereta e mal-humorada quanto parece. Basta lembrar seu vínculo com a reflexão, a clarividência, a harmonia, e até mesmo com as nossas emulsões interiores.
850. Uma vez vacinada contra os desencantos, nunca mais deixei de amar-me e amar o mundo. Foi uma descoberta deveras surpreendente!

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos
Categoria: Pensamentos

851. Na evolução do vínculo familiar, que pode alcançar quatro gerações, eu já emplaquei a terceira. E reconheço, nesse privilégio, uma dádiva do céu, gratuita e plena de regalias.
852. Ao travarmos contato com a experiência, seja qual for sua natureza, ocorre em nós uma transformação, processada, intuitivamente pelo cérebro. Que bom que é tal episódio, quando gera crescimento e renovação!
853. Considero saudável breçar, de vez em quando, a correria cotidiana, pois o feedback possibilita que se apare as arestas, se remova a ferrugem e se organize a bagunça. É assim que a vibração se instala, brejeira e colorida como um ninho de colibris.
854. Nossas vestes: afirmações ou lembranças? Sutileza ou rebeldia?
855. Uma vez doutrinados sobre as funções do Sol, da chuva, do vento e dos relâmpagos, os álamos perfilam-se nos canteiros da rua, como colegiais em forma, para um desfile marcial.
856. Só quando as crianças voltarem a sorrir, as estrelas inundarem de luz o firmamento, as flores se cobrirem de matizes, e a primavera nos brindar com suas fragrâncias, estarei disposta a transpor os umbrais do paraíso, a fim de recitar meus versos, no coreto dos anjos!
857. Dependendo das circunstâncias, até a imbecilidade pode revelar-se útil e vantajosa...
858. O ato de escrever compreende dois momentos: o da semeadura e o da colheita. Eu jogo as sementes, você colhe os frutos... E a reciprocidade nos enriquece a ambos. – Obrigada por sua participação!
859. Ouvei dizer que os frequentadores das praias celestiais gozam de mordomias e privilégios. Já nós, aqui no andar de baixo, vivemos às turras, com excesso de encargos e tarefas.
860. A aura sutil da brisa, que dialoga conosco ao despontar da aurora, age como um tônico milagroso, que enfraquece os achaques da cotidiana turbação.

Data : 01/01/2012
Título : Pensamentos
Categoria: Pensamentos

861. A perda de um ente querido, além de uma experiência dolorosa, é também motivadora, pois nos induz a rever nossas metas, em face do destino, tão desconhecido e tão real!
862. Quando minh'alma se despe das agruras, a fim de resguardar-se sob o manto da paz, eu vou com ela esconder meus segredos, nas profundezas do mar...
863. Acolho cada novo dia como uma página em branco, que me cabe preencher e colorir.
864. Joguei meu bote n'água, quando o dia mergulhava no ardor... Debrucei-me em busca dos remos, como quem colhe uma flor... E a líquida colcha de prata deu-me o tom da beleza do amor...
865. Os sensores do silêncio interagem com o resfolegar da mata, naquela sincronia fascinante em que até o nó dos mistérios se desata.
866. Os braços sagrados da aurora se estendem sobre as grotas e os morros, as searas e os lagos, a fim de ungi-los e abençoá-los.

867. Por que será que a calma se instala, entre o corpo e a mente, ao gingarem as ondas e assoprarem as brisas?

868. Presumo que só quando focar seus atos, no lume do conhecimento, do trabalho e da dignidade, o ser humano integrará de fato a confraria dos seres humanos.

869. Se os anjos me derem liberdade de ler, escrever e amar, creio que mudar daqui, para o paraíso, pode ser um bom negócio!

870. Uma aurora azul, um sorriso azul e um jardim azul... É assim que imagino a eternidade: da cor das minhas afeições.

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

871. Entre os ranços da vida, que arrefecem o ardor, recomendo uns goles de ousadia, a fim de restabelecer o vigor.

872. Eu sempre soube que a feiticeira mais talentosa e preparada, para adoçar os nossos amargores, atende pelo nome de Amizade.

873. Ainda não perdi a esperança de que os cristais da solidariedade voltem a reluzir, em todas as jazidas da humanidade!

874. A apologia do prazer seduz tanto as nossas vaidades, a ponto de decretar o esbulho da própria solidariedade.

875. Não há catarse mais curativa que a contemplação do mar, do mergulho das gaivotas e do vaivém das vagas brincando de bailar!

876. Por maior que seja minha adesão à virtude e ao bem-querer, considero imbecil quem faz o bem sem olhar a quem...

877. Toda vez que supero um contratempo, ou soluciono uma pendenga encruada, sinto-me como a inventora da pólvora!

878. Sem ela, a grande solidão, nenhum artista consegue dar vazão à sua arte, com serenidade e paixão...

879. O sofrimento assemelha-se à bigorna, que malha o ferro até torná-lo flexível...

880. Fruição – eis um termo adequado a expressar a relação humana, com a beleza, a arte e a simpatia.

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

881. Nem o fulgor de um coração ardente consegue ofuscar a tenebrosa negritude da hipocrisia.

882. Entre o prazer e a dor interpõe-se uma névoa finíssima, como a luz que permeia as folhas da videira.
883. Por si própria, a dignidade define-se como um penhor inviolável, ante a condição dos seres racionais. Trapaceá-la equivale a um crime de lesa-pátria.
884. Mede-se o peso de um indivíduo, seja homem ou mulher, por seu estoque de integridade.
885. Quem não ama o que faz, não faz com perfeição o que ama.
886. O único cadinho, onde de fato o espírito se depura e santifica, sempre foi e será o sofrimento.
887. São diversos os caminhos que conduzem à notoriedade. Um deles, lamentavelmente, é o indigesto exibicionismo.
888. A bofetada tem um estreito parentesco com a injúria e a calúnia.
889. Quando os sonhos debandam, o sorriso passa a viver ao relento, sem pão e sem flor, como um viajante perdido, entre a montanha e o mar.
890. Antes de abandonar a trincheira, ver-me-ão arrancando seus espinhos, manejando a baioneta, escalando os mais íngremes penhascos...

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

891. Minha esperança de que os cristais da dignidade continuem a brilhar, em todas as jazidas da humanidade, graças a Deus, ainda não morreu!
892. A afeição dispõe de um dom peculiar e único, que a capacita a redesenhar a vida, os projetos, os valores, os relacionamentos, a trajetória.
893. Os vocábulos sorrir e gargalhar não se equivalem. O primeiro brota da satisfação, enquanto o outro revela parentesco com a decompostura.
894. Em sua memória, a um só tempo serena e perspicaz, a maresia abancou-se a cavar sulcos, interrompendo o fluxo da antiga vibração...
895. De palavra em palavra, de mote em mote, minhas recordações vão navegando, até desembocarem no grande estuário do mar...
896. Há corações de aromas cítricos, e corações de odores fétidos...
897. A felicidade revela-se egoísta por demais, quando reserva unicamente a si o privilégio de sorrir. Há vários outros sentimentos, que também anseiam pela companhia do riso, e até da própria gargalhada...
898. Tenho esperança de que algum dia, ainda haverão de fulgurar os cristais da caridade, em todas as jazidas da humanidade!
899. Tempos de outrora e tempos de agora: só a rima os assemelha, uma vez que as condutas e os valores, bem como a própria densidade dos afetos, vêm, gradualmente, esmorecendo...
900. Só quando focados no lume do conhecimento, do trabalho, da dignidade e do bem-querer, os seres humanos serão, de fato e de direito, seres humanos.

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos
Categoria: Pensamentos

901. Nossa capacidade de pensar e de amar representa a prerrogativa que mais nos distancia dos irracionais.
902. Devoradora de livros como ela, só mesmo a traça e o bolor...
903. Inventou-se a força em razão de que, além da sentença de morte, ela também representa a extrema humilhação.
904. Tenho certeza de que ainda verei os lírios da inocência brotando entre os espinheiros, e exalando as emulsões da paz.
905. Versátil como o clima e as estações, a noite pode apresentar-se, tanto suave e majestosa, quanto turbulenta e perigosa.
906. Ao raiar da aurora, silenciosa e discreta como é de seu perfil, a Lua se isola em seus aposentos particulares, a fim de aprumar-se para a noite, com novos galanteios e esplendores.
907. Se tivéssemos certeza da ressurreição, não temeríamos o encontro com a senhora dos cadáveres...
908. Um mergulho na cacimba da serenidade, e um trejeito afável de saudar o dia -- eis a simbiose perfeita entre o corpo e a mente, passando ao largo das mais excêntricas convenções.
909. Como um tônico, que retempera o viço do corpo, o estudo fortalece a têmpera do espírito.
910. A tarde ensolarada alongava-se diante de mim, como faz o crepúsculo, sobre os umbrais da saudade...

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos
Categoria: Pensamentos

911. Considero pertinente a doutrina do sábio, ao pregar que o estudo, a reflexão e a prece são as hélices propulsoras do êxito e de seus desdobramentos.
912. É desde o início das eras que o astro-rei vem espremendo o sumo da sua vitalidade, a fim de prolongar a vida do planeta e de seus frequentadores.
913. Lembranças, emoções, saudades, tudo age como bálsamo, no instante de apaziguar os achaques que os anos têm a mania de provocar...
914. Se os pirilampos aparecem, com seu pisca-pisca habitual, clareando alamedas e jardins, também os sentimentos natalinos vêm à tona, a fim de celebrar com eles o renascer dos corações.
915. Tão harmoniosa, quanto a radiação da aurora, deve ser a sinergia do ser humano com sua própria identidade.
916. Vocês, meus leitores, com certeza me chamarão de masoquista. Mas eu penso, sinceramente, que o purgatório deve ser pior que o inferno. Neste, a gente se queima, e pronto, tudo está acabado! Naquele, porém, sabe-se lá quanto tempo se haverá de purgar, até que todo o pus seja drenado e todos os abscessos, cicatrizados!
917. Para o bem de nós todos, tanto o pensamento, como a inteligência e a sabedoria, revelam-se, incondicionalmente ilimitados.

918. Graças a Deus e às suas cortesias, estou sempre preparada para o sorriso, para o abraço e para a concórdia.

919. Basta a realidade iniciar o soterramento das nossas fantasias, ilusões, projetos, para que tudo ao redor se redimensione, a fim de reencontrarmos a vala comum do combate e da sobrevivência.

920. Só a integridade reabilita as bandeiras arriadas pela devassidão.

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

921. Qualquer que seja sua causa – a excessiva ventura ou a mágoa profunda –, a vertigem revela-se uma válvula de escape, às extravagâncias dos nossos humores...

922. Depois de várias experiências, descobri que as frustrações se comportam como as sombras, a que somente a imaginação confere alguma substância.

923. Sou tomada de um prazer indizível, ao sentir o broto saltar do galho, abrir os braços e sorrir!

924. É a imaginação que dá consistência aos nossos sonhos, ao torná-los parceiros dessa história que, com sua adesão, edificamos.

925. Voar corresponde a uma atitude de superação, que dispensa a necessidade de asas...

926. Os fracassos decorrem, habitualmente, em razão destes fatores: da incompetência, do desinteresse, da deslealdade e – por que não dizer? – também da preguiça.

927. Cada um de nós estrutura seu próprio destino, que se revela uma travessia de mão dupla: tanto pode guindar-nos à fama, quanto enterrar-nos na lama...

928. A alguns, a luz do poente aguça a sensibilidade. A outros, desencadeia um surto de melancolia.

929. Quando dezembro chega, tudo transpira Natal: a celebração familiar, a mensagem dos amigos, a tepidez das madrugadas, a resina dos pinheiros, o incenso dos templos, a comoção das almas...

930. Entre a dor e o prazer interpõe-se uma névoa finíssima, como a luz que permeia as folhas da videira.

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

931. A esperança pode ser definida como um penhor, personalíssimo e inviolável. Trapaceá-la equivale a um crime de lesa-pátria.

932. Em minha derradeira e misteriosa viagem, talvez me sinta mais confortável e menos vulnerável, se me for permitido levar ao menos uma braçada de livros, pois que a ociosidade me provoca urticária.
933. Avalia-se, tanto o homem quanto a mulher, por seu estoque de integridade.
934. Para ser artista, não basta intenção e vontade. Também é necessário talento, que só ele foi agraciado com o dom de materializar o imaterial.
935. Os entendidos em assuntos espirituais identificam a esfoladura da esperança, como um cadinho, onde o próprio transcurso do tempo se encarrega de depurá-la e santificá-la.
936. Não só o amor, mas também o ódio é movido por impulsos e motivações, gestados no esconderijo das estruturas cardíacas.
937. Por seus olhos de safira imaculada, o céu nos observa ternamente, como a oferecer sua bênção generosa às agruras dos nossos desalentos.
938. Ao adentrarmos pelas galerias da morte, calam os olhos e escurece a boca, que só os ouvidos se mantêm atentos ao cacarejo dos vermes.
939. A tolerância é deveras uma arte. E todo aquele que não aprender a exercê-la, restará condenado a viver em conflito.
940. Não me peçam pra ser dissimulada, que essa é uma atitude própria do gafanhoto, pelo qual não tenho nenhuma simpatia.

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

751. A ordem universal dos matizes, pruridos, sabores, fragrâncias, odores e fulgurações, sugere como devem ser as postas de vitalidade e encantamento, preparadas pelas mãos do Criador, à hora de receber os seus eleitos.
752. A ausência de pensamento nos impede de aprender. E a de sentimento nos inibe de amar.
753. Todo compromisso assemelha-se a um cabresto. Daí a sua pecha de algóz.
754. Somente a sinceridade e o bem-querer conseguem espelhar-se na lâmina dos olhos!
755. Obrigatoriamente, o ser humano necessita de evolução. Se tal não for a sua performance, a estagnação o deixará anêmico, em vias de prostração e morte.
756. O dia tem o poder explícito de revelar-nos, de alto a baixo. E a noite, o de encobrir-nos como uma estátua cega.
757. As desilusões amorosas agem como canos entupidos: nada que seja bom e conveniente consegue atravessá-los.
758. Encharcar-se com os sons da noite, salpicados de espasmos e sussurros, cheirando a terra e orvalho, é como renascer a cada aurora, a fim de levar adiante o audacioso projeto de Deus.
759. Faço minhas as sábias palavras de Bilac: “Só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas”.
760. Estranha liberdade essa que nos afoga em preceitos, aprisiona nas malhas do medo e falseia as nossas mais ardentes aspirações!

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

761. Se o céu – como dizem as boas línguas – é um lugar de júbilo perene, amor e ventura sem disfarces, meu anseio mais intenso é atravessar os seus umbrais e lá instalar-me para sempre!

762. Existe uma senhora de nome Morte, cuja índole madrasta vive a esculhambar os sorrisos, a fim de produzir esquifes e transformá-los em cinzas. Sua crueldade é tamanha, que só conta com um único amigo, o qual atende pela alcunha de Coveiro.

763. Desconheço, completamente, algo que seja mais apoteótico do que o heroísmo. Daí a sua raridade!

764. O alto astral das roseiras, o veludo de suas mãos estendidas, seu sorriso contagiante – quer melhor colírio para os olhos e o coração?

765. Frequentemente, o pensamento nos assalta, como uma lasca de lenha, que não se sabe donde veio, nem onde vai cair...

766. Ainda bem que o sorriso mora no exterior do rosto! Assim, todos os que se acercarem, conseguem admirar seus reflexos e aspirar seu aroma adocicado!

767. Eis o que nos torna sagazes: o olhar atento, o cérebro desperto, o coração vigilante, as mãos diligentes.

768. Esse mimetismo reiterado que nos faz olhar, sempre e tanto, para o nosso próprio umbigo, vai aos poucos minando aquela capacidade criadora que nos consagra como parceiros de Deus.

769. No compasso da existência, recomenda-se que os acordes sejam melodiosos, pois a desafinação põe abaixo toda e qualquer harmonia.

770. Cada ser vivo, seja humano, animal ou vegetal, tem seu tempo próprio de maturação, que ocorre, sub-repticiamente, de forma invisível e indolor.

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

771. O silêncio, não raro, manifesta-se tão espesso, tão ilegível e oco, a ponto de tornar-nos vítimas de sua misantropia.

772. Há um dia certo e predeterminado, para enxergarmos a luz no fim do túnel...

773. Antigamente, a luminosidade me perseguia, alagando-me de alto a baixo. Hoje, é a penumbra que se abriga em mim, discreta e sorrateira, para que ninguém venha bulir com ela.

774. Às portas da velhice, chegamos enferrujados e desengonçados; de farnel puído e sandálias rotas. E ainda seminus de sonhos e projetos... São assim os estragos causados pela vida, que ninguém ainda aprendeu a consertar...

775. Basta o coração tomar as rédeas, para a jornada converter-se em bem-querer.

776. As respostas, que outrora se esquivavam de mim, hoje se postam a minha frente, desfraldadas como um leque, para a celebração da descoberta.

777. Embora fascinada pela claridade, sinto também uma lasciva simpatia pela escuridão de breu. É nela que mergulho toda noite, a fim de restaurar meus sonhos, despojar-me das agruras e manter aceso no pedestal o candeeiro agonizante.

778. Uma essência afrodisíaca, que nos impregna desde a raiz dos cabelos até os calcanhares: eis como defino a presença da felicidade.

779. O sorriso, com sua índole matreira e festiva, não suporta o mau humor e, menos ainda, a intolerância e a falsidade.

780. A despeito das evidências em contrário, meu coração continua persistindo em rebrotar e florir novamente...

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

781. Antes de abandonar a trincheira, ver-me-ão manejando a baioneta, arrancando os cactos do caminho, ascendendo aos mais íngremes penhascos, semeando os brotos da concórdia e enchendo de cores meu jardim... Saibam todos que ainda sou dura na queda!

782. Ao desfraldarem-se as asas do sonho, um estranho farfalhar se irradia pelo corpo, acariciando a vida que pulsa em suas entranhas.

783. Outrora, a claridade me perseguia, alagando-me de alto a baixo. Hoje, é a penumbra que se abriga em mim, discreta e sorradeira, pra que ninguém venha bulir com ela.

784. Como contraponto às câibras e físgadas, rogo aos céus que me devolvam o frescor dos verdes anos!

785. A uns, a luz do poente aguça a sensibilidade. A outros, desencadeia um surto de melancolia...

786. As marretadas do tempo deixam tão esburacadas as ruas do corpo, que o estupor se perfila e põe-se a transitar por elas...

787. Quando o esbulho dos sorrisos entra em cena, a própria felicidade dói!

788. Ao perceber meu entusiasmo desgrenhado e roto, desovando no charco o cadáver de sua antiga formosura, chego a pensar que o mal é mais poderoso do que o bem...

789. Essa coisa feia, que conhecemos por intolerância, iguala-se a uma epidemia, que vai assolando tudo e todos, até a completa devastação...

790. Por que será que nos é negado o prazer de contemplar as flores se abrindo, e encharcando-se de fragrâncias?

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

791. O dom de enxergar possui credenciais privilegiadas, em relação ao dom de falar. É por essa razão que fomos brindados com dois olhos e apenas uma boca.
792. Do parto de nossas dores, nascera, certamente, o sorriso dos nossos esplendores.
793. Encontrei sempre, na chuva com que o céu me obsequia, uma parceira generosa, na partilha da reflexão e da prece.
794. Intuitivamente, todos nós sabemos que a estiagem do sorriso é seca e improdutiva. Daí a necessidade de regá-lo com frequência.
795. A verdade revela-se límpida, como o córrego que canta entre as pedras. Já a mentira é pra lá de insalubre, pois vive coberta de limo, ferrugem e mofo.
796. Nada alimenta mais meus devaneios que o frenesi da noite, copiosa de silêncios e ruídos, que se alternam como a luz e a escuridão.
797. O livro pactuou, com minha insônia, um espaço de reflexão. Foi um ajuste salutar, tanto para a catarse quanto para o prazer. Desde então, sobrevoou as dunas do tempo e me reencontro com minha identidade.
798. Tão arruaceiros quanto os grilos, também os pesadelos também nos perturbam o sono.
799. Ninguém vive sem um amuleto, seja ele um arbusto, um pássaro, uma medalha, ou até mesmo um réptil peçonhento. A natureza humana é fissurada num talismã!
800. Qualquer gesto de bondade, qualquer palavra de incentivo, e qualquer sorriso sincero, por mais insignificantes que sejam, nos fecundam e enobrecem.

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

801. Quem crê na morte como um rito de passagem, haverá de enfrentá-la com menos sofrimento, quer durante a travessia, quer à hora do desembarque...
802. Pela milésima vez, presenciei o cheque-mate da melancolia. Só então descobri que até ela tem lá seus argumentos secretos.
803. Assim que o coração começa a ratear, tudo o mais, no corpo e no espírito, falseia também seu ritmo habitual.
804. É impossível evitar os safanões do destino. E os milagres, se realmente acontecem, preferem a companhia dos anjos e santos, que o Senhor do Universo não simpatiza com gente de pouco brio!
805. Quando as palavras proferidas soam ocas ou roucas, deve ser porque se esgotou o óleo de seus argumentos.
806. Nesse caminhar progressivo em busca do desconhecido, sempre haverá alguém disposto a ir conosco, pois a solidão, por natureza, é uma companhia detestável.
807. Se, porventura, algum dia eu encontrar quem inventou o tempo, far-lhe-ei um pedido ardente: “Que não seja tão radical e conceda, também a nós, os longos anos de Matusalém”.
808. A vida não nos foi dada de presente, para ser engolida de uma só vez. E sim, para ser usufruída aos goles, parcimoniosamente, como faz o pássaro na corola da flor.
809. Ao darmos de cara com a esfinge de nosso desenlace, quem haverá de indicar-nos, em qual dos portões devemos apresentar nossas credenciais?

810. Os dias transcorrem, ora radiantes, ora ameaçadores, ora entorpecidos. A fim de administrá-los, com maestria e segurança, é necessário que se aprenda a conviver com seus caprichos.

Data : 01/01/2012

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

811. Como contraponto ao primado da irreverência, recomendo a profilaxia do respeito e do equilíbrio emocional.

812. Um tanto desarvorada, saí à procura do albergue, onde a sinceridade costuma hospedar-se. E encontrei-a cabisbaixa, reflexiva, com ares de pouco riso e muita frustração!

813. Você, que goza de um espírito altruísta, desempenhe suas tarefas com presteza e dedicação, que haverá de ser profusamente recompensado(a).

814. Naquele momento de saudades, ele a evocava. E sentia seus lábios puros, seus olhos castos, suas mãos macias, seus seios rijos. Um caleidoscópio de sensações, tão distantes no tempo, quanto próximas na saudade!

815. Duas faces tem o Universo: o da brandura e o da ferocidade.

816. A derradeira morada dos viventes, sejam eles de natureza animal ou vegetal, tem um nome peculiar e será idêntica para todos: domicílio dos fantasmas... E ninguém sabe onde ele fica, nem o que se haverá de fazer lá...

817. A fim de não perder a lembrança das emoções vividas, passei a guardá-las no escaninho do peito, onde o amor se dispôs a preservá-las, entre pétalas e bentinhas.

818. A chuva caindo mansa, rasgando os flancos da terra e enchendo as ramas de flor, é tudo o que eu quero ter nas longas noites de amor...

819. Julgo a perda da esperança como uma das mais devastadoras tragédias. Sem ela, esmorece o sorriso, cessam as melodias, e o desalento pinga, incessante, seu óleo envenenado...

820. O maior castigo imposto pela morte é obrigar-nos a ir sozinhos, sem os familiares, os amigos, os livros e as tralhas de estimação.